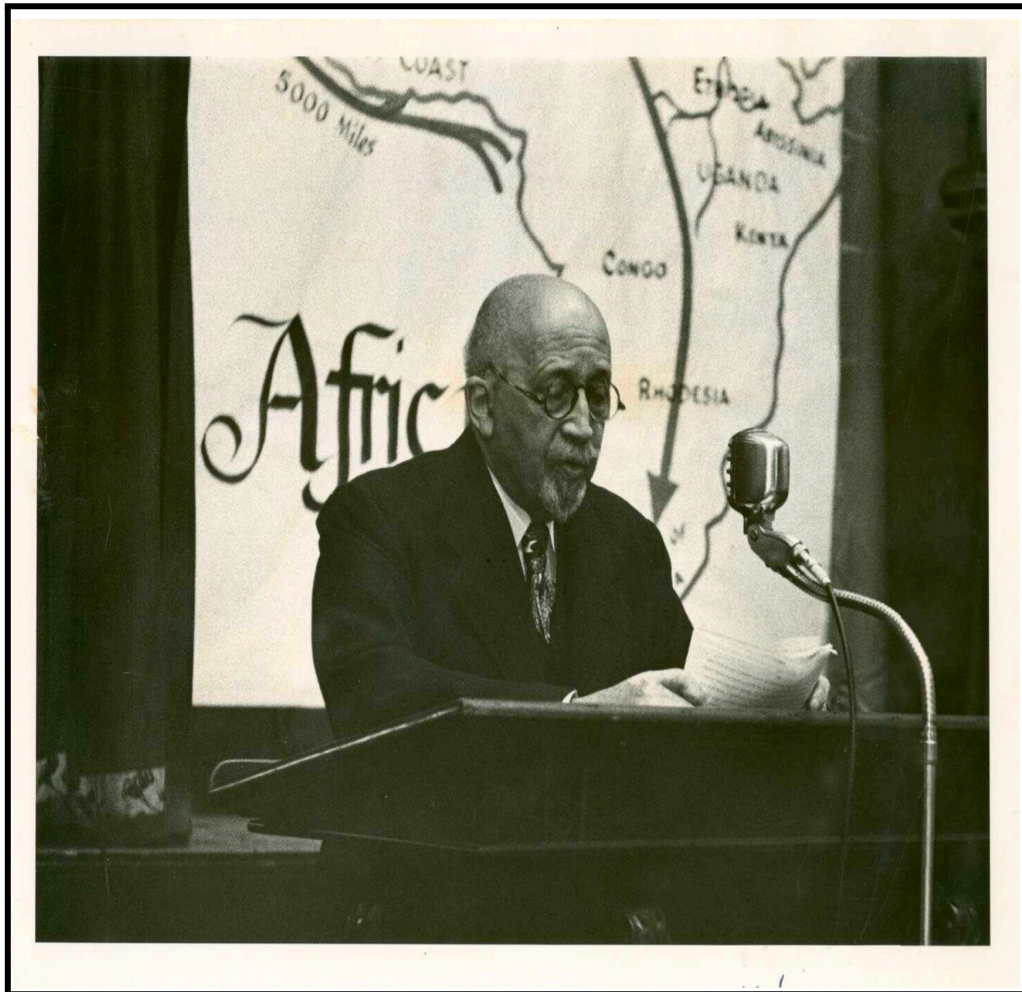


Hasani Elioterio dos Santos



Palestra de W.E.B. Du Bois sobre África

W. E. B. Du Bois Papers, Robert S. Cox Special Collections and University Archives Research Center, UMass Amherst Libraries

A TEORIA DA AÇÃO SOCIAL DE W.E.B. DU BOIS:  
A *MENSAGEM* NEGRA-AFRICANA QUE SURGE DO “ACASO”

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

Hasani Elioterio dos Santos

A TEORIA DA AÇÃO SOCIAL DE W.E.B. DU BOIS: A *MENSAGEM* NEGRA-AFRICANA  
QUE SURGE DO “ACASO”

SÃO CARLOS

2024

Hasani Elioterio dos Santos

A TEORIA DA AÇÃO SOCIAL DE W.E.B. DU BOIS: A *MENSAGEM* NEGRA-AFRICANA  
QUE SURGE DO “ACASO”

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título de Doutor em Sociologia.

**Orientador:** Prof. Dr. Valter Roberto Silvério

SÃO CARLOS

2024

## FICHA CATALOGRÁFICA

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

*Em memória de John Bracey Jr. e Monica Hatch,  
meus queridos professores com quem tive o prazer  
de conviver e conversar, mesmo que brevemente.*

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e à Fulbright Foundation pelo financiamento desta pesquisa. Acredito que sem o financiamento e apoio destas duas instituições o desenvolvimento desta tese seria de outra natureza.

Agradeço ao Departamento de Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, minha *alma mater* e que foi um lugar em que conheci pessoas inspiradoras que me ajudaram em todo o meu processo formativo desde os tempos da graduação.

Agradeço ao meu orientador e eterno professor Valter Roberto Silvério por contribuir na minha formação com generosidade, rigor e empolgação. Sou eternamente grato por tudo que pude e ainda poderei aprender com o professor.

Obrigado às(aos) colegas do grupo “Transnacionalismo Negro e Diáspora Africana” pelos momentos de muito trabalho e aprendizado coletivo.

Agradeço também à minha família, Sílvia, Adilson e Damany. Vocês são as pessoas a quem eu mais confio meus segredos, receios e planos. Sem o apoio e compreensão de vocês eu não sei o que seria de mim.

À Patrícia Vohs, Elizabeth, Alan e David Musgrave e à minha querida amiga Phyllis S. Goodman (Fifi), minha eterna gratidão por tudo o que fizeram para me ajudar e me auxiliar durante o período em que estive nos Estados Unidos. Jamais me esquecerei de vocês.

Muito obrigado à professora Karida L. Brown e ao artista Charly Palmer por me receberem em Atlanta e pelas conversas em torno de W.E.B. Du Bois, arte e música.

Agradeço ao W.E.B. Du Bois Center da University of Massachusetts Amherst, especialmente a Adam Holmes, a professora Whitney Battle-Baptiste, Aaron Yates, Maria Ximena Abello Hurtado, e a equipe técnica da Special Collections e do Du Bois’s Archive da UMass. Não poderia deixar de lembrar de Yuri Gama, Hee Yun Cheong, Elena Ball, Beth Hodges, Jorge e Juliana Góes. Vocês me receberam com muito carinho e me auxiliaram no período do estágio no exterior.

Por fim, agradeço aos profissionais do Amherst Survival Center, da Jones Library e a todas as pessoas que colaboram para acolher e cuidar da comunidade local de Amherst.

## RESUMO

Esta tese apresenta uma análise da teoria da ação social de W.E.B. Du Bois que foi desenvolvida a partir do final do século XIX. O estudo se aproxima metodologicamente de Gilroy (1993) e Appiah (2014), interpretando Du Bois como parte de uma “linhagem de descendência” da contracultura negra e africana na modernidade. A partir disso, o argumento é de que a teoria da ação social de Du Bois é diferente da tradição sociológica clássica. Parte do esforço analítico deste estudo, portanto, é o exercício de contraste entre as teorias sociológicas da modernidade e o que Gikandi (2005) e Gooding-Williams (2009) classificaram como o “modernismo Duboisiano”. Constata-se que as teorias da modernidade explicam as ações humanas considerando o processo de racionalização do mundo, interesse, motivação econométrica, e/ou busca por integração e mobilidade social. Já a teoria da ação social de Du Bois parte do princípio do “acaso” - dos processos históricos que não foram previstos, esperados e nem desejados pelos atores, como a colonização e a divisão do mundo em grupos raciais. O estudo recorre empiricamente a uma seleção de textos escritos por Du Bois entre 1930 e 1947, sobre o Cooperativismo Negro e o Pan-Africanismo, que reforçam essa leitura sobre sua teoria da ação social e reconstróem os pressupostos dos Estudos Culturais, Pós-Coloniais e da Diáspora Africana.



## **ABSTRACT**

This dissertation presents an analysis of W.E.B. Du Bois's social action theory, which was developed from the end of the 19th century. The study is methodologically close to Gilroy (1993) and Appiah (2014), interpreting Du Bois as part of a "line of descent" from black and African counterculture in modernity. From this, the argument is that Du Bois's social action theory is different from the classical sociological tradition. Part of the analytical effort of this study, therefore, is the exercise of contrast between sociological theories of modernity and what Gikandi (2005) and Gooding-Williams (2009) classified as "Duboisian modernism". It appears that theories of modernity explain human actions considering the process of rationalization of the world, interest, econometric motivation, and/or search for integration and social mobility. Du Bois's social action theory, instead, is based on the principle of "chance" - historical processes that were not predicted, expected, or desired by the actors, such as colonization and the division of the world into racial groups. The study empirically uses a selection of texts written by Du Bois between 1930 and 1947, on Black Cooperativism and Pan-Africanism, which reinforce this interpretation of his social action theory and reconstruct the assumptions of Cultural, Post-Colonial, and African Diaspora Studies.

## RESUMEN

Esta tesis presenta un análisis de la teoría de la acción social de W.E.B. Du Bois que se desarrolló a partir de finales del siglo XIX. El estudio es metodológicamente cercano a Gilroy (1993) y Appiah (2014), interpretando a Du Bois como parte de una “línea de ascendencia” de la contracultura negra y africana en la modernidad. A partir de esto, el argumento es que la teoría de la acción social de Du Bois es diferente de la tradición sociológica clásica. Por lo tanto, parte del esfuerzo analítico de este estudio es el ejercicio de contraste entre las teorías sociológicas de la modernidad y lo que Gikandi (2005) y Gooding-Williams (2009) clasificaron como “modernismo duboisiano”. Mientras las teorías de la modernidad explican las acciones humanas considerando el proceso de racionalización del mundo, el interés, la motivación econométrica y/o la búsqueda de integración y movilidad social, la teoría de la acción social de Du Bois se basa en el principio de "azar": procesos históricos que los actores no predijeron, esperaron ni desearon, como la colonización y la división del mundo en grupos raciales. El estudio utiliza empíricamente una selección de textos escritos por Du Bois entre 1930 y 1947, sobre el cooperativismo negro y el panafricanismo, que refuerzan esta lectura de su teoría de la acción social y reconstruyen los supuestos de la diáspora cultural, poscolonial y africana. .

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>2. A FILOSOFIA DA RAÇA EM DU BOIS: TRABALHANDO COM A LINHA DE COR E A DUPLA CONSCIÊNCIA</b>	<b>17</b>
2.1 W.E.B. Du Bois: Vida, Obra e uma Nova Imaginação Sociológica	17
2.2 Crítica e Resignação: Da Linha de Cor às Linhagens de Descendência	30
2.2.1 Eixo 1 – Renunciar ou Reformular a Raça?	34
2.2.2 Eixo 2 - Circularidade ou uma Cultura Política Negra-Africana?	38
2.2.3 Eixo 3 - Racialismo Clássico ou Efeitos da Dupla Consciência?	47
2.3 Encaminhamentos “sob rasuras”	52
<b>3. TEORIA SOCIAL SOB O VÉU DA REJEIÇÃO</b>	<b>59</b>
3.1 A Carreira de Du Bois na Sociologia: Cronologia, Contextos e Temas	59
3.2 Indivíduo e Sociedade na Sociologia de W.E.B. Du Bois	61
3.3 Pesquisas Empíricas em Ciências Sociais	70
3.4 Ensaio Sobre a Dádiva Negra-Africana	80
<b>4. TEORIA SOCIAL, FRONTEIRAS E IDENTIDADES</b>	<b>92</b>
4.1 Uma Breve Recapitulação Histórica dos Paradigmas da Sociologia	92
4.2 O Contraste entre as Teorias da Ação do “Interesse” e da “Identidade”	111
4.3 Os Usos de Raça e Cultura: Em Direção à Mensagem Negra-Africana	119
<b>5. RECONSTRUINDO OS PRESSUPOSTOS DOS ESTUDOS PÓS-COLONIAIS E CULTURAIS: COOPERATIVISMO NEGRO E ASSOCIATIVISMO PAN-AFRICANO</b>	<b>127</b>
5.1 Do Silenciamento ao Processo Atual de Disciplinarização de Du Bois	127
5.2 Cooperativismo Negro no Prelúdio da II G.M	136
5.3 O Pan-Africanismo de Du Bois no Pós-Congresso de Manchester (1945)	149
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>169</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>176</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>189</b>



[...] ela é uma luz que chega **de repente**  
Com a rapidez de uma estrela-cadente  
Que acende **a mente** e o coração  
**É faz pensar que existe uma força maior que nos guia**  
Que está no ar  
Bem no meio da noite ou no claro do dia  
**Chega a nos angustiar [...]**

(Poder da Criação, João Nogueira e Paulo César Pinheiro)

## 1. INTRODUÇÃO

A presente tese de doutorado tem o objetivo de descrever e analisar a teoria da ação social do sociólogo W.E.B. Du Bois (1868-1963). De forma geral, as teorias da ação social são elementos de análise e estudo da agência humana que pode ser incorporada em tipos hermenêuticos de teorização sociológica. Teorias da ação social são ferramentas de análise e interpretação das ações humanas, suas razões, sentidos e motivações. Du Bois desenvolveu sua teoria da ação social em um ambiente de segregação social. Formulou-a usando dados empíricos, conceitos e metodologias distintas da sociologia convencional.

É por essa razão que esta tese identifica, descreve e analisa os componentes empíricos, analíticos e teóricos da sociologia de Du Bois para organizar o argumento do autor a respeito dos critérios, processos e contextos que fizeram (e ainda fazem) negros(as) e africanos(as) agirem em direção à liberdade, exercício de voto, autonomia política, reconhecimento cultural e redistribuição econômica. Estas e mais outras práticas são descritas aqui como políticas de autoinscrição, que são projetos de vida e de expressão da subjetividade que deslocam e tensionam os projetos de extermínio, apagamento e subalternização de negros(as) e africanos(as) no curso na história humana. Um dos exemplos empíricos trabalhados na tese são as formas de associativismo entre negros(as) e africanos(as) durante o século XX, que foram relatadas por Du Bois na mídia impressa da época, e se desdobraram nas lutas por independência e autonomia do continente africano após o final da Segunda Guerra Mundial.

A partir disso, a pergunta que orienta a tese passa ser a seguinte: como o processo de divisão do mundo e da humanidade, em uma perspectiva racializada, pôde engendrar uma teoria da ação social que parte não de um tipo ideal, mas de uma realidade sensível, e deságua na contribuição específica e expressiva de um determinado grupo de indivíduos? A racialização é compreendida aqui como um processo “[...] *nos quais minorias étnicas experimentaram ‘feroz racialização e discriminação’ em uma escala hierárquica na qual em seu topo se situa a brancura*” (Silvério, 2022).

Sobre a estrutura da tese, o tema do primeiro capítulo é a apresentação de Du Bois a partir de sua “filosofia da raça”, ou dos modos que ele trabalhou com a categoria *raça* durante sua

carreira que se organizou na forma de um sistema de ideias. A discussão está centrada na leitura, recepção e interpretação de autores contemporâneos da sociologia, filosofia e da crítica literária a respeito de como Du Bois lidou com a verdade contida e/ou com os sentidos e significados impressos na categoria.

O debate especializado realizado por esses autores, para os fins da tese, começa em 1985 com o questionamento do filósofo anglo-ganês Kwame Anthony Appiah sobre como Du Bois trabalhou com *raça* como uma categoria que explica diferenças culturais em seu texto “The Conservation of Races”, de 1897. A crítica de Appiah e sua posterior resignação em 2014, com a publicação do livro “Lines of Descent: W.E.B Du Bois and the Emergency of Identity”, repercutiu a ponto de autores organizarem livros e publicarem artigos para se posicionarem sobre o sistema de ideias de Du Bois a partir do conceito de *raça*. O diálogo entre estes autores foi organizado e sistematizado como um tema introdutório e comentado, que auxilia a identificar os objetivos, temas de pesquisa e estudo, e as referências teóricas e políticas de Du Bois ao refletir e pesquisar sobre *raça*, cultura e política a partir do final do século XIX e início do século XX.

Neste mesmo capítulo há um breve apanhado histórico a respeito da vida e obra de Du Bois, mostrando que a categoria *raça* nunca saiu do pensamento do autor e se manteve sempre presente em sua imaginação sociológica. O argumento do capítulo é que, ao trabalhar com esta categoria, ele apresentou uma perspectiva diferenciada das leituras e interpretações dos autores de sua época, realizando uma explicação sociológica e cultural da *raça*.

Embora haja uma discussão filosófica sobre as formas que ele trabalhou com essa categoria, há implicações sociológicas que devem ser explicadas. Nesse sentido, o segundo capítulo da tese discute a teoria sociológica de Du Bois, apresentando o contexto em que ele a desenvolveu, os seus principais conceitos, trabalhos teóricos e pesquisas empíricas que ajudam a organizar o pensamento e o argumento sobre a carreira de Du Bois como um sociólogo.

O capítulo demonstra como um tema clássico da sociologia, a relação entre indivíduo e sociedade, foi trabalhada por Du Bois a partir dos problemas empíricos da colonização e da segregação racial do período posterior ao fim da escravidão. A transição da sociedade escravista para uma sociedade civil de mão-de-obra livre não garantiu a liberdade para a população descendente de africanos(as) nas Américas e Caribe. Ao mostrar uma tensão na relação entre

indivíduo e sociedade, Du Bois foi um dos primeiros autores da sociologia a trabalhar com o processo de divisão do mundo e da subjetividade de indivíduos decorrentes da segregação racial e da colonização.

Ao fim do capítulo, apresenta-se especialmente a teoria da ação social de Du Bois e seus elementos metodológicos e analíticos que se diferenciam das perspectivas convencionais da sociologia. A contribuição negra-africana é o tema do modernismo do autor, conforme a *raça* passa a ser interpretada por ele em uma perspectiva cultural e sociológica, que mobiliza recursos estéticos para expressar os modos de existência de negros(as) e africanos(as) para mostrar que existem indivíduos e práticas culturais que foram excluídas e apartadas dessa lógica de modernidade. O modernismo negro de Du Bois é trabalhado neste capítulo como um aspecto e/ou dimensão diferenciada das teorias da modernidade. Significa que Du Bois não abriu mão completamente da modernidade, mas interpretou suas promessas e falhas de maneira diferenciada.

Uma das conclusões do segundo capítulo é que a teoria da ação social Duboisiana apresenta um método diferenciado que não é o uso de tipologias nem de estudos comparativos entre sociedades e tipos de dominação “primitivas” e “modernas”, mas sim do mapeamento e historicização de práticas sociais que mobilizam negros(as) e africanos(as) em uma unidade política e em uma matriz cultural, traduzidas no que contemporaneamente denominamos de diáspora africana, uma categoria/conceito que desloca as formas como a sociologia tradicional analisa a experiência negra-africana a partir dos Estudos da Diáspora Africana.

O terceiro capítulo se inicia com uma discussão sobre as bases metodológicas em que a sociologia foi sistematizada e organizada no período posterior à Segunda Guerra Mundial. Se os trabalhos de autores clássicos como Durkheim, Marx e Weber foram desenvolvidos sobre os paradigmas que marcam as sociedades europeias, como as Revoluções Francesa e Industrial, os de Du Bois representam um referencial teórico e metodológico que explica os processos que caracterizam a modernidade a partir do que ele mesmo chamou de linhas de cor.

Para caracterizar as diferenças metodológicas entre as teorias da ação de matriz convencional e a perspectiva Duboisiana, o capítulo apresenta um contraste analítico entre as teorias da ação social associadas aos “interesses” humanos e aquelas referentes às atribuições de “identidade”. A ideia é examinar as diferenças entre trabalhar com uma ou outra perspectiva e



mostrar quais são os desdobramentos de se adotar, por exemplo, os argumentos e métodos implícitos nas teorias da ação social relacionadas às identidades. Um deles é o de se aproximar dos fundamentos de uma crítica Pós-Colonial e dos Estudos Culturais, pois estas são perspectivas que mobilizam a teoria social considerando a produção de *diferenças* sob a sombra do colonialismo e o véu da *raça*.

O terceiro capítulo é finalizado com uma aproximação dos pressupostos teóricos e metodológicos da teoria da ação social de Du Bois com a discussão do autor martinicano Frantz Fanon (1925-1961) sobre a sociogênese. Para realizar este exercício de interpretar Du Bois e sua relação com conceito de sociogênese, o capítulo apresenta a história do processo de criação da revista científica “Phylon” por Du Bois em 1934. Aqui, argumenta-se que Du Bois escolheu trabalhar na revista com a *raça* atribuída de sentidos implícitos que pudessem ser traduzidos para a ideia de pertencimento e formação de subjetividade. Nesse sentido, o título *Phylon* da revista denota *raça* no nível da filogenia, mas conota, ao mesmo tempo, a ideia de “linhagens de descendência”, que é outra forma de se pensar em identidade (Appiah, 2014).

O quarto e último capítulo é uma discussão cujo material empírico apresentado tem o objetivo de reconstruir a base teórica e histórica dos Estudos Pós-Coloniais e dos Estudos Culturais. Os exemplos trabalhados neste capítulo demonstram que a experiência de vida de negros(as) e africanos(as) após o fim da escravidão revela a falência do nacionalismo que respalda políticas de segregação e exclusão da população negra e, também, expõem os limites dos pressupostos metodológicos das ciências sociais.

O material é composto por uma seleção de artigos escritos por Du Bois e publicados em jornais impressos dos anos 1930 e 1940. Eles foram obtidos a partir de uma pesquisa documental e empírica na Universidade de Massachusetts Amherst, nos arquivos pessoais do autor. Ao fim do capítulo, conclui-se que, para Du Bois, a modernidade é explicada levando em conta o “acaso” e os processos sociais decorrentes da colonização e da escravização (o despedaçamento do mundo, nos termos do romancista nigeriano Chinua Achebe (1930-2013)), e não mais a partir da ascese intramundana, comportamento empresarial e racional de si, ideia de “vocaçãõ”, e do trabalho assalariado (desencantamento do mundo).

O conteúdo destes artigos escritos por Du Bois e analisados no quarto capítulo compõem um conjunto de informações sobre práticas de associativismo, união e comunicação entre negros(as) e africanos(as) objetivando o exercício da liberdade, dos direitos humanos e a independência do continente africano. A conclusão do capítulo reforça o argumento explorado ao longo da tese, de que Du Bois desenvolveu uma teoria da ação social que pode ser interpretada como uma das bases e fundamentos do que se constituiu como a crítica Pós-Colonial e os Estudos Culturais, tendo em perspectiva os trabalhos de Frantz Fanon e Stuart Hall.

A articulação do modernismo negro de Du Bois com os Estudos Pós-Coloniais e os Estudos Culturais também possibilita que mais leitores(as) se interessem pelos trabalhos do autor, tendo em vista novas possibilidades que articulem, desde as últimas décadas do século XIX, estudos sobre *raça*, África e a diáspora africana considerando as diferentes formas de agência negra-africana em distintas situações e formações sociais racializadas. Relacionar Du Bois com os Estudos Pós-Coloniais e Culturais é proporcionar outras possibilidades de inteligibilidade aos conflitos contemporâneos e, ao mesmo tempo, renovar o interesse por parte da comunidade científica em um autor que, embora vítima da racialização acadêmica, é um dos fundadores da sociologia.

Em última análise, o que a primeira parte da tese procura evidenciar são os constrangimentos sociais que proporcionaram, por um lado, a exclusão e subalternização de negros(as) e africanos(as) e, por outro lado, como a teoria da ação Dubosiana, com base no processo de formação da identidade negra, pode ser um caminho alternativo de compreensão do lugar da cultura negra-africana nas dinâmicas sociais contemporâneas, pouco explorado pela teoria sociológica convencional. Isso passa pelas interpretações de cientistas contemporâneos, os quais resgatam de modo crítico os modos como Du Bois trabalhou com a categoria *raça* em sentidos e perspectivas distintas das ciências sociais de matriz convencional, o que implica na necessidade de interpretarmos e compreendermos os pressupostos metodológicos e as categorias de análise que aparecem nas principais pesquisas empíricas de Du Bois. Já a última parte da tese sutura a teoria social de Du Bois com as perspectivas mais recentes de se trabalhar com África, *raça* e a população negra em escala global, articulando sua teoria social com a prática política da diáspora africana.

Cada capítulo desta tese foi escrito de forma que pudesse ser lido separadamente. É como se cada capítulo tivesse um tema próprio que lhe garantisse uma autonomia do restante do texto,

mas que não excluísse a leitura dos capítulos em conjunto. Essa é uma estratégia metodológica que aparece em textos clássicos como “The Souls of Black Folk” (1903), de Du Bois, mas também em textos mais atuais, como “The Black Atlantic” (1993), “Between Camps” (2000) e “Darker Than Blue” (2010), de Paul Gilroy, por exemplo. Esta tese é, sem sombra de dúvidas, reflexo e consequência de um processo formativo e educativo cujas inspirações e referências são os trabalhos de autores(as) como Du Bois, Stuart Hall, Patricia Hill Collins, Gurminder Bhambra e Paul Gilroy.

## 2. A FILOSOFIA DA RAÇA EM DU BOIS: TRABALHANDO COM A LINHA DE COR E A DUPLA CONSCIÊNCIA

“[...] duvido que você consiga explicar o racismo sem antes explicar o conceito de raça.” (Appiah, 1996, p. 82, tradução livre)<sup>1</sup>.

“[...] Mas esta filosofia  
É só *pra* dissimular  
Esta sangria no peito  
Que eu não vejo jeito de estancar”  
(Peito Sangrando, Wilson Moreira e Nei Lopes).

### 2.1 W.E.B. Du Bois: Vida, Obra e uma Nova Imaginação Sociológica

Na apresentação e discussão sobre como Du Bois trabalhou com o conceito de *raça* é possível identificar uma correlação entre biografia e produção científica, em termos analíticos, mostrando que existe um conjunto de textos produzidos por ele que retratam as feridas, lutas e hesitações, que cercaram sua vida e da população negra, de modo geral, durante o final do século XIX e todo o século XX. Esse conjunto de textos reflete o cerne do pensamento do autor a respeito da *raça*, uma das principais categorias mobilizadas por ele e o componente elementar da sua sociologia.

No prefácio intitulado “Apology” de uma de suas autobiografias<sup>2</sup>, “The Dusk of Dawn” (1940), ele ressalta três textos como centrais no conjunto de sua obra, são eles: “The Souls of Black Folk” (1903); “Darkwater” (1920) e o próprio “The Dusk of Dawn” (1940). Estes textos podem ser lidos como relatos e descrições empíricas de suas experiências de vida como um indivíduo negro e como, por conta disto, a categoria *raça* foi parte fundamental de sua reflexão crítica (Du Bois, 1940).

Assim como sugere o subtítulo de “The Dusk of Dawn: An Essay Toward an Autobiography of a Race Concept”, a vida e obra de Du Bois podem ser lidas também como a biografia do conceito de *raça*, e tal conceito adquire uma conotação dupla que é científica e política, sobretudo, a partir da publicação de seu texto “The Conservation of Races” (1897),

<sup>1</sup> “[...] I doubt you can explain racism without first explaining the race concept.” (Appiah, 1996, p. 82).

<sup>2</sup> Du Bois escreveu ao longo de sua vida quatro textos autobiográficos, mesmo que dois deles tinham explicitamente no título o termo “autobiografia”. O conjunto de seus trabalhos autobiográficos é composto pelos seguintes trabalhos: The Souls of Black Folk (1903), Darkwater (1924), Dusk of Dawn (1940), e a póstuma Autobiography (1968).

fundamental para a compreensão da “filosofia da *raça*” do autor. Não coincidentemente, foi o filósofo Kwame Anthony Appiah, autor central na discussão sobre como Du Bois trabalhou com a *raça*, que escreveu a introdução da edição de “The Dusk of Dawn”, em 2014, editado por Henry Louis Gates Jr. e publicado pela Oxford University Press<sup>3</sup>.

Appiah diz na introdução que a narrativa autobiográfica dos textos de Du Bois, especialmente a de “Dusk of Dawn”, faz parte de uma tradição de gênero textual afro-americano, que vai do líder abolicionista Frederick Douglass (1818-1895) até a escritora e poetisa Maya Angelou (1928-2014), por exemplo. Escritores(as) negros(as) dão uma particular importância para o ato de contar suas próprias histórias. Esses relatos autobiográficos são significativos, porque são parte de um “problema” mais geral, o problema que Du Bois identificou como a “linha de cor” no início do século XX.

Falar, portanto, da história e obra de Du Bois é mostrar como ele sempre esteve preocupado com as verdades que eram construídas sobre a população negra e africana. Ele desenvolveu uma forma de se trabalhar com a *raça* a partir da “linha de cor”, um conceito que descreve os modos de segregação e divisão humana justificadas pela diferença entre *raças*. E por conta disso ele produziu uma filosofia da *raça* e um sistema de ideias que têm suas origens nas experiências de negros(as) e africanos(as) que foram historicamente negligenciados por instituições reguladoras da vida social como a justiça, a política e a ciência.

Du Bois mobilizou os desdobramentos políticos e históricos que deram vida ao conceito de *raça* com uma qualidade intelectual que o ajudou a fazer uso de informações para desenvolver simultaneamente um campo de estudos, pesquisa e ação política. Ele realizou conexões de sentido sobre o mundo e sobre si, tendo em vista o entendimento da *raça* no mundo moderno e seus desdobramentos políticos, culturais e históricos. Dito isto, introduzir a vida e obra do autor por meio de sua filosofia da *raça* e seu sistema de ideias definitivamente permite entender esta articulação entre história e biografia, ou seja, a articulação entre problemas históricos e questões pessoais, que fundamenta, nas palavras de Mills (1959; 2000), uma imaginação sociológica. E neste presente caso, trata-se da imaginação sociológica de Du Bois.

---

<sup>3</sup> Du Bois, W.E.B. The Dusk of Dawn: An Essay Toward an Autobiography of a Race Concept. Edited by Gates Jr. Henry Louis, Oxford University Press, 2014.

Ele nasceu em 1868 em Great Barrington, Massachusetts. A respeito do contexto histórico, três anos antes de seu nascimento foi declarado o fim da Guerra Civil Norte Americana (1861-1865) e dois anos antes o Congresso americano havia anulado o veto de Andrew Johnson (1808-1875)<sup>4</sup>, permitindo a aprovação do Freedmen's Bureau - o primeiro gabinete federal dos EUA criado para equacionar a situação da população negra após a Guerra Civil. Du Bois foi herdeiro das tentativas de Reconstrução dos EUA<sup>5</sup>, particularmente no Nordeste, região em que ele nasceu e cresceu, onde a ideia de desenvolvimento social estava associada à evidência do progresso cristão (protestante), elevação racial (*racial uplift*)<sup>6</sup> e organização política partidária republicana (Lewis, 1993). Dentro desse contexto, sua mãe, Mary Silvina Burghardt (1831-1885), tinha um projeto de educação e mobilidade social para ele, o que o fez deixar sua cidade natal aos 17 anos e “[...] quinze anos após partir, o prodígio da vila se transformou, quase irreconhecível, em um viajante cosmopolita e ilustre estudioso” (Lewis, 1993, p. 11-12, tradução livre).



**Figura 1-** Du Bois no ensino médio em Great Barrington, MA, 1884  
W. E. B. Du Bois Papers, Robert S. Cox Special Collections and University Archives Research Center, UMass Amherst Libraries

<sup>4</sup> Foi o décimo sétimo presidente dos EUA de 1865 a 1869.

<sup>5</sup> A Reconstrução dos EUA foi o período seguinte à Guerra Civil, um momento em que estratégias políticas de reintegração da porção sul e separatista do país (os Estados Confederados da América) com os estados da União. Foi durante a Reconstrução que tanto políticas de integração de Ex-escravizados negros foram criados assim como a criação de grupos separatistas de supremacia branca como a Ku Klux Klan e os Red Shirts.

<sup>6</sup> Um termo do debate interno da comunidade negra, e mais contemporaneamente afro-americana, que motiva a comunidade a ser responsáveis na “elevação” e melhora das condições de vida de seu grupo.

Du Bois iniciou sua formação educacional de nível superior em 1885 na Fisk University, uma Universidade Historicamente Negra (HBCU), em Nashville, Tennessee, sul dos EUA. Ele se formou em 1888, no mesmo ano da abolição da escravidão no Brasil, com o grau de Bacharel em Artes, ou B.A (abreviatura do nome latino *artium baccalaureus*). Embora tenha nascido no Norte, como estudante, ele conheceu o sul profundo dos EUA (*Deep South*) e conviveu com o regime segregacionista do Jim Crow<sup>7</sup>, viajando por boa parte da região e lecionando para a comunidade negra.

Após esse período, foi para Harvard em 1888, onde teve oportunidade de assistir aulas de importantes pensadores emergentes das ciências sociais norte-americanas, como William James (1842-1910), Josiah Royce (1855-1916), Albert Bushnell Hart (1854-1943) e George Santayana (1863-1952). Em Harvard, recebeu o título de bacharel em filosofia (*B.A cum laude*) e continuou seus estudos na mesma instituição em ciências sociais em 1890. Um ano depois, recebeu o título de mestre (*M.A degree*) em história pela universidade.

Em 1892, ele conquistou a bolsa de estudos “Slater Fund”, uma das mais prestigiosas dos EUA, para estudar na Friedrich Wilhelms Universität, em Berlim. De acordo com Lewis (1993, p. 127), a passagem de Du Bois pela Alemanha é marcada pela euforia do pensamento de que “[...] retornar aos Estados Unidos com um cobiçado doutorado em Heidelberg ou Berlim seria o último selo de posição profissional, um triunfo pessoal e um marcador racial” (tradução livre)<sup>8</sup>. Diante da geopolítica imperial do início do século XIX, a Universidade de Berlim era uma das principais instituições de produção de conhecimento das grandes cidades europeias, como Bolonha, Praga, Paris e Heidelberg.

Em seus anos de Berlim, ele teve influência do pensamento da filosofia e historicismo alemão; seus principais professores foram August Meitzen (1822–1910), Gustav von Schmoller (1838-1917), e Rudolf Gneist (1816–1895) - pensadores influentes no contexto alemão do final do

---

<sup>7</sup> O Regime do Jim Crow foi um regime jurídico e político de segregação racial amparada por leis estaduais. O Jim Crow foi vigente nos EUA do final do século XIX, a partir de 1890, até a promulgação do Civil Rights Act, as leis dos direitos civis de 1964 e a lei de votos de 1965 (Voting Rights Act).

<sup>8</sup> "To return to the United States with a coveted Heidelberg or Berlin doctorate would be the ultimate seal of professional standing, a personal triumph and a racial marker." (Lewis, 1993, p. 127).

século XIX. Neste período, tanto Du Bois quanto o sociólogo Max Weber (1864-1920) estavam em processo de formação, desenvolvendo seus primeiros trabalhos e estudos.

Durante toda a sua formação, ele sempre produziu muito e esteve receptivo a muitas influências do pensamento social ocidental. E como foi dito anteriormente, suas experiências pessoais como um acadêmico negro marcaram profundamente seu pensamento científico. Um de seus objetivos ao ir para Berlim era escapar do provincialismo racial dos EUA e poder viver em um ambiente mais cosmopolita, como era a Europa, especialmente Berlim, naquele contexto (Lewis, 1993). Ao retornar aos EUA, depois de seu período de estudos na Europa, ele reencontrou uma sociedade legalmente dividida pela segregação racial imposta juridicamente pelo sistema Jim Crow. Mesmo com uma formação educacional invejável, ser negro significou obstáculos e dificuldades para encontrar emprego, permitindo-o analisar os impactos políticos da *raça* na distribuição de oportunidades em sua vida.



**Figura 2** - Du Bois na Fisk University, 1888

W. E. B. Du Bois Papers, Robert S. Cox Special Collections and University Archives Research Center, UMass Amherst Libraries





**Figura 3** - Formatura em Harvard, 1890  
 W. E. B. Du Bois Papers, Robert S. Cox Special Collections and University Archives Research Center, UMass Amherst Libraries.



**Figura 4** - Du Bois (ao centro da imagem) em Berlim, 1892  
<https://twitter.com/DuBoisUMass/status/1250852477416726529/photo/3>

Du Bois conseguiu ser admitido na Wilberforce University em Ohio, uma universidade negra do centro-oeste, para ser professor. Lá conheceu Alexander Crummell (1819-1898), um dos principais pensadores do nacionalismo negro nos EUA e o pensamento de Crummell passou a

influenciar Du Bois a relacionar valores, ideais e morais como importantes instrumentos de mudança e transformação social na vida da população negra dos EUA. Em 1896, publicou sua tese de doutorado, “The Suppression of the African Slave-Trade to the United States of America, 1638-1870” (1896), na área da história e se torna o primeiro negro a receber o título de PhD por Harvard.

Em “The Suppression of the African Slave-Trade” (1896), Du Bois relaciona a história da supressão do tráfico transatlântico de escravizados com a política colonial do século XVIII nas treze colônias norte-americanas. Do ponto de vista historiográfico, ele traçou as consequências fatais do compromisso moral negociado da supressão do tráfico de escravizados no exato momento da criação da república americana. Do ponto de vista da formação social dos EUA, ele diz em “The Suppression” que o conluio das colônias do Norte com as do Sul no descumprimento da proibição constitucional de importação de escravos africanos após 1808 foi decisivo no aumento da população escravizada do Sul graças a um fluxo ininterrupto de africanos(as) contrabandeados(as).

A tese de Du Bois inova ao mobilizar o acontecimento histórico da Revolução Haitiana (1791-1804) e seus impactos, principalmente nos proprietários de terras nas colônias sulistas. Ele mostra que houve um forte impacto das notícias da Revolução Haitiana também nos escravizados do Sul, por exemplo, Nat Turner (1800-1831), que liderou uma das mais conhecidas insurgências contra a escravização no Estado da Virgínia, sul dos EUA. No campo da economia política, o trabalho contribuiu também na compreensão do papel das plantações de algodão produzidas pelos escravizados nas colônias do Sul.

Existem dois argumentos sociológicos importantes em “The Suppression”. O primeiro é que as treze colônias que deram origem aos EUA preservaram, mesmo com a supressão do tráfico transatlântico, a escravização como uma importante instituição para o desenvolvimento econômico do território. O segundo é que é possível traçar uma genealogia de ação social negra-africana que Du Bois documenta desde a Revolução Haitiana a partir de Toussaint L’Ouverture (1743-1803) e que se reproduz e se dinamiza ao longo da história humana.

Em relação ao primeiro argumento, a continuidade do processo de escravização, mesmo após a abolição legal do tráfico escravos, tem permitido inúmeras e recorrentes leituras sobre o

sentido da colonização enquanto um regime racialmente estruturado em dominância (Hall, 1980), cujas dimensões econômicas configuraram lógicas imperiais-transnacionais que impactaram nos processos abolicionistas, das colônias e/ou ex-colônias, em especial das elites, gerando situações de articulações entre formas nacionais específicas de dominação racial e interesses de dominação política de elites locais.

O elemento comum entre as diferentes formações nacionais foi a continuidade de relações sociais tipicamente escravagistas em Estados Nacionais supostamente de trabalho livre. Já em relação ao segundo argumento, a ação social negra-africana documentada por Du Bois permite outra leitura sociológica do século XX, a qual tem por foco as estratégias de negros(as) nas Américas e os(as) africanos(as) do continente em alterar as formas de dominação a partir de outras práticas. Essa história documentada começa, justamente, com as formas de institucionalização formal de Du Bois.

Após dois anos em Wilberforce, ele aceitou ir para a Pennsylvania University por um ano na posição de pesquisador assistente na área de sociologia em 1896. Durante esse período, desenvolveu os estudos empíricos que fundamentaram seu livro “The Philadelphia Negro”, que foi publicado em 1899, quando já estava na Atlanta University (onde chegou em 1897) coordenando uma das primeiras escolas de sociologia dos EUA. Apesar de sua formação exemplar, Du Bois conseguiu oportunidades de trabalho que não eram de sua expectativa. Foi no extremo sul dos EUA, em uma das regiões mais afetadas pela segregação e o declínio do sistema econômico das *plantations*, que ele teve a chance de desenvolver uma escola de pensamento sociológico e uma agenda de pesquisa relacionada à condição de vida da população negra nos EUA, a Escola de Atlanta.

Os temas de pesquisa da Escola de Atlanta se distribuíam em diferentes tópicos, como organização social, religião, classe, crime, saúde, ocupações profissionais, demografia, lazer, migração, família, urbanização e cultura, que eram apresentados em conferências anuais, as “Atlanta Conferences of Negro Problems” (1896-1914). Os objetivos dessas conferências eram o enfrentamento ao racismo científico, amplamente difundido nas ciências, e o desenvolvimento e divulgação de trabalhos que articulassem as experiências de negros(as) e africanos(as) (Silva; Santos; Caldas, 2023).

Além das qualificações acadêmicas, ele também participou da fundação de associações voltadas para a melhoria da condição de vida da população negra nos EUA e do mundo inteiro. Em 1900, organizou um painel expositivo na Exhibition of American Negroes que fazia parte da Paris Exposition<sup>9</sup>, nesta apresentação, combinou conceitos sociológicos, observação etnográfica dos(as) negros(as) no Sul e análise de dados quantitativos na produção de imagens em forma de fotografia, tabelas e gráficos. Logo em seguida, no mesmo ano, participou da First Pan African Conference, em Londres, como secretário, onde escreveu um texto e realizou uma fala dizendo que o problema do século XX era o problema da linha de cor, ou seja, a divisão do mundo organizada em diferenças de *raças*, que nega a mais da metade das pessoas do mundo o direito de compartilhar de forma plena as oportunidades e privilégios da civilização moderna<sup>10</sup>.

O texto que ele apresentou na First Pan African Conference, intitulado “To the Nations of the World” (1900), traz o conceito de “linha de cor” como um obstáculo dos processos de interação social entre o Ocidente e o resto do mundo, e como um limitador de oportunidades para determinados grupos, como negros(as) do continente americano e caribe, africanos e asiáticos. *Raça* aparece no texto como “[...] *uma característica de distinção entre brancos(as) e negros(as), independentemente de valor ou habilidade*” (Pan-African Association, 1900, n.p, tradução livre)<sup>11</sup>.

Ele advoga no texto a favor de que os impérios do Ocidente reconheçam o autogoverno das populações nativas do continente africano e asiático e garantam a liberdade, autonomia e humanidade da população negra e africana. Há, neste texto, uma articulação entre os problemas de nível doméstico, como a luta pelos direitos civis nos EUA, e os de nível transnacional, como as lutas por liberdade, autonomia política e reconhecimento da contribuição de africanos do continente.

Que as nações do mundo respeitem a integridade e a independência dos estados negros livres da Abissínia, Libéria, Haiti e o resto, e deixem que os habitantes destes Estados, as tribos independentes de África, os negros das Índias Ocidentais e da América, e os súditos negros de todas as nações, ganhem coragem, lutem incessantemente, e lutem bravamente, para poderem provar ao mundo o seu direito incontestável de serem incluídos na grande fraternidade humana. Assim, apelamos com ousadia e confiança às Grandes Potências do

<sup>9</sup> A Exposição Universal em Paris ocorreu em 1900 como um evento de transição entre o século XIX e a celebração do XX. Durante a exposição, 40 nações mundiais apresentaram painéis combinando visões de nação com pressupostos raciais por meio da literatura, ciência, fotografia, artes plásticas, dentre outros veículos de comunicação,

<sup>10</sup> W.E.B Du Bois. “To the Nations of the World”, London, 1900.

<sup>11</sup> “a feature of distinction between white and black men, regardless of worth or ability” (Pan-African Association, 1900, n.p).

mundo civilizado, confiando no amplo espírito da humanidade e no profundo sentido de justiça da nossa época, para um generoso reconhecimento da justiça de nossa causa (Pan-African Association, 1900, n.p, tradução livre)<sup>12</sup>.

Na agenda da luta pelos direitos civis nos EUA, em 1905, ele fundou e organizou o Niagara Movement com lideranças negras e ajudou a criar e editar a revista “The Moon Illustrated Weekly”. O objetivo do Niagara Movement, organizado por ele, William Monroe Trotter (1872-1934), Mary Burnett Talbert (1866-1923) e outros(as) ativistas, era demandar direitos plenos para garantir o exercício de cidadania plena de negros(as) americanos(as). Um dos objetivos específicos das iniciativas da organização era fazer oposição à hegemonia de Booker T. Washington (1856-1915), que despontou como uma das principais lideranças negras do Sul após o falecimento de Frederick Douglass (1818-1895). Du Bois, particularmente, se opôs ao modelo educacional proposto por Washington a partir da educação técnico-industrial (industrial education), que era realizada na instituição educacional negra fundada por ele no Alabama, a Tuskegee Institute (Santos, 2020).

Em 1907 ele publicou e editou uma revista chamada “Horizon”, que circulou até 1910; e em 1909 fundou o National Negro Committee, que é o predecessor da National Association for the Advancement of *Colored People* (NAACP), na qual ele aceitou a posição de *Director of Publications and Research*, fundando o jornal “The Crisis”<sup>13</sup>. A partir destas iniciativas, ele foi capaz de criar e fomentar um espaço em que suas propostas na área da educação pudessem ser divulgadas, chamando a atenção para a formação de uma elite cultural negra que pudesse mudar o

<sup>12</sup> Let the nations of the world respect the integrity and independence of the free Negro states of Abyssinia, Liberia, Haiti, and the rest, and let the inhabitants of these states, the independent tribes of Africa, the Negroes of the West Indies and America, and the black subjects of all nations take courage, strive ceaselessly, and fight bravely, that they may prove to the world their incontestable right to be counted among the great brotherhood of mankind. Thus we appeal with boldness and confidence to the Great Powers of the civilized world, trusting in the wide spirit of humanity, and the deep sense of justice and of our age, for a generous recognition of the righteousness of our cause.

<sup>13</sup> Em 1908, a National Association for the Advancement of Colored People (NAACP) foi fundada por W.E.B Du Bois e Mary White Ovington em decorrência de um linchamento na cidade de Springfield em Illinois. Após a tentativa frustrada de linchar dois rapazes negros falsamente acusados de estupro, um grupo de supremacistas brancos assassinaram dois outros jovens negros, que estavam totalmente desvinculados da falsa acusação de estupro. A NAACP foi, durante o século XX, e ainda hoje é uma importante organização, preocupada com a garantia de direitos e com a mobilidade social da população negra. As estratégias da NAACP de combate ao racismo e de possibilitar a mobilidade social do negro nos EUA estavam amparadas nas publicações da organização como a revista *The Crisis*, organizada por Du Bois, assim como a reivindicação de pautas frente ao Estado nas questões referentes às relações entre brancos e não-brancos. A organização também disputou nos termos legais e jurídicos a efetivação dos direitos civis da população negra. Foram inúmeros julgamentos em que a NAACP esteve envolvida durante o século XX. A título de exemplo cabe destacar os seguintes casos: NAACP v. Alabama, 357 U.S. 449 (1958); Harrison v. NAACP, 360 U.S. 167 (1959); NAACP v. Patterson, 357 U.S. 449 (1958), dentre outros casos que exemplificam a via jurídica e legal como arena de batalha das ações políticas da NAACP.

olhar do Ocidente para africanos e seus descendentes e desenvolver políticas que beneficiassem o contato entre diferentes grupos, como negros e brancos em diferentes Estados Nacionais, especialmente nos EUA.

Já em uma agenda transnacional, em 1911, participou do First Universal Race Congress, em Londres (Primeiro Congresso Universal das Raças), um evento em que apresentou um artigo intitulado “The Negro Race in the United States of America”. Ao relatar sobre o evento, ele diz em um artigo do jornal “The Independent” que foi uma “[...] *reunião do Oriente e Ocidente, como uma olhada para além da linha de cor*” (Du Bois, 1911, p. 401, tradução livre)<sup>14</sup>. O evento teve o objetivo de discutir problemas políticos de diferentes Estados Nacionais em que a *raça* era um elemento presente, assim como o *status* científico da *raça* e de todos os significados atribuídos a ela.

Dentre os cientistas que apresentaram trabalhos no congresso, Du Bois (1911) menciona a presença de Franz Boas (1858-1942), representando os EUA, e João Batista de Lacerda (1846-1915), que representou o Brasil e apresentou uma tese, na mesma seção que Du Bois estava, em que previa o desaparecimento do negro em um período de 100 anos - o que faria do Brasil uma nação branca.

No final da década, em 1919, Du Bois organizou o First Pan-African Congress em Paris, reunindo 57 representantes dos EUA, Caribe, África e Europa. A partir daí, seguiu-se uma agenda de sua participação nos Congressos Pan-Africanos que ocorreram até a primeira metade do século XX, com o intuito de se opor aos interesses dos impérios europeus no interior da Liga das Nações<sup>15</sup> e de compor outro espaço de agência política revolucionária, de âmbito transnacional, que não era contemplado pelas internacionais comunistas (Comintern), por exemplo<sup>16</sup>.

Tanto a Liga das Nações quanto a esquerda revolucionária comunista eram expressões políticas transnacionais que reservavam ao negro e africano um lugar de subserviência e não

<sup>14</sup> “[...] reunion of East and West, as a glance across the color line” (Du Bois, 1911, p. 401) <https://credo.library.umass.edu/view/full/mums312-b215-i238>.

<sup>15</sup> A Liga das Nações (1920 – 1946) foi a primeira organização intergovernamental estabelecida para promover a cooperação internacional e alcançar a paz e a segurança internacionais. Ela é frequentemente referida como a predecessora da Organização das Nações Unidas (ONU).

<sup>16</sup> A Internacional Comunista (Comintern), também conhecida como Terceira Internacional, foi uma organização internacional fundada em 1919, que defendia o comunismo mundial e era liderada por membros do Partido Comunista da União Soviética.

reconhecimento de *status* político de cidadão aos mesmos. Os Congressos Pan-Africanos, organizados por Du Bois a partir de 1919, favoreceram a luta anticolonial e viabilizaram a associação entre intelectuais e ativistas negros(as) da diáspora e africanos do continente, o que se repetiu em 1921 no Second Pan-African Congress, que ocorreu em Londres, Bruxelas e Paris; no Third Pan-African Congress em Lisboa, no ano de 1923; e quatro anos depois, em 1927, no Fourth Pan-African Congress em Nova York.

Desde a sua participação na Pan African Conference em 1900 e nos Congressos Pan-Africanos (1919, 1921, 1923 e 1945), Du Bois foi fundamental na formação do que o sociólogo Peter Worsley identificou, em “The Third World: a vital new force in the international affairs” (1970), como Estados Nacionais de segunda onda, ou Formações Pan (Pan Movements). No caso do Pan-Africanismo de Du Bois, as afinidades e afiliações entre indivíduos transcendem as fronteiras estabelecidas pelos Estados Nacionais de primeira onda (Estados Nacionais europeus).

As afiliações no Pan-Africanismo, e os movimentos que se desdobraram dele, são da ordem de aspectos físicos e continentais, do *Garveyismo* de Marcus Garvey (1887-1940), que objetivava o retorno de descendentes de africanos ao continente africano na forma de um nacionalismo negro ao movimento de *négritude* de Léopold Sédar Senghor (1906-2001)<sup>17</sup>, que valorizava a negrura e a cultura africana como elementos estéticos diferenciados que constituem subjetividade. O Pan-Africanismo tomou formas no início do século XX com uma primeira geração de pensadores afro-americanos, como Alexander Crummell (1819-1898), Edward Blyden (1832-1912) e Martin Delany (1812-1885), que relacionaram diretamente *raça* com um continente África (Silvério; Santos, 2023, capítulo do livro no prelo).

Entre 1943 e 1944, Du Bois organizou as Phylon Conferences voltadas para educadores(as) negros(as) nos EUA. Estas conferências foram fundamentais para a construção de uma agenda educacional transnacional para negros(as) e africanos(as). Já em 1945, participou e presidiu o Fifth

---

<sup>17</sup> Léon-Gontran Damas, Léopold Senghor e Aimé Césaire são considerados os principais fundadores do movimento da Négritude, com Paulette e Jeanne Nardal. Há uma discussão importante sobre os termos *négre* (-) *noir* (+/-) e *peuple de couleur* (+) em francês com Lamine Senghor em 1927 e Aimé Césaire em 1940 que influencia o movimento da Négritude. Essa mesma discussão está conectada com as mudanças que ocorreram nos EUA com Du Bois na década de 1920 (de negro para Negro, e o New Negro) e no estado da Califórnia que aderiu legalmente ao termo Negro em 1954. Brent Edwards em “The Practice of Diaspora” (2003) destaca as mudanças e transformações semânticas na linguagem que atuaram nos EUA na década de 1920 e na Négritude por meio de uma criação de termos e não de uma cadeia linear de significantes de “identidade racial” essencializada.

Pan-African Congress em Manchester, Inglaterra onde foi reconhecido como articulador e “Pai do Pan-Africanismo” por George Padmore (1903-1959), que durante um período foi membro do Comintern e do Politburo de 1927 a 1933, uma das principais lideranças no processo de descolonização de África do império britânico<sup>18</sup>.

Biografia, teoria, metodologia e prática política se encontram na discussão sobre o conceito de *raça* quando Du Bois é o autor em perspectiva. É a partir daí que é possível articular os dois argumentos da tese de “The Suppression” (1894) que se mantiveram perenes na imaginação sociológica do autor. Trata-se dos argumentos sobre a continuidade de relações sociais escravagistas, portanto, hierárquicas em termos de regime de representação com impactos perversos na distribuição de renda e de direitos em um ordenamento supostamente de trabalho livre; e da existência de uma tradição de prática política negra-africana.

Ao longo da sua vida, ele conceituou a relação entre pessoas nascidas e criadas no continente africano e pessoas negras nascidas e criadas na diáspora africana e reavaliou os seus pontos de vista sobre a natureza da *raça* como uma categoria de análise científica e prática política. O debate sobre a filosofia da *raça* é, portanto, a chave de entrada na compreensão de como ele trabalhou com a categoria ao longo de sua vida e carreira e como o continente africano passou a fazer parte de seu sistema de ideias e de sua ação política.

Ele publicou mais de 21 livros e inúmeros ensaios, artigos científicos e jornalísticos, desde o final do século XIX até os anos 1960, a respeito das condições de vida e contribuição do negro e africano no mundo. Sua obra corresponde e incorpora sua biografia, ao passo que em 1961, depois de um longo processo com o Departamento de Estado dos EUA (U.S. Department of State), foi para Gana e renunciou sua cidadania americana e morreu em 1963 como cidadão de honra do Estado independente de Gana<sup>19</sup>. A partir das próximas seções deste capítulo, o exercício de

<sup>18</sup> George Padmore ingressou oficialmente no Partido Comunista em 1927, quando estava em Washington, DC, e foi ativo em sua organização de massa voltada para os negros americanos, o Congresso Trabalhista Negro Americano. Padmore chegou até a compor o Politburo, o órgão superior de formulação de políticas do Partido Comunista da União Soviética. Já em 1933, Padmore saiu do Comintern e do Politburo quando percebeu que o projeto internacional negro e africano estava sendo comprometido devido à ascensão do fascismo e às dinâmicas das relações internacionais que a União Soviética enfrentava.

<sup>19</sup> Fevereiro de 1951 foi um mês movimentado para W. E. B. Du Bois, que completou 83 anos e organizou uma grande festa de aniversário para angariar fundos para a descolonização africana. Ele também se casou com sua segunda esposa, a escritora Shirley Graham, no que o jornal afro-americano de Baltimore chamou de casamento do ano. E foi indiciado, preso e processado num tribunal federal como agente da União Soviética porque tinha distribuído uma petição protestando contra as armas nucleares. O Departamento de Justiça considerou a petição de Du Bois uma ameaça à segurança nacional. Eles levaram Du Bois a julgamento nas cortes o acusando de ser “antiamericano”, como



compreender como ele trabalhou com o conceito de *raça* permitirá entendê-lo como um autor que nasceu negro e se tornou africano, ou que partilhou e partiu de uma filosofia da *raça* e constituiu agenda em direção ao transnacionalismo negro-africano, criando um sistema de ideias para além da linha de cor.

## 2.2 Crítica e Resignação: Da *Linha de Cor* às *Linhagens de Descendência*

Em um texto intitulado “The Uncompleted Argument: Du Bois and the Illusion of Race” (1985), o filósofo Kwame Anthony Appiah demarcou um posicionamento e uma interpretação crítica sobre a filosofia da *raça* de Du Bois, inaugurando uma série de debates científicos sobre como ele trabalhou com o conceito de *raça*. As discussões se ocuparam, e ainda se ocupam, a ler e interpretar a *raça* em Du Bois, a partir de “The Conservation of Races” (1897), um texto em que ele demonstrou como a categoria foi historicamente mobilizada pela ciência e pela política, e sempre esteve oculta em termos das assumpções morais a respeito da capacidade intelectual e criativa da população negra.

Du Bois (1897) declarou em “Conservation” que a categoria *raça* é uma das maiores invenções da humanidade, e mesmo sendo explicativa das diferenças humanas, tais diferenças entre as *raças* não deveriam ser explicativas das diferenças das histórias entres os seres humanos. “Conservation” é um texto que Du Bois escreveu a convite de Alexander Crummell para a American Negro Academy (ANA)<sup>20</sup>. Em uma passagem fundamental do artigo, ele declara que:

Se isso é verdade, então a história do mundo é a história, não de indivíduos, mas de grupos, não de nações, mas de raças, e aquele que ignora ou procura substituir a ideia de raça na história humana ignora e substitui o pensamento central de toda história. O que é a raça? É uma vasta família de seres humanos, *geralmente* de sangue e linguagem em comum, *sempre* de histórias, tradições e impulsos em comum, que estão ambos voluntaria

---

sugeria o Comitê de Atividades Antiamericanas da Câmara de Joe McCarthy (House Un-American Activities Committee). Em 1952, o Departamento de Estado revogou o passaporte de Du Bois para o impedir de viajar para uma conferência de paz no Canadá e em 1958 o Supremo Tribunal restaurou os direitos de passaporte para suspeitos de serem. Três anos mais tarde, Du Bois usou a sua liberdade de viajar recuperada para se tornar um expatriado no recém-pós-colonial Gana. Mas enquanto esteve lá, o Departamento de Estado recusou-se a renovar o seu passaporte, anulando a sua cidadania americana. O ícone americano dos direitos civis tornou-se cidadão ganense e morreu lá em 1963. <https://www.bostonreview.net/articles/when-civil-rights-were-un-american/>.

<sup>20</sup> A American Negro Academy foi fundada em Washington, D.C. em 5 de março de 1897, foi a primeira organização nos Estados Unidos a apoiar estudantes negros na área dos estudos clássicos e nas artes liberais.

e involuntariamente lutando, juntos, para a realização de certos ideais de vida mais ou menos vividamente concebidos (Du Bois, 1897, p. 9, tradução livre, grifo nosso)<sup>21</sup>.

A publicação de “Conservation” foi inovadora nas ciências sociais, pois Du Bois deslocou o conceito de *raça* de uma concepção biológica (ou antropológica, nos termos de Appiah (1895)) para uma perspectiva sócio-histórica. E nessa abordagem de transição, a *raça* desempenha um papel fundamental na formulação de uma “mensagem” que determinados grupos sociais teriam para contribuir com a humanidade. Entretanto, para Appiah (1985), o deslocamento realizado por Du Bois não transcende o argumento biológico do século XIX sobre a *raça*.

O filósofo vê, a princípio, dois problemas em “Conservation”. O primeiro é que Du Bois faz referência ao conceito de *raça* como sinônimo de *consanguinidade* (common blood). E o segundo é que na leitura de Appiah (1985) existe um problema de “circularidade” da história em seu argumento, ou seja, seria um erro pensar que histórias, tradições e impulsos são comuns e se repetem, ou circulam, uniformemente entre os indivíduos dos mais diferentes grupos.

Appiah (1985) nota que há uma mudança de perspectivas na leitura de Du Bois da categoria *raça* desde “Conservation” (1897) até a publicação de “Dusk of Dawn” (1940). Para o filósofo, ele começou a apresentar mudanças de interpretação de *raça* já em 1911 em uma publicação na revista “The Crisis”, após sua participação no Congresso Universal das Raças em Londres, onde ele passou a advogar a favor do Pan-Africanismo e reviu o seu argumento inicial da consanguinidade de “Conservation”.

De maneira geral, Appiah (1985) diz que mesmo que possamos considerar que ele rejeitou o argumento biológico de *raça*, ele não o transcendeu. *Raça*, assim como todo conceito, é construído por metáforas e metonímias. É uma categoria que significa metonimicamente o “Outro” e metaforicamente diz respeito à “diferença”, ou “tipos de diferenciação” dentre a humanidade. Para Appiah (1985), o problema de Du Bois é relacionar a *raça* à cultura, ou à diferença cultural.

Em seu livro intitulado “In My Father's House: Africa in the philosophy of culture” (1992), Appiah avança em sua desaprovação da capacidade explicativa da cultura pela *raça*. Appiah

---

<sup>21</sup> If this be true, then the history of the world is the history, not of individuals, but of groups, not of nations, but of races, and he who ignores or seeks to override the race idea in human history ignores and overrides the central thought of all history. What, then, is a race? It is a vast family of human beings, generally of common blood and language, always of common history, traditions and impulses, who are both voluntarily and involuntarily striving together for the accomplishment of certain more or less vividly conceived ideals of life (Du Bois, 1897, p. 9).

(1992) discute sobre como a própria ideia de *raça* foi central no desenvolvimento do Pan-Africanismo, haja visto as propostas da primeira geração de Pan-Africanistas, como Martin Delany (1812-1885), Alexander Crummell e Edward Blyden (1832-1912), que influenciou Du Bois e sempre viu África como um lugar de pessoas *negras*.

Há uma produção discursiva sobre a *raça* e o continente africano que tem origem nesta primeira geração de pensadores Pan-Africanos, que forjou no século XIX um *link* direto entre o Pan-Africanismo e o conceito de *raça* (Appiah, 1992). Foram estes pensadores negros e norte-americanos os primeiros responsáveis por desenvolver e promover uma ideia de *raça*, especialmente a *negra*, diretamente ligada ao Pan-Africanismo.

Para Appiah (1992), autores da primeira geração do Pan-Africanismo, como Alexander Crummell, por exemplo, superaram as perspectivas “ambientalistas” e “teológicas” de *raça*, embora tenham se inclinado para uma perspectiva biologizante que descreve a categoria como uma capacidade herdada<sup>22</sup>. Tanto Crummell quanto Du Bois lidaram com a divisão da humanidade em grupos chamados *raças*, de forma que os membros desses grupos fossem capazes de dividir e compartilhar características físicas, morais, intelectuais e culturais herdadas.

Sobre o argumento da circularidade e da “história e impulsos em comum” presente em “Conservation”, Appiah (1992) relembra que o princípio da história comum - em uma perspectiva da experiência e da cultura - é substancial na conceitualização sócio-histórica de *raça* de Du Bois. Compartilhar uma história de grupo em comum não pode ser um critério para sermos membros de um mesmo grupo, pois teríamos que ser capazes de identificar o grupo, aprioristicamente, para em seguida identificarmos qual seria a sua história em comum.

O argumento sócio-histórico de Du Bois (1897) se baseia na “mensagem” positiva que o negro (enquanto *raça*) pode emitir para a humanidade. Portanto, para Appiah (1992), em 1897, com “Conservation”, Du Bois advogou mais a favor de um “Pan-Negrismo” e somente em 1911, com um texto intitulado “Races”, é que ele passa para o Pan-Africanismo.

---

<sup>22</sup> De acordo com Appiah (1992, p. 12) o conceito grego de diferenças culturais e históricas entre os povos na antiguidade ocidental era essencialmente ambiental, como entre os gregos, e havia também a concepção judaica que era essencialmente ligada a uma questão de consequências teológicas de pactos com (ou maldições sobre) ancestrais. Em ambas as perspectivas (grega ou judaica) as diferenças são herdadas com o passar das gerações. O ponto para o filósofo é que, mesmo que a primeira geração de Pan-Africanistas tenha superado as perspectivas da antiguidade, o resíduo da herança associada à diferença cultural e histórica permaneceu na forma com que eles trabalharam com o conceito de *raça*.

O Pan-Africanismo, nessa perspectiva, surge sendo diretamente informado pelas teorias raciais do século XIX. Essa crítica de Appiah é dirigida especialmente ao uso do conceito de *raça* para explicar cultura, feito por estes(as) autores(as) negros(as) dos EUA, pois, para o filósofo, a *raça* funciona, no pensamento destes autores da primeira geração do Pan-Africanismo, como uma figura de linguagem para explicar a cultura pelo fato de biologizar o que é cultura e ideologia.

Appiah (1992) reconhece que há uma tradição de pensamento que se inicia com Du Bois, que rejeita a *raça* como um conceito válido na ciência biológica. É por isso que o filósofo reafirma que há um argumento incompleto. Du Bois rejeita explicitamente a noção de *raça*, mas não consegue escapar da noção da mesma informada pelo racialismo do século XIX para explicar cultura e prática política.

As considerações feitas por Appiah (1985; 1992) a Du Bois e como ele trabalhou com conceito de *raça* estimularam outros autores a participarem do debate, de modo que é possível identificar um interesse científico contemporâneo na filosofia da *raça* de Du Bois. A reação de autores da filosofia e das ciências sociais à crítica de Appiah (1985; 1992) sugere que para um entendimento introdutório e comentado do pensamento social Duboisiano há de se passar pela leitura e entendimento de “Conservation” (1897), pois este é um texto que apresenta os fundamentos epistemológicos e filosóficos do pensamento de Du Bois - um tipo de pensamento que identifica na *raça* uma capacidade de dar vida às ontologias políticas que se localizam nas grandes narrativas da modernidade que delimitaram os ideais de nacionalismo, civilizacionismo e pertencimento.

Apresentar a filosofia da *raça* de Du Bois é introduzir aos leitores contemporâneos e não tão familiarizados com o autor um debate que sistematiza e organiza as premissas dos principais autores que discutem a tese dos fundamentos filosóficos do pensamento de Du Bois sobre a *raça* e suas implicações políticas. Os comentários e leituras desses autores são muitas vezes discrepantes, concorrentes, mas complementares a respeito de como ele mobilizou uma das principais categorias de sua teoria social e da modernidade. A partir das apreciações feitas por Appiah (1985; 1992) e as reações a elas, há três eixos que organizam a discussão e os comentários sobre como Du Bois trabalhou com a *raça*. O primeiro eixo é a crítica de Appiah (1985) de que ele não transcende a noção biológica da categoria, mesmo deslocando-a da biologia. Trata-se de observar se o argumento de Du Bois (1897) se completou ou não, para usar os termos de Appiah (1985).

O segundo eixo é sobre o argumento da *circularidade* da história e dos impulsos políticos e culturais que Du Bois (1897) associou à ideia de *raça*. Leva-se em consideração a crítica de Appiah (1985) e as reações de outros autores ao argumento de que a categoria *raça* seria capaz de organizar grupos e associações humanas em termos de uma história e impulsos que seriam *comuns* aos membros dos grupos.

O terceiro e último eixo é referente às matrizes teóricas e epistemológicas que os autores priorizam para lerem e interpretarem a filosofia da *raça* de Du Bois. Este terceiro eixo é importante analítica e teoricamente, pois demonstra como a discussão sobre a *raça* em Du Bois, mesmo que realizada prioritariamente por filósofos, têm tido impactos transdisciplinares. Portanto, analisar e interpretar a filosofia da *raça* de Du Bois é um empreendimento intelectual que extrapola as fronteiras disciplinares e organiza o núcleo epistemológico e conceitual do autor para podermos trabalhar com sua sociologia.

Os principais autores trabalhados nos três eixos analíticos do debate são Appiah (1985; 1994; 2014); Stuart Hall (1994 [2017]); Paul Taylor (2000; 2004; 2016); Lucius Outlaw (1996; 2000); Robert Gooding-Williams (1996); Kevin Miles (2003); Ronald Sundstrom (2004); Robert Bernasconi (2009); e Chike Jeffers (2013; 2017). Isso não significa que outros(as) autores(as) não se aventuraram na filosofia da *raça* de Du Bois, mas sim que estes ajudam a organizar de maneira sistematizada o pensamento do autor sobre *raça*, e, principalmente, são autores contemporâneos que estiveram e/ou estão em explícito diálogo, correspondência e em citação mútua, o que constitui, de fato, uma área de discussão a respeito do mesmo tema. Grande parte destes autores selecionados estão referenciados na entrada “W.E.B. Du Bois” da Stanford Encyclopedia of Philosophy, que pode ser acessada online<sup>23</sup>.

### 2.2.1 Eixo 1 – Renunciar ou Reformular a *Raça*?

Duas das principais preocupações de Du Bois em “Conservation” (1897) são o que ele chama de “lei do desenvolvimento da *raça*” e o próprio significado de *raça*. Para Appiah (1985; 1992), mesmo que ele tenha avançado na transição da *raça* de uma perspectiva biológica para uma sociológica (ou cultural), os usos de Du Bois no texto de classificações como *eslavos*; *teutões*;

<sup>23</sup> <https://plato.stanford.edu/entries/dubois/>

romanos; negros; mongóis, por exemplo, como grupos raciais é problemático e faz com que ele não complete o argumento de que *raça* não é uma categoria biológica. Ainda que houvesse tensões na forma dele trabalhar com a categoria *raça*, isso não significa que ele queria deliberadamente transcender, ou renunciar o conceito.

Em uma perspectiva dos Estudos Culturais, o teórico jamaicano Stuart Hall apresentou um argumento que contrasta com Appiah em uma série de conferências intituladas “Du Bois Lectures” realizadas na Universidade de Harvard em abril de 1994, as quais foram publicadas na forma de livro em 2017 sob o título “The Fateful Triangle: Race, Ethnicity, Nation”. De acordo com Stuart Hall, o conceito de *raça* nunca foi abandonado por Du Bois, apesar de ele ter sido um dos primeiros autores nas ciências sociais a questionar sua validade. Hall (1994 [2017]) discorda da visão de Appiah (1985; 1992) de que ele deveria ter completado o argumento antibiológico e renunciar completamente a definição de *raça*.

Enquanto Appiah (1985) não vê “verdade” na categoria *raça*, Hall (1994 [2017]) considera a *raça* como um gerador de efeitos práticos na realidade, uma categoria que organiza práticas discursivas. De acordo com Hall (1994 [2017], p. 45-46, tradução livre), “[...] devido à vontade de poder e do regime de verdade instituídos nas relações inconstantes de discurso que tais sentidos se estabelecem com nossos conceitos e ideias no campo significante”<sup>24</sup>. O discurso racial constitui-se como um dos maiores e mais persistentes sistemas classificatórios da humanidade, e são também sistemas discursivos, de representação e organização de práticas. Um dos maiores fatos da sociedade humana é a da diferença cultural (*différance*)<sup>25</sup>.

Hall adiciona à equação Foucaultiana (Poder e Saber)<sup>26</sup> a ideia de *diferença* para mostrar que o discurso sobre *raça* é capaz de produzir poder, saber e diferença. O seu argumento é que requer que entendamos a *raça* como um significante flutuante (ou deslizante) e que não seja fixo e essencialista<sup>27</sup>. Isso significa que devemos abordar os sistemas de classificação racial como

<sup>24</sup> “[...] because of the will to power and the regime of truth that are instituted in the shifting relations of discourse that such meanings establish with our concepts and ideas in the signifying field” (Hall, 1994[2017], pp. 45-46.

<sup>25</sup> Hall utiliza a noção de *différance* do pós-estruturalismo de Jacques Derrida para falar de uma diferença que difere e defere. O neologismo “différance” em francês aponta para uma diferença que só é explícita na escrita (gráfica), não na fonética.

<sup>26</sup> Foucault, M. Power/knowledge-. Selected Interviews and Other Writings 1972-1977. Organização e tradução de C. Gordon, I. Marshall, J. Mepham, K. Soper. New York: Pantheon, 1980. (Originalmente publicado em 1972).

<sup>27</sup> Por essencialismo compreendem-se os argumentos que reduzem a complexidade dos fenômenos sociais a uma única dimensão, ou essência.

operações discursivas que produzem diferentes significados se quisermos compreender o funcionamento social, histórico e político da *raça*.

A leitura de Stuart Hall sobre esse movimento de desconstrução da *raça* de Appiah (1895; 1992) é que o filósofo também teria uma volta inacabada para completar. O movimento inconcluso da eclosão da *raça* está ao deixar de explicar a tenacidade da categoria na história humana para poder rejeitá-la de vez. Se para Appiah (1985), devemos nos preocupar não com o significado da *raça*, mas sim com a “verdade” que há contida no termo. Hall (1994 [2017]), em contrapartida, prioriza uma explicação das razões de ela funcionar discursivamente, decifrando-a como um significante que opera no mundo e gera efeitos reais a partir de seus significados.

Stuart Hall faz três observações sobre como Du Bois trabalhou com a *raça*, das quais duas se destacam. Em primeiro lugar, o argumento de “Conservation” representa o que já é comum e consensual entre a grande maioria dos cientistas sociais hoje em dia, ou seja, devemos contemplar o movimento teórico-analítico de Du Bois de substituir uma definição biológica de *raça* por uma sócio-histórica e cultural na virada do século XX. Em segundo lugar, que se hoje a ciência já sabe sobre a variabilidade genética humana, tal saber não tem impedido uma intensa atividade de cientistas dedicados a provar que existe uma correlação entre características genéticas categorizadas racialmente e o desempenho cultural dos seres humanos.

Embora as explicações genéticas do comportamento social sejam constantemente denunciadas como práticas racistas, as definições genéticas, biológicas e fisiológicas do conceito de *raça* permanecem vivas e presentes no discurso de senso comum de todos nós. A pergunta que fica, portanto, é: uma vez que nos movemos para uma concepção sócio-histórica e cultural da classificação racial, o que fazer com o traço biológico (que também é histórico) que permanece no discurso racializado de hoje?

Em outra perspectiva de leitura e questionamento do modo como Du Bois trabalhou com a *raça*, Paul Taylor argumenta que a interpretação de Appiah (1985; 1992) tenta eliminar a *raça* como categoria que explica cultura. Assim como faz Hall (1994 [2017]), Taylor diz em seu artigo “Appiah’s Uncompleted Argument: W.E.B. Du Bois and the Reality of Race” (2000), que Du Bois trabalhou com a ideia de *raça* em toda a sua vida profissional. Ele refuta o posicionamento de Appiah (1895) de que haveria um argumento incompleto de Du Bois ao renunciar a *raça*, dizendo

que ele não estava interessado na história abstrata de um grupo racial, mas sim em biografias de indivíduos de carne e osso, “[...] *biografias que, quando relevantemente semelhantes o suficiente, justificam colocar na mesma categoria aqueles que as viveram*” (Taylor, 2000, p. 111, tradução livre)<sup>28</sup>.

A partir de uma perspectiva do construcionismo radical (radical constructionism), Paul Taylor considera *raça* como um fator cultural e histórico, significando que nossas práticas cotidianas criam *raças* ao conectar corpos e linhagens a certas posicionalidades e modos de tratamento (Taylor, 2004)<sup>29</sup>. As unidades que chamamos de *raça* não resultam em grupos fechados em si que compartilham intenções e uma consciência de sua relação comum com os processos de formação racial, ao invés disso, são populações definidas probabilisticamente.

O construcionismo radical argumenta que raças são fatos institucionais, envolvendo relações estatisticamente definidas entre corpos, linhagens e mecanismos de estratificação social; que eles têm tanto direito ao status de realidade quanto às notas de dólar e outros fatos institucionais; e temos boas razões para aceitar estes fatos em nossas ontologias sociais, e para aceitar as descrições de nós mesmos que um nível racial de análise social nos disponibiliza (Taylor, 2004, p. 110, tradução livre)<sup>30</sup>.

Assim como Taylor (2000; 2004), Kevin Miles, em seu texto “One Far Off Divine Event” (2003), reforça uma interpretação na filosofia de que, em “Conservation” (1897), Du Bois não estava preocupado em repensar a categoria *raça*, seja do ponto de vista da biologia ou da sociologia, mas sim em reescrever a historiografia de seu tempo. Esta interpretação ganhou força a ponto de aparecer em outro texto de 2010 de Paul Taylor, no qual o filósofo argumenta que a partir da publicação de “Conservation”, Du Bois reformulou o conceito de *raça* para mostrar que ele poderia ser tanto uma solução quanto um problema.

---

<sup>28</sup> “[...] biographies which, when relevantly similar enough, justify putting those who've lived them into the same category” (Taylor, 2000, p. 111).

<sup>29</sup> Ao se referir como um construcionista radical (radical constructionist) Paul Taylor está dizendo que raças são reais e verdadeiras, apesar de serem construídas socialmente, contrastando com a visão de Appiah que não identifica “verdade” na raça. Taylor dá o exemplo do dinheiro, criado por fatores e processos históricos contextuais e que não mantém sua validade, ou significado, ao cruzar determinadas fronteiras. O dinheiro do Brasil não tem o mesmo significado ao atravessar a fronteira dos EUA, assim como uma pessoa identificada como branca em São Paulo pode ser negra em San Francisco. Veja mais em: Taylor, P. C. *Race a Philosophical Introduction*, 2003, Polity.

<sup>30</sup> So radical constructionism argues that races are institutional facts, involving statistically defined relations among bodies, bloodlines, and mechanisms of social stratification; that they have as good a claim to the status of reality as dollar bills and other institutional facts; and that we have good reasons to accept these facts into our social ontologies, and to accept the descriptions of ourselves that a racial level of social analysis makes available to us (Taylor, 2004, p. 110).



Du Bois revalorizou o papel da contribuição negra nos EUA para rejeitar a ideia de negros(as) como um problema social e insistir em sua humanidade. Nessa perspectiva, ele foi o primeiro autor das humanidades a reformular e reconceituar *raça* e *negrura* (blackness), deslocando-as das dimensões ideológicas e discursivas dos projetos raciais pós-escravidão da supremacia branca que emolduraram sua vida (Taylor, 2000; 2010; Miles 2003).

O filósofo Lucius Outlaw (2000), em um texto chamado “W.E.B. Du Bois on the Study of Social Problems”, relaciona “Conservation” com outros textos escritos no mesmo ano e em anos posteriores. Ele argumenta que é importante ler “Conservation” levando em consideração a seguinte linha do tempo: em 5 de março de 1897 Du Bois escreveu “Conservation”; entre julho e agosto do mesmo ano ele realizou o estudo “The Negroes of Farmville”; em agosto publicou “Strivings of the Negro People”, que se tornou em 1903 o primeiro capítulo do livro “The Souls of Black Folk”; e em 19 de novembro ele escreveu “The Study of the Negro Problems”, que foi publicado somente em janeiro de 1898.

Todos esses textos compõem, para Outlaw (2000), a base e fundação do desenvolvimento de uma área de estudos e pesquisas de Du Bois nas ciências sociais, destinados à produção de verdade sobre as condições de vida da população negra nos EUA. Ler “Conservation” como um texto isolado de outros pode levar a um entendimento tendencioso de que Du Bois estava apenas interessado na mudança conceitual de *raça* da biologia para a sociologia, quando na realidade ele constituiu uma área de estudos científicos e de intervenção política na virada do século XIX. Ele desenvolveu uma forma de trabalhar com a *raça* que fundamentou e deu sustentação para seus estudos empíricos e analíticos na sociologia a partir de uma proposição de conservação das *raças* no final do século XIX.

### **2.2.2 Eixo 2 - Circularidade ou uma Cultura Política *Negra-Africana*?**

Um dos principais argumentos de Lucius Outlaw em “Conserve Races? In Defense of W.E.B. Du Bois” (1996) é que há um problema na forma de analisar e interpretar os elementos constitutivos de *raça* para Du Bois (em Conservation especificamente) de forma individual e isolada e não em conjunto (*cluster*). Para Outlaw (1996), trabalhar com *raça* como uma categoria *cluster* permite compreender melhor o trânsito da *raça* da perspectiva biológica para as ciências

sociais, assim como entender melhor o argumento de que *raça* pode referenciar características culturais comuns e compartilhadas em um grupo de indivíduos.

Outlaw (1996; 2000) opta por pensar a *raça* como um conceito *cluster* que faz referência a fatores biológicos, culturais e geográficos para pensar as características de uma população. Em consonância com o trabalho de Michael Omi e Howard Winant (1994), ele trabalha com a *raça* como uma formação (processo), não como algo “dado”, fixo, concreto e objetivo, tal como uma essência, ou ilusão que deve ser renunciada ou apagada. Para ele não se trataria de consanguinidade *per se*, mas sim de partilha de elementos nas mais diferentes áreas da vida em sociedade, na cultura, política e história.

Também respondendo ao argumento de Appiah (1985; 1992), que *raça* para Du Bois (1897) se refere a consanguinidade e circularidade, Taylor (2000, p. 114, tradução livre) diz que: “*O que pessoas da mesma raça compartilham não é uma essência comum herdada, mas uma experiência comum de certas condições criadas (sejam criadas pelos mecanismos de opressão ou em resposta a eles)*”. Já para Ronald Sundstrom (2003), o uso de Du Bois da palavra consanguinidade (common blood) em “Conservation” deve ser lida no sentido figurativo, assim seu uso não deve ser interpretado de forma literal, mas sim como uma representação de um grupo oprimido.

Sundstrom (2003) critica o que ele refere como “monismo metafísico” de Appiah (1985) e faz apelo ao uso do “pluralismo metafísico” para compreender o dinamismo da existência humana<sup>31</sup>. O “pluralismo metafísico”, o qual ele defende em seu texto “*Douglass and Du Bois’s Der Schwarze Volksgeist*” (2003), auxilia no entendimento de que as categorias que mobilizamos no dia a dia são criadas por forças sociais que colaboram na construção de nossa existência e do mundo real.

Robert Bernasconi, em “W.E.B. Du Bois’s Philosophy of History in Context” (2009), desenvolve um argumento de que Du Bois (1897) tinha em mente um uso muito específico ao trabalhar com a palavra “conservação”. O termo “conservação” tinha uma conotação no final do século XIX que fazia alusão à prevalência do Darwinismo social nas ciências humanas<sup>32</sup>, um

<sup>31</sup> O monismo metafísico é uma perspectiva filosófica cujo posicionamento acerca da existência e da realidade é de que a existência é feita a partir de uma só substância.

<sup>32</sup> Darwinismo social é a aplicação das teorias naturalistas de Charles Darwin (1809-1882) para as ciências humanas, pressupondo uma hierarquia e nivelamento das sociedades humanas em que umas seriam superiores às outras. Dentre

contexto em que muitos Darwinistas sociais levantavam questões a respeito da *sobrevivência* da população negra na América do Norte (Bernasconi, 2009). Nessa perspectiva, “Conservation” é um texto que faz oposição aos Darwinistas sociais e à ideia de que escravizados recém-libertos nos EUA deveriam se assimilar à cultura anglo-americana para serem reconhecidos como humanos.

Diferentemente das propostas de assimilação e integração negra nos padrões normativos brancos, Du Bois (1897) estava preocupado em “conservar” a população negra como uma *raça*, um grupo social específico, em um momento em que ela estava ameaçada pelas expressões e práticas políticas e culturais de supremacia branca - e particularmente pela ciência promovida por ela - que visava extinguir os(as) negros(as) não somente dos EUA, mas de todo continente americano<sup>33</sup>.

Isso não significa que ele pretendia conservar a linguagem da *raça* do século XIX, mas sim preservar um determinado grupo de práticas segregatórias e de exclusão. Bernasconi (2009) argumenta que “[...] quando ele [Du Bois] usou o termo conservar no corpo principal do ensaio, fez referência não apenas às capacidades físicas, mas também aos dotes intelectuais e aos ideais espirituais. Conservar uma raça era não dissociar os três elementos presentes, isto é, conservá-los em termos analíticos” (p. 522-523, tradução livre)<sup>34</sup>.

Assim como Outlaw (1996; 2000) e Hall (1994[2017]), Bernasconi (2009) interpreta a forma que Du Bois trabalhou com a *raça* de maneira múltipla, concebendo seu significado, que transita da (desliza da) biologia (ciências da natureza) para a cultura (ciências sociais), mas sempre visualizando suas implicações políticas, culturais e históricas. Importante para estes autores é compreender que Du Bois se posicionou de forma contrária ao purismo racial que era promovido pela supremacia branca e respaldada pelas ciências sociais da época - como, por exemplo, os trabalhos de Joseph Arthur de Gobineau, que defendia que a pureza racial era um dos principais exercícios de poder da história.

---

os autores que fizeram essa transposição direta do trabalho de Darwin para as ciências humanas destaca-se o antropólogo Edward Burnett Tylor (1832-1912), por exemplo.

<sup>33</sup> Veja-se, por exemplo, as teses de João Batista de Lacerda no Brasil.

<sup>34</sup> “[...] when he used the term conserve in the main body of the essay, he referenced not only physical powers but also intellectual endowments and spiritual ideals. To conserve a race was to conserve all three together” (Bernasconi, 2009, p. 522-523).

Nesse cenário de supremacia branca e segregação racial institucionalizada, a *raça* poderia ser minimizada ou enfatizada. Du Bois optou por enfatizá-la, porque até que cumprissem sua missão como *raça*, os(as) negros(as) seriam questionados em sua humanidade e em suas possibilidades de autoinscrição na história. Ele propôs a “conservação” das *raças* do ponto de vista das ideias, costumes e valores humanos que deveriam ser enfatizados, como a música, a produção artística, literatura e a espiritualidade. Ele escreveu “Conservation” para dar esperança aos negros(as) em um momento em que os cientistas questionavam seu futuro baseados em hipóteses e suspeitas sobre sua capacidade de sobreviver à luta pela existência em um mundo branco.

Chike Jeffers, em “The Cultural Theory of Race” (2013), reflete sobre a ambiguidade entre política e cultura nos modos que Du Bois trabalhou com a categoria *raça*, o que implica em situá-la como uma construção social. Para Jeffers (2013), apesar de haver alguns problemas na forma de Du Bois aproximar *raça* de cultura em “Conservation”, o texto é instrutivo e contém informações valiosas sobre a natureza do racismo nos EUA pós-abolição e, principalmente, nos ajuda a enfrentar a seguinte questão: pode e deve haver *raça* após o declínio da ideologia racista?

Contra um foco estritamente político, Jeffers (2013) argumenta que ler e trabalhar com Du Bois exige um exercício de também prestar atenção à dimensão cultural da *raça*. O autor confronta as leituras e interpretações puramente políticas e culturalistas de “Conservation” que implicam em uma redução da ideia de *raça* no pensamento Duboisiano.

Jeffers (2013) faz uma leitura diferente de Lucius Outlaw que interpreta as *raças* em Du Bois como criações da interação complexa de fatores biológicos e sociais que informam o *cluster* conceitual. Ele também difere de Taylor (2000; 2004) que compreende a primazia das condições sociais e históricas na formação da *raça*. Para Jeffers (2013), a falha destes autores está na falsa necessidade em se ter que optar por uma concepção biológica ou sócio-histórica de *raça*, como se Du Bois estivesse comprometido com uma ou outra. O que está no interior da leitura sócio-histórica da *raça* em “Conservation” é uma tensão entre duas perspectivas, uma política e outra cultural (Jeffers, 2013).

Ao dizer que a realidade da *raça* é social e não biológica, Du Bois (1897) apresenta uma teoria cultural que não vê as características culturais das *raças* como sua herança biológica direta

ou como o subproduto essencial de uma determinada situação política que cria as *raças* em primeiro lugar, ou seja, como um elemento dado na natureza *à priori*.

A perspectiva culturalista defendida por Jeffers (2013) se propaga inclusive na sua interpretação da ideia de “progresso” no pensamento de Du Bois, pois, segundo o autor, “[...] *progresso tem sido o crescimento da humanidade na heterogeneidade cultural [...]. O que Du Bois está tensionando é o significado da diferença e sua relação com as formas de unidade*” (Jeffers, 2013, p. 418, tradução livre)<sup>35</sup>.

Para ler e trabalhar com Du Bois não podemos perder de vista sua crítica ao Eurocentrismo, à medida que para ele o destino da população negra nos EUA não deveria ser uma imitação subserviente da cultura anglo-saxônica, mas uma originalidade que segue os ideais e valores de liberdade da população negra e sua relação com o continente africano. Nessa perspectiva, *raça* é interpretada como um fenômeno cultural (Jeffers, 2013).

Podemos ler o uso de Du Bois da categoria *raça* como um apelo teórico para formação do que Paul Gilroy (1993) classificou como uma “cultura política *negra*” em seu celebrado livro “The Black Atlantic”, que é uma contracultura expressiva analisada por ele como um conjunto de elementos discursivos que refuta o discurso moderno e a separação ocidental entre ética e estética; e cultura e política<sup>36</sup>.

A teoria política da *raça* captura bem os impactos que a categoria desempenha em nossas vidas - especialmente de pessoas identificadas como negras -, pois a *raça* possibilitou situar as pessoas em posições de relativo privilégio e desvantagem. Entretanto, quando falamos sobre a formação de nossas vidas pelos processos de socialização de modos particulares de vida, ou modos de existência, e quando identificamos os modos de existência com identidades raciais, estamos nos

<sup>35</sup> “[...] progress has been humanity’s growth in cultural heterogeneity [...]. What Du Bois is grappling with here is the meaning of difference and its relationship with forms of unity” (Jeffers, 2013, p. 418).

<sup>36</sup> Em “The Black Atlantic” Paul Gilroy (1993) realiza um diálogo, especialmente, com a tradição de pensamento alemão (passando por Hegel, Marx e Engels, Hannah Arendt até a teoria crítica de Habermas) para argumentar que o modelo que ele desenvolve a partir do Atlântico Negro e do tropo do navio exemplifica uma tradição de pensamento filosófico *sui generis* cujo projeto é a mudança do status político de escravizados para cidadãos. Segundo Gilroy (1993, p. 39, tradução livre) “O seu progresso do status de escravos para o status de cidadãos levou-os a investigar quais poderiam ser as melhores formas possíveis de existência social e política.” (Their progress from the status of slaves to the status of citizens led them to enquire into what the best possible forms of social and political existence might be). Esse argumento é central na definição da teoria da ação social de Du Bois que será apresentada nesta tese.

referindo à teoria cultural da *raça*, principalmente quando estes modos de existência interferem no modo como pensamos e agimos.

Respondendo à pergunta que inicia o texto de Jeffers (2013), se é ou não possível pensar na existência de *raças* mesmo após o fim da ideologia racista, pode-se dizer que provavelmente haverá persistências em compreender a *raça* como uma construção cultural, mesmo após o fim incerto do racismo. Portanto, manter um posicionamento favorável à cultura negra (seja lá o que ela for em termos empíricos) pode ser uma posição Duboisiana, ao passo que ele foi o primeiro intelectual a desenvolver uma teoria cultural da *raça*.

Em um mundo hipoteticamente pós-racista, os grupos culturais ainda estariam conectados às *raças* por “linhas de descendência”. Portanto, para Jeffers (2013), estaríamos chamando erroneamente de *raças* o que poderíamos chamar de “linhas de descendência”. Isso remete à discussão que está no livro “Lines of Descent: W.E.B Du Bois and the Emergency of Identity”, de Appiah (2014), em que os conceitos de “linhas de descendência” e “identidade” são trabalhados extensivamente pelo filósofo a partir da vida e obra de Du Bois.

Appiah (2014) destaca três momentos analíticos dos encontros de Du Bois com o continente africano. Para o filósofo, o encontro entre África e a experiência negra do continente americano foi importante para Du Bois na produção de identidade e de uma “cultura política *negra*” durante todo o século XX. O primeiro momento foi em 1906, com o início da relação entre Du Bois e o antropólogo Franz Boas; o segundo em 1915 com a publicação do livro “The Negro”; e o terceiro em 1930, com a publicação de dois livros, “Africa, Its Geography, People and Products” e “Africa, Its Place in Modern History”.

A partir desses 3 momentos, ele desvendou as falsas compreensões e representações que as ciências sociais de sua época tinham do continente africano e de seu povo, assim como de seus descendentes. Para Appiah (2014), estes momentos analíticos do encontro de Du Bois com a África serviram para complexificar, em vez de simplificar, os significados que ele atribuiu para os significantes “negro” e “africano”. A aproximação com o continente africano o ajudou a qualificar a ideia de “cultura política *negra*” que podemos extrair da forma que ele trabalhou com a categoria *raça*.

Sobre o primeiro momento, em 1906, enquanto professor da Universidade de Atlanta, ele promoveu um dos encontros anuais das Atlanta Conferences e o antropólogo Franz Boas fez o discurso de abertura (commencement address) falando da importância das civilizações africanas e sua relação. Para Boas, o conhecimento de negros(as) americanos(as) da existência das antigas civilizações africanas poderia produzir uma nova subjetividade, trazendo orgulho e um senso de pertencimento.

Em sua fala, Boas desmentiu argumentos do racismo científico para uma plateia majoritária de estudantes negros(as), dizendo que não havia razões para existir uma inferioridade de negros(as) em relação a brancos, e que havia fatos que comprovavam que as técnicas de manipulação do ferro, agricultura e pecuária tinham ocorrido na África antes da Europa. Foi um momento importante para Du Bois que lembrou o momento em seu livro “Black Folk Then and Now” (1939).

Poucos hoje estão interessados na história do Negro porque sentem que a questão já está resolvida: o Negro não tem história.

Esta afirmação não parece razoável nem provável. Lembro-me do meu despertar bastante repentino da paralisia que esse julgamento me ensinou no ensino médio e em duas das maiores universidades do mundo. Franz Boas veio para a Universidade de Atlanta, onde eu lecionava história, em 1906, e disse a uma turma de formandos: não precisam de ter vergonha do seu passado africano; e então ele contou a história dos reinos negros ao sul do Saara durante mil anos. Fiquei surpreso demais para falar. Eu nunca tinha ouvido falar de tudo isso e percebi então como o silêncio e a negligência da ciência podem fazer com que a verdade desapareça completamente ou mesmo seja inconscientemente distorcida (Du Bois, 1939, p. xxxi, tradução livre)<sup>37</sup>.

Du Bois continuou essa agenda de pesquisas, que se iniciou de seu encontro com Boas em 1906, e em 1915 ele publicou “The Negro”, que é uma monografia intensiva em história e ciências sociais cujo objetivo é explorar pontos que as ciências sociais haviam deixado de lado, como a contribuição histórica, política e cultural do continente africano para a humanidade. “The Negro” (1915) foi um dos seus primeiros trabalhos que apresentou uma história sucinta de africanos e seus descendentes articulados transnacionalmente. Cada um dos 12 capítulos apresenta um estudo

---

<sup>37</sup> Few today are interested in Negro history because they feel the matter already settled: the Negro has no history. This dictum seems neither reasonable nor probable. I remember my own rather sudden awakening from the paralysis of this judgment taught me in high school and in two of the world's great universities. Franz Boas came to Atlanta University where I was teaching history in 1906 and said to a graduating class: You need not be ashamed of your African past; and then he recounted the history of the black kingdoms south of the Sahara for a thousand years. I was too astonished to speak. All of this I had never heard and I came then and afterwards to realize how the silence and neglect of science can let truth utterly disappear or even be unconsciously distorted (Du Bois, 1939, p. xxxi).

regional da África e das Américas, destacando as contribuições culturais e as conquistas históricas, em conjunto com os desafios enfrentados pelos habitantes *negros(as)* dessas regiões.

Ele expõe na introdução do livro que seus objetivos eram de discutir assuntos que articulavam seu desejo pessoal e a necessidade de apresentar evidências e provas científicas sobre a importância do continente africano, Du Bois (1915, p. vi, tradução livre) diz que o livro apresenta “[...] *principalmente conclusões e generalizações, com apenas escassas indicações de autoridades e argumentos subjacentes. Possivelmente, se o público quiser, um livro posterior e maior poderá ser mais satisfatório nestes pontos*”<sup>38</sup>. Isso leva a entender que a continuidade destes estudos e pesquisas ocorreu nos livros “Africa, Its Geography, People and Products” e “Africa, Its Place in Modern History”, ambos publicados em 1930 e discutem o continente africano em sua diversidade regional e cultural de maneira mais específica.

De acordo com Appiah (2014), a divisão, dominação e exploração da África entraram no pensamento de Du Bois gradualmente (não instantaneamente) como parte da sua compreensão doméstica (ou nacional) da categoria *raça*. Houve, com isso, uma expansão da noção do que significa ser negro e do conceito de linha de cor a partir de 1900. Ele formulou gradualmente as ideias de “comunidade de memória” e “linhagem de descendência”, em que unidade política e herança cultural passaram a ser transraciais e transnacionais, e não mais partes de um espírito racial, mas sim originárias de uma genealogia que passa pela experiência da opressão e da luta por liberdade.

A *raça*, ou o *negro*, nessa perspectiva, passa a ser apenas um “conceito americano” que não tem relações diretas com África, a não ser se for de maneira inventiva e criativa. O argumento de Appiah (2014) é que Du Bois gradativamente vai abandonando o conceito de *raça*, desmaterializando e desreificando-o e se encaminhando para uma perspectiva cosmopolita. A partir de uma extensa pesquisa documental nos arquivos em Gana, Alemanha e nos EUA, Appiah (2014) revê e se resigna das críticas feitas à Du Bois no artigo “The Uncompleted Argument” (1985).

---

<sup>38</sup> Manifestly so short a story must be mainly conclusions and generalizations with but meager indication of authorities and underlying arguments. Possibly, if the Public will, a later and larger book may be more satisfactory on these points (Du Bois, 1915, p. vi).



É importante ler e interpretar a *raça* no pensamento de Du Bois como uma categoria que agrupa diversos significados, pois sua filosofia da *raça* articula dimensões da cultura e política e trata da conservação dos modos de existência, identificando-os enquanto identidades raciais. O significante *raça* pode até estar explicitamente em diálogo com a biologia, mas também e principalmente, com a sociologia e história.

As diferenças de ordem anímica (ou da alma) têm causas históricas, culturais e sociais, como a lei e a religião, por exemplo, que não são redutíveis a diferenças biológicas. A filosofia da *raça* de Du Bois, desde a publicação de “Conservation”, conseguiu caracterizar tais causas e suas consequências, assim como formular estratégias do ponto de vista da “cultura política *negra*” para agir independentemente dos fatos racializantes de viés biológico. Nesse sentido, é ilustrativa uma passagem de Gooding-Williams (1996) que diz que o uso da concepção biológica de *raça* do século XIX por Du Bois é tácita.

Appiah está certo, então, ao manter que Du Bois, na definição de 'raça' que ele usa tacitamente em “The Conservation of Races”, falha em transcender a perspectiva da ciência racial do século XIX; ele está errado, entretanto, ao sugerir que Du Bois, neste mesmo texto, não repudiou abertamente a pretensão das ciências raciais de explicar as diferenças espirituais e culturais entre as raças (Gooding-Williams, 1996, p. 50, tradução livre)<sup>39</sup>.

Não há propriamente um problema de “circularidade” da história em “Conservation” quando Du Bois (1897) atribui um sentido histórico e cultural à categoria *raça*. O que há, na realidade, é uma articulação entre cultura e política que é a base de um discurso filosófico e de uma prática política que se organiza em torno das implicações da *raça* no mundo real. A “circularidade”, ou repetição de atributos culturais e históricos que constituem o grupo racial *negro* diz respeito ao conjunto de experiências do período pós-abolição e da formação dos Estados Nacionais modernos que significavam e davam sentido ao que era ser negro(a) na alvorada do século XX.

O argumento da “circularidade” da história pode ser substituído pelo da formação de uma tradição de pensamento e prática política voltada ao exercício da liberdade que surge de uma experiência particular classificada como *negra*, ou atribuída ao grupo *negro* e africano em

<sup>39</sup> Appiah is right, then, to maintain that Du Bois, in the definition of ‘race’ he actually but tacitly uses in “The Conservation of Races,” fails to transcend the perspective of nineteenth-century racial science; he is wrong, however, to suggest that Du Bois, in this same essay, has not overtly repudiated the claim of the racial sciences to explain the spiritual and cultural differences between the races (Gooding-Williams, 1996, p. 50).

articulação<sup>40</sup>. O objetivo de conservar as *raças* de Du Bois (1897) pode ser compreendido como um projeto de desenvolvimento de uma “cultura política *negra*”, ou uma “linhagem de descendência” que leva negros e africanos a apurarem e proporem projetos de vida em um mundo organizado pela ideologia do racismo.

### 2.2.3 Eixo 3 - Racialismo Clássico ou Efeitos da *Dupla Consciência*?

Enquanto a questão principal para Appiah, até a publicação de “Lines of Descent” (2014), era a dimensão referencial da linguagem e do modelo em que o verdadeiro significado depende da correspondência direta entre as palavras e as coisas, a ênfase de Stuart Hall ao interpretar a filosofia da *raça* de Du Bois em “The Fateful Triangle” está no significante.

Hall (1994 [2017]) desenvolve uma forma de se interpretar e trabalhar com a *raça* a partir da filosofia da linguagem de Ferdinand de Saussure e sua diferenciação entre grafema e fonema; *langue* e *parole*; e significado e significante, que se relacionam na base das convenções sociais, estas que os falantes, ouvintes e leitores compactuam e compartilham ao mobilizar os signos da linguagem. Nesta perspectiva, antes que o signo seja fixado ocorrem diversos movimentos precedentes na cadeia de significados, pois é somente depois que os signos são acordados por convenções (ou disputas por hegemonia, em termos Gramscianos) que eles adquirem significados.

Já Paul Taylor (2000; 2004; 2016), opta por ler e interpretar Du Bois em diálogo com o pragmatismo de John Dewey (1859-1952), que foi professor de Du Bois em Harvard. Existe uma diferença entre a análise pragmática de Taylor, que foca nas consequências de se viver em uma sociedade em que *raça* se manifestava nas condições de vida das pessoas e como isso influenciou Du Bois, e a metafísica de Appiah (1985), com sua abordagem de resguardar a cultura de ser explicada pelo conceito de *raça* - a qual Taylor (2000) chama de “eliminativista”.

Em “Black Is Beautiful: A Philosophy of Black Aesthetics” (2016), Taylor reafirma sua interpretação da filosofia da *raça* de Du Bois a partir de duas dimensões que ele chama de

---

<sup>40</sup> “Articulação” é o recurso teórico metodológico de Stuart Hall que permite a conexão e ligação entre diferentes práticas, de modo que a articulação não signifique que as práticas se tornem idênticas ou que uma se dissolva no interior da outra. Quando uma articulação é feita, duas práticas (ou experiências) podem funcionar juntas, não como uma identidade imediata, mas sim como diferenças que operam dentro de uma unidade articulada. Este é o caso da articulação entre os significantes “negro” e “africano” realizada por Du Bois que opera à luz da diáspora.

“sinedótica” e “artefatual” (synectical e artifactual). Elas destacam o mecanismo semântico-relacional central da *raça* no processo de racialização. Portanto, assim como Hall (1994 [2017]), Taylor (2000; 2004; 2016) aponta para a importância de compreender que a *raça* depende de uma gramática e um contexto que a invocam para a realidade e seus artefatos. *A raça* tem seu enraizamento nos processos humanos de atividade criativa e nos obriga a prestar atenção na historicidade e no dinamismo dos fenômenos sociais.

Kevin Miles (2003), por sua vez, prioriza uma aproximação teórica entre Hegel e Du Bois, argumentando que “*a noção de história em ‘The Conservation of Races’ é teleológica e é mais bem entendida em termos de uma economia semelhante à noção de ‘história do mundo’ que se encontra em Hegel*” (Miles, 2003, p. 21, tradução livre)<sup>41</sup>. Nessa interpretação, Du Bois se assemelha a Hegel compartilhando da visão de que a história seria um vetor que se projeta para o futuro.

Entretanto, Du Bois (1897) usa em “Conservation” o vetor da história como estratégia para confrontar e superar as versões tradicionais da supremacia branca americana. A noção de história em “Conservation” é revisionista não em razão de Du Bois estar dizendo algo sobre o passado empírico da população negra dos EUA que ainda não tivesse sido dito, mas porque ele estava trabalhando com uma perspectiva de história que dialoga com o pensamento de Hegel e outros autores da tradição hegemônica das ciências sociais, especialmente com a filosofia da história (Miles, 2003).

Hegel e Du Bois trabalham com a noção de história como o desenvolvimento progressivo da humanidade em direção a um melhor autoentendimento. De acordo com Miles (2003), Du Bois compartilhou, em certa medida, do pensamento teleológico do Espírito (Spirit/Geist) da filosofia alemã. Nesse sentido, a história universal se relaciona com o Espírito, que se relaciona com a produção de nós mesmos (self). A tese de “Conservation”, para Miles (2003), é que a identidade *negra* está em aberto e em disputa, logo, a identidade não pode ser fixada nem ser um fato dado da natureza. Em um diálogo com a teologia, Miles (2003) diz que para Du Bois a identidade *negra* só ganharia confirmação no “eschaton”<sup>42</sup>, isto é, deve ser formada pelo futuro, pois a identidade não é um dado pré-determinado.

<sup>41</sup> “The notion of history in ‘The Conservation of Races’ is teleological and is best understood in terms of an economy akin to the notion of ‘world history’ that finds in Hegel” (Miles, 2003, p. 21).

<sup>42</sup> A era final e a consumação da história humana.

A aproximação que Miles (2013) faz entre Du Bois e Hegel remete à discussão que está em “The Black Atlantic” e “Lines of Descent”, em que Gilroy (1993) e Appiah (2014) descrevem Du Bois a partir das tradições intelectuais que o formaram e argumentam que em boa parte de sua vida ele se relacionou com as tradições de pensamento que assumiram que o continente africano não tinha história, em especial a filosofia da história de Hegel.

Ronald Sundstrom (2003) considera importante traçar paralelos analíticos entre Du Bois e seu antecessor na luta por direitos civis da população negra nos EUA, o abolicionista Frederick Douglass. O diálogo entre os dois é central para contradizer o argumento de que Du Bois seria apenas uma versão *negra* do pragmatismo e do pensamento liberal europeu e/ou americano. Um ponto de articulação entre Du Bois e Douglass, escolhido por Sundstrom (2003), são as referências ao cristianismo em seus escritos.

Sundstrom (2003) ressalta que a perspectiva assimilacionista de Douglass não foi acompanhada por Du Bois, pois este último estaria mais alinhado com o pensamento da primeira geração do Pan-Africanismo de Crummell e Delany. Outro ponto de diálogo entre Du Bois e Douglass é que eles trabalharam com uma perspectiva de história que está associada ao progresso e à civilização. Nesse sentido, também é visível uma semelhança entre Du Bois, Douglass e Hegel neste último aspecto a respeito da história.

Robert Bernasconi (2009), por sua vez, associa Du Bois com a primeira geração de pensadores do Pan-Africanismo, especialmente com Alexander Crummell. Ao passo que Crummell falava em “preservação das *raças*”, Du Bois falava de “conservação das *raças*”, de modo que podemos identificar uma tradução das ideias de Crummell para a linguagem da filosofia da história do pensamento alemão. Este ato de tradução intencional de Du Bois em “Conservation” foi uma resposta ao fascínio dos cientistas de sua época pela aplicação da “lei da conservação das forças” da física e das ciências naturais ao campo da filosofia da história e das ciências humanas.

Paul Taylor, em “What’s the Use of Calling Du Bois a Pragmatist?” (2004), reforça sua interpretação da filosofia da *raça* Duboisiana, enfatizando a sua relação com o pragmatismo de Dewey. Taylor (2004) classifica analiticamente Du Bois da seguinte forma: um panafricanista; socialista (pelo menos em um período de sua vida); cosmopolita; elitista victoriano; idealista filosófico (devido aos diálogos com Platão, Kant e Hegel); e, principalmente, pragmatista. O

exercício classificatório o ajuda a situar o pensamento de Du Bois como multifacetado que tem muitas referências em si, entretanto, a principal referência de Taylor (2004) para ler Du Bois é o pragmatismo, pois, segundo ele, isso resolveria, minimamente, parte dos problemas exegéticos.

Ler Du Bois pragmaticamente, portanto, é duplamente esclarecedor. Revela aspectos tanto de Du Bois quanto do pragmatismo que, de outra maneira, poderíamos perder. Seja qual for o seu valor intrínseco, essa dupla revelação é intrinsecamente valiosa, porque pode nos ajudar a nos devolver alguns recursos importantes - ou, talvez, melhores instrumentos - para lidar com os problemas sociais atuais (Taylor, 2004, p. 100, tradução livre)<sup>43</sup>.

Além disso, interpretar Du Bois por meio do pragmatismo significa vê-lo como um “melhorista”, ou seja, um pensador que não é pessimista em relação à história, nem otimista, pois os seus escritos refletem uma vontade de melhorar e desenvolver as noções de democracia e liberdade nos EUA (Taylor, 2004). A democracia aqui não é compreendida apenas como um arranjo político externo, mas como uma forma de vida em que cultura, política, educação e personalidade se justapõem e se reforçam mutuamente; já a noção de liberdade significa um futuro em aberto, em que existe a valorização de experiências múltiplas e onde o indivíduo pode buscar seu autodesenvolvimento e se autoinscrever na história da humanidade como indivíduo e como parte de um grupo.

Mais importante que as referências implícitas a Hegel, Herder, Douglass, Crummell e Dewey é a objeção de Du Bois ao Darwinismo social e sua tentativa de mobilizar um argumento para além do que já tinha sido dito por intelectuais negros(as) anteriores a ele - como Douglass, Blyden e Crummell - na forma de uma resposta aos novos desafios políticos que se mostravam latentes para ele. Conservar a *raça* não significa preservar ou promover a pureza racial, como era para a maioria dos brancos e até alguns(as) negros(as) do final do século XIX<sup>44</sup> (e até mesmo do momento contemporâneo), mas sim desenvolver um sentido de esperança para o futuro, enquanto a população negra enfrentava o dilema existencial provocado por sua contínua opressão dentro de seu próprio país.

---

<sup>43</sup> “Reading Du Bois pragmatically, then, is doubly illuminating. It reveals aspects both of Du Bois and of pragmatism that we might otherwise miss. Whatever its intrinsic worth, this double revelation is extrinsically valuable because it may help restore to us some important resources—or, perhaps better, instruments—for dealing with current social problems” (Taylor, 2004, p. 100).

<sup>44</sup> A crítica de Appiah (1992) ao modelo “raciológico” do início do século XIX reside justamente no que Paul Taylor (2016) classifica como “racialismo clássico” e que se constituiu como a base do pensamento Pan-Africano da primeira geração expressa por Martin Delany, Edward Blyden e Alexander Crummell.

O racismo clássico foi uma ideologia que certamente informou os modos que Du Bois trabalhou com a *raça* em “Conservation”, pois ele estava em diálogo com o pensamento filosófico liberal e europeu e com a primeira geração de pensadores Pan-Africanos. Esta última que se expressou particularmente dentre pensadores norte-americanos e caribenhos negros(as) que forjaram uma ligação imediata entre *raça* e uma invenção de África, devido aos processos de rejeição vividos no interior dos Estados Nacionais por cidadãos negros(as) que não gozavam de direitos civis.

Isto faz lembrar que Bernasconi (2009) contextualiza historicamente a publicação de “Conservation”, argumentando que o texto foi produzido em um momento em que Du Bois tinha no horizonte a reunião inaugural da American Negro Academy, realizada em 5 de março de 1897, menos de um ano depois que a Suprema Corte dos EUA proferiu sua decisão no caso *Plessy v. Ferguson*, favorecendo um regime de segregação racial fundamentado no princípio filosófico de que negros(as) e brancos(as) eram “iguais, mas separados(as)”. O mesmo princípio de igualdade que conduziu a revolução francesa para a formação de uma sociedade de classes na França conduziu a sociedade americana para a segregação juridicamente institucionalizada pelo sistema Jim Crow.

Bernasconi (2009) diz que uma informação que geralmente passa despercebida na leitura e interpretação de “Conservation” é que quando Du Bois foi convidado a apresentar o texto para a ANA, ele ficou responsável por apresentá-lo em um tópico intitulado “The Duty of Cherishing and Fostering the Intellect of the Race”. O que estava em perspectiva era o *dever* de desenvolver e promover o intelecto da comunidade negra nos EUA do final do século XIX, um dos principais objetivos da ANA.

Du Bois realizou diálogos com diferentes tradições de pensamento filosófico e político para trabalhar com a *raça*, o que caracteriza seu pensamento como fronteira ou de encruzilhada. Não é coincidência que o subtítulo de “The Black Atlantic”, de Paul Gilroy (1993), seja modernidade e dupla-consciência (modernity and double-consciousness), fazendo menção ao conceito sociológico “dupla consciência”, que Du Bois desenvolve em “The Souls” para descrever a sensação e o duplo valor de ser *negro* e ser *americano*, ou de querer fazer parte da nação, mas ser rejeitado. O modelo do Atlântico Negro, desenvolvido por Gilroy (1993), deriva da posição e experiência dos negros no Ocidente descrita pela dupla consciência.

A história comum que define os fundamentos de uma “cultura política” específica do grupo *negro* e africano, para Du Bois, é uma questão de experiência, individual e coletiva, sob as condições da cultura política moderna em que a *raça* passa a dar significado e sentido para a vida e o bem-estar das pessoas. Os componentes do racismo clássico presentes na filosofia da *raça* Duboisiana podem ser compreendidos duplamente como um diálogo com autores do pensamento alemão e liberal dos EUA, e como uma resposta crítica a eles traduzida pela dupla consciência. É na ambiguidade de ora desmontar e formular uma “lei do desenvolvimento da *raça*” e ora se sentir um negro e um americano que pode ser pertinente e apropriado analisar e compreender como Du Bois trabalhou com a categoria *raça*.

### 2.3 Encaminhamentos “sob rasuras”

A partir dessa discussão sobre as formas que Du Bois trabalhou com a *raça* e dos três eixos que sugerem uma sistematização e organização do debate, uma possível conclusão é que Du Bois, em “Conservation”, inaugurou uma perspectiva inovadora sobre a natureza e realidade do conceito de *raça*. Du Bois criou um sistema de ideias a partir de sua filosofia da *raça* que se estendeu para a sua teoria social. Ele mobilizou a categoria como um veículo que informa uma tradição de “cultura política *negra*” e que traduz a linguagem raciológica do discurso moderno em um dos componentes de prática política contracultural da modernidade.

O momento em que ele escreveu e produziu sua obra foi durante o neocolonialismo e o Jim Crow, entre os séculos XIX e XX, e inequivocamente os processos de diferenciação cultural e a *raça* sempre estiveram presentes em seus trabalhos, compondo o escopo conceitual e analítico de seu sistema de ideias e de sua teoria social a partir de conceitos como a “linha de cor” e a “dupla consciência”, por exemplo. Todos os autores mobilizados até aqui contribuíram para o entendimento de que Du Bois trabalhou com uma perspectiva de *raça*, que leva em conta o critério sócio-histórico, cultural e político do conceito, criando uma tensão com as perspectivas biologizantes.

A *raça* permanece como um conceito *sob rasura* no pensamento de Du Bois, mesmo que haja um traço ativo da biologia (Hall, 1994 [2017]). Há uma tensão na tentativa de conceituar *raça*, que envolve as perspectivas biologizantes, sócio-históricas e culturais da categoria, indicando que

o que está garantido hoje em termos de acordos ou consensos, pode não estar mais garantido amanhã.

O professor de Harvard e crítico literário Henry Louis Gates Jr., já havia descrito em “The Signifying Monkey: A Theory of Afro-American Literary Criticism” (1988) que o “significante” é um importante componente de análise e interpretação de textos de diferentes gêneros literários afro-americanos. Gates Jr. (1988) incorpora os conceitos linguísticos, “significante” e “significado”, e elabora outro conceito homônimo, o “significante” (*signifyin(g)*), para dizer que a cultura vernacular afro-americana celebra muito mais a linguagem figurativa e a ambiguidade, em vez das interpretações literais e significados delimitados.

O uso de um conceito do vernáculo afro-americano, o *signifyin(g)*<sup>45</sup>, permite a Gates Jr. (1988) abranger diversas práticas discursivas negras-africanas, cujo, o ato de significar é uma revisão e crítica da concepção estruturalista do signo. A partir de dois mitos de origem das narrativas da diáspora africana, Exú Elegbara e o Macaco (The Signifying Monkey) o crítico literário identifica uma tradição vernácula negra que se constitui na encruzilhada do contato cultural e da consequente diferença que a África encontra nas Américas.<sup>46</sup>

Os escritores negros, assim como os críticos da literatura negra, aprendem a escrever lendo literatura, especialmente os textos canônicos da tradição ocidental. Consequentemente, os textos negros se assemelham a outros textos ocidentais. Esses textos negros empregam muitas das convenções de alfabetização que compõem a tradição ocidental. **A literatura negra partilha muito, muito mais do que difere, da tradição textual ocidental,**

<sup>45</sup> “Signifying” é uma prática da cultura afro-americana que se refere a uma estratégia verbal que explora a lacuna entre os significados denotativos e figurativos das palavras. Um exemplo prático seria insultar alguém para demonstrar afeto. O “Signifying” revela o significado conotativo e contextual das palavras que é acessível apenas àqueles que compartilham os valores culturais de uma determinada comunidade de fala. A expressão vem de histórias sobre o *trickster* uma figura malandra que se diz ter se originado durante a escravidão nos Estados Unidos. De acordo com Henry Louis Gates Jr. (1988) o “Signifyin(g)” é “um tropo, no qual estão incluídos vários outros tropos retóricos, incluindo metáfora, metonímia, sinédoque e ironia (os tropos mestres), e também hipérbole, litotes e metalepse. A esta lista poderíamos facilmente adicionar aporia, quiasma e catacrese, todos usados no ritual de Signifyin(g). (“a trope, in which are subsumed several other rhetorical tropes, including metaphor, metonymy, synecdoche, and irony (the master tropes), and also hyperbole, litotes, and metalepsis. To this list we could easily add aporia, chiasmus, and catachresis, all of which are used in the ritual of Signifyin(g))”.

<sup>46</sup> Henry Louis Gates Jr. (1988) compreende o vernáculo como um “discurso nativo”, próprio de africanos(as) e negros(as) americanos(as) e caribenhos(as). Já Exú e o macaco significam para o crítico literário *tropos*, figuras de linguagem, que realizam em seus respectivos mitos a função de mediar discursos, levar informação, interpretando e traduzindo as mensagens. Portanto, são caracterizados como “*tricksters*”, que pode ser traduzido como “malandros” identificados pelo autor como as origens do vernáculo literário afro-americano, o recurso retórico e discursivo - como o uso do discurso livre indireto, figuras de linguagem, traduções, repetições e mudanças de sentido da palavra, por exemplo - utilizado por autores(as) da diáspora africana, como Ralph Ellison, Ishmael Reed, Richard Wright, Zora Neale Hurston e Wole Soyinka, que compõem uma tradição literária negra-africana.



principalmente conforme registrada em inglês, espanhol, português e francês. **Mas a repetição formal negra sempre se repete com uma diferença, uma diferença negra que se manifesta no uso específico da linguagem.** E o repositório que contém a língua que é a fonte – e o reflexo da diferença negra – é a tradição vernácula negra (Gates Jr., 1988, p. xxii, tradução livre, grifo nosso)<sup>47</sup>.

O ato de significar nesta tradição literária não busca a denotação dos significados das palavras e das coisas, ela substitui os significados por figuras retóricas que alteram a semântica e os significados convencionais através de trocadilhos e brincadeiras com a “significação”. O vernáculo negro-africano mantém uma relação com o conceito de *différance* de Jacques Derrida, que não diz respeito a uma ideia de diferença pura, operacionalizada por uma oposição entre unidades espelhadas, mas sim em termos de uma diferença que difere e defere.

Há de se reconhecer, portanto, o papel ativo do sujeito no processo de significar e gerar significados, que vem de uma experiência vernacular negra-africana que Du Bois foi um dos principais representantes. De acordo com Gates Jr. (1988), a tradição literária afro-americana tem antecedentes formais duplos complexos representados pelos vetores ocidental e negro, e é a partir do processo de repetição e revisão que as formas artísticas negras-africanas podem ser teorizadas.

Henry Louis Gates Jr. é um autor central nos estudos sobre Du Bois. Ele esteve e está presente em inúmeras iniciativas que revisitam a importância do autor e seu pensamento social. A título de exemplo, Henry Louis Gates Jr. foi o organizador e editor de “‘Race,’ Writing, and Difference” (1985), o livro em que Appiah publicou o texto sobre o argumento incompleto de Du Bois. Ele também é diretor do conselho editorial da “Du Bois Review: Social Science Research on Race”, uma revista acadêmica especializada que publica estudos na área de ciências sociais e análises críticas sobre a temática racial global. Criada em 2004, a revista é organizada pela Cambridge University Press em colaboração com o *W. E. B. Du Bois Institute for African and African American Research*, da Universidade de Harvard, um instituto de pesquisas que Gates Jr. também é diretor.

---

<sup>47</sup> Black writers, like critics of black literature, learn to write by reading literature, especially the canonical texts of the Western tradition. Consequently, black texts resemble other, Western texts. These black texts employ many of the conventions of literacy form that comprise the Western tradition. Black literature shares much with, far more than it differs from, the Western textual tradition, primarily as registered in English, Spanish, Portuguese, and French. But black formal repetition always repeats with a difference, a black difference that manifests itself in specific language use. And the repository that contains the language that is the source—and the reflection-of black difference is the black English vernacular tradition (Gates Jr., 1988, p. xxii).

Em 2007, ele organizou e editou a “The Oxford W.E.B. Du Bois Collection”, uma coleção composta pelas obras de Du Bois em 19 volumes, cada livro da coleção é introduzido por um breve ensaio de um(a) especialista no tema e inclui uma introdução geral de Gates Jr. ao pensamento de Du Bois. Gates Jr. também realizou o sonho de Du Bois de publicar uma enciclopédia africana. Ele editou, em conjunto com Kwame Anthony Appiah, a “Africana: The Encyclopedia of the African and African American Experience”, em 2003. Há, portanto, uma presença e influência inegável do professor Henry Louis Gates Jr. na área de estudos sobre Du Bois.

Tendo isso em vista, “The Conservation of Races” pode ser interpretado como um texto de introdução ao sistema de ideias que Du Bois criou, pois ele apresentou uma promessa teórica em “The Conservation of Races” que só conseguiu começar a satisfazer em 1903 com a publicação de “The Souls of Black Folk”. A promessa era a de mostrar uma característica distinta *negra* admitindo uma explicação racial não biológica que salienta a história e a cultura. Os ideais e tendências de pensamento que estão em “Conservation” deram forma ao desenvolvimento de “Souls”, criando uma associação temática entre os dois textos: a “mensagem” negra-africana.

As formas que Du Bois trabalhou com a *raça* ao longo de sua vida coloca em perspectiva a descoberta e a expressão desta “mensagem” negra-africana que organiza sua contribuição sociológica e marca sua distinção em relação à tradição sociológica ocidental clássica. Para ele, a contribuição histórica e cultural negra-africana deve ser mostrada para a humanidade mediante uma reiteração discursiva de uma identidade racial distinta, seja por uma tradição literária vernacular, seja via uma filosofia política que utilizam *raça* como um tropo, ou figura de linguagem, para explicar diferença cultural.

Du Bois certamente foi um dos primeiros intelectuais nas ciências sociais a compreender o papel que a *raça* desempenha nos assuntos humanos de forma *crítica*, ou seja, analítica e interpretativamente de forma rigorosa. Tanto as perspectivas que buscam eliminar a *raça* como categoria que explica cultura quanto as perspectivas que defendem o uso dela para explicar cultura, reconhecem e contemplam seu movimento de inovação em um contexto em que a *raça* era definitivamente um instrumento para excluir, menosprezar e matar determinados grupos de seres humanos.

Uma vez que o rótulo racial é aplicado às pessoas e aos seus modos de existência, as ideias sobre o processo de rotulação e suas referências podem ser menos consensuais do que a aplicação do rótulo em si. Du Bois compreendeu isso primorosamente, sabendo que a rotulação não tem apenas efeitos sociais, mas também psicológicos e culturais, pois é um processo que cria sujeitos nas relações sociais. Os processos de rotulação racial moldam as formas que as pessoas concebem a si mesmas e os seus projetos de vida. Em outras palavras, esses processos tornam indivíduos e grupos em enunciadores e produtores de ideologias.

Du Bois desenvolveu sua teoria social levando em consideração as atribuições associadas à *raça*, *nação* e *etnicidade* que operam para moldar processos de “identificação” pelo qual um indivíduo, ou grupo, é caracterizado e onde a subjetividade é forjada na modernidade. Ele percebeu que o discurso sobre *raça* sempre foi ideológico e na relação entre produção de sujeito e ideologia existe a possibilidade de indivíduos terem a inteligibilidade de suas situações históricas.

Ao passo que a *raça* foi priorizada na modernidade como um recurso para tratar as pessoas de forma diferenciada<sup>48</sup>, Du Bois a mobilizou para reconstruir o futuro da população negra e africana em articulação. A conexão entre identidade individual (*self*) e identidade coletiva (*raça*) supõe que a identidade de cada pessoa seja pensada em duas grandes dimensões. Existe uma dimensão coletiva e uma dimensão mais subjetiva, ou pessoal, e as bases de formação destas duas dimensões podem não ser as mesmas, assim como a distinção entre estes dois níveis é mais sociológico do que lógico.

No nível mais subjetivo, ou pessoal, residem as características moralmente importantes para o indivíduo, já no nível coletivo, a seu turno, existe o que podemos chamar de roteiros (*scripts*), as narrativas que as pessoas podem usar para moldar seus planos pessoais e contar suas histórias de vida e experiências próprias. Nossas identidades são, portanto, moldadas dialogicamente (Appiah, 1996).

---

<sup>48</sup> O primeiro texto em que *raça* aparece significando diferença no discurso ocidental moderno está expresso no diálogo entre Juan Ginés de Sepúlveda e Bartolomeu de Las Casas em 1550, que tentaram responder à pergunta de “Esses são homens verdadeiros? Eles pertencem à mesma espécie que nós? Ou nasceram de outra criação?” (“Are these true men? Do they belong to the same species as us? Or are they born of another creation?”) (Hall, 1994 [2014]). Aqui necessita-se dizer que o termo “men” da citação, traduzido para “homem” em português, é um termo de época que universaliza a humanidade na ideia de um homem. O termo não expressa o pensamento do contexto atual do século XXI.

Entretanto, a atribuição racial *negra*, em especial, da forma como Du Bois trabalhou em textos como “Strivings of Negro People” (1897) e “The Souls of Black Folk” (1903), relaciona-se de modo inconformado e incomodado com as dimensões coletivas e a cultura ocidental. Ele escreveu nestes textos sobre uma descrença com o mundo branco que atribui sentidos e significados que inferiorizam a identidade coletiva *negra*. É desse incômodo que surge o conceito de “dupla consciência”, que descreve a construção de uma subjetividade cindida por dois mundos, um negro e outro branco.

Se em “Conservation” ele argumentou que cada grupo tem uma “mensagem” para contribuir com a humanidade e o grupo negro, em uma perspectiva da identidade coletiva, deveria ter sua contribuição reconhecida, no capítulo “Our Spiritual Strivings” de “Souls” (1903) e em “Strivings of Negro People” (1897), Du Bois falou da “dupla consciência”, exemplificando as razões e as dificuldades na realização desse objetivo de inscrição de uma mensagem negra-africana. Os aspectos culturais e políticos de *raça* sempre estiveram presentes em seu pensamento, pois o significado de ser *negro(a)* não poderia estar esgotado e reduzido *somente* a problemas de estigmatização, discriminação, marginalização e desvantagem.

Há também alegria nas formas e expressões culturalmente distintas que ocorrem por meio de estilizações, formas de comunicação, tradições artísticas, rituais religiosos e seculares, e por quaisquer outros modos de existência cultural que articulem o significante *negro* com a África. Reconhecendo essa perspectiva, abre-se a possibilidade de realizar uma reescrita da história e dos discursos convencionais que inferiorizam negros(as) e o continente africano a um nível de infra humanidade.

Ao desvincular a *raça* da biologia, apresentando uma leitura e interpretação sócio-histórica e cultural, Du Bois também nos mostra como a própria categoria *raça* (significante), seu signo e, principalmente, os seus inúmeros significados podem ser passíveis de mudanças e transformações no futuro por meio de uma “mensagem” de autoinscrição. Compreender as formas que Du Bois trabalhou com a *raça* como um significante deslizante nos leva a entender que existe uma gramática política e cultural por trás da categoria que produz nela um efeito de sinédoque (metonímia).

Um exemplo disso pode ser expresso na passagem, que aparece em “The Souls of Black Folk” (1903); “Dusk of Dawn” (1940); e o ensaio “The Superior Race” (1923), em que Du Bois diz que o(a) negro(a) é a pessoa que tem que seguir as leis do Jim Crow no Estado da Geórgia<sup>49</sup>. Ao dizer isso, ele nos mostra que o conceito de *raça* dá significados e sentidos para determinadas práticas sociais que dão origem a certos fatos institucionais. Determinadas práticas de organização social - como o Jim Crow nos EUA, o Apartheid na África do Sul e a colonização das Américas, Caribe, África e Ásia - dão vida e significado para a categoria *raça*, conectando certos tipos de corpos e expressões culturais a modos de tratamento que definem as hierarquias presentes na vida em sociedade.

Podemos interpretar, portanto, que para Du Bois existem signos e processos históricos que dão vida ao conceito de *raça* e expressam significados que, no contexto do Jim Crow dos EUA, deveriam ser transformados por meio de outras práticas que mudassem estes significados associados à segregação compulsória, rejeição e negação de direitos. Estas outras práticas podem ser interpretadas como práticas de autoinscrição. Ter essa compreensão certamente nos leva a prestar atenção menos na categoria em si e mais nos processos que estão por trás da vivacidade da *raça*.

---

<sup>49</sup> “the black man is a person who must ride Jim Crow in Georgia” (Du Bois, 1940, p. 77).

### 3. TEORIA SOCIAL SOB O VÉU DA REJEIÇÃO

“A sociologia, deve ser óbvio, é o domínio por excelência da produção de práticas sociais” (Stones, 1998, p. 14, tradução livre)<sup>50</sup>.

“W E B Du Bois foi muito mais do que um sociólogo, uma figura grandiosa que abordou a raça como uma questão na América num palco público, mas experimentou muitas frustrações ao fazê-lo” (Bulmer, 2016, p. 1390, tradução livre)<sup>51</sup>.

#### 3.1 A Carreira de Du Bois na Sociologia: Cronologia, Contextos e Temas

A fim de descrever e analisar a teoria sociológica de Du Bois, é necessário historicizar o seu desenvolvimento relacionando o contexto com os principais conceitos, metáforas e categorias mobilizadas nas passagens dos principais textos teóricos do autor. Segundo o verbete do dicionário de sociologia de Turner (2006), a carreira de Du Bois como sociólogo pode ser dividida em duas partes - ambas estão associadas com sua presença no Sul dos EUA e o regime segregacionista do Jim Crow.

O primeiro período (1897-1910) é caracterizado por suas pesquisas e aulas sobre economia, história e método sociológico empírico, como ficou marcado em seu texto clássico, “The Philadelphia Negro” (1899). O segundo momento (1934-1944) caracteriza-se pelo seu retorno à Universidade de Atlanta no Departamento de Sociologia<sup>52</sup>. Foi nesse período que ele realizou seu trabalho mais importante de sociologia histórica, “Black Reconstruction” (1935), voltado para uma análise das possibilidades de mudança social nos EUA após a Guerra Civil (Turner, 2006).

Já para José Itzigsohn e Karida Brown, em “The Sociology of W.E.B. Du Bois” (2020), há uma divisão cronológica das atividades de Du Bois enquanto “sociólogo público”, cujo primeiro

<sup>50</sup> “Sociology, it should be obvious, is the domain *par excellence* of the production of social practices” (Stones, 1998, p.14).

<sup>51</sup> W E B Du Bois was much more than a sociologist, a larger than life figure who tackled race as an issue in America on a public stage, yet experienced so many frustrations in so doing (Bulmer, 2016, p. 1390).

<sup>52</sup> Primeiro departamento de sociologia dos EUA, no coração do “black south” em uma Universidade Historicamente Negra (HBCU). Segundo Morris (2015, p. 58), “A escola [de Atlanta] estava preocupada com a desigualdade racial porque seus cientistas sociais eram em sua maioria afro-americanos que, como todos os negros(as), sofreram uma opressão racial excruciante”. A Escola de Atlanta sob os auspícios de Du Bois via na sociologia um caminho que possibilitasse uma força libertadora para a população negra. Ela teve um papel fundamental em formar a primeira geração de sociólogos(as) negros(as) nos EUA como Richard R. Wright Jr, Monroe Work e George Edmund Haynes, que de acordo com Morris (2015) é a “geração oculta” de sociólogos(as) negros(as).

momento vai de 1900 a 1910 – período em que esteve à frente de organizações como o Niagara Movement<sup>53</sup> e a NAACP; o segundo momento, que vai de 1910 a 1928, marcado pela sua participação no movimento artístico chamado “Harlem Renaissance” e no movimento “New Negro”<sup>54</sup>; o terceiro de 1928 – 1944, com seu retorno à Universidade de Atlanta, além de suas participações nos Congressos Pan-Africanos. Aldon Morris, em “Scholar Denied” (2015), por sua vez, prioriza um delineamento temporal tendo em foco a primeira passagem de Du Bois na Universidade de Atlanta, que vai de 1897 até a década de 1910, como o período do desenvolvimento do que ele classifica como a primeira escola de sociologia dos EUA.

Estes recortes temporais analíticos ajudam a situar o tema e a bibliografia deste capítulo, que descreve o desenvolvimento da teoria sociológica de Du Bois e os momentos de sua aplicação política. A organização do capítulo contempla, em primeiro lugar, a explicação das tensões que existem nas noções de “indivíduo” e “sociedade” na formulação teórica da sociologia de Du Bois. Uma vez que a relação entre indivíduo e sociedade se constituiu como um dos principais problemas da sociologia desde a sua criação, é fundamental descrever como Du Bois operacionalizou este problema e quais conceitos derivam desse trabalho teórico do autor.

Em segundo lugar, há uma exposição das formas que ele relacionou seus conceitos sociológicos com o contexto em que vivia, para desenvolver suas pesquisas empíricas em ciências sociais com um grupo de pesquisadores da Universidade de Atlanta. A principal característica destas pesquisas empíricas é a relação entre ciência e política e o posicionamento crítico contrário frente às ideologias de supremacia branca no sul dos EUA. Em terceiro lugar, apresenta-se uma discussão sobre a contribuição da dádiva negra-africana (*gift*), que é o componente

---

<sup>53</sup> Movimento organizado por Du Bois, William Monroe Trotter, Mary Burnett Talbert e outros ativistas em 1905, que demandava direitos plenos para os negros para garantir a cidadania plena dessa parcela da população. Mas um dos objetivos principais da organização era a oposição à hegemonia de Booker T. Washington, que despontava como uma das principais lideranças negras após Frederick Douglass.

<sup>54</sup> O Harlem Renaissance e o New Negro Movement representaram durante os anos 1920, no Harlem (New York), movimentos culturais composto por escritores, artistas, pensadores, poetas, pintores e músicos com uma perspectiva de inventar um “novo negro” na modernidade a partir de signos e mensagens positivas referentes ao negro e ao continente africano. Dentre os nomes do Harlem Renaissance destacam-se também Alain Locke, Paul Laurence Dunbar, Alice Dunbar Nelson, Langston Hughes, Zora Neale Hurston, Angelina Weld Grimké, Claude McKay, Countee Cullen, Jessie Redmon Fauset, dentre outros. Esse movimento cultural foi de extrema importância para a ação política negra anterior aos movimentos de direitos civis dos anos 1950 e 1960 nos EUA.

empírico-analítico que ele sempre procurou mapear para resolver os problemas impostos pela linha de cor e a dupla consciência.

### 3.2 Indivíduo e Sociedade na Sociologia de W.E.B. Du Bois

Independentemente da cronologia que se queira adotar para analisar e descrever a teoria sociológica de Du Bois, algo que aparecerá de forma perene ao estudarmos e trabalharmos com o autor é o seu foco empírico e analítico em desenvolver uma sociologia levando em consideração a condição atribuída a negros(as) e africanos(as) como alguém sem *status* de indivíduo e participante das sociedades modernas e da história do desenvolvimento da humanidade.

No início de sua carreira como sociólogo, na virada do século XX, ele buscou dialogar com as ciências sociais que estabeleciam as “leis” da vida e do convívio social que envolviam os(as) negros(as) e seus modos de existência. Embora ele tenha descoberto informações vitais para refutar o pensamento da supremacia branca de sua época, por meio da “verdade” científica, ele acabou não formulando um conjunto de “leis sociais” no que se referia aos modos de existência de negros(as) e africanos(as) (Williams, 2006).

Em um texto chamado “Sociology Hesitant” (1905), Du Bois propôs uma forma de dialogar com a tradição científica de sua época, que buscava na relação entre ciências naturais e ciências sociais a base para estabelecer os métodos de análise. Neste texto teórico, ele nos diz que, “[...] *no tempo e no espaço, a ‘Lei’ cobre a maior parte do universo, mas [...] a área deixada no mundo do ‘Acaso’ é de tremenda importância*” (Du Bois, 1905, p. 8, tradução livre)<sup>55</sup>.

Em um contexto em que a formulação de “leis sociais” de regulação e controle caracterizava boa parte dos textos teóricos nas ciências sociais, ele procurou olhar analiticamente para o campo do “acaso” (Chance), livre arbítrio e dos limites de oportunidade para pensar a vida social da comunidade negra nos EUA e sua capacidade de realizar transformações sociais em contextos desfavoráveis. Há, portanto, uma diferença entre uma tradição de pensamento

---

<sup>55</sup> “[...] in time and space, Law covers the major part of the universe, but [...] the area left in that world to Chance is of tremendous import” (Du Bois, 1905, p. 8).



sociológico que busca a formulação de “leis gerais” de regulação do convívio social, e outra representada por Du Bois, com o foco no “acaso” e no livre arbítrio dos indivíduos.

As ideias de Du Bois floresceram no interior de uma tradição de pensamento e ação política que o antecedeu. Ele desenvolveu sua sociologia em sintonia com uma tradição que buscava levar informações sobre problemas, ou conflitos raciais a um público mais amplo nos EUA e no mundo. De forma pioneira, ele promoveu, com rigor, no nível científico (teórico, metodológico, empírico e analítico), as lutas por justiça social de pessoas que o antecederam, como Frederick Douglass, Anna Julia Cooper (1858-1964), Martin Delany e Alexander Crummell. Ao desconsiderar e silenciar as contribuições de Du Bois para o cânone científico, a sociologia perdeu completamente a oportunidade de antecipar o surgimento de um poderoso movimento pelos direitos civis nas décadas de 1950-60, não levando sua teoria a sério (Bobo, 2015).

O contexto em que ele desenvolveu os fundamentos teóricos de sua sociologia foi marcado por inúmeras publicações que utilizavam argumentos morais favoráveis à manutenção da escravidão no sul dos EUA. Livros como “Sociology for the South”, de George Fitzhugh (1854), e “American Negro Slavery”, do historiador Ulrich Bonnell Phillips (1929), tratavam a escravidão como um evento benéfico para a sociedade americana e que gerou resultados positivos e educativos para os próprios negros recém-libertos. A relação entre “senhor” e “escravo” era, para esses pensadores, porta-vozes da supremacia branca, caracterizada pelo cultivo da boa vontade, afeição e responsabilidades prazerosas (Williams, 2006).

Outro elemento que ajuda a caracterizar o contexto do desenvolvimento da sociologia de Du Bois é o “Lost Cause Myth” (o mito da causa perdida), que se trata da interpretação dos confederados das causas da Guerra Civil americana, romantizando as relações sociais no sul dos EUA, principalmente a relação entre “senhor” e “escravo” nas *plantations*, no sistema de produção agrícola e escravista.

O passado nostálgico das *plantations* é um tema recorrente no mito da causa perdida, mobilizado especialmente por ex-generais do exército confederado em um clima de incerteza econômica, política e social com a derrota frente ao exército da União (Virginia Encyclopedia, 2022). A escravidão, nesta perspectiva, é lida de um ponto de vista sentimental e romântico em que

sulistas e escravizados viviam em uma relativa harmonia. A imagem do “Uncle Tom” ou da “Mammy”, como parte da família sulista, exemplifica este mito<sup>56</sup>.

Romances como “Gone With The Wind”, de Margaret Mitchell (1900-1949), e os trabalhos de William Archibald Dunning (1857-1922) e Douglas Southall (1886–1953) ajudaram a fortalecer na cultura popular e na ciência, respectivamente, o mito da causa perdida. Nestes trabalhos, negros(as) eram representados como subservientes, dóceis e a relação com os sulistas brancos era reforçada a partir de um ponto de vista “familiar” para tentar justificar o regime escravista da *plantation* do sul.

Du Bois, com a publicação de “Black Reconstruction”, em 1935, mobilizou argumentos contrários a essa perspectiva, dizendo que a derrota dos confederados na Guerra Civil resultou em boa parte pela agência de ex-escravizados a se juntarem ao exército da União, e se a *plantation* era uma das principais atividades econômicas do Sul, esse movimento por parte dos ex-escravizados poderia ser vista como uma das primeiras greves gerais dos EUA.

As características supostamente negativas atribuídas à população negra costumavam ser expressas por grande parcela dos autores, que deram suporte tanto para o mito da causa perdida quanto para o eugenismo que se tornou muito popular nas primeiras décadas do século XX nos EUA. As narrativas que denotavam uma suposta inferioridade e subordinação dos(as) negros(as) eram feitas em relação às questões de ordem prática, incluindo o comportamento político e eleitoral, gestão de negócios, nível educacional e, sobretudo, crime.

Estes discursos de inferioridade conferidos aos modos de existência culturais dos(as) negros(as) tiveram implicações políticas como, por exemplo, a perda do direito ao voto em alguns estados do Sul no período Pós-Reconstrução. Nesse contexto, Du Bois procurava com sua sociologia mostrar quais eram as implicações políticas dessas supostas “leis” que universalizaram a ideia de uma suposta inferioridade imputada à experiência de vida da comunidade negra.

Segundo Williams (2006), pensadores brancos dos estados do Sul sustentaram o argumento de que negros(as) tinham incapacidade de exercer o voto e de eleger bons líderes políticos de

<sup>56</sup> Uncle Tom, ou Pai Tomás é uma expressão que faz menção a um negro subserviente às autoridades que procura se acomodar e assimilar em relação à escravidão. A expressão deriva do livro de Harriet Beecher Stowe, “Uncle Tom’s Cabin” de 1853. A Mammy, por sua vez, é uma expressão que se refere a mulher negra que faz o trabalho doméstico, cozinha e cuida das crianças. Mammy é um estereótipo que se repete em inúmeras ficções caricaturando uma posição subalterna e acomodada, por vezes até feliz, em relação aos sistemas de dominação e segregação racial.

maneira racional, pois eram facilmente cooptados por agentes corruptos. Thomas Nelson Page (1853-1922), um sulista e confederado devoto, escreveu sobre o que ele considerou ser a corrupção de negros(as) em cargos governamentais estaduais no período posterior à Guerra Civil.

Todos esses textos, que marcaram um importante período na história americana, pretendiam elaborar grandes narrativas que explicassem a civilização humana, decidindo de antemão que o(a) negro(a) só poderia(m) ocupar uma função na sociedade de forma servil e subordinada, pois não era dotado de razão, inteligência e capacidades morais para se autoinscrever na recém-nascida história da sociedade norte-americana. Embora tenhamos o conhecimento de que estudos acadêmicos sobre a população negra foram realizados anteriormente aos de Du Bois, os seus foram, de forma rigorosa, os primeiros a não tratar os modos de existência dos negros(as) associados à falta de virtudes inatas e talvez permanentes (Prasch, 2008).

É nesse sentido que Du Bois se debruçou em torno da categoria *raça* em seus primeiros escritos para estabelecer os seus próprios fundamentos filosóficos da categoria, com uma interpretação crítica às teorias raciológicas e eugênicas de sua época, que tinham como o objetivo estabilizar o negro enquanto um *tertium quid* – uma classificação que posiciona o negro em um lugar que fica entre o humano e o animal<sup>57</sup>. A relação entre “indivíduo e sociedade” para o autor é explicada, ou melhor, perturbada pela ideia de *raça*, uma das maiores invenções da humanidade operada para classificar, ordenar e hierarquizar grupos e indivíduos.

Um dos principais problemas sociológicos que aparece em “Conservation” (1897) e “The Souls of Black Folk” (1903) era que determinados grupos raciais – como o povo negro (*Black Folk*) - ainda não tinham dado à humanidade a *mensagem espiritual* completa que seriam capazes de transmitir a respeito de seus modos de existência. A questão para ele era como esta mensagem *negra* deve ser endereçada, e a resposta é explícita, pelo desenvolvimento de uma literatura, arte, música e produção intelectual que recontem e recriem essa mensagem *negra*. Em outras palavras, seria a partir de um esforço (*striving*) de reconstituir a humanidade do(a) negro(a), inscrevendo-o(a) como um indivíduo ativo na construção de sua própria história e na constituição da história geral da humanidade.

---

<sup>57</sup> *Tertium quid* refere-se a um terceiro elemento não identificado que está em combinação com dois conhecidos. Algo de natureza incerta ou inclassificável, relacionado a, mas distinto de, duas coisas, geralmente opostas. <https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/tertium-quid>.

“Strivings of Negro People” (1897) é outro texto fundamental para analisar sua teoria sociológica, pois nele o autor formulou duas questões que são o pano de fundo de sua teoria, “*como é se sentir um problema?*” e “*por que Deus me fez um pária e um estranho em minha própria casa?*”<sup>58</sup>. Ao analisar os desdobramentos históricos e políticos da vivacidade da categoria *raça*, ele identificou o impacto profundo e multidimensional da construção de uma forma peculiar de ordenamento social, em que cor e condição de vida foram fundidas na definição de quem tinha acesso ao poder, riqueza e privilégio e quem não tinha (Bobo, 2015).

Du Bois apresenta pela primeira vez o conceito de “dupla consciência” em “Strivings” para ilustrar a “sensação peculiar” de se ver como um indivíduo apartado da vida nacional da sociedade norte-americana. A relação entre “indivíduo e sociedade” não está tão garantida nessa teoria social como está para os outros autores clássicos das ciências sociais, pois conforme Du Bois (1897b, p. 194, tradução livre), o negro “[...] *simplesmente deseja tornar possível a um homem ser negro e americano sem ser amaldiçoado e cuspidor por seus companheiros, sem perder a oportunidade de autodesenvolvimento*”<sup>59</sup>.

Sendo assim, ele apresenta uma leitura da vida em sociedade em que o conceito de “dupla consciência” dá significado para a história negra no continente americano e explica uma força constitutiva, que dá origem à experiência do indivíduo negro no mundo moderno e no interior dos Estados Nacionais e dos impérios. Isso fica compreensível quando ele indaga da seguinte forma: “*Afinal, o que sou eu? Sou americano ou negro? Posso ser os dois? Ou é meu dever deixar de ser negro o mais rápido possível e ser americano? Se eu me esforço como negro, eu não estou perpetuando a própria fenda que ameaça e separa a América negra e branca?*” (Du Bois, 1897b, p. 11, tradução livre)<sup>60</sup>.

As leituras do uso de Du Bois do conceito “dupla consciência” têm diferentes interpretações. Para Zamir (1995), por exemplo, a passagem de Du Bois sobre a “dupla

<sup>58</sup> “How does it feel to be a problem?”; “Why did God make me an outcast and a stranger in mine own house?” (Du Bois, 1897b).

<sup>59</sup> “[...] simply wishes to make it possible for a man to be both a Negro and an American without being cursed and spit upon by his fellows, without losing the opportunity of self-development” (Du Bois, 1897b, p. 194).

Aqui necessita-se dizer que o termo “man” da citação, traduzido para “homem” em português, é um termo de época que universaliza a humanidade na ideia de um homem. O termo não expressa o pensamento do contexto atual do século XXI.

<sup>60</sup> “What, after all, am I? Am I an American or am I a Negro? Can I be both? Or is it my duty to cease to be a Negro as soon as possible and be an American? If I strive as a Negro, am I not perpetuating the very cleft that threatens and separates Black and White America?” (Du Bois, 1897a, p. 11).

consciência” guarda relações próximas com Hegel e a “Fenomenologia do Espírito”, particularmente com a ideia de “consciência infeliz” (*unhappy consciousness*), que desdobra em uma leitura de Hegel a partir da noção de uma consciência que não chega a uma resolução na forma de um espírito absoluto, ou que não é reconhecido.

Na “Fenomenologia”, senhor e escravo estão envolvidos em uma luta, entendida em termos idealistas como uma luta por reconhecimento. Du Bois vê o aspecto da “consciência infeliz” como o tema central da “Fenomenologia” e sustenta que o reconhecimento não é teleológico e a partir disso ele elabora a noção de “dupla-consciência” que é desenvolvida com base em sua própria experiência como negro nos EUA. Para ele, o desenvolvimento da consciência para os(as) negros(as) é relacional e político, pois a dupla consciência diz sobre o problema de um corpo negro vivendo em um mundo branco (Zamir, 1995; Boy, 2015).

Ele parte desse problema relacionado à constituição da subjetividade mobilizando a dupla consciência com a metáfora do “Véu” - que sugere a existência de uma barreira que inviabiliza e dificulta a percepção visual. Para a fotógrafa e historiadora Shawn Michelle Smith (2004, p. 40), o “Véu” funciona como uma espécie de “tela cultural” em que o peso e os valores das representações sociais deliberadamente equivocadas da supremacia branca são manifestados e fortalecidos. O “Véu” interdita visualmente a possibilidade do reconhecimento, pois ele é o mecanismo que opera e produz a “dupla consciência” que é esta sensação de sempre se olhar através dos olhos de outros, ou do que Du Bois chamou de segundo olhar (*second-sight*)<sup>61</sup>.

Du Bois também mobiliza esses conceitos e metáforas a favor da significância histórico-mundial da contribuição do grupo negro, pois eles são componentes que vão em direção ao que Hegel descreveu como consciência-de-si que ocorre nos processos de interação. Porém, a “dupla consciência” e as metáforas do “Véu” e do segundo olhar são constructos teóricos Duboisianos que descrevem, justamente, a interdição destes processos de interação que favorecem o reconhecimento.

Nesta perspectiva, a “dupla consciência” aponta para o esforço teórico de Du Bois em buscar a “verdade da certeza de si” do(a) negro(a) e sua capacidade instituidora da verdade do

---

<sup>61</sup> “[...] this sense of always looking at one’s self through the eyes of others” (Du Bois, 1897b, p. 194).

mundo<sup>62</sup>. Se para Hegel a consciência-de-si alcança a sua satisfação somente numa outra consciência-de-si, a dupla consciência Duboisiana aponta para um problema na busca dessa satisfação em se reconhecer como humano em uma sociedade onde a *raça* é chave de acesso ou interdição para esse objetivo.

Outra maneira de ler o uso de Du Bois do conceito de “dupla consciência” é pensar em como ele *adotou* o conceito da área da psicologia social. O trabalho do psicólogo francês Alfred Binet “On Double Consciousness” (1896), por exemplo, discute os processos psicossociais que desdobram na bipartição e duplicação da consciência humana. Cada uma destas consciências apartadas ocupa um espaço estreito e limitado que poderia ser mais bem distribuído se existisse uma só consciência que abarcasse toda experiência e ideais de um determinado sujeito.

Há a interpretação de Smith (2004) de que a dupla consciência é um conceito que chega a Du Bois a partir de William James, com o livro “The Principles of Psychology” (1897) em que ele apresenta alguns estudos de casos que apresentavam este efeito da dupla consciência. Ele apresenta e descreve experiência de indivíduos que tinham certos tipos de “desordens de personalidade”, isto é, que experienciaram movimentos de transformações radicais e espontâneas na sua personalidade e concomitantemente apresentaram uma severa perda de memória. Um dos casos analisados é de Mary Reynolds, uma jovem mulher que entrava em um sono profundo e ao acordar vinte horas depois apresentava outra personalidade. Uma das principais discussões de James ao trabalhar com o conceito de dupla consciência são os casos de alterações na personalidade de indivíduos como condições patológicas do *self*.

Em “Psychology: The Briefer Course” (1892), ele descreve o *self* como um “duplex”, com uma parte do indivíduo capaz de conhecer o mundo e a outra com a capacidade de ser conhecido, ou seja, parte sujeito e parte objeto. James (1892) usa os conceitos de “Me” e “I” (Mim e Eu) para fazer alusão a essa cisão entre sujeito e objeto. De acordo com James (1892, p. 46, tradução livre), “[...] *apropriadamente falando, um homem tem tantos eus sociais quantos são os indivíduos que o*

---

<sup>62</sup> Para Hegel ter a consciência do mundo parte do princípio do saber de si e na sua verdade. Isso aparece no capítulo IV da Fenomenologia do Espírito. A consciência-de-si, portanto, adentra o reino da vida, onde o objeto do desejo é ser um ser vivo.

*reconhecem e carregam uma imagem dele em sua mente*<sup>63</sup>, portanto, o *self* é cindido em múltiplas partes.

Isto nos leva a inferir que se para Du Bois a experiência de ser visto pelo olhar do outro, ou seja, ter um *self* cindido, é um dos seus principais problemas existenciais e teóricos, pois indicam uma tensão na relação entre indivíduo e sociedade, para James a multiplicidade é um elemento fundamental para compreendermos sua teoria do *self*. Du Bois não estava pensando a dupla consciência como uma condição cerebral, fruto de uma estrutura biológica, mas sim como uma decorrência dos problemas de interação social. A dupla consciência na perspectiva de Du Bois resulta das tentativas de reconciliar essas diferentes percepções do *self* e equalizar a tensão entre indivíduo e sociedade. O embate de Du Bois é com as representações sociais que inviabilizaram a interação do(a) negro(a) na sociedade e não com desordens cerebrais.

É importante dizer que tanto as leituras que optam por um diálogo com a filosofia histórica ou com a psicologia social são exercícios analíticos de autores(as) que procuram demonstrar o diálogo e principalmente uma adaptação e tradução criativa de Du Bois das ciências sociais e humanas de sua época e das matrizes teóricas que o formaram. Como Priscilla Wald (1995) diz, tais adaptações servem também para mostrar as limitações do pensamento científico que ele usou para trabalhar e pôde transformar.

É a partir dessa tensão entre indivíduo e sociedade que suas primeiras reflexões sobre os conceitos de linha de cor e dupla consciência; e as metáforas do “Véu” e do segundo olhar (*second sight*) emergem, dando o tom de sua sociologia. Os processos em que a subjetividade *negra* entra em conflito com as representações sociais da supremacia branca que forjaram a sociedade americana são descritos em “Conservation of Races”, “Strivings of the Negro People” e “Souls of Black Folk” - textos em que ele descreve o confronto com a dupla lógica de ser um americano de ascendência africana, dois modos de existência cindidos em um único corpo.

Especialmente em “Conservation” (1897), “Strivings” (1897) e “The Souls” (1903), que são textos de formulação teórico-sociológica, ele demonstra um profundo interesse na

---

<sup>63</sup>“Properly speaking, a man has as many social selves as there are individuals who recognize him and carry an image of him in their mind” (James, 1892, p. 46). Aqui necessita-se dizer que o termo “man” da citação, traduzido para “homem” em português, é um termo de época que universaliza a humanidade na ideia de um homem. O termo não expressa o pensamento do contexto atual do século XXI.

particularidade da experiência negra e americana, e argumenta a favor de práticas de conciliação entre diferentes modos de existência humanos cindidos pelo discurso da modernidade. Trata-se de um projeto político que busca questionar e dismantelar a linha de cor.

Du Bois não foi o primeiro autor a utilizar este conceito, Frederick Douglass, em 1881, escreveu um artigo intitulado “Color Line”, no qual argumentou que existe uma divisão social entre negros(as) e brancos(as) nos EUA. Para Douglass, essa divisão teria suas origens na escravidão e continuidade na legislação dos Estados do Sul dos EUA por meio dos testes de alfabetização, taxações e cláusulas específicas que privaram o negro do exercício pleno de sua liberdade após a promulgação da 15ª Emenda de 1869, que proibia negar o direito ao voto sob pretexto de *raça* ou cor. A linha de cor era, para Douglass, um fenômeno arcaico da escravidão devido à relação entre escravizados(as) e senhores, e um fenômeno recente por conta da segregação sociojurídica após as Emendas de Reconstrução. Ele via a linha de cor como um problema de ordem moral.

Para Du Bois, a divisão do mundo em linhas de cor opera em uma escala global, e além de moral, ela também é de ordem sociológica, pois ela se refere à tensão existente na relação entre indivíduo e sociedade. Isto fica evidente quando ele diz que o problema da linha de cor é o problema da “[...] *relação das raças de homens mais escuros com os mais claros na Ásia e na África, na América e nas ilhas do mar*” (Du Bois, 1903, p. 15, tradução livre)<sup>64</sup>. Os conceitos e metáforas de sua teoria social foram desenvolvidas no contexto de etnogênese da sociedade americana, um momento em que ele se indagou a respeito do lugar do(a) negro(a) nos processos de interação na sociedade americana. Por etnogênese dos EUA, compreende-se o contexto de emergência de uma identidade nacional norte-americana que ocorreu simultânea aos processos de segregação racial.

Em um nível doméstico, destacam-se os seguintes eventos da etnogênese dos EUA: Guerra Civil (1861-1865); Emancipação e Abolição da escravidão (1865); Reconstrução (1870-1890); a formalização da segregação racial via Jim Crow (1896); e a Grande Migração (1910-1920). Já em um nível transnacional, o que ocorria era o processo de colonização do mundo que subjugou

---

<sup>64</sup> “[...] the relation of the darker to the lighter races of men in Asia and Africa, in America and the islands of the sea” (Du Bois, 1903, p. 15). Aqui necessita-se dizer que o termo “men” da citação, traduzido para “homem” em português, é um termo de época que universaliza a humanidade na ideia de um homem. O termo não expressa o pensamento do contexto atual do século XXI.



determinados grupos humanos em detrimento da valorização dos modos de existência do Ocidente. Em 1900, os novos impérios europeus governavam 90% da África, 56% da Ásia e 99% do Pacífico. Durante a Primeira Guerra Mundial, as potências imperiais ocuparam 90% de toda a superfície do globo (Wolf, 1982; Young, 2001; Andersson, 2013). A partir dessa discussão conceitual e histórica, é apropriado relacionar esse arcabouço teórico Duboisiano (seus conceitos, metáforas e o contexto) com as pesquisas empíricas realizadas por ele individualmente e/ou em grupo.

### 3.3 Pesquisas Empíricas em Ciências Sociais

Em 1897, Du Bois já havia apresentado um plano de pesquisas empíricas em ciências sociais ao *Federal Bureau of Labor Statistics*<sup>65</sup> com duas finalidades: a) desenvolver um conhecimento sobre a situação econômica de 1000 a 5000 habitantes negros(as) de uma determinada cidade, incluindo dados quantitativos e qualitativos como: ocupações, salários, propriedade de casa, horas de trabalho, história econômica, custo de vida e organizações sociais; e b) impulsionar e divulgar os estudos sociológicos sobre a população negra, desenvolvidos pela Escola de Atlanta, a partir de pesquisas, entrevistas, observação participante, documentos organizacionais e dados do censo realizados sob seus auspícios.

Tais objetivos marcavam claramente sua postura como um “sociólogo público” que combinava desenvolvimento e formulação teórica com o ativismo político (Morris, 2015; Burawoy, 2021). A sua sociologia estava desde o princípio comprometida com a construção de possibilidades para o exercício de liberdade e cidadania da população negra.

As Conferências da Universidade de Atlanta contribuíram substancialmente para o desenvolvimento de um real entendimento das condições e experiências de vida da população negra. As publicações que saíram destas conferências serviram de base para outras pesquisas que seriam feitas sobre as condições dos(as) negros(as) nos EUA, pois elas forneceram dados que puderam ser utilizados para informação e divulgação científica e no desenvolvimento de políticas públicas no nível Estatal.

---

<sup>65</sup> O “U.S Bureau of Labor Statistics” é o principal departamento de apuração de fatos do Governo Federal no amplo campo da economia e estatística do trabalho.

Du Bois e seus colaboradores da Atlanta University produziram estudos acadêmicos significativos e de alta qualidade por vários anos. Du Bois, certamente, afetou o trabalho de outros sociólogos negros da época, como Monroe Work e Richard Wright, e encenou uma série de importantes conferências de Atlanta e publicações subsequentes enfocando as principais arenas da vida social dentro das comunidades negras (Bobo, 2015, p. 57, tradução livre).<sup>66</sup>

É importante destacar as publicações da Universidade de Atlanta, a partir das “Atlanta Conferences”, realizadas sob os auspícios do próprio Du Bois, pois este momento, assim como o conjunto de textos a ele pertencente, são muito bem descritos e analisados por Morris (2015) como um período fundamental para pensar a contribuição de Du Bois para o desenvolvimento da sociologia norte-americana.

As Conferências de Atlanta formam um conjunto de trabalhos que caracterizam a sociologia de Du Bois, mas a partir de outro enfoque, que é da empiria e da pesquisa em ciências sociais feita em grupo. Du Bois e o grupo de pesquisadores da Universidade de Atlanta deram ênfase no “acaso” e no “livre arbítrio” dos indivíduos, um foco analítico e empírico que apontava para o conflito existente entre as noções de indivíduo e sociedade da sociologia clássica.

De acordo com Williams (2006, p. 371), a compreensão da importância da tensão entre o “acaso” e o “livre arbítrio” com as leis gerais, descrita nos primeiros textos teóricos de Du Bois, nos ajuda a compreender melhor a relação “herética”, nos termos de Anthony Bogues (2003), que ele tinha com os princípios de pesquisa nas ciências sociais convencionais de sua época. Este argumento de Williams (2006) também pode se estender para a característica conflituosa que Du Bois atribui para a relação entre indivíduo e sociedade como uma qualidade herética do autor, pois ele não estava de acordo com as “leis gerais” formuladas pelo racismo científico dos séculos XIX e XX, mas fez questão de travar um diálogo com elas. Em um artigo de 1904, intitulado “The Atlanta Conferences”, ele argumentou que:

É certo que **não podemos compreender de uma só vez toda a ação humana no tempo e na eternidade** - o campo é muito vasto e muito tempo valioso já foi desperdiçado tentando fazer o impossível sob a liderança brilhante, mas questionável de Herbert Spencer. **Devemos cada vez mais nos educar para o estudo minucioso dos campos limitados da ação**

---

<sup>66</sup> Du Bois and his Atlanta University collaborators produced significant and high quality scholarship for a number of years. Du Bois certainly affected the work of other Black sociologists of the day, such as Monroe Work and Richard Wright, and staged a number of important topical Atlanta Conferences and subsequent publications focusing on major arenas of social life within Black communities (Bobo, 2015, p. 57).

**humana**, onde a observação e a medição precisa são possíveis e onde o conhecimento real e esclarecedor pode ser obtido (Du Bois, 1904, p. 54, tradução livre, grifo nosso).<sup>67</sup>

Um exemplo dessa relação “herética” de Du Bois com as ciências sociais de sua época é a publicação de “The Study of Negro Problems” (SNP), texto de 1898 que faz parte dos inúmeros trabalhos da Universidade de Atlanta. Nele, o autor pontua três tópicos gerais que acompanham outras duas publicações de sua autoria, “The Philadelphia Negro” (TPN) e “The Negroes of Farmville” (TNF). Os tópicos são os seguintes:

- I) A comunidade negra não é um bloco homogêneo, há variáveis sugestivas que caracterizavam diferenças no interior do grupo, como nível de escolaridade, renda, ocupação, dentre outras;
- II) Há indicadores de progresso e mobilidade sociais que auxiliam no entendimento das condições e situações dos(as) negros(as) e elas mudam ao longo do tempo;
- III) Há fatores que condicionam positiva e negativamente as oportunidades de vida para os(as) negros(as).

Ele fez questão de analisar e descrever estes três tópicos dando atenção para o “acaso” e “livre arbítrio” dos indivíduos. O autor o fez tendo em vista que há cursos de ações significativas, apesar dos constrangimentos e possibilidades externas ao indivíduo, indo contrariamente à ideia de que as ações humanas são completamente determinadas por leis gerais, ou naturais (Itzigsohn; Brown, 2020). Ele desenvolveu um estudo verdadeiramente científico dos processos de interações sociais (e interdições delas) afetadas pela categoria *raça*, atentando-se para os fatores implícitos nas diferenças sociais entre a própria comunidade negra, bem como entre negros(as) e brancos(as).

Desse modo, a discussão sobre o desenvolvimento da teoria sociológica de Du Bois deve considerar a interpretação crítica, ou melhor dizendo, “herética” do autor, das teorias raciais que formularam “leis gerais” que homogeneizaram e determinavam as experiências, modos de existência culturais e condições de vida da população negra considerando-a como um “problema

---

<sup>67</sup> It is certain that we cannot at once compass all human action in time and eternity—the field is too vast and much valuable time has already been wasted in trying to do the impossible under the brilliant but questionable leadership of Herbert Spencer. We must more and more school ourselves to the minute study of limited fields of human action, where observation and accurate measurement are possible and where real illuminating knowledge can be had (Du Bois, 1904, p.54).

social”. Não coincidentemente, a sociologia americana nasce com a questão racial, ou o que se chamou à época de “The Negro Problem”<sup>68</sup>.

“The Philadelphia Negro” é outro texto importante do ponto de vista da aplicação da teoria sociológica Duboisiana vinculada às pesquisas empíricas, pois ele trabalha no livro com parte de seu arcabouço conceitual. Ele publicou “The Philadelphia Negro” em 1899, na mesma década em que os departamentos de Sociologia de Chicago e da Columbia University foram criados (em 1892 e 1894, respectivamente) e da publicação de “O Suicídio” de Durkheim em 1897.

Nesse brilhante texto, Du Bois evitou interpretar as dificuldades em que a maioria dos(as) negros(as) da Filadélfia vivia como um reflexo das capacidades básicas e morais dos(as) próprios(as) negros(as) – como muitos trabalhos tendiam a fazer. Com “The Philadelphia Negro”, ele foi o primeiro estudioso a aventurar a hipótese de que muito do envolvimento de negros(as) em atividades criminais poderia ser rastreado a partir de uma reação contra os padrões de exclusão, marginalização e estigmatização enfrentados por eles(as) mesmos(as) (Bobo, 2007).

É um trabalho fundamental também do ponto de vista metodológico, pois ele inova sendo o primeiro sociólogo nas Américas a empregar análise de dados quantitativos; levantamento bibliográfico; entrevista; observação participante; e trabalho de campo, a ponto de desenvolver uma abordagem multimétodo, cruzando dados quantitativos e qualitativos para garantir a precisão de seu estudo (Morris, 2015; Zuberi, 2020).

Na conclusão de “The Philadelphia Negro”, ele argumenta que os modos de existência da comunidade negra da Filadélfia não seriam uma espécie de “índice sintomático” de problemas sociais, mas que apenas a análise de um longo desenvolvimento histórico, partindo dos problemas de segregação e exclusão no período Pós-Emancipação e na Reconstrução, poderia explicar as diversas condições de negros(as) nos EUA, mais especificamente no Seventh Ward, um distrito da Filadélfia.

---

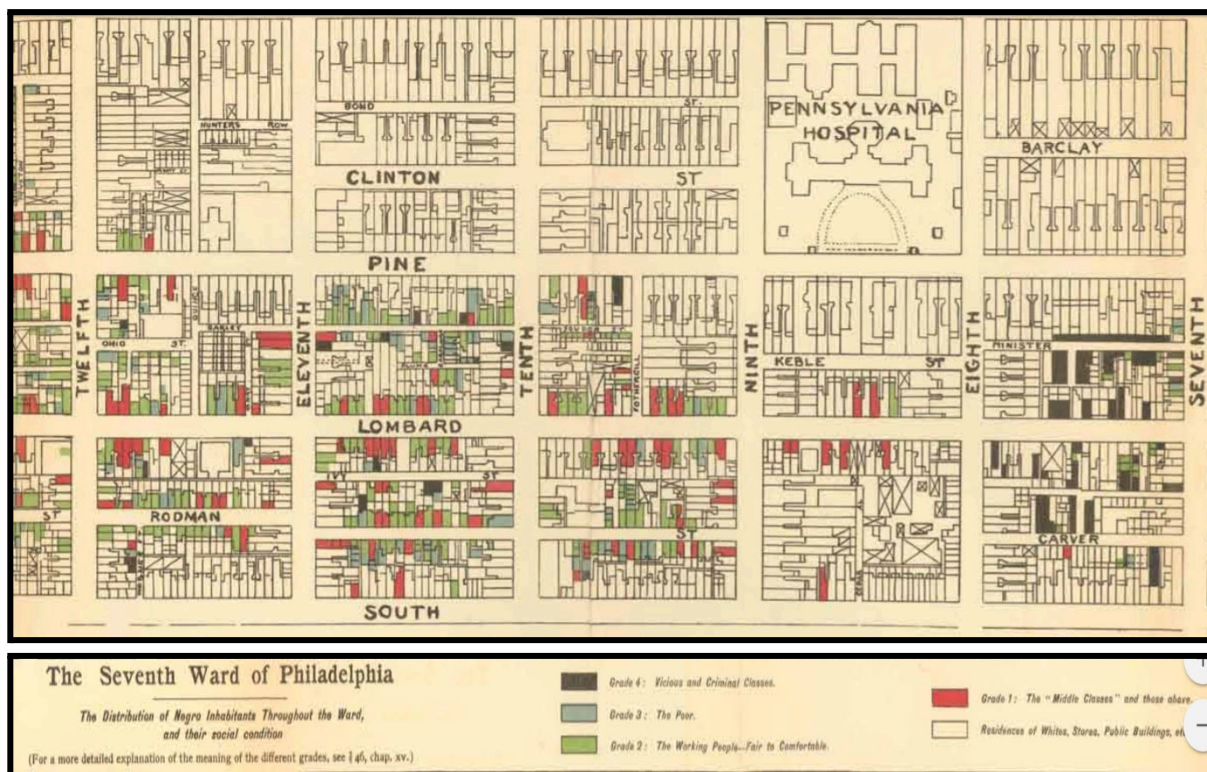
<sup>68</sup> Durante o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX houve, nos EUA, uma série de discussões e debates a respeito do bem-estar/bem viver, do exercício de cidadania e mobilidade social da população negra. Esses debates foram mobilizados pelas Conferências da Universidade de Atlanta, organizadas anualmente por Du Bois de 1896 a 1914. Além da importante publicação intitulada “The Negro Problem” (1903), organizada por Booker T. Washington e que contava com artigos de Du Bois, Charles Chesnutt, Wilford H. Smith, H.T Kealing, Paul Laurence Dunbar, T. Thomas Fortune. Esses debates e publicações marcam o que a literatura chamou de “Negro Problem”.



**Figura 5** - Seventh Ward na cidade de Filadélfia, por volta de 1900  
[Courtesy of Temple University, Urban Archives, Octavia Hill Association photo](#)



**Figura 6** - Filadélfia. Casas de propriedade da Octavia Hill Association  
<https://digital.library.temple.edu/digital/collection/p245801coll13/id/4057/>  
Jenks, Helen C.



Figuras 7 e 8 - Detalhes do mapa do Seventh Ward e legenda de “*The Philadelphia Negro: A Social Study*” de Du Bois

<https://sites.udel.edu/baltimorecollection/a-trip-to-the-parlor-gallery/>

De acordo com Prasch (2008), o método que ele implantou, em seus estudos na Filadélfia e nas pesquisas que desenvolveu para o U.S. Bureau of Labor, tornou-se o protótipo dos estudos que ele posteriormente conduziu e supervisionou quando assumiu o cargo de Professor na Universidade de Atlanta em 1897. Os vários estudos empíricos que Du Bois conduziu e escreveu, durante esses anos iniciais, são todos marcados pelo seu objetivo de resolver a distorção que as ciências humanas criaram a respeito das particularidades, modos de existência e condições de vida dos(as) negros(as) em uma sociedade dominada por práticas e regimes de representação racializados que valorizavam um ideal de supremacia branca.

Do ponto de vista analítico, “Philadelphia Negro” tem no mínimo três aspectos propositivos significativos. O primeiro deles é que a estrutura conceitual do livro promoveu uma compreensão de que as noções de *raça* estariam articuladas à ideia de classe dentro do sistema econômico da cidade de Filadélfia, refutando os argumentos biologizantes da inata inferioridade negra, assim como a essencialização da *raça*, pois Du Bois (1899) demonstra a amplitude considerável de

formas de existência associadas ao grupo negro, conferindo uma multiplicidade de características nas formas que experiência negra se expressava naquele momento e local analisado.

O segundo é o fato dele esboçar o que seria a ideia de “Talented Tenth” pela primeira vez neste livro, logo o papel das elites culturais do grupo negro se tornaria um tema bastante discutido nas estratégias de Du Bois para mudança e ação social<sup>69</sup>. O terceiro é que ele fundamentou suas proposições de mudança social com coleta e interpretação de dados, fato que promoveu uma parceria estratégica entre as ciências sociais e o campo das políticas públicas (Williams, 2006).

Sobre o segundo aspecto (talvez o mais controverso deles), Du Bois (1899) argumentou que as diferenças de ordem econômicas e educacionais, dentre a população negra, poderiam também resultar da *fibra moral* e do conhecimento dos próprios indivíduos de tirarem vantagem das circunstâncias e eventualidades que surgiam em um contexto urbano racialmente restrito e segregado. Ele sustentou esse argumento ao falar da importância de profissionais, comerciantes, lideranças religiosas, professores(as) negros(as) e instituições educacionais que influenciavam o comportamento da comunidade local.

A política de autoinscrição, mobilizada pelas formas estéticas e expressivas *negras*, que ele teorizou e defendeu com a ideia de “Talented Tenth”, procedeu por meio da promoção das diretrizes e ditames políticos de uma liderança negra culta e no entendimento da grande parte da comunidade negra de tais diretrizes. Nesse sentido, o uso de figuras que representam lideranças nos textos de Du Bois, de Moisés do Antigo Testamento da Bíblia à Toussaint L’Ouverture na Revolução Haitiana, por exemplo, é analítico, não analógico e representam referências históricas, ou documentais, para o que Du Bois pensou em termos de ação social.

Em termos da contribuição de “The Philadelphia Negro” (1899) para a economia política, o texto discute os efeitos da discriminação e como ela moldou a gama de opções e perspectivas econômicas dos(as) negros(as). No capítulo “The Occupation of Negroes” de “Philadelphia Negro”, ele apresentou uma discussão sobre os atos de discriminação como fatores inibidores da mobilidade e ascensão social, sufocando, assim, a ambição legítima de indivíduos e grupos de negros(as) (Prasch, 2008).

---

<sup>69</sup> Na realidade, o termo “Talented Tenth” (Os dez por cento mais talentosos) foi abordado por Du Bois em uma publicação de setembro de 1902, intitulada “Of The Training of Black Men” que compôs o sexto capítulo de *Souls*, publicado pela primeira vez em 1903. Mas já em *The Philadelphia Negro* Du Bois deixava pistas da importância da discussão sobre liderança e elite cultural para sua teoria social.

Já em seu estudo empírico sobre Farmville (The Negroes of Farmville), uma área rural do estado da Virgínia, ele desconstrói novamente a tese da homogeneidade e determinação de “leis naturais” das ciências sociais, segundo a qual negros(as) eram relativamente semelhantes em termos filosóficos (morais), sociológicos e históricos. Conforme o próprio autor, a questão seria “[...] *não se o negro é preguiçoso e criminoso, ou industrioso e ambicioso, mas sim qual é a proporção de negros preguiçosos para industriosos, de indigentes para proprietários, e qual é a tendência de desenvolvimento nessas classes*” (Du Bois, 1899, p. 38, tradução livre)<sup>70</sup>.

As passagens escritas por Du Bois em primeira pessoa ajudaram na geração de hipóteses de pesquisas futuras, no sentido do que hoje conhecemos como análise de dados qualitativos (Williams, 2006, p. 380). Nestes trabalhos ele promoveu uma agenda de pesquisas e estudos que tinha como objetivo a produção de “verdade” para contestar e causar tensionamentos com as supostas teorias raciais, hegemônicas nas ciências sociais, para então orientar políticas públicas e reformas sociais.

Segundo o próprio Du Bois naquela época, a base segura para a reforma social estava no conhecimento detalhado e minucioso da realidade social, e esse seu comportamento confiante em relação às ciências sociais se modifica com o fim da Primeira Guerra Mundial (I G.M), um momento em que ele se desilude com a função da ciência em realizar transformações sociais positivas e informar um melhor convívio entre os diferentes grupos *raciais* (Liss, 1998).

Entretanto, antes mesmo do início e do término da I G.M, ele caracterizou seus trabalhos na Universidade de Atlanta com o objetivo claro de garantir a mobilidade social e melhoria das condições de vida dos(as) negros(as), alegando que: “[...] *este plano teve origem na Universidade de Atlanta em 1896 [...]. Nosso objetivo não é simplesmente servir à ciência. Desejamos não apenas deixar clara a verdade, mas apresentá-la para encorajar e ajudar a reforma social*” (Du Bois; Dill, 1913, pp. 5-6, tradução livre)<sup>71</sup>. Nessa citação fica expressa a relação que ele tinha com a produção nas ciências sociais voltada para as mudanças (não a manutenção) de paradigmas de convivência e interação social.

<sup>70</sup> The question then becomes, not whether the Negro is lazy and criminal, or industrious and ambitious, but rather what, in a given community, is the proportion of lazy to industrious Negroes, of paupers to property holders, and what is the tendency of development in these classes. (Du Bois, 1899, p. 34)

<sup>71</sup> [...] This plan originated at Atlanta University in 1896. [...]. Our object is not simply to serve science. We wish not only to make the truth clear but to present it in such shape as will encourage and help social reform (Du Bois; Dill, 1913, pp. 5-6).



Os exemplos dos trabalhos feitos e apresentados nas Conferências de Atlanta; “The Philadelphia Negro”; e “The Negroes of Farmville” foram umas das primeiras pesquisas empíricas da sociologia a documentar os indicadores demográficos específicos responsáveis pela caracterização do negro, enquanto um sujeito ativo, descrevendo suas práticas culturais e políticas em um contexto mais amplo que é o de uma sociedade racialmente segregada.

Além destes trabalhos é importante destacar também a apresentação de Du Bois de um painel na “Exhibition of American Negroes”, que compôs a “Paris Exposition” de 1900. Esta foi, sem dúvidas, uma das primeiras iniciativas de Du Bois de combinar a formulação de seus conceitos sociológicos (dupla consciência, linha de cor), e as metáforas do “Véu” e do segundo olhar, com a observação etnográfica de negros(as) no sul dos EUA, análise de dados quantitativos e produção de imagens na forma de fotografia.

Estes trabalhos apresentavam indicadores qualitativos e quantitativos que marcavam, tanto positiva quanto negativamente, o “acaso”, as “oportunidades” da vida dos(as) negros(as) e seu livre arbítrio para realizar transformações sociais de forma indeterminada por “leis naturais”. Em tais trabalhos emerge uma perspectiva sociológica que nada tem a ver com: a) o preciosismo da neutralidade científica que divide sujeito e objeto; b) o viés da determinação do ambiente externo no indivíduo; e c) e a formulação de leis gerais, que são características fundamentais de autores da teoria sociológica em sua vertente mais convencional.

A postura Duboisiana para o desenvolvimento de uma área de estudos e intervenção, que fazia uso das ciências sociais, partia de sua experiência subjetiva e objetiva como um indivíduo, cuja identidade foi atribuída pelo *signo negro*, que passou por experiências de discriminação semelhantes às que ele pesquisou. Ele não se envolveu pessoalmente com os interlocutores de seus estudos, mas se comprometeu política e moralmente com eles (Williams, 2006, p. 384).

**Vi, diante de mim, um problema que não podia e não esperava a última palavra da ciência, mas exigia ação imediata para prevenir a morte social.** [...] percebi que evidentemente o cientista social não poderia sentar-se à parte e estudar [...]; nem, por outro lado, ele poderia trabalhar rápida e furiosamente simplesmente por intuição e emoção, sem buscar no meio da ação, o conhecimento ordenado que a pesquisa e observação incansável lhe poderiam dar. Tentei, portanto, em meu novo trabalho, não fazer uma pausa, quando o remédio era necessário; por outro lado, procurei tornar cada incidente e item em meu programa de elevação social parte de uma estrutura mais ampla e mais vasta de

conhecimento científico real do problema racial na América (Du Bois, 1940, p. 57, tradução livre, grifo nosso)<sup>72</sup>.

As ciências sociais não costumavam retratar os(as) negros(as) como atores sociais. Eles(as) eram frequentemente caracterizados(as) como sujeitos sem relevância para esta disciplina científica, mesmo sendo extremamente importantes para os processos políticos e sociais amplamente estudados nas ciências humanas. As ciências sociais da época de Du Bois retrataram os membros da comunidade negra como “[...] *irrelevantes ou invisíveis no estudo da política racial de duas maneiras: (a) por meio de uma falha em explicar a agência negra em afetar as atitudes brancas, e (b) por meio de uma recusa de estudiosos de raça em lidar com a literatura sobre Opinião pública negra*” (Harris-Lacewell, 2003, p. 227, tradução livre)<sup>73</sup>.

A perspectiva Duboisiana, da justaposição entre ciência e ativismo, nos informa que o rigor científico não é necessariamente comprometido pelo resultado do engajamento político e social do pesquisador. Até mesmo porque, “*não se poderia ser um cientista social calmo, frio e imparcial enquanto negros eram linchados, assassinados e morriam de fome*” (Du Bois, 2007 [1940], p. 34, tradução livre)<sup>74</sup>. Sua teoria sociológica serviu de exemplo para as futuras gerações de intelectuais negros(as) e da diáspora africana, mostrando que o ativismo social cientificamente informado (prática) era um elemento mediador entre a realidade e as concepções dessa realidade (teoria). Du Bois, portanto, foi um dos primeiros autores das ciências sociais em geral, e da sociologia especialmente, que desenvolveu em termos teóricos uma visão democrática radical da agência histórica da população negra, assim como uma crítica contundente das concepções fixas de identidade racial.

Há três questões filosóficas que definem o pensamento de Du Bois nesse período da virada do século XX, são elas: a subjetividade, a humanidade e o dever. Todas elas estão relacionadas

---

<sup>72</sup> I saw before me a problem that could not and would not await the last word of science, but demanded immediate action to prevent social death. [...] I realized that evidently the social scientist could not sit apart and study [...]; neither on the other hand, could he work fast and furiously simply by intuition and emotion, without seeking in the midst of action, the ordered knowledge which research and tireless observation might give him. I tried therefore in my new work, not to pause, when remedy was needed; on the other hand I sought to make each incident and item in my program of social uplift, part of a wider and vaster structure of real scientific knowledge of the race problem in America (Du Bois, 1940, p. 57).

<sup>73</sup> African Americans are rendered irrelevant or invisible in the study of race politics in two ways: (a) through a failure to account for Black agency in affecting White attitudes, and (b) through a refusal of scholars of race to grapple with the literature on Black public opinion (Harris-Lacewell, 2003, p. 227).

<sup>74</sup> “[...] one could not be a calm, cool, and detached scientist while Negroes were lynched, murdered and starved” (Du Bois, 2007 [1940], p. 34).

com os contextos em que a experiência negra lida com o preconceito, a discriminação e uma esperança de melhoria em relação ao futuro (Williams, 2014). Esses três temas se relacionam com as principais categorias de sua sociologia neste período (“dupla consciência”, “linha de cor” e as metáforas do “Véu” e do segundo olhar), fundamentando as práticas de autoinscrição negra-africana. A teoria da ação social de Du Bois, portanto, é descrita e compreendida por meio das práticas de negros(as) e africanos(as) de enviarem “mensagens” ao mundo moderno por meio de suas formas expressivas, políticas e culturais.

### 3.4 Ensaio Sobre a *Dádiva* Negra-Africana

A tese da tensão entre indivíduo e sociedade e da produção de uma subjetividade marcada pela “dupla consciência” é desenvolvida por Du Bois ao passo que ele apresenta uma dissidência em relação às ideologias racistas e nacionalistas da cultura política dos EUA pós-Reconstrução, apresentando um argumento que é político e estético (Gooding-Williams, 2005; 2009). A pergunta que orienta sua teoria sociológica é a seguinte: que tipo de política a população negra deveria conduzir para combater a supremacia branca? A resposta à pergunta pode ser encontrada em “The Souls of Black Folk” que pode ser lido como um testamento/testemunho político preeminente contra o regime de supremacia branca americana.

De uma maneira geral, sua teoria sociológica diz respeito às condições sob as quais uma insurgência individual e coletiva *negra* poderia surgir. A perspectiva sociológica Duboisiana enfatiza o olhar cuidadoso para a organização interna e dinâmica da vida social negra, assim como a agência dos próprios sujeitos ao lado da luta pelo reconhecimento da humanidade fundamental e irredutível do povo negro (Bobo, 2015, p. 465).

Ele acreditava no papel especial dos(as) negros(as) no desenvolvimento de um espírito comunitário, que tinha fortes relações com África e foi transposta para o Novo Mundo. Tal forma de agência poderia e deveria ser uma força contrária ao imperialismo europeu e norte-americano, formando projetos comunitários a partir do reconhecimento de africanos e seus descendentes ao redor do mundo.

Em “The Gift of Black Folk” (1924), por exemplo, ele revisita esta tese que já estava presente em “The Souls”, e argumenta sobre a contribuição e a dádiva negra-africana (*gift*) para a

América e o mundo. Para o autor, ela seria uma reconstrução da noção da democracia, do ponto de vista de um povo apartado do reconhecimento e em busca de uma reconstrução da noção de liberdade. Uma das vias escolhidas por ele para expor essa ideia é a música, vista como uma espécie de dádiva e especificidade cultural dos modos de existência culturais de negros(as) e africanos(as). A sociologia de Du Bois mobilizou as possibilidades e os limites em que essa dádiva poderia se tornar, a partir de seus aspectos contra hegemônicos, um mecanismo de conciliação mais radical (Buschendorf; West, 2013, p. 264-265).

Sua celebrada descrição dos(as) negros(as) americanos(as) como um povo (folk) — um grupo unido por um modo de existência ou espírito coletivamente compartilhado — reflete a expressividade da identidade espiritual do grupo. Essa dádiva negra-africana é um dos operadores da noção de agência central em sua teoria sociológica, pois para ele uma ação política negra adequada deveria conter o regime de segregação Jim Crow por um caminho que articula política e estética.

Essa ação é traduzida nos esforços (*strivings*) de elevar a população negra, lutando contra a discriminação (o acaso) e inscrevendo-a (de forma crítica) na história que as ciências humanas constituíram sobre a modernidade. Trata-se uma forma de ação política que busca expressar a identidade espiritual do povo negro (Gooding-Williams, 2005; 2009). Em “*The Souls*”, ele manifesta distintamente essa ação política via formulação teórica e performance estética.

De acordo com Gikandi (2005), Du Bois parecia acreditar que a arte, e especialmente o que ele via como a contribuição artística dos(as) africanos(as) e seus descendentes, era uma saída significativa da prisão da racionalidade moderna e um desvio para uma consciência feliz que poderia ser encontrada. Na ausência de um domínio político e representacional que pudesse assegurar a liberdade universal, sua atenção para as questões estéticas forneceria um meio de apreender a história dessa ausência e advogar pela presença negra-africana na história.

O modernismo estético negro que o formou nos tempos da Fisk University permitiu a ele a superação da força política e do discurso científico que criou o mundo moderno, compreendendo essas duas dimensões como formas de alienação. África aparece, portanto, como uma categoria estética e política na luta de Du Bois para instituir negros(as) e africanos(as) como sujeitos dentro do período histórico e sociológico que conhecemos como modernidade. A leitura de “*The Souls*”

nos permite compreender essa sua escolha de validar a ideologia estética como uma forma expressiva em que o modernismo pode ser acessado pela subjetividade negra, descrita pela dupla consciência.

Das tensões produzidas pelo “acaso”, a saída escolhida por ele para equacionar o não pertencimento de indivíduos negros em uma sociedade racialmente marcada por determinadas leis de convívio social, foi a valorização de África e das contribuições do que ele descreveu como a dádiva negra. A relação dos(as) negros(as) americanos(as) com África é propositalmente concebida como uma tecnologia de construção de identidade, não como uma marca de autenticidade fenotípica.

Ele recuperou e valorizou a relação dos(as) negros(as) e o continente africano com um objetivo estético e político, a partir de uma experiência em que os modos de existência de negros(as) e africanos(as) poderiam realizar suas conexões com o resto da humanidade. Em “Criteria of Negro Art”, por exemplo, ele reflete sobre a importância da arte negra como uma forma de expressão única e poderosa que reflete as experiências, lutas e aspirações dos(as) negros(as).

Nesse caso a arte negra e africana deve ser analisada e apreciada em seus próprios termos, pois os(as) artistas não estariam reproduzindo uma arte europeia, mas sim expressando suas próprias experiências e práticas culturais, criando uma nova forma de expressão que é arte e propaganda (Du Bois, 1926). *Raça*, portanto, tem importância analítica à medida que Du Bois fala sobre ela como um aspecto cultural e sociológico que mobiliza recursos estéticos para versar sobre modos de existência de grupos sociais, sobretudo os que foram excluídos e apartados dessa lógica de modernidade (Gikandi, 2005).

Entre 1890 e a década de 1940, uma forma de modernismo negro foi desenvolvido em uma perspectiva transnacional. A própria busca de autores(as) e pensadores(as) associados(as) a esse modernismo negro pela modernidade sociológica muitas vezes entraram em desacordo e dissidência com o modernismo dominante que, frequentemente, usava de imagens para representar o negro como primitivo e atrasado, como inspiração para rejeitar a sociedade burguesa e industrial à qual muitos negros, como Du Bois, buscavam reparar e conciliar.

Ele usou recursos como seus ideais Pan-Africanos e sua formação educacional de matriz ocidental para mostrar como as práticas expressivas poderiam demonstrar a excelência humana dos povos de descendência africana. Ele formulou, a partir de sua teoria da ação social, um impulso civilizatório se comprometendo a desenvolver uma forma de “presente” cultural, a dádiva distinta da África para o mundo, e argumentou a favor do reconhecimento de sua contribuição a ser efetivada pelo valor, coerência e singularidade da cultura expressiva “negra” da diáspora e do continente africano.

Du Bois se preocupou com a possibilidade de a arte fornecer um domínio político de expressão e autoinscrição em uma sociedade na qual os processos de divisão da humanidade, em uma perspectiva racial, impuseram a identidade negra e africana como algo anterior à modernidade, como tradicional e primitiva. Se o problema inicial da sociologia de Du Bois é o conflito existente entre as noções de indivíduo e sociedade; assim como o “acaso” e as “leis” gerais do convívio social, a forma com que ele procurou resolver tais problemas foi a partir do mapeamento e da formulação de caminhos ou rotas para uma autoinscrição negra-africana por meio da noção sociológica de dádiva (*gift*) aplicada em textos do momento posterior à Primeira Guerra Mundial, como “The Gift of Black Folk: The Negroes in the Making of America” (1924), “The Black Man Brings His Gifts” (1925) e “The Negro Mind Reaches Out” (1925).

A perspectiva teórica Duboisiana não é uma bricolagem que tenta anexar criticamente o processo de divisão racial do mundo às perspectivas eurocêntricas de conhecimento — que fundamentam sua forma de conhecer o outro, orientadas, ou na melhor das hipóteses, influenciadas pela dominação colonial. Sua teoria sociológica inaugura um *insight* diferenciado a respeito das ambivalências e os aspectos negativos da modernidade na forma de um discurso contracultural da modernidade (Gilroy, 1993).

Por apresentar uma perspectiva teórica diferenciada, que viabilizava o exercício da liberdade dos(as) negros(as) e a valorização de seus modos de existência, e não o seu enclausuramento nas assunções biologizantes da raciologia e da eugenia de seu tempo, Du Bois é um autor que foi, e continua sendo, negligenciado nos currículos de ciências sociais no Brasil em função do racismo acadêmico, ou “apartheid epistêmico”, de nossa disciplina (Rabaka, 2010a).

A formulação da teoria da ação Duboisiana, para além dos interesses e capacidades cognitivas do indivíduo moderno, se orienta pelas reações construtivas aos processos de atribuições de identidade que permite ler a ação social não como metateoria<sup>75</sup>, mas como ação política, especialmente da população negra e de descendência africana em direção à liberdade. A teoria da ação social presente em seus trabalhos marcou gerações de intelectuais da diáspora africana, além de ter sido formulada no mesmo período de institucionalização da sociologia e estabelecimento de seus métodos (Morris, 2015).

Assim como Weber, Du Bois desenvolveu uma teoria da ação no contexto de disputas sobre a metodologia das ciências sociais que começavam a surgir na Europa do *fin de siècle*<sup>76</sup>. O contraponto entre ele e Weber é necessário do ponto de vista analítico para organizar e sistematizar o argumento desta tese em relação à teoria da ação social de Du Bois. Entretanto, o argumento pode ser estendido a todas as perspectivas das ciências sociais, cujas teses sobre os processos de interação e troca estão metodologicamente amparados pelos estudos comparativos entre “formas arcaicas”, “primitivas” ou “pré-modernas” e as formas modernas associadas ao Ocidente.

A diferença, em síntese, de Du Bois para estas perspectivas convencionais das ciências sociais é que ele dissecou os mecanismos pelos quais a desigualdade racial era produzida e sustentada. Sua missão consistia em compreender os fundamentos sociológicos e políticos que pudessem permitir um grupo de indivíduos oprimidos dismantelar as ideologias que davam vivacidade para a desigualdade racial. Sua trajetória é marcada pela experiência de rejeição pelo fato de a comunidade nacional americana ser cindida por um “Véu”, que distorce de forma enganosa a percepção de pertencimento do grupo negro na vida nacional, não havendo chances de comunhão, reconhecimento e interação plenas. Conforme o argumento de Flor, Kawakami e Silvério (2020, pp. 1295 – 1296), Du Bois amplia a noção maculada de “Véu” para uma sociologia da experiência compartilhada do povo negro no contexto norte-americano de supremacia branca. Essa experiência de convívio apartado da sociedade é estendida a todos(as) negros(as) e africanos(as) do mundo.

---

<sup>75</sup> Por metateoria compreendo uma teoria cuja análise e investigação é referente à descrição dela própria. Conforme Rudolf Carnap na definição de metateoria no dicionário Merriam-Webster, se investigarmos, analisarmos e descrevermos uma determinada linguagem L1, então a soma do que se conhece sobre L1 e dito em L2 pode ser chamado de metateoria de L1. Ver mais em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/metatheory>.

<sup>76</sup> Termo francês que significa "fim de século" e abrange o significado da expressão semelhante "virada do século". O termo originalmente faz referência ao encerramento de uma era e ao início de outra, e é normalmente usado para se referir ao final do século XIX e início do século XX.

A título de exemplo, vale ressaltar dois acontecimentos específicos, ambos ocorreram em 1899 enquanto ele era professor na Universidade de Atlanta. O primeiro é o falecimento de seu filho primogênito, Burghardt, devido à difteria em Atlanta, um triste acontecimento que produziu efeitos nele a ponto de escrever o décimo primeiro capítulo de “The Souls”, intitulado “Of the Passing of the First-Born”, onde ele descreve o sistema segregacionista racial que não permitiu que seu filho recebesse tratamento médico, o que causou sua morte.

Nenhum médico branco (ou pelo menos a maioria deles) trataria uma criança negra naqueles tempos, mesmo sendo filho de um professor de uma universidade local. A escrita poética e profética sobre esta tragédia pessoal sugere que o *post-mortem* de seu filho seria uma vida para além do “Véu”. Ele termina este capítulo dizendo: “*Durma, então, criança — durma até que eu durma e acorde com uma voz de bebê e o incessante tamborilar de pezinhos acima do Véu*” (Du Bois, 1903, p. 144, tradução livre)<sup>77</sup>.

O segundo acontecimento foi o linchamento de Sam Hose (1875-1899) que foi um despertar para Du Bois. Sam Hose foi um homem negro que foi torturado e assassinado por uma multidão branca em uma fazenda nos arredores de Atlanta. Segundo o próprio Du Bois, este evento o fez descobrir que a condução de pesquisas empíricas e dados que demonstravam e confirmavam a humanidade da população negra não era suficiente para que não houvesse mais linchamentos e mortes em decorrência de políticas de rejeição e morte pautadas nas diferenças raciais.

Antes da morte de seu filho e do assassinato de Sam Hose ele depositou muita confiança no papel da ciência em informar as pessoas de que as distinções sociais baseadas em *raças* deveriam ser esquecidas, porque a ciência poderia apresentar evidências e fatos contrários às ideologias que sustentavam a supremacia branca. Logo após esses acontecimentos, Du Bois passou a afirmar que: “[...] *a cura não era simplesmente dizer a verdade às pessoas, era induzi-las a agir conforme a verdade*” (Lewis, 2009, p. 212, tradução livre)<sup>78</sup>.

De maneira diferente, Max Weber foi um teórico que depositou uma confiança quase que integral no papel das ciências sociais em informar o processo de racionalização e modernização que caracterizava, para ele, o mundo em que vivia. Weber também foi um nacionalista ansioso para

<sup>77</sup>“Sleep, then, child, — sleep till I sleep and waken to a baby voice and the ceaseless patter of little feet-above the Veil” (Du Bois, 1903, p. 144).

<sup>78</sup> “[...] the cure wasn’t simply telling people the truth, it was inducting them to act on the truth” (Lewis, 2009, p. 212).



que a Alemanha não perdesse espaço para outras nações europeias em relação ao desenvolvimento da sociedade civil moderna.

Essa ideia fica expressa nos registros de sua aula inaugural na Universidade de Freiburg em 1895, onde ele deixa claro que o verdadeiro compromisso de valor nacionalista deveria dirigir-se para uma educação cívica que remetesse a um projeto ético-político, cuja pergunta é: que tipo de virtudes de caráter é necessário para o tipo de liderança e cidadania que podem, juntas, formar uma grande nação? (Kim, 2007).

Para Aldenhoff-Hubinger (2004, p.143), Weber não estava atraído pelas condições de vida das pessoas, mas sim pelo que há de melhor nelas, sejam elas qualidades físicas ou psicológicas, necessárias para a preservação da nação no interior de uma luta pela sobrevivência. Desse modo, destaca-se que o “valor de referência” do diagnóstico de Weber era a inevitável “luta pela sobrevivência” entre as nações europeias, que historicamente culminaram na expansão colonial e dominação imperialista nas Américas, Ásia e África.

Significa dizer que Weber, inicialmente, adotou as ideologias que deram origem ao que hoje denominamos de racismo, expressa em uma ideia de superioridade típica dos cientistas sociais europeus de sua época, assim como adotou o nacionalismo metodológico como orientação intelectual e padrão para realizar pesquisas científicas, concebendo uma meta de nação a se atingir e a sua principal unidade de análise de processos sociais.

Evidentemente existem contrastes entre as formulações e proposições teóricas da ação social de Du Bois e Weber. Estas diferenças podem ser exploradas e tensionadas analiticamente, pois os dois autores desenvolveram suas teorias no mesmo momento e têm formações similares – ambos foram estudantes em Berlim e se corresponderam por cartas até os eventos da I G.M (Scaff, 2011; Morris; 2015; McAuley, 2019). Além disso, eles compartilharam de interesses de pesquisa semelhantes, como as relações econômicas e sociais em comunidades dadas às mudanças do capitalismo moderno - Weber em relação à integração de poloneses no vale do rio Elba e Du Bois a respeito da população negra no sul dos EUA<sup>79</sup>.

---

<sup>79</sup> Durante sua formação na Alemanha (1892-1894), Du Bois se interessou pelas interações da relação agrária com o capitalismo moderno, ele trabalhou em uma tese intitulada “The Large and Small-Scale System of Agriculture in the Southern United States” com seus professores Schmoller e Adolph Wagner. Du Bois e Weber se formam e produzem durante o contexto do estabelecimento teórico e metodológico das ciências sociais em relação às outras disciplinas. Ambos foram formados pelo pensamento de autores como August Meitzen, Gustav von Schmoller, Adolf Wagner,

Sobre este último aspecto, é importante dizer que a transição histórica que Weber estava interessado era do feudalismo para o capitalismo moderno, enquanto Du Bois olhava o papel do colonialismo na definição da modernidade, ou seja, dos fenômenos e processos específicos que permitiram às sociedades europeias realizar a construção de impérios além-mar, como a exploração e dominação de africanos e seus descendentes. Weber e Du Bois tomaram posições políticas distintas em questões políticas domésticas e de escalas internacionais.

Ao passo que Weber minimizou o papel do trabalho não livre e não assalariado na história, desenvolvimento e manutenção do capitalismo ocidental, Du Bois viu o trabalho escravo como o elemento fundamental (McAuley, 2019). Devido a isso, ele advertiu várias gerações de leitores sobre os arranjos desiguais relacionados às interações sociais, corrompidas pelos sistemas de classificação racial, étnica e os princípios do capitalismo moderno no mundo decorrente dos processos de colonização.

Para Weber, era importante poder compreender os efeitos das ideias e comportamentos que os europeus estavam transmitindo para o resto do mundo, que era referente às habilidades e usos do cálculo racional, eficiência técnica e o pensamento em função do custo-benefício apropriado. Todos esses tipos de comportamentos, que para ele eram *quintessencialmente* europeus e ocidentais, eram compreendidos e analisados em oposição à tradição e superstição que, para ele, eram as características do mundo não-ocidental.

Como um autor pioneiro das ciências sociais, Weber aplicou o seu método científico para relacionar convicções religiosas e uma ação social racional-econômica em uma das colônias mais antigas dos EUA, New England, que coincidentemente foi o local em que Du Bois nasceu e cresceu. Weber aplicou seu conceito de tipo ideal para analisar e compreender de forma consistente e lógica a experiência do desenvolvimento do capitalismo nos EUA em “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo” (1905). Neste trabalho, argumenta que a ideia de “Vocação” em João Calvino foi central para pensar o desenvolvimento do capitalismo, por um ponto de vista ético e moral, no nordeste dos EUA.

Em “A Ética Protestante” (1905), as forças religiosas (protestantes) são influências culturais decisivas na formação do caráter nacional dos EUA. Já para Du Bois, tanto em

---

Johann Gottfried Herder e Rudolf Gneist - teóricos influentes no contexto alemão do fim do século XIX e participantes ativos do *Verein für Socialpolitik*.

“Conservation” quanto em “The Souls”, a formação social dos EUA pode ser pensada na chave da associação racial (racial membership) e da contribuição cultural da mensagem da dádiva negra-africana. Isso significa que se para Weber o espírito que influenciou a cultura dos EUA foi a ética protestante, para Du Bois foram as *sorrow songs*<sup>80</sup> (McAuley, 2019).

Du Bois mapeou as expressões artísticas e intelectuais de negros(as) e africanos(as) e suas contribuições humanísticas para o mundo de modo a causar tensões nos entraves dos processos de interação social entre dois grandes grupos raciais. Por isso, ele deu atenção às práticas que poderiam facilitar ou dificultar o reconhecimento dos(as) negros(as) como seres humanos livres, e, com isso, nunca deixou de apontar em seus textos teóricos os campos possíveis para a realização de mudanças e transformações sociais. Disso resulta a formulação de sua teoria da ação social e a importância das práticas culturais e artísticas para a política de autoinscrição negra-africana.

Independentemente das diferenças entre os autores, as declarações de Du Bois em “The Souls” interessaram a Weber, que logo tratou de procurá-lo para que pudesse publicar o texto na *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik*<sup>81</sup>. Weber deixou claro em uma carta a Du Bois que leu “The Souls”, concordou e aprendeu com a tese apresentada sobre a linha de cor, a ponto de dizer que: “Tenho certeza de que voltarei ao seu país o mais rápido possível e especialmente para o Sul, porque estou absolutamente convencido de que o problema da ‘linha da cor’ será o problema principal do tempo que virá, aqui e em qualquer parte do mundo” (Morris, 2015, p. 159, tradução livre)<sup>82</sup>.

Apesar do aparente apreço de Weber por “*The Souls*”, ele claramente fez uma opção a favor das perspectivas evolucionistas para desenvolver sua teoria da agência humana, denotando a natureza evolutiva das formas de ação, dominação e, conseqüentemente, organização social. Para Weber, o processo de racionalização burocrática estava se espalhando pelo mundo em conjunto com o capitalismo moderno e transformaria todos os modos de existência e expressão tradicionais

<sup>80</sup> As “sorrow songs” ou canções de lamento, como Du Bois nomeou, expressam o sofrimento e o tratamento injusto de negros escravizados durante o período de escravidão nos Estados Unidos (1619–1865). As melodias e as letras são os principais elementos que transmitem o lamento. Sorrow songs são composições musicais cujo uso das palavras são diretas sobre o que é ser escravizado. Essas formas expressivas musicais serviram de referência para o que existe de música popular no continente americano, do *Jazz* ao *Rap*.

<sup>81</sup> Importante periódico alemão da área de ciências sociais que divulgou importantes trabalhos no período entre 1888 e 1933. Os primeiros editores da *Archiv* foram Edgar Jaffé, Werner Sombart e Max Weber.

<sup>82</sup> I am quite sure to come back to your country as soon as possible and especially to the South, because I am absolutely convinced that the “color-line” problem will be the paramount problem of the time to come, here and everywhere in the world (Morris, 2015, p. 159).

na lógica da racionalidade moderna e burocrática. Nesse processo teleológico, o valor de referência cultural é baseado na meta-história, ou imaginação histórica, que os autores europeus projetaram para o Ocidente e conseqüentemente, para o mundo todo.

Em contrapartida, Du Bois desenvolveu no mesmo período histórico um *framing* teórico-analítico que capturava as dinâmicas que impulsionaram o problema do século XX na perspectiva da linha de cor. Tal perspectiva foi decisiva e fundamental nos processos de invenção das narrativas que fazem parte da crítica literária pós-colonial e dos estudos da diáspora africana. Estes são, portanto, campos de estudo e atuação intelectual que sucederam e são tributários do pensamento de Du Bois.

Ao mobilizar a categoria *raça* para forjar uma comunidade de memória, ele sugeriu que quando a população negra pensa e fala sobre *raça* ao falar de si mesma, ela geralmente se refere aos problemas referentes à segregação, exploração econômica, linchamentos e outros aspectos de subordinação e brutalização que poderiam ser componentes dessa história comum. Entretanto, a *raça*, para ele, não foi acionada apenas como uma categoria para falar de experiências negativas, ela pode representar um sentimento de pertencimento, lembrança de luta, superação e de motivação para seguir em direção ao “progresso” - palavra que constantemente aparece em seus textos visando o esforço por novos ideais e realizações.

A perspectiva da teoria ação de Du Bois oferece a possibilidade teórica, a partir de um escopo metodológico, conceitual, de categorias analíticas e metáforas de uma ação social que não é caracterizada pelo contraste entre tipologias mentais que ordenam ações de um nível mais elementar e arcaico para um mais sofisticado e moderno.

O pensamento de Du Bois é objetiva e assumidamente político, determinado a informar movimentos de mudança social e de reivindicação da escrita de uma nova história. Ele não trabalhou com tipos ideais generalizáveis e com um processo natural de desenvolvimento da civilização que pudesse acarretar “naturalmente” na assimilação de determinados grupos e populações, como os negros, em um enquadramento nacional.

Em vista disso, é insuficiente dizer que Du Bois foi um intelectual público. Primeiramente, porque não há diferença entre “público” e “privado” para um teórico como ele, que no desenvolvimento de sua sociologia se pergunta sobre a “estranha sensação de se sentir um

problema”. Os processos de racialização interferem tanto no nível da subjetividade (privado e individual) quanto no da vida em sociedade e comunidade (público), como ocorre nas experiências de interdição, da interação e de rejeição.

Em segundo lugar, pois distintamente do compromisso de Weber com a objetividade científica separada do ativismo político, Du Bois fez com a ciência o que Martin Luther King Jr. faria, meio século depois, com sua oratória e organização política coletiva (Itzigsohn, Brown, 2020, p. 102)<sup>83</sup>. Os movimentos pelos direitos civis da década de 1960 trouxeram as ideias de Du Bois para a prática política (Lemmert, 2006; Morris, 2015; Itzigsohn, Brown, 2020). O comprometimento de Du Bois com as ciências sociais e o desenvolvimento de uma teoria da ação social se relaciona com o mesmo comprometimento que ele tinha com os processos de mudança e transformação social na modernidade liderados por africanos e seus descendentes.

Se o conceito de dupla consciência diz respeito à experiência sensorial e concreta de ser considerado um pária na própria terra, então ele também é fundamental no entendimento da junção fatal das noções de nacionalidade e cultura com afinidades e afiliações políticas, que ligam de maneira conflitante a população negra do Ocidente a uma de suas culturas adotivas e parentais: a herança intelectual desde o Iluminismo (Gilroy, 1993). A dupla consciência e o “Véu” demonstram como a experiência sensível (no plano dos sentidos do corpo humano) e as culturas de negros(as) da diáspora podem ser proveitosamente interpretadas como expressões e comentários sobre as ambivalências geradas pela modernidade e suas localizações em seu interior.

A sociologia de Du Bois e, especificamente, sua teoria da ação social tem em perspectiva o acaso (chance) e o livre arbítrio, que conduzem a população negra em direção a realização de transformações sociais, que resultam em um caminho em direção à liberdade e à democracia em suas comunidades de acolhimento no Ocidente, por meio da dádiva de ser negro(a) e sua correspondência com África. Entretanto, é uma perspectiva caracterizada também por decepções históricas.

De acordo com Saidiya Hartman (2007, p. xxviii), “[...] *a decepção se desenvolve como uma sensibilidade histórica cética [...] e preocupada em primeiro lugar com o espaço do intervalo - isto é, com o abismo entre o não mais e o ainda não, entre o que é e o que poderia ter sido*”

---

<sup>83</sup> “W.E.B. Du Bois was doing with science what Martin Luther King Jr would do, nearly half a century later, with oration and organizing” (Itzigsohn, Brown, 2020, p. 102).

(tradução livre)<sup>84</sup>. É esta decepção, na forma de sensibilidade histórica, que influencia as lutas políticas da população negra no Novo Mundo e demonstram uma característica peculiar da teoria sociológica de Du Bois: uma oscilação entre desapontamentos e expectativas.

Podemos encontrar em sua teoria da ação social as premissas que permitem fundamentar as bases teóricas que informam as práticas da cultura política negra-africana a partir de elementos diferentes da teoria social convencional. Du Bois não se absteve de buscar um espaço na humanidade, ele foi um autor que sempre esteve em intenso diálogo “herético” com o humanismo ocidental. Ao usar as palavras “alma” (*soul*) e “dom”, ou dádiva (*gift*), ele valorizou as experiências e contribuições de negros(as) e africanos(as) para a humanidade, pois, como aprendemos ao ler seu texto “The Conservation of Races”, se a *raça* não existe, ela é ao menos narrada histórica e socialmente a partir da contribuição cultural de cada grupo *racial* para a humanidade. Este foi um dos objetivos de Du Bois, especialmente até a metade do século XX.

---

<sup>84</sup>[...] the disappointment develops as a historical sensibility skeptical [...] and concerned first and foremost with the space of the interval—that is, with the chasm between the no longer and the not yet, between what is and what might have been (Hartman, 2007, p. xxviii).

## 4. TEORIA SOCIAL, FRONTEIRAS E IDENTIDADES

“Como podemos organizar essas coisas enormes, aleatoriamente variadas e diversas que chamamos de seres humanos em posições onde eles possam se reconhecer por tempo suficiente para agirem juntos?” (Hall, [1998] 2021)<sup>85</sup>.

### 4.1 Uma Breve Recapitulação Histórica dos Paradigmas da Sociologia

Os paradigmas que marcam o desenvolvimento da sociologia clássica, que surge na Europa do século XIX, têm uma base histórica fundamentada pela Revolução Francesa e Revolução Industrial e são os ideais de solidariedade, associação, racionalização, direitos e igualdade que orientam a discussão teórica e metodológica da disciplina. As teorias sociológicas clássicas são teorias da modernização, cujos temas são a descrição da modernidade como diferenciação funcional, racionalização e capitalização pela via dos trabalhos de Durkheim, Simmel, Weber e Marx, respectivamente (Reckwitz, 2008; Hofbauer, 2011).

A base histórica que deu substrato para a teoria sociológica convencional minimizou eventos como a colonização, o imperialismo e a expansão ultramarina da Europa em função do subjugamento e exploração da grande parte da comunidade mundial. Paradoxalmente, é no momento que os principais pensadores do “contrato social” se depararam com as sociedades não ocidentais do continente americano, africano e asiático que as ciências sociais começaram a tomar forma, pois foi a partir de relatos de viajantes e exploradores coloniais que filósofos sociais como Hobbes, Locke e Rousseau formularam a noção de “estado de natureza” para teorizar e imaginar a sociedade europeia a partir de estágios evolutivos de organização social (Collins, 2009; Connell, 2012).

Durkheim, Weber, Marx e Simmel, por exemplo, são autores da sociologia que trabalham com a concepção de sociedade moderna como a principal unidade de análise e/ou abstração de suas respectivas teorias para discutir os modos de existência na humanidade. Eles são herdeiros do “contrato social”. Durkheim, por exemplo, esteve interessado em procurar as referências e bases necessárias para forjar uma “consciência coletiva” que mantivesse a sociedade moderna coesa

---

<sup>85</sup> How can we organise these huge, randomly varied and diverse things we call human subjects into positions where they can recognize one another for long enough to act together [...] (Hall, [1998] 2021).

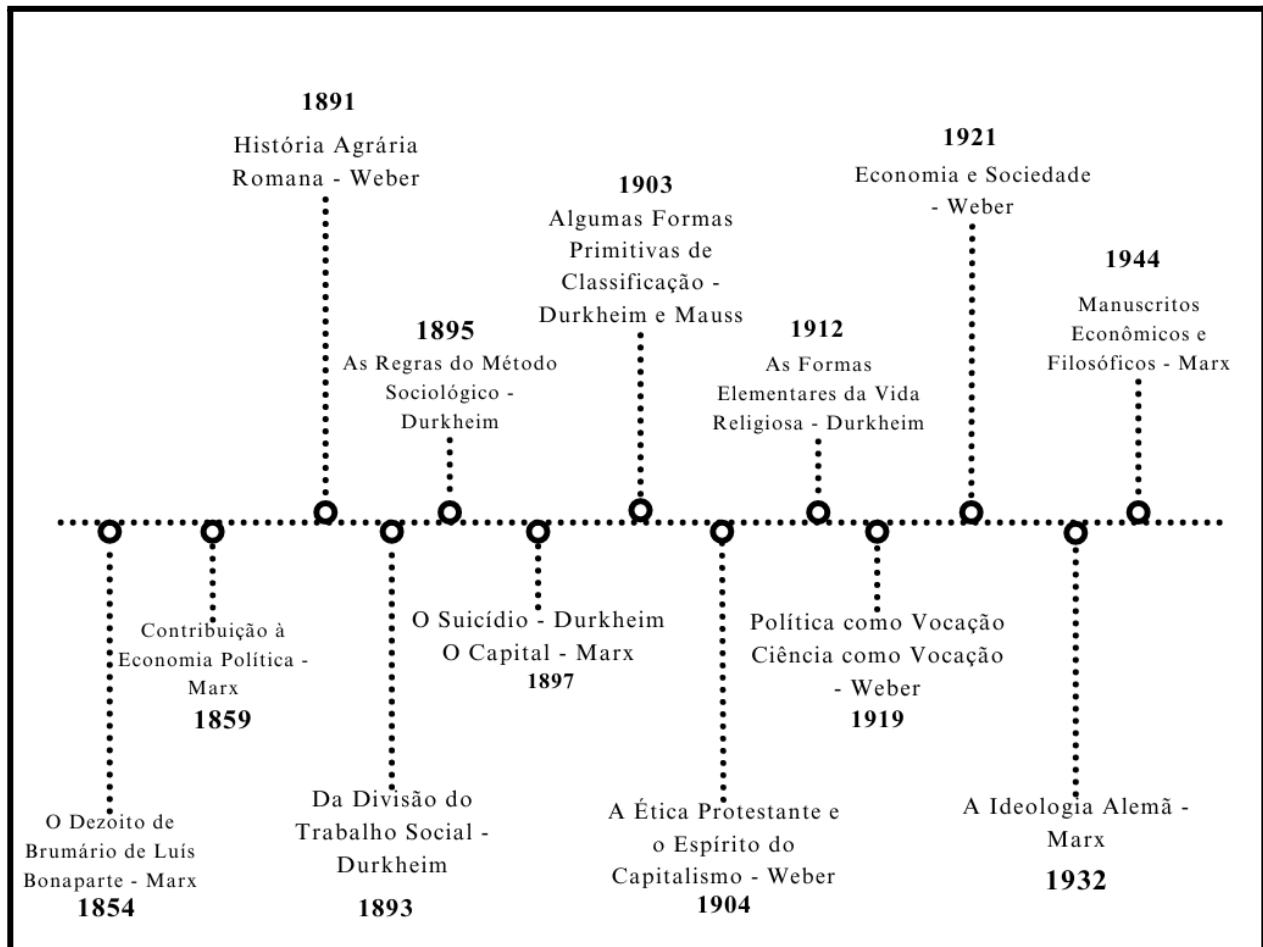
(Pope, 1998). Em seu primeiro livro, “Da Divisão do Trabalho Social” (1893), ele enfatizou o papel da interação na solidariedade social e em “As Formas Elementares da Vida Religiosa” (1912), seu último livro, abordou a interação ritualística (ou religiosa) como uma poderosa fonte de integração na sociedade.

Weber, por sua vez, apresentou a tese da racionalização da sociedade, uma análise meta-histórica do domínio ocidental na modernidade e a tese da “ética protestante”. Ele se consagrou como um dos grandes teóricos da modernidade com a questão da autonomia da ação individual em uma sociedade cada vez mais racionalizada, em um crescente processo de “desencantamento” que ocorre em campos díspares da vida humana, com uma lógica própria de cada campo e direções variadas.

Marx procurou a chave de entendimento de uma possível “anatomia da sociedade”, organizada, segundo ele, a partir dos meios de produção descritos na economia moderna. A dialética entre indivíduos e a produção do mundo material é o cerne de sua filosofia, ao passo que os indivíduos dão forma ao mundo material e são também formados por ele (Giddens, 1984). E Simmel, cujo tema de destaque é o conceito de “sociação”, que está de acordo com uma ideia de sociedade moderna significada pela interação psíquica entre indivíduos, desde as interações fugazes que se desfazem rápida e facilmente (como flertes e troca de olhares), até interações mais duradouras (como o Estado, governo, associações e organizações sociais). A interação social é a questão fundamental de sua sociologia.

O cânone na sociologia, portanto, expressa uma ideia de que a modernidade se apresenta como um projeto político e como uma forma de organização social. Para ajudar na sistematização desse argumento a respeito da constituição do cânone das ciências sociais, mais especificamente da sociologia, segue abaixo uma imagem com uma linha do tempo que apresenta uma simples cronologia de importantes textos escritos por Durkheim, Marx e Weber. Esta cronologia serve para mostrar alguns dos principais textos dos autores da sociologia clássica, mostrar os temas mobilizados por eles e revelar que o período histórico em que os métodos e teorias da disciplina passaram a ser desenvolvidos por Durkheim, Marx e Weber era o mesmo contexto em que Du Bois estava contribuindo com suas obras e desenvolvendo seu sistema de ideias.





**Figura 9** - Linha do tempo com a cronologia de alguns textos fundamentais dos autores da sociologia clássica.

Somado a essas questões de ordem metodológica, destaca-se o fato de a sociologia ter passado por um processo de síntese no período Pós-Segunda Guerra Mundial (II G.M). Trata-se da “era de ouro” da sociologia, caracterizada pela institucionalização da disciplina nas universidades inglesas, francesas e alemãs e sua popularização nos Estados Unidos a nível internacional com a “grande teoria” de Parsons e os métodos quantitativos de Lazarsfeld (Alves, 2010). Este período garantiu uma maior notoriedade à sociologia, além do crescimento de investimentos e financiamentos que consequentemente aumentaram a produção de pesquisas e a formação de jovens cientistas sociais. É nesse contexto que se deu uma forte relação entre sociólogos(as) e outras fontes de financiamento além do Estado, como as Fundações Ford, Carnegie e Rockefeller, incluindo os vínculos entre a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e a International Sociological Association (ISA).

Foi sob as convulsões políticas da ascensão e declínio do nazismo que a sociologia moderna passou a ser desenvolvida e sintetizada fora da Europa. O que resultou nos EUA se tornando o epicentro da miscelânea da sociologia europeia, o principal centro de organização mundial das “tradições nucleares” da sociologia (Collins, 2009). Nesse período a sociologia passou a ser vista como uma disciplina científica cuja missão era reconstruir e modernizar o mundo após o trauma do nazismo e da II G.M. Foi nesse contexto que a disciplina se promoveu no pós-II G.M sob as bases e fundamentos metodológicos e epistemológicos de Durkheim, Weber e Marx, principalmente.

Embora não fosse consensual, havia por parte de muitos sociólogos um acordo tácito de que os princípios morfológicos básicos sobre os quais assentavam cientificamente o entendimento do mundo social - o grau de generalizações abstratas e universais, tanto a nível conceitual quanto metodológico - já estavam construídos ou parcialmente construídos (Alves, 2010, p. 18).

Durante a década de 1940, a sociologia se popularizou sob um esforço enciclopédico ao lidar com materiais do passado (no caso os acontecimentos históricos centrais da modernidade europeia), e sistêmico, pois as “tradições nucleares” da sociologia definiram em seus trabalhos o curso do progresso da história humana na forma de etapas de desenvolvimento, organização social e regularidades da vida social. A disciplina, tal como conhecemos hoje, a partir da influência de determinados autores, é fruto de um empreendimento imaginativo que teve como consequências o profundo interesse disciplinar no tema da modernidade, nos padrões sociais normativos e nas regularidades sociais que mantêm a ordem e o equilíbrio da sociedade.

Ao assumir a modernidade como grande tema do desenvolvimento da sociologia, contribuiu-se para a construção de uma cisão entre as noções de modernidade e tradição; sociedade e comunidade; cultura e natureza, divisões que expressam a noção de *West/rest* - o Ocidente e o resto do mundo (Hall, 1992). As teses que desenvolveram a sociologia convencional promoveram uma previsão de que a expansão dos processos de racionalização, diferenciação e desenvolvimento industrial/tecnológico poderiam eliminar as expressões culturais e sociais de ordem tradicional (Reckwitz, 2008; Hofbauer, 2011). Em outras palavras, significa dizer que a modernidade sociológica se tornou a régua que dita o nível de desenvolvimento social, cultural e político de toda a humanidade.

O sujeito racional iluminista, a liberdade individual e a igualdade entre todos os cidadãos constituíam não somente ideais locais, mas seriam também utilizados para **marcar fronteiras identitárias** no momento da expansão colonial como parâmetro supostamente metacultural (supralocal) para avaliar o progresso de qualquer sociedade (Hofbauer, 2011, p. 73, grifo nosso).

Mas foi a partir dos anos 1960 que houve um movimento de “revolução cultural” nas ciências sociais, que colocou em questionamento os pressupostos teóricos sobre os quais a sociologia tinha se desenvolvido e popularizado. Os movimentos sociais que participaram ativamente desse contexto de mudança disciplinar levantaram importantes questões teórico-metodológicas para a sociologia, dentre elas a importância da historicidade como a ação dos indivíduos na constituição de sua própria história. Essa ideia está expressa na seguinte pergunta feita por Alves (2010, p. 20): “[...] *são os atores que constituem o sujeito da história ou a história é dotada de uma lógica imanente, constituindo um processo sem sujeito?*”.

Nessa mesma direção, o antropólogo Michel Trouillot diz que é fundamental pensar na participação do ator/narrador na construção da história, pois ele é o indivíduo que narra os fatos. Porém, a história muda conforme o contexto, que pode privilegiar um processo sócio-histórico frente a outros para elencar os elementos centrais da narrativa que o ator/narrador quer materializar e tornar visível. A história, portanto, se forma a partir dos acontecimentos e dos nossos conhecimentos sobre eles, mas de maneira com que a fronteira entre os dois níveis seja fluida.

A historicidade não pode ser generalizada em uma fórmula única. É nesse sentido que Trouillot (1995) se propõe a mostrar e atentar para a produção de história fora de dicotomias (positivismo e construtivismo). Há uma diferença entre *o que aconteceu* e *o que foi dito que aconteceu*, são diferenças fundamentais de ordem epistemológica e ontológica no sentido da maleabilidade da narrativa histórica, ao passo que ela perde (ou ganha) sua qualidade enquanto “verdade”, como positivistas e construtivistas sugerem. Trouillot está mais preocupado com os processos e condições de produção de narrativas que produzem história, e através dessa inquietação ele diz que é possível ver uma diferença de poder no seu exercício. Isso o faz perceber que algumas narrativas se sobrepõem frente a outras.

Os processos políticos resultantes das lutas de libertação em África e Ásia, dos feminismos em escala global, dos movimentos de contracultura, e da presença de jovens negros(as), asiáticos(as) e africanos(as) nos principais centros de pesquisa da Europa e dos EUA tiveram como

resultado o aumento de novos temas de estudo e agendas de pesquisa. Estes que seguiram conjuntamente com o crescimento do sistema de pós-graduação nos anos 1960 e 1970 (Collins, 2009). Esse processo expôs motivações políticas que tinham pouco a ver com a questão da modernidade europeia, presente no modelo hegemônico da sociologia dos “anos de ouro”. É nesse contexto de revisões críticas aos pensadores clássicos que a produção de Du Bois passa a ser lembrada, principalmente, nos países de língua inglesa, como uma contribuição fundamental para as ciências sociais, originária de um dos principais intelectuais negros de todos os tempos.

Neste mesmo momento de transição entre os anos 1960 e 1970, o mundo das ciências sociais testemunhou a produção dos principais manuais de formação de sociólogos(as) no Ocidente. Em 1968, a parceria entre Pierre Bourdieu, Jean-Claude Chamboredon e Jean-Claude Passeron possibilitou a criação do famoso livro “Ofício do Sociólogo” (*Le métier de sociologue*), cujo subtítulo oficial traduzido literalmente do francês para o português sugere o principal objetivo do livro, que é discutir os “preâmbulos epistemológicos” para o estudo e pesquisa em sociologia. O livro teve um impacto grandioso não só na França, mas também em outros países onde a sociologia, enquanto profissão, estava em desenvolvimento, como era o caso do Brasil, cuja universidade central na produção de conhecimento da época era produto de uma missão francesa em São Paulo.

Na Inglaterra houve a publicação de “*Capitalism and Modern Social Theory*”, de Anthony Giddens, em 1971. O livro, em linhas gerais, faz um apanhado teórico e metodológico da sociologia de Marx, Durkheim e Weber, dando forma a uma agenda de discussão epistemológica detalhada centrada nas obras dos três autores. E no Brasil, houve a publicação de “*Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica*”, de Florestan Fernandes (1959), que é um texto que organiza o aspecto disciplinar da sociologia nos termos das três tradições nucleares, são elas: a perspectiva funcionalista de Durkheim; a compreensiva de Weber; e a dialética de Marx, tradições clássicas da sociologia que se expressam principalmente do ponto de vista metodológico. Em um debate com Guerreiro Ramos (1915-1982) sobre a possibilidade de profissionalização da sociologia no Brasil, Florestan Fernandes (1967) destaca as diferenças metodológicas que organizam as principais matrizes teóricas que informam a sociologia do século XX da seguinte maneira:

O método de compreensão, cuidando dos problemas pertinentes à socialização e às bases sociogenéticas da interação social, permite abstrair as variáveis operativas de um campo a-histórico; o método objetivo (ou genético-comparativo), focalizando os problemas ontogenéticos e filogenéticos colocados pela classificação das estruturas sociais, permite abstrair as variáveis operativas, combinadas em constelações nucleares mutáveis, de um campo supra-histórico; e o método dialético, tratando das relações existentes entre as atividades socialmente organizadas e a alteração dos padrões da ordem social, que caem na esfera de consciência social, permite abstrair as variáveis operativas de um campo histórico (Fernandes, 1967, p. 38).

Cada perspectiva metodológica (funcionalista, compreensiva e dialética) representa, para Fernandes (1959 [1967]), Bourdieu, Chamboredon e Passeron (1968) e Giddens (1971), as principais construções mentais e lógicas que foram produzidas para explicar e definir as formulações de problemas que passaram a orientar o estudo e pesquisa em ciências sociais no século XX. Estas se constituíram como as tradições nucleares, ou convencionais da sociologia.

Interpretar estas perspectivas na chave do que Thomas Kuhn chamou de “paradigmas” permite a leitura crítica e analítica da sociologia clássica, de modo a observar que estes três manuais brevemente citados são trabalhos contemporâneos que resgatam conjuntamente o momento do desenvolvimento da metodologia das ciências sociais com a síntese de uma tradição nuclear da disciplina. Os autores sistematizados foram Durkheim, Weber e Marx, e a partir disso os principais temas que emergiram na França foram instituições; família, escola e movimentos sociais e na Inglaterra foram classes sociais e modernidade, por exemplo.

Diferentemente do caso europeu, no processo de emergência da sociologia nas Américas as principais discussões no Brasil e nos EUA ocorreram mobilizando temas como o urbano, marginalidade e, especialmente, o que se convencionou como o tema das “relações raciais”. Considerando que o estudo do contato entre diferentes grupos *raciais* constituiu-se como um dos temas privilegiados de investigação na institucionalização da sociologia nas Américas (EUA e Brasil), por que as obras de Du Bois não foram mobilizadas nos três principais manuais de sociologia que formou gerações e cientistas sociais ao redor do mundo, ou pelo menos no manual organizado no Brasil?

Esta mesma pergunta pode ser feita de outra forma. Se os temas da sociologia e os problemas de ordem empírica que emergem nas Américas são diferentes da Europa, por que as referências teóricas e metodológicas são as mesmas? O processo de transição entre o feudalismo e a modernidade, causa da existência da sociologia clássica, não ocorreu nas Américas. Nesta

transição para a modernidade há de se destacar a colonização e todos os seus artefatos, como a linguagem, espiritualidade, estética e a política, todos operando em favor de uma ideologia da supremacia branca e do colonialismo que dividiu o mundo e as expressões culturais humanas a partir de uma ideia de grupos raciais. A sociedade moderna não pode ser, para africanos e seus descendentes, um dado pré-estabelecido, um fato social garantido naturalmente, pois isso é naturalizar a ideologia que aprisiona e desmobiliza a ação de mudança da ordem e do contrato social.

Uma possível resposta para estas perguntas pode ser que, ao conservar os autores da sociologia convencional nas Américas, procurou-se perpetuar deliberadamente um método nas ciências sociais para estabilizar sujeitos como fatos sociais isolados da realidade e objetivando nestes novos povos “primitivos” – tanto os nativos das Américas e Caribe quanto os traficados de África – um projeto de assimilação que pudesse categorizar (aprisionar) diferentes modos de existência em uma lógica moderna que faria do Novo Mundo uma cópia barata da Europa, ou em outros termos, “dependente” dela.

Outra forma de responder essa pergunta pode ser feita a partir de razões de ordem micropolítica, ou seja, razões cotidianas como circulação, acesso a recursos e políticas de traduções de textos que influenciam e refletem outra dimensão do colonialismo teórico. Existem explicações que não se prendem ao limite da teoria em si (em termos de método, teoria e análise empírica) mas às relações institucionais. A produção de conhecimento também segue linhas de força e poder que não estão presas à reflexão teórica somente, mas também nas parcerias, alianças estabelecidas e circulação de intelectuais no mundo. Talvez por esses motivos, também, a sociologia nas Américas, mesmo que envolta em processos sociais e históricos diferentes da Europa, perpetuou e continua perpetuando os métodos e temas da sociologia convencional. Nas duas formas de tentar responder essa pergunta, a produção sociológica pode ser lida na chave dos processos de racialização.

No caso das ciências sociais brasileiras, destacam-se alguns momentos, como o em que João Batista de Lacerda apresentou a tese “Sur Le Métis au Brésil” no Congresso Universal das Raças em Londres de 1911, demonstrando a complexidade da discussão sobre as relações entre diferentes grupos raciais no Brasil. Neste mesmo congresso ele apresentou um trabalho na mesma seção que Du Bois, ressaltando a existência de povos atrasados ou adiantados em termos

sociológicos e antropológicos. Para Lacerda (1911), o elemento negro-africano seria um elemento a ser subsumido e diluído com o projeto político de “integração” de africanos(as) e negros(as) no mundo branco via processo de mestiçagem. A partir da previsão de que em um prazo de 100 anos a população negra no Brasil desapareceria, os estudos de Lacerda tornaram-se objeto da pesquisa e intervenção política no país.

Já nos anos 1930, os trabalhos de Gilberto Freyre imaginaram a nação brasileira como um “cadinho” de agrupamentos raciais em que a cultura de cada grupo (branco, indígena e africano) comporia o cenário do que o Brasil poderia representar para o mundo em termos de relações raciais harmoniosas. “Casa-Grande & Senzala” (1933), por exemplo, é um texto fundamental nesta discussão em que Freyre apresenta uma concepção de *raça* associada à cultura, pensando a sociabilidade entre diferentes grupos para imaginar a formação social do Brasil. O culturalismo do pensamento do antropólogo Franz Boas está presente na formação de Freyre e obviamente se manifesta em “Casa-Grande & Senzala” (1933) na forma de uma defesa da tese de que a cultura é um elemento fundamental na formação da sociedade brasileira.

Tanto Lacerda quanto Boas conheciam os trabalhos de Du Bois. Segundo Liss (1998), até o final da Primeira Guerra Mundial Du Bois e Boas contextualizaram suas teorias sobre *raça* a partir de suas experiências pessoais de marginalidade e exclusão que os levaram a um distanciamento do *self*, Du Bois enquanto negro e Boas enquanto judeu. Ambos estão ligados ao surgimento do multiculturalismo e do relativismo cultural nas ciências sociais, argumentando que o racismo é um grande obstáculo para a efetivação dos ideais de igualdade e liberdade.

Melville Jean Herskovits (1895-1963), outro importante antropólogo, teve influência no tema das relações raciais e demarca outro momento nesta discussão. Ele desenvolveu pesquisas sobre organização familiar de africanos(as) e descendentes nas Américas a partir de estudos de contato cultural e aculturação, fazendo pesquisa de campo no Suriname, no quilombo de Saramacca, por exemplo<sup>86</sup>. Em 1941 ele publicou “The Myth of the Negro Past” discutindo a presença de descendentes de africanos(as) nas Américas, abrindo uma nova agenda de pesquisa. O tema fundamental desta obra de Herskovits eram as retenções da cultura africana no comportamento e na sociabilidade de negros(as) no Novo Mundo.

---

<sup>86</sup> On The Provenience of The Portuguese in Saramacca Tongo. Herskovits, M. In: *De West Indische Gids*, 12, 545-557, 1931.

Para Boas e Herskovits negros(as) não eram diferentes dos(as) brancos(as), por isso eles se posicionaram contrariamente à discriminação pautada em termos de *raça*. Boas deu suporte para gerações posteriores usarem a antropologia para autenticar a herança africana. Ele favoreceu o projeto de assimilação cultural como uma estratégia eficaz para melhorar o problema de negros(as), defendendo a miscigenação fenotípica e explicando que o racismo não desapareceria do continente americano “[...] *até que o sangue dos negros tenha sido tão diluído que não será mais reconhecido, assim como o anti-semitismo não desaparecerá até que o vestígio do judeu como judeu desapareceu*” (Boas, 1921, p. 395).

Herskovits, por sua vez, construiu com Arthur Ramos (1903-1949) uma influência política nos rumos do Projeto Unesco no Brasil, dos anos 1950, que se materializou em um dos principais estudos sobre relações raciais no Brasil (Yelvington, 2007). Ele pensou o seu conceito de “sobrevivências” a partir de “atemporais práticas africanas que remanescem — em qualquer população negra do Novo Mundo — após a aculturação na cultura euro-americana dominante” (Matory, 2020, p. 974). As práticas sociais relacionadas ao continente africano, nessa perspectiva, são a-históricas, se incorporando inconscientemente em negros(as) nas Américas.

Este interesse de Boas e Herskovits na história da África explicam o foco no conceito de cultura em relação às comunidades afro-americanas, acompanhado por Robert E. Park (1864-1944) da Escola de Sociologia de Chicago. Park também empreendeu esforços na difusão dos estudos e pesquisas que basicamente viam as diferenças culturais como resultados de uma história marcada por privação econômica e privação social. Nessa perspectiva, a cultura negra seria um desvio do padrão branco. Os trabalhos da Escola de Chicago durante os anos 1950 promoveram um projeto de assimilação do negro(a) nos EUA, interpretando costumes e práticas associadas a uma matriz cultural africana como desvios de padrões.

Assim, no período de 1919 a 1958 vamos nos deparar com, por um lado, a visibilidade e consolidação de uma perspectiva patrimonialista da cultura negra-americana representada por Boas e seus discípulos Herskovits (retenções das culturas africanas), com a potente variante brasileira de Gilberto Freyre (miscigenação/mestiçagem, isto é, a fusão dos elementos africanos e a predominância dos elementos culturais europeus). E, por outro lado, a perspectiva de elevação (mobilidade) “racial” de Robert Park e Franklin Frazier, que ao negarem a especificidade cultural dos descendentes de africanos e o racismo referendavam tanto as concepções de Boas e seus discípulos quanto estimulavam o ciclo aculturação-assimilação-integração, em um momento em que os linchamentos se constituíam em um fato recorrente na experiência norte-americana (Silvério; Santos; Costa, 2020, pp. 346-347).



Outro momento importante é representado pelas contribuições de Florestan Fernandes, especialmente em “A Integração do Negro na Sociedade de Classes” (1965). Há uma passagem em que o autor chama a atenção para o “déficit negro”, que era perceptível em seus estudos sobre relações raciais na cidade de São Paulo. Fernandes (1965) identificou uma baixa nos dados demográficos da população negra nas informações censitárias da época que expressava para ele o “déficit negro”.

“As condições de **anomia social** não só preservaram o nível de pobreza inicial da população negra paulistana. Agravaram-na, continuamente, de várias maneiras, convertendo o pauperismo numa constante do ponto de vista do ‘negro’ na cidade e a pauperização no processo de seu ajustamento normal ao mundo urbano. Daí a **cadeia de ferro**, que prendeu negros e mulatos no círculo vicioso gerado pela miséria, e **aprisiona o homem a níveis de existência que se aviltam e se degradam progressivamente**, qualquer que seja a disposição ou o esforço empenhados, voluntariamente, em sentido contrário” (Fernandes, 1965 [1978], p. 100, grifo nosso)<sup>87</sup>.

Nesta citação existem três teorias da modernidade que atualizam o pensamento de Durkheim, Weber e Marx na forma que Fernandes (1965) pensou o problema do “déficit negro” em São Paulo. Essa atualização da sociologia clássica se expressa na forma que ele mobilizou determinados conceitos como anomia (Durkheim), pauperismo (Marx) e cadeia de ferro (Weber) para pensar as condições de vida da população negra. Esse movimento de revisão e atualização das ciências sociais clássicas no contexto brasileiro demonstra que o tema das relações raciais foi mobilizado conforme o que Stephanie Y. Evans argumenta, ao dizer sobre o contexto estadunidense, que a “[...] *classe média negra ficou entre a rocha do primitivismo e o lugar difícil das aspirações burguesas*” (Evans, 2007, p. 65, tradução livre)<sup>88</sup>.

Diferentemente dessas perspectivas convencionais, Du Bois já havia observado no início do século XX as dinâmicas internas do grupo negro e as relações de poder que permeiam, constroem, atravessam e demolem fronteiras. O(a) negro(a) emerge, nos trabalhos de Du Bois, como um sujeito sociológico que traz as demandas de sua agência, apresentando uma concepção de cultura mais aberta e associada a uma agência negra-africana em construção. Nas perspectivas mais convencionais, o(a) negro(a) surge como um sujeito sociológico e antropológico centrado, com pouco ou mínima capacidade de agência criativa de transformação das narrativas e projetos de modernidade e modernização. É a partir disso que se torna possível começarmos a interpretar o

<sup>87</sup> Aqui necessita-se dizer que o termo “homem” é um termo de época que universaliza a humanidade na ideia de um homem. O termo não expressa o pensamento do contexto atual do século XXI.

<sup>88</sup> “middle class was ultimately caught between the rock of primitivism and the hard place of bourgeois aspirations” (Evans, 2007, p. 65).

desvendamento da história de silenciamento e ausência de Du Bois nas ciências sociais brasileiras e mostrar como ele suplantou as ideias de *raça* do domínio biológico e cultural que ainda eram/são hegemônicas nas humanidades.

Da forma como as ciências sociais, especialmente a sociologia, se constituíram, a partir dos paradigmas metodológicos funcionalista, compreensivo e dialético, gerações de pesquisadores(as) foram treinados(as) para captar regularidades como aspectos independentes das vontades, motivações e da consciência dos indivíduos. Boa parte da legitimidade da sociologia residiu na operacionalização de conceitos e formulações de leis “gerais” e “eternas”, que determinavam as relações humanas como estruturas e sistemas de relação e interação.

Dois aspectos destacam-se nesse “fazer sociológico”, o primeiro é a característica de a ciência ser promovida como algo essencialmente analítico e abstrato, não devendo ser confundida com a realidade – tal concepção encontra-se nas formulações de Durkheim e Parsons, por exemplo. Com isso, a ciência só poderia ser desenvolvida a partir de uma teoria, que se constitui por um sistema abstrato integrado e orientado por uma lógica interna determinada. Apesar de abstrata, a teoria não é arbitrária. Essa questão nos leva ao segundo aspecto, que é que para ser relevante e significativo, o conceito analítico deve relacionar-se com a experiência empírica, o conceito deve ser operacionalizado no nível da realidade.

Nesse sentido, a compreensão da realidade depende de configurações teóricas e metodológicas, em que a abstração é o principal recurso de explicação dos fenômenos da realidade social. Ou seja, o(a) cientista só seria capaz de apreender a realidade social quando a situa como uma “coisa” exterior a ele(a). É um postulado racionalista que está presente em parte do pensamento científico desde o século XVII (Alves, 2010).

A noção de “historicidade”, portanto, é um aspecto inovador que desloca, ou questiona, a ideia de superdeterminação teórica da sociologia convencional, produzida até o período dos “anos de ouro” da disciplina. A historicidade é anterior à história, ela é a capacidade das pessoas de construírem história. Significa dizer que a realidade humana - assim como as ideias capazes de captá-la - possui uma temporalidade que é o modo pelo qual o próprio indivíduo é capaz de assimilar o tempo (passado e presente) e assumir a construção de seu próprio futuro. A historicidade tem implicações teóricas e metodológicas nas ciências sociais, dentre as quais há a

importância de levarmos em conta a ação humana como fundamento da construção da realidade e, conseqüentemente, da história (Trouillot, 1995).

A corporeidade é outra característica fundamental nesta “revolução cultural” nas ciências sociais, a partir dos anos 1960, que desloca os princípios normativos e metodológicos das ciências sociais convencionais. Se anteriormente o(a) cientista deveria tratar o objeto de estudo como algo externo, como fazer quando o tema da discussão faz parte de seu próprio corpo? Esse tipo de questionamento aparece em Du Bois em “Strivings of Negro People” (1897) e “The Souls of Black Folk” (1903), textos em que ele descreve a sensação peculiar de se ver através dos olhos dos outros.

A corporeidade aqui refere-se a todos os órgãos e sistemas que constituem um ser vivo, mas principalmente àquilo que podemos apreender através dos sentidos e que tem uma extensão limitada. Ser percebido como *negro(a)*, neste aspecto, é um processo que é possível somente pela experiência dos sentidos. Não coincidentemente, os conceitos e metáforas da sociologia de Du Bois dialogam com o sentido da visão (Smith, 2004). A teoria sociológica de Du Bois parte de uma *semiótica subjetiva da experiência*, uma perspectiva que combina tanto a historicidade quanto a corporeidade na composição da formulação das perguntas que orientam todo o pensamento de sua sociologia, “*Qual é a sensação de se sentir um estranho?*”; “*Como é se sentir um problema?*”.

O processo de divisão do mundo pela linha de cor e pela divisão de *raças* constitui o campo normativo da divisão de modos de existência que compõem a humanidade e o principal problema que orienta essa sociologia. Os processos históricos de divisão do mundo pela linha de cor atribuíram aos não-brancos, em especial àqueles construídos como *negros(as)*, um modo de existência tanto organizado pelo discurso da inferioridade racial quanto negando no nível prático o acesso às políticas públicas de garantia de direitos, como o acesso ao voto. Nesse sentido, há três pontos importantes que organizam a interpretação do problema de análise e investigação desta tese. São pontos que dizem respeito à teoria social, seus métodos e conceitos.

O primeiro ponto é sobre a modernidade sociológica, pois, se nas “tradições nucleares” ela demarca processos de racionalização, diferenciação funcional e capitalização, para Du Bois a modernidade sociológica caracteriza-se pela divisão do mundo pela linha de cor, isto é, a divisão da humanidade em que a *raça* passa a operar como uma categoria fundamental no estabelecimento

dos limites de interação dos indivíduos entre si e em termos de acesso a direitos. A modernidade é caracterizada, nesta perspectiva, pelas políticas de exclusão que caracterizam o que Hall (1980) chamaria de “formações sociais racialmente estruturadas”, ou seja, formações sociais onde *raça* é um componente saliente.

O segundo ponto é que a historicidade, um componente metodológico central na “revolução cultural” das ciências sociais a partir da década de 1960, já aparece na sociologia de Du Bois no final do século XIX como uma estratégia para confrontar e superar as versões tradicionais da história branca americana, ou a história da supremacia branca. Ele foi pioneiro em demonstrar por meio de sua sociologia a historicidade de um ponto de vista da população negra, projetando uma melhor compreensão da contribuição negra-africana para a humanidade. A capacidade de escrever a história é central na interpretação da teoria da ação social de Du Bois e, não coincidentemente, da “revolução cultural” nas ciências sociais, momento em que a contribuição sociológica do autor passa a ser celebrada por parte da comunidade científica mundial.

O terceiro ponto é expresso pela ideia de corporeidade, que também aparece na sociologia de Du Bois como um elemento metodológico diferenciado em relação às perspectivas convencionais. Ele não trabalhou com fenômenos, ou fatos sociais externos ao analista, e isso o fez lidar com problemas de pesquisa, não operacionalizando a cisão entre sujeito e objeto.

Estes três aspectos centrais da sociologia Duboisiana (modernidade, historicidade e corporeidade) podem ser articulados com o debate sobre “fronteiras” sociais e simbólicas (social boundaries; symbolic boundaries). Uma discussão que tem sido realizada ultimamente na ciência política, história, psicologia social, antropologia e na sociologia (Lamont; Molnár, 2002). Os trabalhos sobre fronteiras têm mobilizado as identidades sociais em um plano da discussão sobre o individual e o coletivo; categorias censitárias; pertencimento cultural; posicionamento de grupo racial e étnico; e imigração, por exemplo. Du Bois abordou em sua sociologia, justamente a tensão entre estes dois níveis de fronteiras, a social e a simbólica, quando ele desenvolveu sua teoria sociológica e mais especificamente a sua teoria da ação social.

Se *raça* é uma categoria que ajudou a organizar o mundo moderno, tal como conhecemos hoje, então faz sentido dizer que ela se constituiu como uma das principais fronteiras modernas, organizada pelas experiências sensoriais, portanto, corporais, e que serviu para atribuir a

capacidade (ou não) de historicidade e produção de cultura de determinados grupos. É nesse sentido que a ação social de Du Bois pode ser interpretada nas práticas de recontar a história a partir de uma perspectiva que valorize a contribuição negra-africana para a comunidade mundial, expandindo ou radicalizando as fronteiras que constituíram a noção de humanidade que o humanismo ocidental forjou.

Fronteiras simbólicas são distinções conceituais feitas pelos atores sociais para categorizar práticas, objetos, pessoas, o tempo e o espaço. São ferramentas usadas para que indivíduos e grupos sociais disputem e entrem em acordo a respeito das definições do que chamamos de realidade social. Examinar as fronteiras simbólicas permite que tenhamos em vista as dinâmicas da vida e da realidade social, no sentido de como diferentes grupos e indivíduos disputam posições nos processos de produção, difusão e institucionalização de sistemas e princípios de classificação. As fronteiras simbólicas também auxiliam na compreensão de que indivíduos se dividem e separam em grupos, gerando sentimento de solidariedade, similaridade, pertencimento e de exclusão (Epstein, 1992).

Somente quando as fronteiras simbólicas são aceitas que elas podem assumir um caráter restritivo e padronizar a interação social de maneira normativa. Os processos de interação dependem das fronteiras simbólicas. Já em relação às fronteiras sociais, estas são formas objetivadas de diferenças sociais e se manifestam no acesso e distribuição desigual de recursos de ordem material e imaterial, assim como no acesso a oportunidades sociais. As fronteiras sociais se revelam nos processos de interação e associação social. Em suma, as fronteiras simbólicas se dão no nível intersubjetivo e as fronteiras sociais se dão nos agrupamentos de indivíduos (Lamont; Molnár, 2002).

Fronteiras simbólicas e sociais dizem respeito aos processos de produção de identidades sociais, pois, de acordo com Lamont e Molnár (2002), as teorias da identidade social têm dado devida atenção para a permeabilidade das fronteiras simbólicas e sociais e seu efeito nas estratégias de mobilidade social em um nível individual e coletivo. O que parte das teorias contemporâneas das identidades sociais tem apontado é que perceber as fronteiras de grupos sociais como impermeáveis, ou de difícil acesso, torna a mudança e a mobilidade social mais improvável para grupos de baixo status social, como, por exemplo, o grupo negro.

Du Bois demonstrou como uma das principais fronteiras sociais da modernidade foi criada, mostrando na virada do século XX o papel da relacionalidade na definição de identidades *racializadas*. Ele discutiu a institucionalização de sistemas de classificação e posicionalidades de indivíduos e grupos aprisionados por uma identidade racial como temas fundamentais da formação subjetiva de indivíduos e grupos, e da ordem da formação social não só dos EUA, mas mundialmente. Com isso, a possibilidade de um campo de estudos e ação política se abriu e as ciências sociais estão se dando conta disso muito recentemente com a virada pós-colonial e a emergência dos Estudos Culturais Britânicos com o Centre of Contemporary Cultural Studies de Birmingham<sup>89</sup>.

Do ponto de vista da virada pós-colonial, pode-se destacar o resgate dos trabalhos de Frantz Fanon, especialmente o argumento presente em “Pele Negra, Máscaras Brancas” (1952), da sociogênese, que leva em conta o critério sócio-histórico e cultural da categoria *raça* e seu efeito psicossocial nos indivíduos racializados como negros(as). Estes aspectos já estavam indicados nos textos “The Conservation of Races” e “The Souls of Black Folk” de Du Bois.

Em ambos os textos, transparece uma tendência anti-essencialista de desassociar a ideia de *raça* de uma perspectiva biologizante e, ao mesmo tempo, caracterizando-a como uma ideia/categoria de organização e estruturação da sociedade moderna. Podemos encontrar elementos dos fundamentos teóricos da crítica de Fanon aos processos de racialização na obra de Du Bois. Em outras palavras, significa dizer que existe uma certa equivalência, ou possibilidade de articulação, entre a sociogênese Fanoniana e o diagnóstico da linha de cor Duboisiana.

Fanon é um autor que tem sido resgatado atualmente, a ponto de localizarmos diferentes interpretações que geram disputas e tensões em torno das leituras de suas obras, a qual se convencionou chamar de *fanonismos* (Gates Jr., 1991; Hall, 1996; Rabaka, 2010a; 2010b; Faustino, 2015; 2020; 2022). A leitura que se convencionou chamar de “pós-colonial” de Fanon é realizada a partir de “Pele Negra, Máscaras Brancas” (1952) e apresenta um ponto de tensão com as ciências sociais convencionais, que é o problema do colonialismo e a desumanização de africanos(as) e seus descendentes ao longo da narrativa europeia sobre a modernidade e o universalismo humanista.

---

<sup>89</sup> Após a decisão pioneira de Richard Hoggart de embarcar na investigação da cultura popular, e a subsequente nomeação de Stuart Hall, o Centre of Contemporary Cultural Studies de Birmingham se tornou a partir de 1964 uma dos principais centros especializados no desenvolvimento de estudos culturais e midiáticos em todo o mundo.

O humanismo é visto por Fanon como um processo de construção subjetiva e normativa que foi interrompida pela colonização. Nessa perspectiva, é a partir da construção do que é o ser humano que a criação de pertencimento de africanos(as) e seus descendentes foi, aprioristicamente, permitida por meio do conceito de *raça*. Essa condição aprisionou e ainda aprisiona negros(as) e africanos(as) em uma condição racializada por meio de processos que constroem mecanismos que os(as) rotulam em termos psicológicos, biológicos e econômicos em confluência. Portanto, o processo de racialização possibilita o(a) negro(a) ser visto e existir como negro(a), em uma perspectiva adjetivada, como foi explorado por Du Bois com a noção do “véu”, visto(a) pelos olhos brancos como negro(a), reduzido(a) ao corpo e aprisionado(a) na “zona do não-ser”, como diria Fanon (2008).

Uma das questões mais exploradas por intelectuais negros(as) ao longo do século XX foi compreender como se constrói o pertencimento e quais são os regimes de representação mobilizados no processo de criação de pertencimento entre grupos e indivíduos. Uma das principais características dos regimes de representação que criam nossa noção de pertencimento é a maneira como eles atuam sobre todos os domínios práticos da vida cotidiana, para construir uma personalidade unificada. E são nesses processos de mobilização discursiva dos domínios práticos que hierarquias sociais são criadas baseadas na ideia de *raça*, negando a igual dignidade a alguns indivíduos e grupos historicamente representados como sub-humanos.

A filósofa Sylvia Wynter, por exemplo, e em uma perspectiva Fanoniana, mostra como o humanismo é uma doutrina filosófica de orientação mundial. O humanismo simboliza a passagem da idade média para o período da racionalidade e o período da luminosidade secular, entretanto, o humanismo se conecta com processos sociais de desumanização. O humanismo e o colonialismo, nessa perspectiva, habitam o mesmo universo cognitivo e político, pois assim como a Europa “renasceu” e descobriu seu *self*, ela descobriu simultaneamente o “Outro”. Assim como Fanon, Wynter (1999) propõe um humanismo agonista que é combativo e conflitante, ela resgata a conceitualização do que é o “ser humano” para compreender as finalidades explícitas e implícitas de nos considerarmos ou não como seres humanos.

No texto “Hills of Hebron” (1984), por exemplo, Wynter relata a história de um grupo de jamaicanos recém-libertos tentando criar uma nova vida para si contra a continuidade do regime colonial. Os temas centrais de Wynter no texto incluem a sociogênese Fanoniana e a secularização

do humanismo como um evento histórico formativo e normativo. O que a autora propõe, a partir disso, é uma mudança da ordem normativa que se desdobra em mudanças ontológicas, ou seja, uma mudança dos valores de referência do humanismo. Esse modelo historiográfico de revisão e compreensão do humanismo que foi desenvolvido por intelectuais negros(as) tem uma função hermenêutica a ponto dele possibilitar a interpretação da experiência subjetiva em contextos racializados. Nesse sentido, “como lidar com a visão estereotipada de você mesma, que é simultaneamente a mesma visão a qual você foi socializada a aceitar?” (Scott, 2000, p. 131, tradução livre)<sup>90</sup>.

As discussões sobre regimes de representação e a reivindicação de novos espaços de enunciação, do ponto de vista da crítica literária pós-colonial de autores(as) como Edward Said, Homi Bhabha, e Gayatri Spivak, possuem um foco na cultura que passa necessariamente pelos processos de constituição da subjetividade. É a partir dessa discussão sobre os processos de constituição da subjetividade que todos(as) estes(as) autores(as) que inauguram a virada pós-colonial na crítica literária anglófona também podem convergir, assim como Sylvia Wynter na filosofia, para o que Henry Louis Gates Jr (1991) chamou de *fanonismos críticos* (critical fanonisms).

O conceito de “sociogênese”, mesmo que citado uma vez por Fanon, constitui-se como o eixo fundamental de seu estatuto teórico (Wynter, 1999; Gordon, 2015; Faustino, 2015). Ela refere-se à emergência das identidades humanas, formação da existência subjetiva e o desenvolvimento de práticas e instituições sociais relacionadas com o colonialismo. O problema analítico de Fanon em “Pele Negra, Máscaras Brancas” (1952) são os processos em que os indivíduos tentam interagir e se constituem subjetiva e objetivamente. A racialização retrata esse processo de configuração do “Outro” para além de “si” mesmo, desdobrando em classificações raciais e conseqüentemente na ideologia do racismo.

Do ponto de vista dos Estudos Culturais, há uma relação estreita entre o pensamento Duboisiano e os trabalhos de Stuart Hall justamente na forma com que Hall pensa a categoria *raça* carregada de ontologia política, localizada no epicentro de um ambiente dinâmico e sempre em mudança, mas delimitado pelos ideais de nacionalismo e civilização. Há nos dois autores um forte

---

<sup>90</sup> “How do you deal with the stereotyped view of yourself that you yourself have been socialized to accept?” (Scott, 1999, p. 131).



senso do significado histórico e epistemológico do racismo e da *raça*, no sentido de fazer seus leitores mais cuidadosos entenderem a importância política e cultural de situações e contextos em que *raça* aparece como um componente notável, ou saliente. Nesta perspectiva, *raça* e os efeitos do racismo não são componentes diminutos a serem registrados e adicionados aos efeitos de outros processos, eles têm na realidade um poder constitutivo.

Não se trata de uma análise que reduz *raça* a outros processos, como, por exemplo, os processos econométricos, tampouco de uma análise que pensa a *raça* e os eventos organizados pela categoria como uma estrutura rígida e estática. As distintas sintaxes que permeiam as práticas de diferenciação raciais devem ser compreendidas em suas complexidades performativas, e devem ser historicizadas cuidadosamente a ponto de lançarem luz à ideologia que está por trás destas práticas e processos. É justamente nessa perspectiva que o estudo crítico de Stuart Hall sobre os ordenamentos, hierarquias, signos e representações raciais pode confluir na sociologia de Du Bois, assim como a sociogênese Fanoniana, um dos principais substratos teóricos da crítica pós-colonial, também conflui na teoria social Duboisiana, mostrando que o sistema de ideias de Du Bois pode nos ajudar a mobilizar temas clássicos e contemporâneos das ciências sociais.

O conceito de fronteira, portanto, é central para o estudo dos processos que se desencadeiam em políticas de diferenciação étnica e racial como uma alternativa às teorias sociais que são mais estáticas (ou puramente econométricas) e as que também recorrem às explicações biológicas das diferenças étnicas e raciais (Lamont, Molnár, 2002). O resgate da obra de Du Bois e sistematização de sua teoria social, assim como a sua construção como um intelectual público e/ou clássico da sociologia, não são suficientes. É importante demonstrar que ele é um autor que está na base dos principais movimentos sociais, intelectuais e acadêmicos que tensionaram (e ainda tensionam) as principais clivagens sociológicas canônicas que simultaneamente criaram, dividiram e recriaram fronteiras (sociais e simbólicas) na noção de humanidade.

Trabalhar com a noção de agência a partir da sociologia de Du Bois permite remeter e fazer menção aos contextos sociais específicos de emergência do que hoje chamamos de “identidades políticas”. Elas se originam de situações e processos em que grupos de indivíduos acionam e destacam tanto características fenotípicas quanto práticas culturais distintivas, que se constituem na matéria-prima para construções discursivas de diferenças em um gradiente que vai da negação à

assimilação, seguindo uma teleologia enganosa cuja meta é um ideal de humanidade universal em que as diferenças culturais possam ser assimiláveis, ou diluídas.

As ações de indivíduos, grupos e movimentos sociais orientadas para questionarem (sua exclusão social), denunciarem (o seu extermínio por meio de práticas como os linchamentos), reivindicarem e lutarem para que suas diferenças sejam consideradas como modos culturais de existência legítimos têm implicações no nível teórico e epistemológico. Exemplo disso são as concepções de modernidade e humanidade que sugerem periodizações distintas da modernidade sociológica, como a que se fundamenta nas diferentes leituras do significado da travessia dos(as) africanos(as) no Oceano Atlântico pela *Middle Passage*<sup>91</sup>.

A modernidade, nessa perspectiva, é marcada como o período em que povos da diáspora africana tiveram sua humanidade atravessada, real e/ou imaginariamente, pelos processos de aculturação e terror que seguiram a colonização. Porém, ela também é caracterizada pelas aspirações contraculturais por liberdade, cidadania e autonomia que se desenvolveram posteriormente entre os(as) escravos(as) e seus descendentes (Gilroy, 1993, p. 197).

Como consequência, historicidade, corporeidade, modernidade e humanidade, sob a ótica da experiência negra, são marcadas pela constituição de comunidades de sentimento e memória, daí a importância das identidades políticas para a teoria social de Du Bois. A ideia de uma agência produzida por meio do sofrimento ancestral encontra fundamentos nos escritos do autor, que identificou conexões de sentido entre a história da escravidão, o pós-emancipação, as condições de vida de africanos(as) e negros(as) e suas capacidades de redimir e transformar o mundo moderno e a humanidade a partir de uma “mensagem” negra-africana. Na forma de *modernismo negro*, a sociologia de Du Bois é contrastante com as teorias da modernidade, ela confere outro tipo de subjetividade, pois ele desenvolveu sua teoria sob a sombra do colonialismo e o véu da *raça*.

## 4.2 O Contraste entre as Teorias da Ação do “Interesse” e da “Identidade”

---

<sup>91</sup> A Middle Passage é uma expressão que faz menção à passagem forçada de africanos escravizados no Oceano Atlântico para o Novo Mundo, as Américas e o Caribe. Ver mais em: <https://www.britannica.com/topic/Middle-Passage-slave-trade>.

De acordo com definições formais de dicionários de sociologia, as teorias da ação colocam três questões fundamentais para a disciplina. São elas: a tensão entre estrutura e ação, o problema da ordem social da filosofia política e a questão do livre arbítrio nas dinâmicas sociais (Turner, 2006). A definição do contraste aqui exposto entre as teorias da ação convencionais e a Duboisiana está no fato de que conceitualmente existem as teorias que enfatizam os “interesses humanos” e as que enfatizam as “identidades”. Para a primeira perspectiva, a racionalidade, o esperado, a expectativa e o interesse em aprovação social são elementos centrais. As teorias do “interesse” igualam a humanidade de forma geral, sem atribuição de identidade e diferenças, considerando a capacidade cognitiva universal da agência humana na modernidade.

Já para os teóricos da ação social vinculada à “identidade”, os interesses são apenas as superfícies das práticas e ações sociais. Há, mais profundamente, uma forte emoção, um sentimento coletivo de pessoas que pertencem a um grupo (Collins, 1992). Estas duas abordagens teóricas enfatizam a dinâmica da interação entre agentes autônomos, mas interdependentes. Porém, elas diferem entre si em termos de como essa interdependência é entendida. Para os teóricos da “identidade”, ao invés da interdependência cognitiva dos agentes, há um enfoque nas influências de uns sobre os outros pelos processos da comunicação, persuasão, instrução e imitação.

As teorias da ação do “interesse” são hegemônicas nas ciências sociais e em suas formulações clássicas representam uma leitura sobre a capacidade cognitiva do indivíduo moderno, operando segundo a dicotomia neokantiana entre realidade e abstração (conceito). As teorias da ação do “interesse” dialogam com a tradição de pensamento cultural-histórico neokantiano que muito influenciou Weber. Trata-se de um conhecimento “ideográfico” que tenta compreender um “indivíduo histórico” particular, concreto com conceitos inescapavelmente universais, abstratos e racionais (Kim, 2007).

Os objetivos das teorias da ação orientada pelo “interesse” refletem a ideia de que o presente se mostra como um acontecimento histórico, não simplesmente contingencial, a partir de uma compreensão da forma particular pela qual um indivíduo atribui valores a certos eventos e instituições sociais, ou assume uma posição em relação aos valores culturais gerais de seu tempo, diante de certas circunstâncias históricas. Nesse sentido, há uma aposta quase integral na razão, na ciência e na definição de conceitos e modelos explicativos da ação social, visando organizar e projetar um tipo de sociedade que opera pelas leis universais da igualdade e autonomia humana.

Weber é o maior representante clássico dos teóricos da ação do “interesse humano”, pois evidentemente há em suas obras uma ideia geral de que existe uma passagem universalizante de uma ordem tradicional para uma racional-moderna. Essa ideia é marcante e determina todo o desenvolvimento das ciências sociais ao longo dos séculos XIX e XX. À medida que Weber relaciona a cultura (ou modos de existência) e a realidade empírica a estas ideias de valor, os componentes gerais e universais da modernidade, como o racionalismo, tornam-se significativos para sua teoria social. O racionalismo, nesse sentido, é muito mais do que um modo de ser sensato e ponderado, ele é uma ideologia (Bhabha, 1990).

No campo das ciências da cultura (termo de Weber), o conhecimento generalizante e as leis sociais não representam o conhecimento do real, mas sim um pensamento auxiliar. Nenhum conhecimento dos acontecimentos culturais pode ser concebido, senão com base na ideia de que a realidade da vida sempre se configura de modo individual e por relações singulares. Todo indivíduo histórico está arraigado, de modo logicamente necessário, a ideias de valor para Weber. Significa dizer que a ação racional orientada a fins está intimamente associada à noção de produção de conhecimento científico e a finalidade da ação está atrelada a juízos de valores, pois o indivíduo moderno é capaz, ativo e pensante, motivado por interesses lastreados em valores.

A ação racional é uma individualidade histórica que é confirmada pela modernidade ocidental e as premissas do iluminismo, como uma forma de ação baseada na razão universalizante. A ação racional pode ser vista como uma ruptura com uma ordem social tradicional, sendo definida por um complexo de conexões que ocorrem na realidade histórica moderna a qual podemos interpretar conceitualmente. Isso fica explícito em “A Ética Protestante”, onde Weber diz que o adversário ao qual o “espírito do capitalismo” – ação racional – sempre lutou foi o tradicionalismo.

Ou seja, o motivo fundamental da economia moderna é o racionalismo econômico, conceito que deriva e resulta da ideia de vocação profissional (Weber, 2004). Dessa forma, Weber relaciona dois valores de mundo analiticamente distintos, ética e espírito, para mostrar que o fenômeno cultural e ideológico da modernidade é o racionalismo, capaz de fazer parte de duas dimensões diferentes, a religiosa e a econômica.

Dentro desta perspectiva teórica, a significação da vida quase chega a assumir um caráter de administração de empresa, por meio de uma conduta metódica da própria vida que não leva o “acaso” em consideração. A ação social de ordem racional, que está nas teorias da ação de autores da sociologia como Alfred Schutz, Niklas Luhmann e Talcott Parsons, rompe com uma conduta “tradicionalista” e vincula-se cada vez mais ao fenômeno descrito por Weber a partir do “desencantamento do mundo” e da “secularização”, em que as explicações para a realidade social são obtidas em uma perspectiva puramente racional, moderna e técnica.

Tomado em conjunto, então, o processo de racionalização narrado por Weber e estes autores citados parece semelhante a uma teleologia meta-histórica que irrevogavelmente separa o Ocidente do resto do mundo, em que fenômenos culturais que apareceram na Europa levam a um entendimento que tem validade e significância universal para toda humanidade.

Exemplo disso é que Weber deixou claro que seu estudo sobre as várias formas de religiões mundiais deveriam ser tomado por seu valor heurístico e que neles pretendia desenvolver uma plataforma conceitual comparativa sobre a qual se sobressairiam as características edificantes da racionalização no Ocidente. Estas características particulares da modernidade ocorrem para ele em todas as áreas da vida humana, desde religião, direito, música até a arquitetura.

O processo de racionalização significa um impulso histórico em direção a um mundo no qual se pode, em princípio, dominar todas as coisas através do cálculo (Weber, 2004). A “secularização” e o “desencantamento”, portanto, são processos sociológicos convencionais que representam uma ruptura com uma ordem social tradicional e uma projeção de sociedade nos moldes da experiência ocidental e europeia. É apenas na civilização ocidental moderna, de acordo com Weber, que esse processo gradual de “desencantamento” atingiu seu auge.

Weber desenvolveu sua teoria social na chave da democracia liberal, pensando o papel do Estado como um interventor e mediador das relações sociais. Disso resulta sua interpretação da burocracia como um exemplo claro do processo racionalização que atravessaria o mundo moderno. A sociologia, para Weber, é interpretativa do sentido da ação social, a motivação da ação em si, e nesse sentido, a ação social deve ser interpretada e entendida por meio de conexões de sentido. Já sobre o princípio da objetividade nas ciências sociais, na perspectiva de Weber, a objetividade implica em se conceber a prática intelectual diferente da ação política, ou na diferença entre

ciência e política. Nessa perspectiva, a ciência se realiza legitimamente por meio da objetividade e da impossibilidade de certeza investigativa que se dá por meio do recurso da empiria.

O resultado da popularização desta perspectiva sociológica deságua nas teorias contemporâneas da ação social do “interesse”, que, por sua vez, são, em certa medida, releituras dos autores clássicos. O paradigma “indivíduo e sociedade”, por exemplo, está presente nos trabalhos de Bourdieu e Giddens, que desenvolveram suas teorias da ação social a partir dessas referências, pois existem padrões descritivos e analíticos da sociologia clássica que permanecem perenes nas teorias contemporâneas, trata-se justamente da capacidade reflexiva do indivíduo (Giddens) e da capacidade de incorporação de estruturas objetivas na forma de “habitus” (Bourdieu).

A sociologia, nesta matriz convencional, realiza um diagnóstico sobre a modernidade e os processos culturais específicos da Europa e apresenta “valores de referência” que também são muito específicos, estendendo-os para toda a humanidade. Nisto reside o problema, já descrito, das fronteiras do humanismo iluminista que fundamenta as ciências sociais. Os modelos explicativos das ciências sociais convencionais encarnam os empreendimentos metafísicos, morais e éticos da disciplina, pois autores clássicos como Weber se esforçaram em desenvolver padrões específicos de explicação de um mundo diagnosticado como moderno, incluindo as definições e conceitos que encaminham modelos de análise do mundo que se orienta para questões operacionais e técnicas na forma de diferentes modos de existência que compõem a humanidade.

A tensão entre o “tradicional” e o “moderno” se manifesta, portanto, nos projetos de sociedade que os autores clássicos desenvolveram a partir do pressuposto da racionalidade. Para Weber, por exemplo, a racionalidade é menos metodológica e mais teórica. Ele expõe em “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, a partir da ideia de “afinidades eletivas”, um esforço analítico de evitar explicações estritamente “econômicas” ou “religiosas”, que não lhe parecem suficientemente capazes de dar conta da complexidade histórica das relações entre estes dois tipos de comportamentos que se associam na gênese do espírito capitalista. O uso de Weber da categoria “afinidades eletivas” é uma tentativa de mobilizar aspectos econômicos e religiosos em uma dimensão cultural. Entretanto, o processo de desencantamento do mundo ainda é uma característica central em seu pensamento, refletindo um processo cultural, que culmina no desaparecimento das

explicações religiosas e tradicionais em detrimento da ciência, que caracteriza, para ele, a modernidade.

Para Alexander (1999), há razões funcionais e intelectuais para recorrermos aos autores clássicos na sociologia. A razão funcional é de interesse imediato de todo(a) cientista social, ambicioso(a) em seu projeto de estudo, e de toda escola de pensamento, em ascensão que se propõe a ser legitimada perante os fundamentos clássicos. Ainda que não haja nenhuma preocupação direta e genuína com a teoria social clássica, ela deve ser acessada, pois encontramos nela os critérios normativos de avaliação da disciplina.

Já a razão intelectual, diz respeito ao fato de que certas obras conseguiram contribuir de forma singular e permanente para as ciências sociais. Essas duas razões, somadas a questões de ordem política como o imperialismo, dominação e expansão ocidental, como expõe Connell (2012), explicam a presença permanente de Weber nas teorias da ação social do “interesse”.

Desde Parsons, passando por Bourdieu e Giddens, percebemos esforços teóricos de reorganizar a sociologia clássica, seja em uma perspectiva sistêmica, construtivista, ou a partir da reavaliação das abordagens estruturalistas e funcionalistas. Estes autores aproveitaram os pressupostos da racionalidade moderna e a ruptura com a ordem social “tradicional” para formularem modelos teóricos que recriam os pressupostos e diagnósticos da modernidade analisada por eles.

Se as teorias da ação baseadas no “interesse” operam a partir de modelos compreensivos e explicativos, ora como tipologias, sistemas, quadro de referências, ou na forma de “habitus” e “estruturação”, a contrapartida das teorias da ação pautadas nos processos de identificação humana é que existe, antes da ação, uma fundamentação histórica e localização das condições de vida que desdobram nas ações e movimentos de grupos sociais. Elas informam e organizam as práticas políticas destes grupos ao longo da história.

Essa diferença entre as teorias da ação social do “interesse” e as dos processos de “identificação” se expressa também no contraste que é possível fazer em relação à produção da Escola de Atlanta, representada por Du Bois desde 1897, e a Escola Paulista de Sociologia nos anos 1950, por exemplo. A produção sociológica de Du Bois na Escola de Atlanta, especialmente os trabalhos das “Atlanta Conferences”, podem ser interpretados como um compêndio de estudos e

pesquisas sobre as condições de vida da população negra com uma finalidade de intervenção política. Estas conferências organizadas por Du Bois

[...] visavam discutir os resultados das pesquisas e formular resoluções almejando transformações sociais. Os trabalhos desenvolvidos por esse grupo de sociólogos, que compuseram a Escola de Atlanta, tiveram grande impacto durante o século XX. Há de se lembrar especificamente a Conferência de Atlanta de 1906, que possibilitou um vínculo acadêmico e pessoal entre Du Bois e Franz Boas, que durou aproximadamente três décadas, permitindo a eles encampar uma luta contra o racismo científico, o paroquialismo cultural e os valores não democráticos das Ciências Sociais (Silva; Santos; Caldas, 2024, pp. 6-7).

No tema das relações raciais, inúmeras pesquisas sobre práticas religiosas; criminalidade; organização social; ocupações profissionais; demografia; práticas de lazer; e migração em contexto de urbanização foram realizadas pela Escola de Atlanta nos EUA como pela Escola Paulista de Sociologia no contexto brasileiro. Entretanto, se a primeira tinha um projeto explícito de combate ao racismo científico, a segunda construiu um projeto de integração da população negra no ideal de modernização que ocorria no Brasil.

A título de exemplo, o projeto em que Florestan Fernandes se inspirou para realizar “Branços e Negros em São Paulo” (1955) foi o texto clássico de Gunnar Myrdal “An American Dilemma” (1944) que tinha uma meta de compreender os processos de integração de negros nas forças armadas norte-americanas, uma vez que a comunidade negra que era vista como um “problema social” naquele contexto de Segunda Guerra Mundial (Gomes, 2013). Curiosamente, Du Bois estava desenvolvendo um projeto de enciclopédia sobre a comunidade negra em uma perspectiva transnacional no mesmo período. Devido às tendências políticas dos EUA em almejar uma posição dominante no pós-Segunda Guerra Mundial, “An American Dillema” (1944) se popularizou justamente pela perspectiva moral de tentar resolver e equacionar o “problema negro”.

Em seu livro “White Philanthropy” (2021) a historiadora Maribel Morey investiga a dimensão geopolítica de projeto de “An American Dilemma”, argumentando sobre a existência do ideal de supremacia branca por trás do financiamento, apoio e popularização desta obra de Myrdal. Morey (2021) diz sobre o mal-estar que “An American Dilemma” (1944) causou no meio negro nos EUA e demonstra, a partir de informações de fontes primárias e secundárias, que Myrdal foi contratado e financiado pela Carnegie Foundation para o desenvolvimento da pesquisa deslocando para fora da discussão e da possibilidade de garantia de recursos e financiamentos importantes



lideranças e estudiosos(as) da comunidade negra, como Du Bois que teve seu projeto de enciclopédia negra dificultado e comprometido de inúmeras formas.

A produção de conhecimento da teoria social, portanto, pode ser compreendida, nessa perspectiva, como uma produção coletiva de atores sociais que desenvolvem explicações abrangentes sobre as relações entre seres humanos, visando sua compreensão a partir da utilização de modelos explicativos que são específicos e que caracterizam as diferentes linhagens e tradições de pensamento. A teoria é uma construção simultaneamente, intelectual e política e o entendimento da construção histórica da produção de conhecimento nos dá a capacidade de questionar o saber e a produção de verdade.

Aqui há a necessidade de retomada do problema discutido nesta tese, isto é, o delineamento da existência de dois projetos distintos da teoria sociológica. Um que é herdeiro das capacidades cognitivas da modernidade e que surge para analisar, compreender e explicar a transição do feudalismo para o capitalismo moderno, este é exclusivamente europeu e branco e há outro projeto que surge das intercorrências sociais da modernidade, fundamental para compreender e explicar os efeitos e desdobramentos da transição do colonialismo para o que se constituiu como a modernidade sociológica.

Este segundo projeto inicia-se com Du Bois e que, por falta de um nome mais adequado, pode ser chamado de tradição negra-africana radical da sociologia. Ao passo que a primeira tradição sociológica é mais afeita à manutenção dos ordenamentos e hierarquias sociais, sendo referências que convidam para uma desmobilização negra-africana, a segunda é o referencial teórico que está por trás das lutas por libertação do continente africano e da formação de uma solidariedade Pan-Africana transnacional ou mesmo global.

Se Du Bois não teve uma relação monológica com a tradição hegemônica das ciências sociais que o formou e informou a ideologia racialista dos séculos XIX e XX, ela então foi herética, mas também foi heroica, que o permitiu desenvolver projetos que caminhavam em direção ao desenvolvimento da sociologia como uma disciplina acadêmica, com rigor e método científico, e em direção a tensões com o princípio da objetividade que significavam uma maior inclinação para a prática política. Não se trata de uma sociologia da regulação e do controle de

instâncias que organizam a sociedade (como os sistemas classificatórios, a exemplo da *raça*), mas de uma sociologia da mudança e das transformações sociais.

#### **4.3 Os Usos de *Raça* e Cultura: Em Direção à Mensagem Negra-Africana**

Durante o período marcado pelos conflitos da I G.M, Du Bois trabalhou, de acordo com Liss (1998), na perspectiva do Pan-Africanismo e da diáspora africana; já para Williams (2023) a I G.M é importante do ponto de vista dos usos que um conflito de escala global poderia ter para um programa de estudos sobre a história de soldados negros e africanos nesta guerra. Um dos resultados disso foi seu famoso editorial publicado na revista “The Crisis”, *Close Ranks* (1918), em que ele encorajou que houvesse um alistamento massivo de soldados negros na guerra na Europa.

Ele declarou que negros americanos deveriam superar suas “queixas especiais” (*special grievances*) e lutar em conjunto não somente com o exército americano, mas com os aliados ocidentais, pois a sua participação poderia fazer a democracia no mundo ser uma realidade. Houve muitas reações a este editorial na imprensa negra da época, a ponto de ele ser acusado de ser um traidor da própria *raça*, nacionalista e entusiasta da guerra.

Hoje em dia o seu posicionamento pode ser interpretado de inúmeras formas. Se o seu estímulo à participação negra em uma guerra motivada por interesses coloniais da Europa é no mínimo controverso, em contrapartida, ela poderia ser oportuna em termos da promoção da “mensagem” que negros(as) do Novo Mundo e africanos(as) poderiam dar no contexto de barbárie da I G.M. Do ponto de vista da ação social, informada pelas oportunidades que o “acaso” pode viabilizar, destaca-se o transnacionalismo negro-africano e as articulações políticas em escala global que o evento da guerra mundial claramente sugeriu. Exemplo disso é a pesquisa organizada e sistematizada por Du Bois sobre a participação e interação entre soldados negros e africanos na I G.M que não foi publicada, mas que já tinha o título de “The Black Man and the Wounded World” (Williams, 2023).

É interessante ter em perspectiva que o entusiasmo de Du Bois pela participação negra nos *fronts* de batalha e trincheiras na guerra é acompanhada da publicação de seu texto de 1915 “The

African Roots of War” e sua participação na “NYC Silent Parade” da NAACP em 1917. Em “The African Roots of War” (1915), ele argumenta que os motivos factíveis dos conflitos da I G.M eram o interesse europeu no domínio e controle dos territórios do continente africano. A ideia de linha de cor é expandida no texto para falar da participação da sociologia, antropologia e economia política no desenvolvimento do colonialismo, que encontrou na África, Ásia, Américas e no Caribe, territórios para exercer domínio e controle.

A “Silent Parade”, por sua vez, foi uma das primeiras grandes manifestações em massa de negros(as) americanos(as) e foi organizada pela NAACP com igrejas e líderes comunitários. O ato de protesto reuniu cerca de 10.000 pessoas que marcharam, carregando silenciosamente faixas condenando a violência e a discriminação racial. A “Silent Parade” deu um testemunho poderoso após episódios brutais de violência antinegra em massa na cidade de East St. Louis, onde entre 50 e 200 negros(as) norte-americanos foram assassinados e 6.000 ficaram desabrigados por ataques incendiários criminosos motivados por um ódio negro.



**Figura 10** - Du Bois (segundo da direita para esquerda na segunda linha) marchando na Quinta Avenida em protesto anti-linchamento, julho de 1917.

W. E. B. Du Bois Papers, Robert S. Cox Special Collections and University Archives Research Center, UMass Amherst Libraries.

O posicionamento de Du Bois em “Close Ranks” pode e deve ser lido na chave interpretativa do processo de expansão da linha de cor, um contexto em que a democracia e liberdade eram metas a serem conquistadas. O período entre guerras é justamente o momento em que a categoria *raça* começa a ganhar outro estatuto político devido à ascensão do nazismo e fascismo na Europa, as políticas imperialistas de domínio de África e Ásia, assim como o regime Jim Crow nos EUA e o Apartheid sul-africano. Com isso, destaca-se mais um posicionamento com o que Silvério (2022) tem chamado de transnacionalismo negro, do que com uma postura nacionalista<sup>92</sup>.

O ideal de pureza racial retorna ao debate público, um momento caracterizado pela emergência de expressões autoritárias e nacionalistas informadas por um ideal de similitude pura em que a ideia de *raça* desempenhava fator fundamental na organização de como os Estados Nacionais e os impérios estavam se imaginando. É neste contexto de explícita conexão entre práticas políticas e os usos da categoria *raça* que Du Bois organizou um projeto, que começou em sua segunda passagem na Universidade de Atlanta (entre 1934 e 1944), cujo plano inicial era de trabalhar mobilizando a *raça* em sentidos e significados que pudesse transitar na filogenia, ontogenia e sociogenia.

Em janeiro de 1935, ele e o professor Ira De Augustine Reid (1901-1968) apresentaram a John Hope (1868-1936), presidente da universidade de Atlanta na época, dois memorandos que expressavam o objetivo de organizar e publicar dois projetos sobre as condições de vida da população negra em uma perspectiva transnacional com um enfoque em estudos científicos<sup>93</sup>.

O primeiro projeto era o “Journal of Negro Civilization”, em que os temas abordados seriam do ponto de vista da sociologia, economia, antropologia, psicologia, ciências físicas e

---

<sup>92</sup> É somente nesta perspectiva que podemos compreender, por exemplo, os processos em que o Jazz Dixieland e o Choro de Pixinguinha se tornaram expressões culturais negras transnacionais que chegam à Europa e ganham popularidade em escala global e popular. A popularização destas expressões culturais negras no entre guerras ocorreu no mesmo contexto em que Du Bois expressava tal posicionamento controverso entre alguns intelectuais do mundo negro. “The Original Dixieland Jazz Band, who had recorded in 1917 the first disc with the word ‘jazz’ (actually ‘jass’) on the label, toured and recorded in Europe in 1919; their track was followed by many American jazz musicians who stayed in Europe for long tours or actually moved here, enriching the local scenes”. [https://www.emc-imc.org/fileadmin/5\\_Press\\_news/Music\\_N\\_Heritage/isolated\\_essays/8\\_Snapshots\\_on\\_Music\\_and\\_Heritage\\_p.33-39\\_Francesco\\_Martinelli.pdf](https://www.emc-imc.org/fileadmin/5_Press_news/Music_N_Heritage/isolated_essays/8_Snapshots_on_Music_and_Heritage_p.33-39_Francesco_Martinelli.pdf)

<sup>93</sup> <https://credo.library.umass.edu/view/full/mums312-b073-i006>  
<https://credo.library.umass.edu/view/full/mums312-b073-i011>

químicas, geografia, literatura e arte. A ideia de Du Bois e Reid era que a revista deveria estar nas mãos de um pequeno conselho de editores residentes, e que os editores contribuintes fossem selecionados entre as principais universidades negras, e entre as principais lideranças da África, do Caribe e da América do Sul. A revista também publicaria pelo menos um artigo em francês, português, espanhol ou bantu.

O segundo projeto que constava nos memorandos era o “Journal of Negro Sociology and Economics”. Esta revista teria um conselho de editores locais dos departamentos de sociologia e economia em várias instituições negras dos EUA e publicaria artigos sobre sociologia e economia com relação à população negra em todo o mundo. A revista também registraria todos os eventos políticos e históricos referentes a negros(as) e africanos(as) no mundo em artigos científicos e resenhas de livros. Dois anos após a formalização do pedido, em um memorando de 1937, após o falecimento de John Hope,<sup>94</sup> Du Bois pontuou novamente a necessidade de se criar, pelo menos, uma revista científica sobre os estudos das condições da população negra, dizendo que o “campo de estudos ainda estava aberto”<sup>95</sup>.

O projeto passou a se chamar “Journal of Negro Sociology” e seus objetivos eram de conectar outras instituições de ensino superior negras, como as universidades de Atlanta e Fisk, devido à relação entre Du Bois, Ira Reid e Charles S. Johnson (1893-1956). Em 1939, na publicação do projeto “Journal of Negro Sociology”, Du Bois demonstrou estar à procura de outros contribuintes, especialmente do “Journal of Negro Education” da Howard University e do Talladega College. Dentre os objetivos do projeto, destaca-se o de ser um “*registro autêntico com padrões estabelecidos de julgamento sobre eventos e tendências entre os negros e outros grupos raciais*”(tradução livre)<sup>96</sup>. Sua proposta era de que a revista cobrisse:

A. [...] uma série de fotografias com declarações autênticas sobre os acontecimentos essenciais entre os negros, com referências a menções impressas anteriormente e a periódicos e literatura de todos os tipos. Seria tomado cuidado para verificar fatos e datas com altos padrões de inclusão e julgamento. Esses parágrafos podem ser divididos em seções por assunto e localidade e ter ilustrações interessantes por meio de fotos e gráficos.  
B. Notas cuidadosas sobre a biografia contemporânea; o esforço para obter fatos sobre pessoas que realizam trabalhos importantes, acompanhando a vida de pessoas conhecidas

<sup>94</sup> <https://credo.library.umass.edu/view/full/mums312-b081-i247>

<sup>95</sup> “the field is still open”

<sup>96</sup> “authentic record with set standards of judgment concerning events and tendencies among Negroes and the colored races” <https://credo.library.umass.edu/view/full/mums312-b087-i387>

e, principalmente, identificando novas realizações. C. Acompanhar o ciclo de dez anos de disciplinas estabelecido pelas antigas publicações da Universidade de Atlanta. Eles foram projetados para cobrir estudos periódicos a cada 10 anos sobre a saúde física e psíquica do negro, a educação do negro, o negro na indústria, a igreja negra, o crime negro, os negros no governo e na política, etc. D. Deveria haver outros estudos científicos e estatísticos. [...] **publicação de alguma ficção e poesia que ilustram o desenvolvimento psicológico e sociológico da mente negra.** (tradução livre) [...]”<sup>97</sup>.

O documento ilustra os esforços de Du Bois de organizar uma fonte de conhecimento científico sobre as condições de vida de negros(as) e africanos(as) ao redor do mundo que pudessem endereçar a “mensagem”. A perspectiva metodológica das duas revistas que seriam publicadas pela universidade de Atlanta seria multidisciplinar, além de ter um enfoque transnacional com estudos sobre as condições de vida, práticas políticas, e tudo mais o que se pudesse localizar sobre negros(as) e africanos(as) nas Américas, Caribe e África. Dos dois projetos propostos por Du Bois e Reid apenas um prosperou, o projeto que nasceu como “Journal of Negro Sociology” na década de 1930 veio a se tornar na revista “*Phylon*” que foi publicada pela primeira vez em 1940.

O título da revista é algo que logo chama atenção, “Phylon: Atlanta University Review of Race and Culture”. Filogenia, *raça* e cultura são termos científicos que aparecem inequivocamente conectados no título, expressando o significado multidimensional e multidisciplinar de se trabalhar com *raça* e cultura. Já a filogenia aparece enquanto uma forma de estudo sobre as “linhagens de descendência” e processo de evolução das espécies ligadas a um ancestral comum. A filogenia teve uma forte influência nas ciências humanas como na psicologia, por exemplo, que procurou explicar o comportamento humano com referência a história biológica comum em uma perspectiva evolucionista. O cérebro, ou melhor dizendo, a mente humana é vista como um grande acervo de coleções de dispositivos que influenciam o comportamento humano. Nessa perspectiva, a mente

---

<sup>97</sup>“A. [...] a series of photographs with authentic statements concerning the essential happenings among colored people, with references to former printed mention and to periodicals and literature of all sorts. Care would be taken to verify facts and dates with high standards of inclusion and judgment. These paragraphs could be divided into sections by subject and locality and have interesting illustrations by pictures and graphs. B. Careful notes on contemporary biography; the effort to get facts concerning persons who are doing important work, following up the lives of well-known people, and especially picking out new figures and new accomplishments. C. Follow-up the ten year cycle of subjects established by the old Atlanta University publications. They were designed to cover periodical studies of ten year periods touching Negro Health and Physique, Negro Education, Negro in Industry, the Negro Church, Negro Crime, Negroes in Government and Politics, etc. D. There should be other scientific and statistical studies. [...] **publication of some fiction and poetry illustrating the psychological and sociological development of the Negro mind.** [...]”. <https://credo.library.umass.edu/view/full/mums312-b087-i387>

humana evoluiu para nos ajudar a resolver os problemas adaptativos encontrados por nossos ancestrais (Pinker, 1997).

Na sociologia, a filogenia informou o argumento de que um organismo vivo, como o ser humano, evoluiu para interagir e competir por recursos para maximizar suas conquistas para as gerações posteriores. Indivíduos são vistos como organismos ativos na luta pela sobrevivência, seres vivos programados para a expansão da aptidão inclusiva. Estar incluído em um contexto maior é a meta e o ponto de chegada neste processo adaptativo. Esta ideia refere-se à soma de aptidões de um indivíduo em interagir e pertencer ao mesmo contexto social e histórico que outros indivíduos. Esta perspectiva biologizante da sociologia também foi vista como uma possível solução para o enigmático problema da solidariedade e da coesão social, ou seja, a razão pela qual um indivíduo deve ajudar o outro, que se traduz em outra forma pela qual o corpo social garante sua reprodução.

Apesar de seus problemas contínuos, a psicologia e a sociologia foram nutridas pela filogenia e conseguiram combinar ideias da biologia na teoria social de maneiras sutis, identificando também a complexidade das interações sociais. Isso implicou no reconhecimento da importância da biologia nos estudos sobre o crescimento geral e as propensões psíquicas dos seres humanos, assim como nos estudos e pesquisas sobre instituições como a família, o sistema educacional, e as relações de trabalho.

A influência da filogenia informando as perspectivas biologizantes das ciências humanas apontam para a adoção de noções para se trabalhar com a mente humana e as relações sociais entre os indivíduos e instituições sociais. A mente humana certamente não é resultado pré-determinado e um dado da natureza, tampouco é inflexível. Diferentes tipos de estrutura psíquica entram em jogo conforme as relações sociais que a mente encontra e para as quais ela busca contribuir.

É nesse sentido que Du Bois evocou seu texto provocativo “The Negro Mind Reaches Out” (1925) relacionando *raça* com o conceito de cultura. É um texto que conecta sociologia e psicologia a partir da noção de “mente negra” (negro mind), que aparece como o componente político que organiza o conteúdo teórico de um sentimento renovado de orgulho racial, autoexpressão cultural, e independência (autonomia) econômica e política que mobilizou intelectuais, ativistas e artistas negros(as) e africanos(as) ao redor do mundo.

Durante as duas grandes guerras, tropas de soldados negros e africanos lutaram no Ocidente para manter o mundo seguro e promover o ideal de democracia no interior da Europa. Dentre os que conseguiram voltar para casa, retornaram determinados a alcançar uma participação mais plena em seus respectivos contextos nacionais, aguçados pelos atos oposicionais de insubordinação política e um sentimento humanista radical.

O conteúdo de “The Negro Mind Reaches Out” (1925) antecipa as premissas Pós-Coloniais e dos Estudos Culturais, do ponto de vista da discussão sobre a importância da cultura como um espaço de enunciação e representação que culmina em uma política de autoinscrição. Ele trabalha com África como uma categoria estética e política essencial para que os(as) negros(as) de todo o mundo e africanos(as) se vejam como seres humanos. Isso permite interpretá-lo como um modernista e mesmo que a palavra “pós-colonial” não estivesse presente, tanto em forma de discurso político quanto em forma de trabalhos acadêmicos da crítica literária, Du Bois (1925) adiantou suas premissas temáticas. Ele discute sobre a economia, política e cultura da África, expandindo a noção conceitual de linha de cor para uma que permite ver conflitos em outros lugares baseados na divisão racial e na política do imperialismo.

Du Bois vê analiticamente as diferenças da política imperial mundial como “sombras”, de modo que a sombra, ou a presença de Portugal nas colônias, por exemplo, produza projetos de assimilação cultural como uma espécie de política imperial. Ao fim do texto, ele deixa uma mensagem de que a ascensão de dois grupos, judeus e negros, como grupos internacionais, estaria por vir na forma de diásporas (judaica e africana).

A ideia de que Du Bois é um profeta negro (black prophet) de Philip Sinitiere e Amy Kirschke (2014) é apropriada para analisar e interpretar sua antecipação para olhar a dimensão globalizante da ascensão de dois grupos políticos nos pós-II G.M expressos pela noção de diáspora, fundamental para uma determinada perspectiva dos estudos Pós-Coloniais. A discussão sobre linhas de descendência da filogenia, que pode ser traduzida sociologicamente pela noção de pertencimento, no caso destes dois grandes grupos (os judeus e os negros), pode ser lida na chave interpretativa da diáspora, pois a experiência de vida destes dois grupos expõe e traduz a falência, mesmo que parcial, dos pressupostos nacionalistas que sustentaram tanto políticas de segregação e exclusão de determinados grupos quanto os fundamentos e pressupostos metodológicos das ciências sociais.



“The Negro Mind Reaches Out” (1925) organiza todo o conteúdo político do que Du Bois se propôs a fazer com o projeto do “Journal of Negro Sociology”, que se tornou a revista “Phylon”. É um texto em que Du Bois propõe: a) uma autoinscrição negra-africana por meio de uma “mensagem” específica; b) atos oposicionais de insubordinação política aos preceitos normativos do Ocidente traduzida pela ideia de “negro mind”; e c) o declínio das “sombras” dos Estados Nacionais europeus no continente africano. Estes três temas ganham vivacidade no contexto das guerras por libertação de África e Ásia e nas práticas de associativismo negro-africano, que serão analisados em profundidade no próximo capítulo.

## 5. RECONSTRUINDO OS PRESSUPOSTOS DOS ESTUDOS PÓS-COLONIAIS E CULTURAIS: COOPERATIVISMO NEGRO E ASSOCIATIVISMO PAN-AFRICANO

“[...] a contradição entre capital e trabalho não é suficiente; ela simplesmente não pode, por si só, gerar um relato completo das lutas através das quais o movimento social dos negros se dissolve e então transcende as divisões formais de classe” (Gilroy, 1987, p.19, tradução livre)<sup>98</sup>.

### 5.1 Do Silenciamento ao Processo Atual de *Disciplinarização* de Du Bois

Apesar de todas as qualificações que Du Bois tinha, ele somente teve a possibilidade de desenvolver um programa consistente de estudos e pesquisas em sociologia em uma universidade negra no sul dos EUA, isto é, em uma situação de segregação racial na qual não havia garantia de financiamentos para desenvolver seus trabalhos. Ele encontrou barreiras e dificuldades para se consolidar na então recente disciplina de sociologia no século XX. Atualmente, vemos um movimento intenso de resgate das obras de Du Bois e valorização do autor em comparação (contrastiva ou combinativa) com autores canônicos das disciplinas das ciências sociais. O movimento ocorre claramente com muito mais intensidade nas universidades norte-americanas e em trabalhos que circulam em língua inglesa, mas isso não nos impede de questionar qual é o lugar do Brasil em meio a esse processo.

No caso brasileiro, “The Souls of Black Folk” (1903) foi traduzido para o português pela primeira vez 96 anos depois de sua publicação em inglês. Heloísa Toller Gomes foi a autora que traduziu, escreveu a introdução e organizou as notas de rodapé para a primeira tradução de “The Souls” em língua portuguesa no Brasil em 1999. Dois fatos chamam atenção e reforçam o argumento de que não somente o nome, mas principalmente a obra de Du Bois, ainda é alvo de desconhecimento, de modo que a relação que as ciências sociais brasileiras têm com os trabalhos do autor é intermediada pelo racismo que omite e esconde o autor.

O primeiro é que o livro foi publicado com o título “As Almas da Gente Negra” e foi indexado não na área de ciências sociais, fazendo a devida referência à área de formação e atuação de Du Bois. A tradução em português foi publicada na área da literatura afro-americana. O

<sup>98</sup> “[...] the contradiction between capital and labour is not sufficient; it simply cannot by itself generate a complete account of the struggles through which the social movement of blacks dissolves and then transcends the formal divisions of class” (Gilroy, 1987, p. 19).

segundo é o atraso de quase um século para que o texto mais popular e conhecido de Du Bois fosse traduzido no Brasil.

O trabalho de Aldon Morris (2015), por exemplo, teve uma grande repercussão na sociologia americana, mostrando que antes da Escola de Chicago se popularizar com seus trabalhos no campo das ciências sociais - especialmente com as pesquisas sobre migração, contexto urbano e o “ciclo das relações raciais” - Du Bois já havia institucionalizado na pequena e considerada periférica Universidade de Atlanta uma agenda de pesquisa que relacionava a condição da população negra no sul dos EUA, onde o sistema Jim Crow era a lei do “convívio” e “interação” social entre negros(as) e brancos(as).

A sociologia dos EUA, portanto, nasceu cindida pelo “véu” que invisibilizou Du Bois e prestigiou os trabalhos da Escola de Chicago para gerações de sociólogos(as). Isso quer dizer que uma grande fração do prestígio de Robert Park se deu em detrimento do silenciamento de Du Bois e seus trabalhos. Significa também que Du Bois continua desconhecido por boa parte de cientistas sociais, não só no Brasil, mas também nos EUA. Apesar disso, entre 2020 e 2023, uma série de trabalhos sobre Du Bois foram publicados e traduzidos do inglês para o português pelo grupo “Transnacionalismo Negro e Diáspora Africana” sob a coordenação do Professor Valter Silvério com a intenção de apresentar Du Bois para os(as) leitores(as) brasileiros(as). Segue abaixo a tabela.

<b>Título</b>	<b>Periódico</b>	<b>Ano</b>	<b>Autores(as)</b>	<b>Categoria</b>
“Racismo Acadêmico e a Formação das Ciências Sociais na América: W.E.B. Du Bois e a Interseccionalidade entre Ciência e Política”	Revista da ABPN	2020	Silvério; Santos; Oliveira da Costa	Artigo
“Du Bois e as possibilidades de uma sociologia desegregada”	Revista da ABPN	2020	Silvério	Artigo
“Tornar-se sujeito afro-diaspórico: working with Du Bois, Frantz Fanon e Stuart Hall”	Revista Contemporânea a UFSCar	2020	Silvério; Flor; Mattioli	Artigo
“Dançar, cantar, criar no compasso da liberdade”	Revista Contemporânea a UFSCar	2020	Silvério; Almeida de Sousa	Artigo
“Sociologia Crítica e (Proto) Interseccional de Du Bois: Contribuições aos Debates Contemporâneos sobre Gênero, Interseccionalidade, Marxismo e Teoria Crítica da Raça”	Revista da ABPN	2020	Martins Jr.	Artigo
“The brownies? book: du bois e a construção de uma referência literária para identidade negra infanto-juvenil”	Childhood & Philosophy UERJ	2021	Silvério	Artigo
Duas Escolas, uma lição: a Sociologia como instrumento de desracialização da Escola de Atlanta (1897-1910) e do Teatro Experimental do Negro (1948-1955)	Revista Brasileira de Ciências Sociais	2023	Silva; Santos; Caldas	Artigo

“W.E.B. Du Bois no Centro: Da Ciência, Do Movimento dos Direitos Cívicos, ao Movimento Black Lives Matter”	Revista da ABPN	2020	Morris (autor); Silvério; Santos; Oliveira da Costa; Melo (tradutores)	Tradução
“O Professor: Um Ensaio”	Revista da ABPN	2020	Zuberi (autor); Santos; Martins Jr. (tradutores)	Tradução
“W.E.B. Du Bois e a Inauguração de uma Ciência Interseccional”	Revista da ABPN	2020	Rabaka (autor); Martins Jr.; Oliveira da Costa (tradutores)	Tradução
“A Cor da Imaginação Sociológica: W.E.B. Du Bois, Stuart Hall e a Sociologia De-segregante”	Revista da ABPN	2020	Back, Tate (autores); Martins Jr.; Melo	Tradução
“A Emergência de Du Bois: Um Intelectual Diaspórico”	Revista da ABPN	2020	Melo; Sousa	Resenha

**Figuras 11 e 12** - Produção do Grupo “Transnacionalismo Negro e Diáspora Africana” sobre W.E.B. Du Bois (2020-2023).

Apesar das diferenças de abordagem, interpretação e leitura do autor, esse conjunto de textos reforça que houve um processo de apagamento e silenciamento. Tal processo trouxe algumas contrapartidas, uma delas é o movimento de resgate de Du Bois e sua obra contemporaneamente. Exemplo disso são as iniciativas do W.E.B Du Bois Center da University of Massachusetts - Amherst em promover desde 1978 o interesse nos trabalhos do autor para a comunidade local de *New England* (região nordeste dos EUA), para os cidadãos americanos e para uma comunidade transnacional de acadêmicos(as) e pesquisadores(as).

As iniciativas vão desde visitas guiadas durante o verão ao sítio arqueológico de Great Barrington, onde Du Bois nasceu e viveu, até palestras (*lectures*) e lançamentos de livros com cientistas do mundo todo interessados na obra do autor. Mas as ações não terminam e nem começam nesses casos exemplares. A história do reconhecimento e resgate da contribuição de Du Bois pode ser contada a partir de 03 de novembro de 1958, quando ele recebeu uma homenagem da Universidade de Berlim, sua *alma mater* (Silvério; Santos; Oliveira da Costa, 2020).

A partir do final da década de 1950 já é possível identificar diversos esforços (*strivings*) em resgatar a história, pensamento e obra de Du Bois e certamente houve, e ainda há, muita disputa em torno do pensamento do autor. Em 1968, Francis L. Broderick organizou a International Encyclopedia of the Social Sciences que apresentava um verbete sobre Du Bois. Em 1971, a American Sociological Association (ASA) oficializou um prêmio para homenagear as produções

de intelectuais de Du Bois, Charles S. Johnson e E. Franklin Frazier. Em 1973 John H. Bracey Jr. publicou um verbete sobre Du Bois na “The McGraw-Hill Encyclopedia of World Biography”. Em 1974 houve a publicação de Blackwell e Janowitz sobre Du Bois no volume “Black Sociologists” que continha dois artigos sobre o autor. Este trabalho foi precedido em 1978 de “W. E. B. DuBois on Sociology and the Black Community” de Green e Driver. Nota-se, os primeiros esforços de se trabalhar com Du Bois como um autor central na sociologia, de acordo com Morris (2015).

Já nos anos 80, houve a publicação de trabalhos como “The Social Thought of W. E. B. Du Bois” de Joseph P. DeMarco; “The Art and Imagination of W. E. B. Du Bois” de Arnold Rampersad; “W. E. B. Du Bois and American Political Thought: Fabianism and the Color Line” do cientista político Adolph L. Reed Jr.; “Photography On The Color Line: W. E. B. Du Bois, Race, And Visual Culture” da historiadora e fotógrafa Michelle Shawn Smith; e “Race Men” da pesquisadora dos Estudos Africanos (Africana Studies) Hazel V. Carby. A partir daí, percebem-se interdisciplinares ao se trabalhar com Du Bois, não somente na sociologia, mas nas áreas da arte, ciência política e fotografia.

Em 1981 foram criadas as W.E.B Du Bois Lectures na Universidade de Harvard com o financiamento da Ford Foundation sob a coordenação de Henry Louis Gates Jr. As palestras das Du Bois Lectures foram registradas e organizadas em livros que traduzem o conteúdo de discussões de autores como Homi K. Bhabha, Hazel Carby, Stephen L. Carter, Stuart Hall, Michael Hanchard, A. Leon Higginbotham, Glenn C. Loury, Julianne Malveaux, Manning Marable, John McWhorter, Sidney Mintz, Brent Staples, Cornel West, Danielle Allen, e K. Anthony Appiah.

No ano de 1986, o conhecido historiador Manning Marable publicou um volume do livro “W. E. B. Du Bois: Black Radical Democrat”. E em 1993 e 2000, David Levering Lewis publicou duas biografias de Du Bois que conquistaram o Prêmio Pulitzer. Estes dois volumes biográficos se tornaram uma grande fonte de dados e informações sobre Du Bois e, certamente após a publicação das duas biografias de Lewis (1993, 2000), houve um estímulo na produção deste movimento de resgate do autor e seus trabalhos. Um dos efeitos deste movimento se caracteriza pelos atuais esforços de introduzir o autor no currículo das ciências sociais como parte do cânone disciplinar.

Em 1996, 1998 e 2001, Eric Sundquist, Michael Katz e Thomas Sugrue; Gerald Horne e Mary Young publicaram, respectivamente, livros sobre Du Bois. No ano de 1996, Bernard Bell,

Emily Grosholz e James Stewart editaram o livro “W.E.B. Du Bois On Race and Culture” discutindo a filosofia de Du Bois e sua prática política ligada à poética. Já em 2004, o sociólogo Phil Zuckerman editou um importante volume sobre Du Bois o apresentando como um importante teórico social no livro “The Social Theory of W. E. B. Du Bois”. Nesse livro, especialmente, há um argumento a favor de se considerar a importância de Du Bois e reconhecê-lo no cânone da sociologia em conjunto com Marx, Weber e Durkheim. Segundo Morris (2015, p. xx), esse conjunto de trabalhos - principalmente o de Zuckerman (2004) - sustenta o argumento de que Du Bois foi um autor central no entendimento de que a categoria a *raça* é central na constituição do mundo moderno.

Há também os trabalhos de Adolph Reed, “W. E. B. Du Bois and American Political Thought”, e de Robert Gooding-Williams, “In the Shadow of Du Bois”, que são da área da filosofia política e lidam com a importância de Du Bois e sua concepção de *raça*, que segundo os autores, orientou sua produção intelectual e liderança política. Em 1998, Lee Baker publicou “From Savage to Negro”, um livro que sustenta o argumento de que Du Bois foi pioneiro no campo da antropologia americana. O autor diz que em conjunto com Franz Boas, Du Bois promoveu uma virada paradigmática na disciplina ao propor que pensássemos na *raça* como uma formação social e cultural, não como uma categoria biológica e natural. A partir dessa proposta, podemos analisar a categoria *raça* à luz de seus impactos políticos na geopolítica do mundo moderno e nas políticas imperialistas do colonialismo europeu que motivou eventos centrais na formação do mundo moderno e contemporâneo.

Em 2007, houve a publicação do trabalho de Shaun Gabbidon, “W. E. B. Du Bois on Crime and Justice: Laying the Foundations of Sociological Criminology”, um livro cujo argumento é de que Du Bois foi um dos primeiros cientistas a incluir o pensamento sociológico nas análises sobre criminalidade e violência. Nesse sentido, ele também foi um pioneiro na criminologia americana. Houve também a publicação do trabalho “The Segregated Scholars”, de Francille Wilson, as séries de artigos do sociólogo Earl Wright II sobre Du Bois e a Escola de Atlanta, e em 2010, a publicação de “Against Epistemic Apartheid” de Reiland Rabaka, considerado o primeiro livro completo que explora a sociologia de Du Bois em comparação com a sociologia convencional dos autores clássicos, dando ênfase a suas diferenças (Morris, 2015, p. xxi).

Em 2011, Lawrence Scaff publicou um livro intitulado “Max Weber in America”, que não fala profundamente sobre Du Bois, mas em uma interessantíssima passagem o autor discute aspectos importantes da relação entre Max Weber e Du Bois a ponto de Du Bois ter influenciado o pensamento sociológico de Weber. Esse argumento é estendido e potencializado em 2015 na publicação de “The Scholar Denied” de Aldon Morris, um livro fundamental para a compreensão da importância de Du Bois no desenvolvimento da sociologia nos EUA e no movimento de disciplinarização do autor nas universidades norte-americanas.

Em 2020 houve a publicação do livro “The Sociology of W. E. B. Du Bois: Racialized Modernity and the Global Color Line” de José Itzigsohn e Karida L. Brown, que assim como Aldon Morris, trazem a contribuição da teoria social de Du Bois à tona. O livro conta inclusive com um glossário de conceitos-chave trabalhados por Du Bois. E mais recentemente, em 2021, Morris foi eleito presidente da American Sociological Association (ASA). Desde 2005, em conjunto com outros(as) sociólogos(as), lideraram uma campanha para renomear o prêmio mais importante da ASA em homenagem à Du Bois. Com isso, em 2005 o prêmio de mais prestígio da ASA passou a se chamar *W. E. B. Du Bois Career of Distinguished Scholarship Award*. Essa breve linha do tempo ilustra o argumento de Morris (2015) de que realmente “nós estamos na era de Du Bois”. Há, certamente, um fenômeno global envolvendo a produção científica contemporânea e o pensamento Duboisiano.

Entretanto, a recepção e leitura das obras de Du Bois não são homogêneas, nem haveria razão para ser assim. As leituras e interpretações do autor são variadas e, por vezes, dissonantes entre si. Na sociologia, especificamente, podemos perceber três tendências mais consolidadas na forma de se trabalhar com Du Bois. A primeira é orientada pelo professor Aldon Morris, enfatizando a teoria social a partir da leitura de textos como “Philadelphia Negro”, “The Souls of Black Folk” e, também, da produção da Universidade de Atlanta, especialmente a primeira passagem de Du Bois até 1909.

A segunda é referente aos professores José Itzigsohn e Karida Brown, que desenvolvem projetos diferentes entre si a partir de leituras e interpretações de Du Bois, mas que a partir da publicação de “The Sociology of W. E. B. Du Bois: Racialized Modernity and the Global Color Line” (2020) influenciam e estimulam cientistas sociais a trabalharem com a sociologia Duboisiana a partir do principal tema da disciplina, a modernidade. Já a terceira tendência é

derivada de intelectuais já consolidados no campo disciplinar que procuram incorporar debates e discussões contemporâneas como o *advocacy* racial, de gênero e sexualidade. Essa tendência também tende a ler e interpretar Du Bois nos termos de sua contribuição à teoria social, assim como Marx, Durkheim, Weber e Simmel o fizeram e são aqui descritas como perspectivas conciliatórias de se trabalhar com ele, conciliando sua obra com um diálogo com o *mainstream* disciplinar.

O trabalho de Julian Go, por exemplo, em “Postcolonial Thought and Social Theory” (2016), aponta para essa perspectiva, fazendo uma discussão que começa com a seguinte indagação:

Podem a teoria social e o pensamento pós-colonial ser reconciliados? A tarefa é considerar as possibilidades de articulação entre a teoria social e o pensamento pós-colonial, para ver como podem interagir de forma frutífera. Uma parte da tarefa é explorar como o pensamento pós-colonial pode se beneficiar de um envolvimento direto com a teoria social (Go, 2016, p. 1, tradução livre)<sup>99</sup>.

No interior dessa tendência há também o exemplo do professor Michael Burawoy, que empreende esforços para pensar sua importância como um sociólogo público que contribuiu para interpretar o capitalismo racial à luz do legado de Marx e Engels no pensamento negro, de Du Bois a Cedric Robinson (1940-2016).

Estas perspectivas são diferentes entre si e são concorrentes, seja na arena de disputa por financiamentos de pesquisa ou no espaço de divulgação e propagação de ideias e conclusões. Elas recuperam e avaliam historicamente a teoria e o método de Du Bois; localizam o autor em seu contexto histórico; e examinam as recepções e o impacto de curto e longo prazo do trabalho do autor. Estas tendências sociológicas também convergem no entendimento de que ele foi um cientista social que possuía *insights* teóricos sobre o significado e a onipresença da *raça* na sociedade moderna e contemporânea, apresentando um conhecimento fundamental sobre o desenvolvimento das relações humanas globais, que de nenhuma forma pode ser ignorado e deve estar ao lado de pensadores como Marx, Durkheim e Weber, cuja legitimação como sociólogos e teóricos permanece inquestionável. Significa dizer que a sociologia contemporânea já reconhece

---

<sup>99</sup> “Can social theory and postcolonial thought be reconciled? The task is to consider the possibilities of articulating social theory and postcolonial thought, to see how they might fruit- fully engage. One part of the task is to explore how postcolonial thought might benefit from a direct engagement with social theory” (Go, 2016, p. 1)



(ou deveria reconhecer) que ele foi um exímio teórico e um sociólogo que desenvolveu a metodologia e o empirismo nas ciências sociais americanas com excelência disciplinar.

Du Bois ofereceu uma análise rica sobre os rearranjos colonialistas do poder *racial* da supremacia branca na consolidação dos impérios e dos Estados-nacionais do mundo moderno. Uma análise teórica e uma epistemologia de questões cujo poder explicativo ainda escapa aos teóricos do sistema mundial, teóricos da dependência, analistas do neoliberalismo, analistas das relações de classe, comparatistas e teóricos focados no ciclo das relações raciais. A epistemologia e metodologia das artes liberais, próprias de Du Bois, o marginalizou ainda mais em uma era de sociologia positivista, pois a sua abordagem desafiou a sociologia dominante.

Nas dinâmicas sociais da produção de conhecimento, ele não era apenas um estranho na cor da pele, mas também no pensamento. Como estudante de artes liberais em Fisk e Harvard, ele estudou história, filosofia e humanidades; e enquanto estudante na Alemanha, aprendeu métodos científicos sociais e estatísticos (Morris, 2015, McAuley, 2019, Itzigsohn; Brown, 2020). Em seu trabalho mais conhecido, “The Souls”, ele usou sociologia, história, poesia, literatura e ativismo político para compreender como a população negra havia construído a sociedade americana, o que nos leva a questionar se Du Bois não era muito mais do que um sociólogo.

O Du Bois que será apresentado neste capítulo obviamente se relaciona com as disciplinas e áreas do conhecimento das ciências sociais, porém, deliberadamente não se aprisionou aos formatos e modos de divulgação de informação que as disciplinas objetivavam naquele momento. Este Du Bois é o mesmo autor dos livros e textos citados pelos sociólogos contemporâneos interessados em seu trabalho, mas é também o autor de textos de jornais que ainda não foram analisados e discutidos em profundidade, tampouco relacionados com o seu núcleo teórico e conceitual.

O contexto aqui analisado foi marcado pelo momento em que Du Bois deixou a NAACP e o cargo de editor da revista “The Crisis” em 1934 por razões políticas internas da organização. É um momento importante, pois demonstra, em termos empíricos, que ele teorizou sobre o cooperativismo negro e o associativismo negro-africano, mas também agiu politicamente nessas duas dimensões das políticas de autoinscrição de negros(as) e africanos(as). É nesse sentido que as publicações jornalísticas exploradas neste capítulo são analisadas como frutos de um contexto

importante a ser considerado nas análises e trabalhos contemporâneos sobre Du Bois, mostrando os esforços empreendidos por ele desde quando ele se juntou com Paul Robeson (1898-1976) para organizar o “Council of African Affairs” em 1942, uma das principais organizações promotoras do anticolonialismo e do Pan-Africanismo nos EUA e fora dele, e começou a ajudar a editar o jornal “The New Africa” e organizar o “Africa Aid Committee”<sup>100</sup>. Há, portanto, uma maior adesão de Du Bois aos usos da mídia impressa e jornalística da época, interpretando-a como um espaço de divulgação e promoção de seus ideais Pan-Africanos que já estavam sendo desenvolvidos desde a virada do século XX.

Este capítulo é composto por um conjunto de documentos escritos por ele nas décadas de 1930 e 1940, em que ele expôs em dois jornais da época temas fundamentais que podem ajudar a reconstruir os pressupostos dos Estudos Pós-coloniais e Culturais. Em um primeiro momento, analisa-se um debate de Du Bois com a sociologia e a economia política a partir do papel do cooperativismo das comunidades negras. Este tema coloca em questão os princípios convencionais das ciências sociais de que haveria formas de organização social e práticas econômicas avançadas em comunidades europeias e organizações e práticas primitivas em grupos tidos como tradicionais, como africanos e asiáticos.

Em um segundo momento, a análise e discussão tem como base uma seleção de artigos escritos por ele em outra mídia negra da época, o jornal *People's Voice*. Ele escreveu uma coluna intitulada “Pan Africa” durante os anos de 1947 e 1948, publicando artigos que expressam o seu compromisso político e teórico com o Pan-Africanismo e a diáspora africana, especialmente depois das resoluções e compromissos estabelecidos após o Congresso Pan-Africano de Manchester de 1945, um evento que colocou um ponto de inflexão nas dinâmicas globais motivando as guerras de libertação e autonomia do continente africano e da Ásia.

Estes textos nos informam sobre os processos sociais, culturais, políticos e econômicos que fomentaram o terreno que possibilitou a emergência dos estudos da diáspora africana e da virada

---

<sup>100</sup> O Council on African Affairs (CAA) articulou e promoveu uma política de relação entre as lutas da comunidade negra nos EUA e o destino dos povos colonizados na África, Ásia e em outros lugares do mundo. Dentre as campanhas que o CAA promoveu destaca-se o lobby junto ao governo federal e às Nações Unidas para garantir apoio político e econômico para a independência indiana e para movimentos sindicalistas em greve na Nigéria, por exemplo. Todo esse trabalho se realizou enquanto o grupo divulgava as conexões entre essas campanhas e sua crítica maior ao colonialismo e ao capitalismo. Outro trabalho significativo do CAA envolveu a África do Sul, onde o grupo apoiou mineiros em greve e ajudou a direcionar a atenção mundial para a luta do Congresso Nacional Africano contra o governo da África do Sul e sua implementação do regime do *apartheid*.

cultural que influenciaram os Estudos Pós-coloniais e Culturais no período posterior à II G.M. Os textos explorados nas próximas duas seções inovam o debate sobre as apropriações recentes de Du Bois a partir de um ponto de vista da articulação do autor com os pressupostos metodológicos e teóricos dos Estudos Pós-Coloniais e Culturais, eles também ajudam a identificar uma chave de leitura de Du Bois que reposiciona o autor nas discussões sobre pertencimento, identidade e a relação entre negros(as) do Novo Mundo e africanos(as) do continente na perspectiva da diáspora.

## **5.2 Cooperativismo Negro no Prelúdio da II G.M**

O filósofo Joseph P. DeMarco foi um dos primeiros pensadores a discutir o cooperativismo de Du Bois em seu texto “The Rationale and Foundation of DuBois’s Theory of Economic Cooperation” (1974), no qual ele apresenta uma perspectiva teórica e econômica de Du Bois levando em consideração o período da grande depressão no final dos anos 1920. DeMarco (1974) argumenta que Du Bois desenvolveu um método e uma teoria para solucionar os problemas da situação econômica e segregação social da população negra nos EUA. O argumento do filósofo se fundamenta na leitura de determinados textos-chave de Du Bois, como “Some Efforts of American Negroes for Their Own Social Betterment” (1898), “Economic Cooperation Among Negro Americans” (1907), “The Crisis XVI” (1917) e “The Dusk of Dawn” (1940).

Outro texto que trabalha com o cooperativismo negro no pensamento social de Du Bois é o artigo de Curtis Haynes Jr., “From Philanthropic Black Capitalism to Socialism: Cooperativism in Du Bois’s Economic Thought” (2018), em que Haynes Jr. discute os princípios da teoria econômica do autor a respeito do cooperativismo. Os textos fundamentais de Du Bois escolhidos pelo economista são os mesmos que DeMarco (1974) e o argumento de Haynes Jr. (2018) é que o pensamento do autor mudou em termos de suas proposições na área da economia, uma inflexão indicada pela adesão de Du Bois ao marxismo e ao Partido Socialista.

Tanto DeMarco (1974) quanto Haynes Jr. (2018) deixam claro o papel do consumo, e não da produção em si, no desenvolvimento de uma ordem econômica cooperativa, pois seriam as necessidades e desejos humanos sobre determinados bens e serviços que seriam os pilares da socialização econômica cooperativa e não a produção voltada para o lucro. Outro ponto fundamental discutido pelos autores é o papel de uma elite cultural no desenvolvimento econômico

das cooperativas, o que significaria que a elite cultural, traduzida na ideia do “talented tenth”, seria responsável para que a cooperativa tivesse êxito, pois à medida que o consumo fosse estimulado a demanda por uma liderança aumentaria, e ao passo que o consumo e a produção das cooperativas aumentassem, mais trabalhadores seriam incorporados nessa rede de consumo e produção de bens e serviços (DeMarco, 1974).

Um terceiro e último aspecto é a relação que a proposição político-econômica cooperativista de Du Bois tem com aspectos de organização social existentes em outras comunidades mundiais, como, por exemplo, entre asiáticos e africanos. O cooperativismo negro no pensamento de Du Bois remete as formas de organização social e econômica que tensionam a lógica da modernidade no interior dos Estados Nacionais, pois é capaz de formar uma “comunidade de memória” no mundo do trabalho por meio de uma ordem social não competitiva, e que escapa as lógicas da produção em massa e da luta de classes. Não se trata de um mundo dividido entre trabalho e capital, mas entre “comunidades de memória” organizadas pelo signo da *raça* e suas práticas culturais e políticas.

Para Haynes, Jr (2018, p. 124, tradução livre), Du Bois “[...] *discerniu o cooperativismo em ações cooperativas anteriores - nos precedentes históricos existentes nas vidas de descendentes de africanos - de pessoas livres, escravizadas e depois libertadas, embora com certas algemas*”<sup>101</sup>. Há uma conexão de sentidos entre as formas de organização econômica de pessoas livres no continente africano, asiático e na Europa com seu projeto de ação política cooperativa no período posterior à escravização no continente americano e caribenho.

O cooperativismo negro de Du Bois oferece um *insight* diferenciado na sociologia que nos permite ver uma proposta de organização social e econômica que não faz distinção entre ordenamentos *tradicionais* e *modernos*, tampouco vê no que se convencionou chamar de “ordem social competitiva” a possibilidade do equacionamento das tensões em torno das diferenças pautadas na ideia de *raça*, como supõe uma tradição de pensamento ligada ao campo das “relações sociais” associada a Escola de Chicago em 1920 e a Escola Paulista de Sociologia dos anos 1950.

Trata-se de um olhar sociológico que descreve uma prática política e econômica que não opera pela distinção analítica de tipologias de ação social, de modo que houvesse um rompimento

---

<sup>101</sup> “[...] discerned cooperativism in earlier cooperative action - historical precedents in the lives of African descendants - of free people, the enslaved and then freed, albeit with certain shackles” (Haynes Jr. 2018, p. 125).

entre uma ordem social tradicional e o mundo moderno competitivo. Assim como Du Bois, Appiah (1992) sugere uma visão da modernização que difere da visão clássica weberiana, pois eles lidam com o processo a partir de um ideal de razoabilidade que é concebido num sentido específico e transcultural, que deve desempenhar um papel central na reflexão sobre o futuro de africanos e seus descendentes.

[...] para compreender a nossa — a nossa modernidade humana — temos primeiro de compreender por que a racionalização do mundo já não pode ser vista como uma tendência do Ocidente ou da história [...]. Compreender o nosso mundo é rejeitar a afirmação de Weber de a racionalidade daquilo que ele chamou de racionalização e a sua projeção da sua inevitabilidade; é, então, ter uma concepção radicalmente pós-weberiana da modernidade (Appiah, 1992, p. 144-145, tradução livre)<sup>102</sup>.

Se a caracterização de Weber de formas de autoridade tradicional e carismática estão em oposição à autoridade racional, central no desenvolvimento da modernidade, para Du Bois isso seria uma afirmação que faz mais sentido sobre a vida de intelectuais profissionais do que a respeito da cultura e a política na totalidade. Nesse sentido, não haveria um processo de desencantamento do mundo, oriundo da racionalização e da transição das explicações religiosas para as científicas. O cooperativismo no pensamento de Du Bois reflete formas de organização social em que diferenças e especificidades são salientadas e não oclusas em seus determinados contextos.

Por mais que a leitura dos textos de DeMarco (1974) e Haynes Jr. (2018) deixe isso explícito, ainda é necessário explorar esse argumento no nível empírico por meio de documentos que possam afirmar e reforçar a existência desse ato crítico e oposicional de Du Bois aos pressupostos convencionais das ciências sociais, apontando para uma nova imaginação sociológica. Para confirmar esta evidência, esta parte do capítulo trabalha com 21 textos escritos por Du Bois que foram publicados no jornal Pittsburgh Courier sobre o cooperativismo. Segue abaixo uma tabela informativa com os textos de Du Bois sobre cooperativismo negro encontrados no trabalho de pesquisa empírica, apresentando os títulos, os anos dos textos e o nome do jornal em que foram publicados, assim como os principais temas mobilizados nos textos.

---

<sup>102</sup> [...] to understand our—our human—modernity we must first understand why the rationalization of the world can no longer be seen as the tendency either of the West or of history [...]. To understand our world is to reject Weber's claim for the rationality of what he called rationalization and his projection of its inevitability; it is, then, to have a radically post-Weberian conception of modernity (Appiah, 1992, pp. 144-145).

Títulos dos Textos	Ano de Publicação	Jornal	Tema
Who Are Our Allies?; The Day Of Consultation; Earning a Living; The Minority Group; Mistakes	1937	Pittsburgh Courier	Cooperativsno Negro
The Talented Tenth; Segregation; Paradox; Self-Grouping; The Philosophy of Segregation	1937	Pittsburgh Courier	Cooperativsno Negro
American Public Opinion; Paradox; Solution by Flight; New York and Texas and Chicago	1937	Pittsburgh Courier	Cooperativsno Negro
Race; The Group; Escape	1937	Pittsburgh Courier	Cooperativsno Negro
The Group; Two Pessimisms; The Program; Economic Program	1937	Pittsburgh Courier	Cooperativsno Negro
Voluntary Segregation; Labor Unions; Labor Solidarity; Economic Organization	1937	Pittsburgh Courier	Cooperativsno Negro
The Nucleus of Class Consciousness; Race as Class; Pan-Africa; Dictatorship of the Proletariat; Negro Dictatorship	1937	Pittsburgh Courier	Cooperativsno Negro
Co-operation Without; Co-operation Within; Economic Co-operation	1937	Pittsburgh Courier	Cooperativsno Negro
Civil War Co-operation; Co-operation in Migration; The Co-operative Negro Church	1937	Pittsburgh Courier	Cooperativsno Negro
Co-operative Schools; Fraternal, Beneficial and Insurance Societies; Consumer Co-operation; The Rochdale Pioneers	1937	Pittsburgh Courier	Cooperativsno Negro
Our Economic History; The Economic Impasse; Our Main Assets; Past Co-operation	1937	Pittsburgh Courier	Cooperativsno Negro
Other Efforts of Co-operation; Co-operative Manufacture; Recent Efforts at Co-operation	1937	Pittsburgh Courier	Cooperativsno Negro
Negro Banking; Negro Insurance; Future Insurance	1937	Pittsburgh Courier	Cooperativsno Negro
Co-operation; The Roddy Stores of Memphis; Matney's Business School	1937	Pittsburgh Courier	Cooperativsno Negro
The War and After; The C.M.A. Stores; Can Co-operation Succeed?; England	1937	Pittsburgh Courier	Cooperativsno Negro
Co-operation in Belgium; Co-operation in France; Co-operation in Germany; In Smaller Lands	1937	Pittsburgh Courier	Cooperativsno Negro
Co-operation and Communism; The Education of the Proletariat; Co-operative in Various Lands	1937	Pittsburgh Courier	Cooperativsno Negro
Co-operation in China and Japan; Co-operatives in the United States; A Program of Negro Co-operation	1937	Pittsburgh Courier	Cooperativsno Negro
Action; Credit; The Next Step	1937	Pittsburgh Courier	Cooperativsno Negro
Education; Competition	1937	Pittsburgh Courier	Cooperativsno Negro
Ideals; Dangers; Established Wholesales	1937	Pittsburgh Courier	Cooperativsno Negro

**Figura 13** - tabela informativa com os textos publicados por Du Bois sobre o cooperativismo negro. Este material está disponibilizado no W. E. B. Du Bois Papers, da Robert S. Cox Special Collections and University Archives Research Center da UMass Amherst Libraries.

O Pittsburgh Courier foi um jornal organizado pela comunidade negra que teve circulação entre 1907 e 1966. A coluna escrita por Du Bois, chamada “A Forum of Fact and Opinion” contém no início dos artigos um pequeno texto do editor chefe do jornal, Robert L. Vann (1879-1940) dizendo que a coluna representa as opiniões pessoais de Du Bois e de forma alguma reflete as do Pittsburgh Courier. Os artigos da coluna têm entre 3 e 6 subcapítulos, cada um com, em média, um a dois parágrafos sobre determinado assunto. No artigo de 24 de abril de 1937, Du Bois inicia com um subcapítulo intitulado “Who Are Our Allies?” propondo ao longo do texto uma forma de organização social intragrupo negro, tendo em vista o final da Guerra Civil nos EUA e a transição do trabalho escravo para o trabalho livre. Para ele, os anos 1930 exigiam uma articulação política

entre os(as) negros(as) de características diferentes da que havia ao fim da Guerra Civil no final do século XIX.

Nosso primeiro dever não é simplesmente ganhar a vida; isso poderia ser conseguido através da escravidão industrial e da não adesão às greves. Nosso primeiro dever é, antes, tomar posse daquele poder econômico que garantirá trabalho por um salário decente para a massa de nosso povo e para o *Talented Tenth*; e forçar com este poder o direito ao voto, a educação de todos e a supressão da violência popular (Du Bois, 1937a, p. 11, tradução livre)<sup>103</sup>.

A aquisição de poder econômico não estaria necessariamente ligada à produção industrial em massa, mas sim ao potencial de consumo de um pequeno grupo, no caso os(as) americanos(as) negros(as), cuja experiência é articulada, ao longo do artigo, com o exemplo das cooperativas de pequenos países como a Dinamarca e Japão. Ele sugere a prática do cooperativismo entre afro-americanos para a finalidade de aquisição de poder econômico e conseqüentemente a conquista de direitos civis. Du Bois (1937a) argumenta da seguinte forma: “*Estamos obcecados neste país e no mundo moderno com as conquistas da indústria de massa, especialmente na produção. Não percebemos o que o pequeno grupo pode fazer*” (tradução livre)<sup>104</sup>.

Tanto o caso da Dinamarca quanto o do Japão são exemplos do que Du Bois (1937a) classifica como grupos “minoritários” e que organizaram uma economia em torno das necessidades de um pequeno contingente de pessoas e não de uma produção industrial em larga escala como o modelo da Europa ocidental. No caso da Dinamarca, “[...] *ela educou seu povo em um notável sistema de escolas populares; ela organizou sua indústria por meio da cooperação. Ela é hoje um dos países mais inteligentes do mundo onde se discute Shakespeare na cabana de um camponês [...]*” (tradução livre)<sup>105</sup>. E no caso do Japão, “*O povo japonês organizou a sua indústria como uma*

<sup>103</sup> “Our first duty is not simply to earn a living; this could be accomplished by industrial slavery and strike-breaking. Our first duty rather is to get into our possession that economic power which shall insure work for a decent wage for the mass of our folk and for the *Talented Tenth*; and to force with this power the right to vote, the education of all, and the suppression of mob violence” (Du Bois, 1937a, p. 11).

<sup>104</sup> “We are obsessed in this country and in the modern world with the accomplishments of mass industry, especially in production. We do not realize what the small group can do” (Du Bois, 1937a).

<sup>105</sup> “[...] she educated her people in a remarkable system of folk schools; she organized her industry by cooperation. She is today one of the most intelligent countries in the world where one discusses Shakespeare in a peasant’s cottage [...]” (Du Bois, 1937a, p. 11).

*unidade integral através da qual forçou a sua máquina produtiva a um tal grau de eficiência que desafia e assusta a indústria organizada do mundo”* (tradução livre)<sup>106</sup>.

Ele articula experiências, que não estavam dadas *à priori* e nem apareciam com frequência no discurso e ação política do ativismo negro dos anos 1930, para falar sobre como um grupo minoritário poderia se autoinscrever nas dinâmicas da vida em sociedade a partir de uma organização social e econômica cooperativa. Para ele, a articulação com os exemplos da Dinamarca e Japão serviria para pensar em “*como 12.000.000 de pessoas podem sustentar-se, produzir bens, distribuir serviços e partilhar rendimentos para eliminar a pobreza e a fraqueza. A resolução deste problema deve ser o nosso principal objetivo a partir de hoje*” (tradução livre)<sup>107</sup>. Para Du Bois (1937a), portanto, a população negra:

[...] não deve ser desviada por velhos slogans, inúteis neste novo mundo; por planos demagógicos e utópicos de estados separados e contos de fadas religiosos. Temos que organizar nosso trabalho, nossa renda, nossos esforços mútuos na igreja e na escola, e nos negócios com o objetivo não do lucro privado, mas do bem-estar comum de todo o grupo negro americano (Du Bois, 1937a, p. 11, tradução livre)<sup>108</sup>.

Em outros dois textos (de 1 e 8 de maio de 1937), ele aprofundou o debate discutindo o papel das elites culturais negras, que historicamente propuseram duas filosofias de ação política, a primeira na chave da segregação (*racial loyalty*) e a outra via integração (*against racial segregation*). Nestes dois artigos, Du Bois (1937b, 1937c) qualifica a ideia de segregação do debate político de sua época argumentando que há um paradoxo, que são os dois aspectos contidos na segregação. Para isso, ele traz uma ideia de “autosegregação”, que tem origem no grupo negro e que não seria necessariamente ruim, nem boa, mas que certamente gera efeitos práticos, como a existência de bairros, escolas e hospitais separados que expressariam diferenças de organização coletiva, pertencimento, tratamento e condições de vida entre negros(as) e brancos(as).

<sup>106</sup> “The Japanese people have organized their industry as an integral unit by which they have forced their productive machine to such a degree of efficiency that it challenges and scares the organized industry of the world” (Du Bois, 1937a, p. 11).

<sup>107</sup> “How can 12.000.000 people support themselves, produce goods, distribute services, and share income as to drive out poverty and weakness. The solving of this problem must be our main objective from this day on” (Du Bois, 1937a, p. 11).

<sup>108</sup> “[...] must not be diverted by old slogans, useless in this new world; by demagogic and utopian plans of separate states, and religious fairy tales. We have to organize our work, our income, our mutual efforts in church and school, and business for the object not private profit but of the common welfare throughout the American Negro group” (Du Bois, 1937a, p. 11).



De acordo com Du Bois (1937b, p. 11), “[...] *segregação significa o agrupamento compulsório de seres humanos. O mal nisso vem da compulsão e não do agrupamento. O bem vem do agrupamento e apesar da compulsão*” (tradução livre)<sup>109</sup>. Ele diz ser a favor da associação voluntária de indivíduos (*self-grouping*), mas contrário à segregação compulsória. Nesse sentido, a ideia de autoagrupamento (*self-grouping*) contida nestes artigos está relacionada com a política de autoinscrição negra-africana. Ele via aspectos da sua teoria da ação a partir dos exemplos das políticas de autoagrupamento que partiam de organizações e instituições negras, como nos casos da Fisk University e do sindicato negro de Charles H. Wesley (1891-1987)<sup>110</sup>, organizações que surgem das iniciativas voluntárias e deliberadas dos(as) negros(as) de se auto-organizarem em torno de práticas educacionais e econômicas intra grupo negro.

Já nos textos “Race” (1937d) e “The Group” (1937e), ele explora a história e os processos de mudanças dos significados de *raça*, desde o racismo científico até o culturalismo e o relativismo cultural de Franz Boas. Para o estudioso, mesmo que as definições de *raça* tivessem mudado, as condições de vida não haviam necessariamente melhorado. O problema não seria de definição científica em si, e sim de condições de vida, pois para ele grupos raciais não desaparecem somente porque as definições mudam, como se fossem grandezas matemáticas diretamente proporcionais.

Em artigos publicados entre maio e junho de 1937, ele identifica duas formas de pessimismo presentes na vida dos(as) negros(as) americanos(as), um relacionado às políticas de segregação racial compulsória, que desdobravam na valorização do mundo branco em detrimento da depreciação do mundo negro, e outro que era o efeito disso, que é o fato evidente de que há negros(as) que querem pertencer ao grupo branco. De acordo com ele, “[...] *a grande maioria daqueles que vivem hoje e são classificados como negros americanos morrerão nessa*

<sup>109</sup> “Segregation means the compulsory grouping of human beings. The evil in it comes from the compulsion and not from the grouping. The good comes from the grouping and in spite of compulsion” (Du Bois, 1937b, p. 11).

<sup>110</sup> Conforme o “Charles Wesley Archive” da Emory University, “Charles Harris Wesley (1891-1987), African American historian, educator, and minister, was born in Louisville, Kentucky, on December 2, 1891 to Matilda and Charles Snowden Wesley. After graduating with a bachelor's degree in history from Fisk University (Nashville, Tennessee) in 1911, he continued his education earning a master's degree from Yale University (New Haven, Connecticut) in 1913 and a doctoral degree from Harvard University (Cambridge, Massachusetts) in 1925, becoming the third African American doctoral graduate from Harvard. In 1928 Wesley also earned a Doctor of Divinity degree from Wilberforce University (Wilberforce, Ohio). Wesley held positions as the dean of the Liberal Arts College and Dean of the Liberal Arts Graduate School at Howard University, the president of Wilberforce University, the founder and president of the Central State University, the director of research and publications for the Association for the Study of Negro Life and History, and the director of the Afro-American Historical and Cultural Museum in Philadelphia. He was also an ordained minister of the African Methodist Episcopal Church”.

<https://archives.libraries.emory.edu/repositories/7/resources/2186>

*classificação com todas as limitações do significado desse grupo e com todas as suas possibilidades*” (Du Bois, 1937f, p. 11, tradução livre)<sup>111</sup>. A partir disso, define-se uma “*filosofia em um tempo de hesitação*” (*Philosophy in Time of Hesitation*), chamando para uma mudança de estratégia na ação política negra.

Mesmo que houvesse processos de mobilidade (em termos físicos) dentro do grupo negro em direção ao grupo branco, as diferenças (em termos de direito de tratamento e condições de vida) não seriam facilmente anuladas. No artigo “Escape”, a mobilidade física é compreendida a partir das relações inter-raciais de mestiçagem, a qual ele chama de “momentos de escapes” (*rills of escape*). E sobre o(a) negro(a) que consegue executar tal mobilidade física, Du Bois (1937f, p. 11) diz que “[...] *provavelmente, após longos anos, ele estará fisicamente absorvido; entretanto, durante muitos séculos, ele deve ser considerado como uma casta inferior com direitos limitados*” (tradução livre)<sup>112</sup>.

Tendo isso em vista, ele desenvolve um programa de ação social que se traduz em políticas nas áreas da educação e economia. Existem duas partes principais neste plano de ação social; uma que incentiva o mercado consumidor interno do grupo negro e a outra que estimula uma aliança com as organizações econômicas da nação no geral, ou seja, com o mundo branco além da linha de cor. Ele pensa nos limites e possibilidades de interação entre trabalhadores e elite negras com trabalhadores e elite brancas, levando em consideração a segregação existente nos sindicatos e nos partidos políticos.

Ele propõe para os sindicatos de trabalhadores e partidos políticos, em sua maioria brancos, que o núcleo do que eles chamavam de “consciência de classe” estava no grupo dos trabalhadores(as) negros(as) e africanos(as). Du Bois trabalhou nesse conjunto de artigos com a *raça* articulada a classe (grupo político) e o exemplo que os trabalhadores brancos dos EUA deveriam se espelhar era o do Movimento Pan-Africano, pois ele poderia inspirar e apontar para uma solidariedade entre os trabalhadores, de uma forma geral, através da linha de cor.

A consciência racial, a solidariedade racial concebida ao longo destas linhas gerais torna-se não a inimiga da solidariedade entre trabalhadores, mas o único caminho para ela. Eles formam uma

<sup>111</sup> “[...] the vast majority of those who are today living and are classed as American Negroes are going to die in that classification with all the limitations of that group significance, and with all its possibilities” (Du Bois, 1937f, p. 11).

<sup>112</sup> “Probably after long lapses of years he will be physically absorbed; but in the meantime for many centuries he must be held as an inferior caste with limited rights” (Du Bois, 1937f, p. 11).

categoria hegeliana perfeita: a tese da consciência racial negra; a antítese; a união de todos os trabalhadores através de linhas raciais, nacionais e de cor; e a síntese; uma solidariedade universal entre trabalhadores que surge através da expansão da consciência racial na classe trabalhadora mais explorada para todos os trabalhadores (Du Bois, 1937g, p. 11, tradução livre)<sup>113</sup>.

Para ele, a aceitação dos brancos não viria tão facilmente e não haveria garantias de cooperação integral com o mundo branco, pois há um entrave no processo de aceitação do negro no mundo das práticas culturais brancas (*realm of cultural activity*). O processo de aceitação, portanto, é sempre parcial e mediado por negociações e concessões entre os dois grupos. Isso significa que mesmo que houvesse uma probabilidade de efetivação dos processos de mestiçagem (mobilidade física), os processos de hibridação no nível da cultura ainda gerariam tensões e conflitos entre grupos negros e brancos em torno da criação de diferenças.

É por isso que ele desenvolve um plano de ação cooperativa negra que poderia oscilar entre os pressupostos de autosegregação (*self-segregation*) e integração nacional. Ele fala a respeito de uma tradição de cooperativas negras que foi bem-sucedida a partir dos exemplos das igrejas negras (*The Cooperative Negro Church*) e de Benjamin Singleton (1809-1900), um líder que organizou um movimento de migração e ocupação de negros(as) no Kansas, o primeiro movimento migratório em massa de negros(as) do sul após a Guerra Civil.

Du Bois associa essa tradição com outros exemplos ao redor do mundo para desenvolver seu plano econômico e de educação para a população negra nos EUA, articulando o mundo do trabalho com o mundo da cultura. Instituições e práticas cooperativas como escolas e universidades, manufaturas, fraternidades e igrejas deveriam ser compreendidas pelas práticas de consumo associadas a elas e suas capacidades de formar uma elite cultural que fomenta práticas de consumo, ação política e de educação.

Du Bois demonstra um grande interesse no movimento cooperativo mundial nos textos da coluna “A Forum of Fact And Opinion” entre o final de abril e setembro de 1937. Ele discute a emergência de movimentos cooperativos no mundo todo a partir dos exemplos na Estônia,

---

<sup>113</sup> “Race consciousness, race solidarity conceived along these broad outlines becomes not the enemy of labor solidarity but the only path to it. They form a perfect Hegelian category: the thesis of Negro race consciousness; the antithesis; the union of all labor across racial, national, and color lines; and the synthesis; a universal labor solidarity arising through the expansion of race consciousness in the most exploited labor class to all labor” (Du Bois, 1937g, p. 11).

Lituânia, Iugoslávia, Portugal, Argentina, México, Austrália, Nova Zelândia, Índia, Japão, China, Palestina, Canadá e Espanha.

Du Bois fala sobre estes movimentos cooperativos, principalmente os que ele analisou na China e Japão, a partir das Guildas e Clãs, dando a entender que não deveriam ser compreendidos como organizações sociais e práticas econômicas tradicionais, em uma chave opositiva à modernidade, pois os maiores desafios vividos pelas cooperativas negras ocorriam por conta do pensamento individualista, muitas vezes associado às lógicas do mundo moderno e não da tradição. Para ele, o elemento do acaso (*chance*), interpretado como um cenário de possibilidades, nos termos de sua teoria da ação social, deveria ser considerado ao pensar no desenvolvimento de cooperativas. Diante disso, o acaso refere-se justamente ao paradoxo da segregação compulsória e da “autossegregação”.

A respeito das diferenças entre Weber e Du Bois sobre as origens do desenvolvimento do capitalismo e da modernidade, McAuley (2019), por exemplo, sugere que para Weber a cultura da racionalidade foi impulsionada pelas consequências do crescimento do protestantismo, ao passo que para Du Bois a colonização das Américas e a escravização de africanos(as) impulsionaram o capitalismo moderno.

Para Weber, o trabalho assalariado (livre) era uma das marcas do capitalismo moderno, e os trabalhadores europeus eram os principais componentes desse processo de mudança do mundo ocidental. Du Bois, por outro lado, mapeou as continuidades e mudanças na interação social (ou a falta de interação) de negros(as) e brancos(as) durante o Jim Crow, prestando atenção às políticas e práticas que poderiam facilitar ou dificultar o reconhecimento de negros(as) como pessoas “livres”. A liberdade (ou a falta dela) é um importante elemento na distinção analítica entre o pensamento dos dois autores.

Mesmo que eles tenham partilhado da mesma formação pelos pensadores da *Verein für Socialpolitik*, na Universidade de Berlim<sup>114</sup>, eles tinham perspectivas contrastantes sobre as origens do desenvolvimento político e econômico do Ocidente e dos EUA, e o resultado dessas diferenças entre os dois refletiu na forma que eles tomaram decisões políticas em determinadas questões de

---

<sup>114</sup> Traduzida para Associação Econômica Alemã, um importante grupo de economistas, fundado em 1872 por Gustav Von Schmoller, Adolph Wagner, dentre outros, para equacionar problemas de ordem social na Alemanha pós-unificação.

ordem domésticas e internacionais ao longo de suas vidas. Em termos de filiação teórica, McAuley (2019) dá destaque à abordagem compreensiva e interpretativa dos trabalhos de Weber e Du Bois, descrita pelo termo alemão *verstehen*, que descreve uma abordagem científica para investigar fenômenos sociais e compreender atitudes e ações com base no sentido das ações de indivíduos isoladamente ou em grupo.

Um dos principais temas que Weber explora em “*A Ética Protestante*” são os efeitos da cultura que os europeus estavam transmitindo para o mundo, como, por exemplo, o cálculo racional, a eficiência técnica, a resposta aos interesses de mercado e a análise levando em conta o custo e benefício. Estes valores e tipos de comportamento estavam sendo transmitidos pela cultura moderna, que teve na Europa seu nascedouro e ápice, na perspectiva de Weber, e estavam tomando o lugar da tradição e dos comportamentos supersticiosos de um mundo pré-moderno. Ao analisar a constituição da cultura moderna e do capitalismo nos EUA, ele chega à conclusão de que são os comportamentos morais e éticos associados ao protestantismo que formaram a cultura moderna do capitalismo nos EUA.

Para mobilizar, em termos analíticos, essa diferença entre modernidade e tradição, ou entre Ocidente e Oriente, ele faz uso de um de seus recursos teórico-metodológicos mais populares nas ciências sociais, o tipo ideal. Além disso, trabalha com a ideia de “vocação” de João Calvino (1509-1564) e os seminários de Richard Baxter (1615-1691) para pensar o capitalismo de um ponto de vista moral e ético. E dessa forma a vocação é, para Weber, uma força religiosa que influenciou de forma decisiva a formação social dos EUA, caso empírico de seu estudo sobre o processo de desenvolvimento do capitalismo moderno na “*Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*” (1905).

No caso de Du Bois, a formulação da ideia de que a sociedade americana vive sob a sombra de um véu que opera em conjunto com a dupla consciência, linha de cor e segunda visão (*second sight*), demonstra a existência de elementos que impossibilitam a interação entre negros(as) e brancos(as). A modernidade e o capitalismo, nessa perspectiva, são analisados por meio dos processos que facilitaram essa divisão da humanidade, a ponto de justificar a escravização de uma parcela da população mundial. Para ele, a “vocação”, ou o chamado que influenciou os EUA, foi a escravidão e o tráfico transatlântico que o alimentou.

Apesar de *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* e *As Almas da Gente Negra* serem diferentes trabalhos sobre diferente pessoas e experiências, eles estão unidos pela história: o século que presenciou a Reforma Protestante também testemunhou o tráfico de africanos(as) cativos(as) para as Américas em larga escala. Na combinação destes eventos, alguns(as) africanos(as) se tornaram protestantes e alguns protestantes se tornaram donos de escravos(as) (McAuley, 2019, p. 31, tradução livre)<sup>115</sup>.

Christopher McAuley (2019) constrói seu argumento contrastivo entre Weber e Du Bois considerando que ambos tiveram, parcialmente, a mesma formação na Universidade de Berlim no século XIX. Entretanto, há de se admitir também a importância da filosofia pragmatista e a psicologia social que fizeram parte da formação de Du Bois enquanto esteve em Harvard, assim como a estética da política cultural negra dos *Jubilee Singers*<sup>116</sup> da época em que ele foi aluno na Fisk University, no Tennessee. Du Bois se relacionou com diferentes tradições de pensamento que o formaram no passado, tanto na segregada América como na cosmopolita Alemanha. Ele foi um autor de *encruzilhadas*.

Ele desenvolveu uma teoria sociológica a partir da experiência de vida dos escravizados recém-libertos e isso aparece em suas proposições sobre o cooperativismo. Essa experiência foi o elemento que o permitiu desenvolver a ideia de “comunidade de memória” por meio de uma herança específica que faz menção a uma genealogia cansativa de opressão. A história da modernidade é a história da formação de grupos raciais imaginados como comunidades cindidas pela linha da cor. A ideia de comunidade, ou grupo social, é uma construção que necessariamente recorre à imaginação de seus membros, e dessa forma ele falou e escreveu sobre uma memória histórica racalista que organizou os processos de formação social segregados, mas que também poderia unir indivíduos identificados como negros(as) no interior e além dos Estados Nacionais modernos.

Os estudos em ciências sociais em Berlim o ensinaram a apurar dados em busca de padrões e leis de convívio e interação social provisórias. Entretanto, este aspecto descontentou Du Bois que

<sup>115</sup> Although *The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism* and *The Souls of Black Folk* are vastly different works about equally different people and experiences, they are united by history: the century that saw the Reformation also witnessed the large-scale transport of African captives to the Americas. In the combination of these events, some Africans became Protestants, and some Protestants became slaves and slave owners (McAuley 2019, p. 31).

<sup>116</sup> O Fisk Jubilee Singers é um coral afro-americano dos estudantes da Fisk University, uma universidade negra, que cantam músicas *a cappella*, a primeira formação do coral foi feita em 1871 em uma turnê para arrecadar fundos para a universidade naquele período o repertório do grupo consistia em spirituals tradicionais da comunidade afro-americana e em composições de Stephen Foster, o grupo fez apresentações no caminho da Underground Railroad, lugar histórico da comunidade afro-americana, assim como na Inglaterra e em outras localidades da Europa.

se perguntava constantemente sobre as leis que governavam o mundo de discórdia e ódio interracial em que ele vivia nos EUA. A discussão sobre “comunidade de memória”, que está na filosofia pragmatista de Josiah Royce (1855-1916), foi adaptada por ele para pensar a formação de uma solidariedade entre negros(as) - uma comunidade de memória que sinaliza para o fato da formação social das Américas e Caribe ser marcada pela experiência da escravidão e o tráfico transatlântico de africanos, que viabilizaram a formação do imperialismo europeu (Appiah, 2014).

Além do contraste entre “Espírito” e “Alma” que é feito por McAuley (2019) para mostrar as diferenças entre Weber e Du Bois no interior do pensamento do idealismo e historicismo alemão, a discussão sobre organizações sociais e economia política, a partir do cooperativismo, em Du Bois também permite o contraste entre “comunidade de interesses”, em uma perspectiva Weberiana, e “comunidade de memória” em uma Duboisiana. Se para Weber a ideia de uma “comunidade de interesses” estava por trás do compromisso comunitário da economia agrária do leste da Alemanha em meados do século XIX e dos primórdios de sua historiografia sobre o capitalismo moderno, para Du Bois as “comunidades de memória” caracterizariam a teoria econômica do cooperativismo negro.

Tanto Weber quanto Du Bois são dois autores promissores na associação de valores culturais com uma discussão sobre desenvolvimento econômico e ação social. Nestes textos apresentados na coluna “Forum of Fact and Opinion”, Du Bois analisa os anos 1930 como um momento de mudança do signo (conceito) e os significados (condições de vida) de ser negro, fazendo uma revisão historiográfica da transição entre o trabalho escravo e livre nos EUA e propõe um programa econômico e cultural a partir de uma tradição cooperativa negra do pós-Guerra Civil articulada com outras experiências feitas mundo afora, associando tradição com inovação, ou ancestralidade com modernidade.

Trata-se de uma agência criativa negra que propõe uma autoinscrição, ou seja, um recontar da história e, principalmente, o refazer da articulação entre signos e significantes que implicam em formas mais benéficas de condições de vida em termos culturais e econômicos. A interpretação destes textos de Du Bois sobre o cooperativismo mostra como a tensão entre a experiência e a expectativa gera possibilidades e necessidades de se desenvolver um plano econômico e educacional intra grupo negro a partir de especificidades culturais em um contexto regido pela segregação compulsória.

### 5.3 O Pan-Africanismo de Du Bois no Pós-Congresso de Manchester (1945)

Entre a First Pan African Conference de 1900, realizada em Paris, e o Fifth Pan African Congress de 1945, em Manchester, Silvério (2022) identifica a presença de um associativismo entre negros(as) e africanos(as) no modelo do Pan-Africanismo. O final da II. G.M, que coincide com o Congresso de Manchester, marca o fim um conflito global travado em nome da liberdade e igualdade, entretanto, em todo o mundo, centenas de milhões de pessoas viviam em colônias governadas pela Grã-Bretanha, França, Holanda e outras potências do continente europeu. Tendo isso em vista, os encaminhamentos e as resoluções do Congresso de Manchester influenciaram, especialmente, as lutas por independência dos países do continente africano e dos direitos civis norte-americanos.

O Pan-Africanismo nos pós-II. G.M se expressou nas proposições de um grupo formado por trabalhadores e elites culturais negra-africanas, asiáticas e do Oriente Médio<sup>117</sup>. Muitos dos delegados do Congresso de Manchester eram representantes de organizações trabalhistas e sindicais, pois no ano de 1945 houve também as conferências da Federação Sindical Mundial (World Federation of Trade Unions, WFTU), a primeira associação sindical internacional. Os representantes dos trabalhadores africanos e caribenhos desempenharam um papel significativo na fundação do WFTU e foi depois da sua participação na World Trade Union Conference de Londres, em fevereiro de 1945, que vários dos principais representantes sindicais africanos e caribenhos apelaram à convocação do Congresso Pan-Africano de Manchester. Dentre as resoluções do Congresso Pan-Africano de Manchester, destacam-se que:

Os delegados do Quinto Congresso Pan-Africano acreditam na paz. Como poderia ser de outra forma quando, durante séculos, os povos africanos foram vítimas da violência e da escravidão? Se o mundo ocidental ainda estiver determinado a governar a humanidade pela força, então os africanos, como último recurso, poderão ter de apelar à força no esforço para alcançar a liberdade, mesmo que a força os destrua e ao mundo.

Estamos determinados a ser livres. Queremos educação, o direito de ganhar uma vida decente, o direito de expressar os nossos pensamentos e emoções, e de adotar e criar formas de beleza. Sem tudo isso, morreremos para viver.

---

<sup>117</sup> Lideranças como Surat Alley (1905-1988) e T. Subasinghe também compareceram além de haver cartazes no evento com frases que diziam “Liberdade para todos os subalternos”, “Povos oprimidos do mundo, uni-vos” e “árabes e judeus, uni-vos contra o imperialismo britânico” (“Freedom for all subject people”, “Oppressed Peoples of the World Unite”, and “Arabs and Jews Unite against British Imperialism”).



Exigimos autonomia e independência da África Negra, até agora e não mais do que é possível neste "Mundo Único" para grupos e povos se governarem sujeitos à inevitável unidade e federação mundial.

Não temos vergonha de ter sido um povo paciente por muito tempo. Estamos dispostos, mesmo agora, a sacrificar-nos e a esforçar-nos para corrigir as nossas falhas tão humanas. Mas não estamos dispostos a continuar a passar fome enquanto fazemos o trabalho penoso do mundo, para apoiar, através da nossa pobreza e ignorância, uma falsa aristocracia e um imperialismo desacreditado.

Condenamos o monopólio do capital e o domínio da riqueza privada e da indústria apenas para o lucro privado. Saudamos a Democracia Econômica como a única democracia real; portanto, vamos reclamar, apelar e denunciar. Faremos com que o mundo ouça os fatos das nossas condições. Para a sua melhoria, vamos lutar de todas as maneiras que pudermos

A esta declaração anexamos as demandas imediatas e específicas de vários grupos de povos de ascendência africana (tradução livre)<sup>118</sup>.

No mesmo contexto em que potências europeias estavam severamente abaladas pela onda de morte que varreu o continente nos seis anos da II G.M, 87 delegados representando 50 organizações reuniram-se na Câmara Municipal de Manchester, e de acordo com Mark Sealy, diretor da Autograph (ABP)<sup>119</sup>, “[...] *isso é significativo em termos de quem estava lá e porque estava lá – Jomo Kenyatta (o primeiro líder do Quênia após a independência), Kwame Nkrumah (que mais tarde liderou a resistência anticolonial no Gana) e W.E.B. Du Bois, que na época era provavelmente o homem negro mais importante do planeta*” (tradução livre)<sup>120</sup>.

---

<sup>118</sup> The delegates of the Fifth Pan-African Congress believe in peace. How could it be otherwise when, for centuries, the African peoples have been the victims of violence and slavery? Yet if the Western world is still determined to rule mankind by force, then Africans, as a last resort, may have to appeal to force in the effort to achieve Freedom, even if force destroys them and the world. We are determined to be Free. We want education, the right to earn a decent living, the right to express our thoughts and emotions, and to adopt and create forms of beauty. Without all this, we die to live. We demand for Black Africa autonomy and independence, so far and no further than it is possible in this "One World" for groups and peoples to rule themselves subject to inevitable world unity and federation. We are not ashamed to have been an age-long patient people. We are willing even now to sacrifice and strive to correct our all too human faults. But we are unwilling to starve any longer while doing the world's drudgery, in order to support, by our poverty and ignorance, a false aristocracy and a discredited Imperialism. We condemn the monopoly of capital and the rule of private wealth and industry for private profit alone. We welcome Economic Democracy as the only real democracy; wherefore we are going to complain, appeal, and arraign. We are going to make the world listen to the facts of our conditions. For their betterment, we are going to fight in all and every way we can. To this statement we append the immediate and specific demands of various groups of peoples of African descent.

Fonte: <https://credo.library.umass.edu/view/full/mums312-b107-i461>

<sup>119</sup> Durante o fim dos anos 1980 Stuart Hall esteve à frente da Association of Black Photographers, a Autograph (ABP), uma organização cujo objetivo é a produção de conteúdo artístico e visual de caráter crítico no Reino Unido trabalhando com temas como os impactos da globalização, colonização e das ondas de migração nos impérios europeus.

<sup>120</sup> “It’s an interesting chapter in history in many ways [...]. It’s significant in terms of who was there and why they were there — Jomo Kenyatta [the first leader of Kenya after independence], Kwame Nkrumah [who later led anti-colonial resistance in Ghana] and W.E.B. Du Bois, who at the time is probably the most significant black man on the planet” <https://www.1854.photography/2015/07/fifth-pan-african-congress-70-years/>

Embora o impulso para formar uma comunidade de memória “pan-africana”, que pudesse abranger as diversidades regionais, étnicas e culturais, tivesse começado verdadeiramente a tomar forma no final do século XIX e início do século XX com lideranças como Henry Sylvester Williams (1869-1911), é a partir de do Congresso de Manchester que podemos ver um momento de inflexão em termos de agência política e associativismo negro-africano, devido à emergência dos movimentos por independência e autonomia do continente africano décadas depois.

O Trinidadiano George Padmore tornou-se uma figura influente no congresso, desempenhando um papel crucial na organização do congresso de 1945 ao lado de Kwame Nkrumah (1909-1972) e Amy Ashwood Garvey (1897-1969), esta que foi a secretária do congresso. A partir deste evento, expressa-se uma forma de ação política que os povos de ascendência africana podiam reivindicar como sua e usar ao seu favor. Enquanto a Europa dos pós-II G.M enfrentava uma crise existencial, a África e os descendentes de africanos espalhados pelo mundo olhavam para um futuro onde teriam o seu destino em suas próprias mãos. Como observou o próprio Du Bois, o Congresso fez de 1945 “*um ano decisivo na determinação da liberdade de África*” (tradução livre)<sup>121</sup>.

Se as potências imperialistas do ocidente no pós-II G.M substituíram as antigas máximas e puderam revisar os projetos políticos de governo indireto, da tutela e da missão civilizacional reconceituando o primitivo em um ser moderno por meio da ideia de desenvolvimento, isso se deveu principalmente devido à ação política de africanos e seus descendentes em diáspora articulados. Este período se mostrou como uma janela de oportunidades em que diferentes grupos projetaram um futuro para si a partir de políticas de autogoverno e autoinscrição, confluindo em um momento de mudança cultural, pois “[...] *as continuidades das políticas imperiais, e conseqüentemente dos impérios, ganharam nova importância na configuração de estruturas de poder em uma condição pós-colonial, tornando muito mais complexa a interpretação das ações [...]*” (Silvério, 2022, p. 29)”.

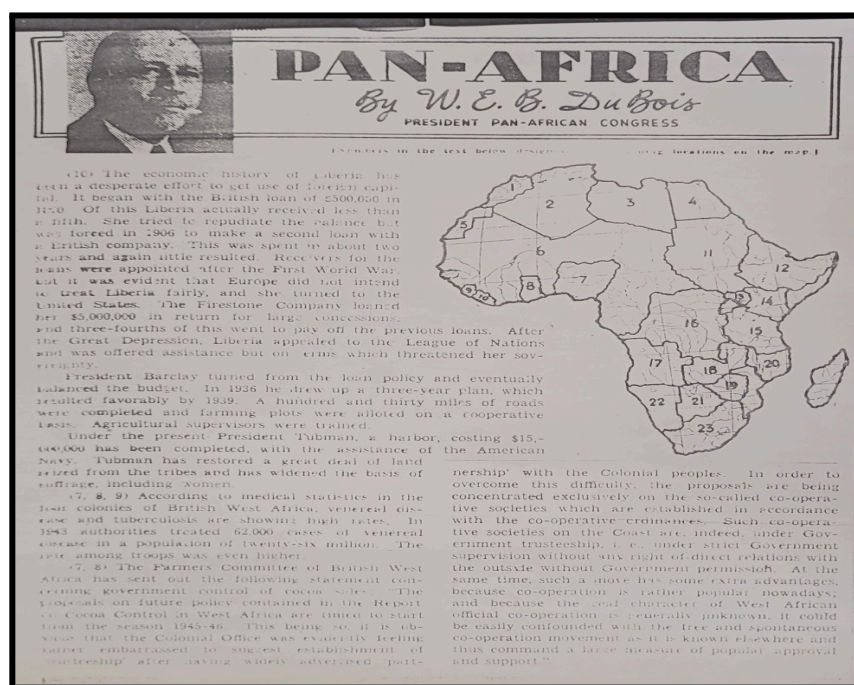
Entre março de 1947 a março de 1948, Du Bois contribuiu com escritos na coluna “Pan Africa” do jornal People’s Voice, um jornal fundado em 1941 pelo pastor batista Adam Clayton Powell Jr. (1908-1972), cuja sede era no Harlem em New York City e circulava majoritariamente

<sup>121</sup> decisive year in determining the freedom of Africa

<https://phm.org.uk/blogposts/africa-speaks-in-manchester-pan-africanism-manchester-and-a-collection-gem/#:~:text=As%20the%20longstanding%20organiser%20of,determining%20the%20freedom%20of%20Africa>.

entre os afro-americanos. O jornal parou de circular em 1948 devido às acusações de propaganda comunista. A coluna de Du Bois tinha o objetivo de apresentar aos leitores de língua inglesa o que estava acontecendo em termos de dominação colonial e mobilização política de lideranças do continente africano por autogoverno.

Logo no início da coluna “Pan Africa”, os leitores são informados de que Du Bois foi o presidente do Congresso Pan-Africano de Manchester e em algumas edições há um mapa do continente africano com números indicando as regiões geográficas da África a qual o texto se referia. A coluna em si traz informações sobre África e reforça o papel de Du Bois como um mensageiro do atlântico negro, um interlocutor fundamental para os afro-americanos e leitores de língua inglesa dos acontecimentos no continente africano pós Congresso Pan Africano de Manchester.



**Figura 14** - Artigo sem título da Pan-Africa Column, Jornal The People's Voice, 19 de abril de 1947, p. 17 W. E. B. Du Bois Papers, Robert S. Cox Special Collections and University Archives Research Center, UMass Amherst Libraries.

A partir da leitura dos artigos, é possível identificar, no mínimo, 4 eixos temáticos, são eles: I) a discussão sobre democracia e direitos humanos; II) políticas de autogoverno e autoinscrição cultural negra-africana; III) o associativismo entre os “condenados da terra” que

indica a agenda dos Estudos Pós-Coloniais; e IV) a articulação política transnacional entre negros(as) do Novo Mundo e africanos(as), que remete à noção de diáspora africana, que conhecemos contemporaneamente a partir dos trabalhos de Joseph Harris e George Shepperson<sup>122</sup>.

Segue abaixo uma tabela informativa dos 22 textos que Du Bois publicou na coluna “Pan-Africa” do jornal “The People’s Voice” sobre os acontecimentos no continente africano. Os objetivos dessa tabela são os seguintes: a) informar os(as) leitores(as) da existência desse material empírico dos textos de Du Bois sobre o Pan-Africanismo após o Congresso Pan-Africano de Manchester de 1945; b) apresentar um dos veículos de mídia impressa e jornalística em que textos de Du Bois sobre o continente africano foram publicados e divulgados; c) apresentar os principais temas presentes neste conjunto de textos; d) explicitar o trabalho de coleta, leitura, seleção, análise e interpretação dos textos para mobilizá-los na forma de material empírico desta tese.

Vale dizer que nem todos os textos publicados por Du Bois no “The People’s Voice” foram trabalhados em profundidade nesta tese. Uma das razões é que a pesquisa empírica realizada na “Robert S. Cox Special Collections and University Archives Research Center”, da University of Massachusetts Amherst, resultou em uma grande quantidade de textos publicados no “The People’s Voice” que não possuem título nem manchete. Dentre o total de 52 artigos existem 22 que possuem manchete e título. Portanto, nem todos os textos encontrados no trabalho de pesquisa empírica puderam ser trabalhados aqui, pois não possuem um título e uma manchete que ajuda na caracterização e referenciação do texto (como, por exemplo, a figura 14).

---

<sup>122</sup> Há um certo acordo entre estudiosos de que a diáspora africana adquiriu status de categoria analítica a partir dos anos 1950 com os historiadores Joseph E. Harris e George Shepperson em duas conferências financiadas pela Unesco, sendo uma delas o Primeiro Congresso Internacional de Escritores e Artistas Negros (First International Congress of Negro Writers and Artists) de Paris em 1956. Sobre a discussão sobre a diáspora africana, ver mais em: Williams, 1999; Manning, 2003; Davies, 2008; e Flor, 2020.

Títulos dos Textos	Ano de Publicação	Jornal	Tema
South Africa's Coming Crisis	1947	People's Voice	Crise política na África do Sul
A Glimpse Into Sierra Leone	1947	People's Voice	História de Serra Leoa
Eritrea's Role in History	1947	People's Voice	História da Eritrea
Pan Africanism Growing Slowly	1947	People's Voice	East Africa e Rodésia - Pan African Congress organizado pelos Muganda
Negroes Have an Old Culture	1947	People's Voice	Papel de África na História Humana
Nigeria Makes Its Demands	1947	People's Voice	Nigéria - Delegação Pan-Nigeriana de Dr. Nnambi Azikiwe
Colonial Focus Shifts to Africa	1947	People's Voice	Aumento do poder árabe; libertação da Índia; e revolta popular na Indonésia
Facts on Black Folk in Egypt	1947	People's Voice	Egito - trocas culturais no Egito em que Negros foram atores sociais relevantes
Kenya's People on the Move	1947	People's Voice	Quênia - Kenya African Union meeting em 1946
African Ballet in London	1947	People's Voice	Ballett Negres Society de Berto Pasuka (jamaica) e Sybil Thorndike
Bitter Facts From Kenya	1947	People's Voice	Documento "The Kenya Controversy" do Fabian Colonial Bureau
Human Rights in South Africa	1947	People's Voice	África do Sul - Relatório do Instituto de Relações Raciais da África do Sul (Institute of Race Relations)
Justice Goes Awry in Africa	1947	People's Voice	Gold Coast (Gana) - Julgamento injusto de lideranças locais
Injustice in Br. East Africa	1948	People's Voice	Quênia, Tanganyika e Uganda (East Africa) - Representação política de 3 grupos majoritários (Africanos, Indianos e Europeus)
South Africa's Two Standards	1948	People's Voice	África do Sul - League of Colored People em Londres publicou um texto falando sobre a dupla consciência
Tanganyika's Cold War	1948	People's Voice	Tanganyika - Exploração das terras dos nativos por colonos europeus
Misrule in East Africa	1948	People's Voice	Tanganyika - Extratos da petição de Marius Forties para a Liga das Nações
Nigeria Asks for Freedom	1948	People's Voice	Nigeria - National Council of Nigeria and the Cameroons
A Missionary From S. Africa	1948	People's Voice	África do Sul - Visita do missionário cristão Michael Scott (Sul-Africano) aos EUA

African Chief Talks Tough	1948	People's Voice	South West Africa - Entrevista com o Chefe Frederick Mahareru (Paramount Chief) do grupo Herero
Nigeria Loses a Great Son	1948	People's Voice	Nigeria - Herbert Macaulay fundador do Nigerian National Democratic Party e presidente da NCN
West Africa's Color Bar	1948	People's Voice	West Africa (Serra Leoa) - mudanças na discriminação e nos contornos do racismo em Serra Leoa de 1859, 1902 e 1932

**Figuras 15 e 16** - Tabela informativa com os textos publicados por Du Bois sobre os acontecimentos no continente africano pós-congresso pan-africano de Manchester (1945). Este material foi publicado no jornal *The People's Voice* e está disponibilizado no W. E. B. Du Bois Papers, da Robert S. Cox Special Collections and University Archives Research Center da UMass Amherst Libraries.

Sobre o primeiro eixo, a discussão a respeito dos ideais de democracia e direitos humanos, há quatro artigos que trabalham o tema de maneira mais enfática, como, por exemplo, em “South Africa's Coming Crisis”, um texto de 4 de outubro de 1947 em que Du Bois informa os leitores sobre a existente política de segregação compulsória da população nativa (descrita por ele como *negros* sul-africanos) em áreas rurais por uma oligarquia escravocrata que urbanizou as cidades, mas restringia e segregava os nativos no interior do país, cada vez mais empobrecido.

De acordo com Du Bois (1947a), as políticas de autogestão da população nativa estavam entrando em colapso, pois “[...] *‘direitos iguais para todos os homens civilizados’ não podem ser alcançados e a democracia é impossível*” (tradução livre)<sup>123</sup>. Já em outro artigo, também sobre a situação política da população nativa da África do Sul, intitulado “Human Rights in South Africa” ele traz informações contidas no Relatório do Instituto de Relações Raciais da África do Sul (Institute of Race Relations), que reforça o argumento do primeiro artigo, dizendo que “*Não há quem negue que hoje existe uma alarmante insuficiência de acomodação para os nativos nas áreas urbanas*” (Du Bois, 1947b, p. 14, tradução livre)<sup>124</sup>.

Em “South Africa's Two Standards” (1948), ele menciona um texto publicado pela League of Colored People<sup>125</sup>, que discorre sobre as condições de vida de nativos sul-africanos a partir de uma experiência de vida semelhante ao que ele havia descrito com seu conceito da dupla

---

<sup>123</sup> "Native Policy is breaking down and White South Africa has given up the way of real liberalism and has decided that 'equal rights for all civilized men' can not be achieved and democracy is impossible" (Du Bois, 1947a, p. 14). Aqui necessita-se dizer que o termo “men” da citação, traduzido para “homem” em português, é um termo de época que universaliza a humanidade na ideia de um homem. O termo não expressa o pensamento do contexto atual do século XXI.

<sup>124</sup> "There is no one who denies that today there is an alarming insufficiency of accommodation for natives in urban areas" (Du Bois, 1947b, p. 14).

<sup>125</sup> The League of Coloured Peoples was formed in 1931 by the Jamaican-born, London-based private doctor, Harold Moody. It was notable, in contrast with some earlier organizations, for its deliberate attempts to become a multi-racial organization. At the founding meeting Moody stated that he found himself in a position to ‘make representations to government authorities, hospital managements, medical faculties, commercial concerns, factory proprietors, hotel and boarding house keepers and a host of others, not only in his own name and on the basis of his own status and reputation, but in the name of all the coloured peoples in Britain’ (David Vaughan, p. 54). Moody corresponded and met with most of the Colonial Secretaries of the years of the LCP. The position of Indians within the organization was a troubled one, given ideological differences of opinion about which nationalities ‘coloured peoples’ was meant to include. Moody and many other members felt that the phrase meant ‘the Negro Race, particularly those in Africa and the West Indies and under the rule of Great Britain.’ Others, including members of the executive, ‘claimed that the League should accept Indians as members and engage in conflict with the British Government on their behalf’ citing ‘the presence of Indians in Africa and that 43% of the population of British Guiana were Indians’ (Vaughan, pp. 65-7). Indian members of the LCP’s executive included R. S. Nehra (1933-4). In *The Keys* 1.1 he is described as ‘an Indian solicitor practicing in England and ex-treasurer of the League, [and he] addressed the [1932] Conference on “The East African.”’ Nehra had lived in East Africa for many years. Although the 1932 conference focused mainly on questions of Africans and West Indians, ‘Mr. Robin Rutnam from Ceylon [Sri Lanka]’ spoke on ‘The Indian Student’. Rutnam reported on the latest meeting of the Indo-British Student Conference, which had considered the inclusion of Indian students at British universities. The Executive Committee of 1936-7 included the treasurer Kamal Chunchie, who was born in Sri Lanka and who also founded the Coloured Men’s Institute. Furthermore, in *The Keys* VII.1 (July-September, 1939), Krishna Menon wrote on ‘The Role of Congress in India’. The position of Indians was given greater consideration by the Joint Council to Promote Understanding Between White and Coloured People in Great Britain, of which Moody was also a member. British sympathizers of the LCP included Sylvia Pankhurst. In July 1944, the LCP convened a conference in London with the intention of drawing a ‘charter for Coloured Peoples’. Moody’s final project was an envisaged colonial cultural centre. The unsuccessful fundraising and associated travel proved too exhausting for Moody, and he died shortly after returning to London from the West Indies and America. <https://www5.open.ac.uk/research-projects/making-britain/content/league-coloured-peoples>

consciência no início do século XX. Para a League of Colored People, na África do Sul as condições de vida eram divididas por uma dupla consciência, pois a população nativa lidava com diferenças de tratamento que expressava dois padrões de julgamento e dois modelos de conduta nas interações sociais, uma branca e outra negra.

A discussão que Du Bois apresenta a partir do texto da League of Colored People remete ao debate sobre a declaração universal dos direitos universais promulgada pela ONU em 1948, que ocorreu no mesmo período em que ele estava noticiando tais acontecimentos na África do Sul e que coincide com a institucionalização do regime de segregação compulsória do *Apartheid* na África do Sul e na região sudoeste do continente africano.

Há uma tensão entre os ideais de direitos humanos dos pós-II G.M e os regimes de segregação orientados pela noção de que haveria um grupo racial inferior a outros. Du Bois expressa a partir destes textos como a África do Sul é um caso empírico em que a *raça* estava atuando como princípio articulador entre dominações de ordem econômica, política e cultural, assim como fez Stuart Hall 30 anos depois em seu texto “Race, articulation and societies structured in dominance” (1980).

A África do Sul é claramente um ‘caso limite’ no sentido teórico, bem como um ‘caso teste’ no sentido político. É talvez a formação social em que a importância das características raciais não pode ser negada nem por um momento. [...]. Na verdade, a África do Sul é o caso ‘excepcional’ (?) de uma formação social capitalista industrial, onde a *raça* é um princípio articulador das estruturas sociais, políticas e ideológicas, e onde o modo capitalista é sustentado pelo desenho, simultaneamente, naquilo que foi definido como trabalho “livre” e “forçado” (Hall, 1980, p. 308-309, tradução livre)<sup>126</sup>.

Esses relatos de Du Bois sobre os acontecimentos na África do Sul podem ser interpretados tendo em perspectiva os tensionamentos entre a Declaração Universal dos Direitos Humanos e o regime do *Apartheid*, que surgem no mesmo contexto e indicam, respectivamente, as possibilidades e os limites do humanismo do Ocidente para africanos e seus descendentes. A Declaração Universal dos Direitos Humanos, um documento adotado pela ONU, expressa que os direitos humanos são fundamentados no princípio da liberdade (freedom), o problema para Du

---

<sup>126</sup> South Africa is clearly a 'limit case' in the theoretical sense, as well as a 'test case' in the political sense. It is perhaps the social formation in which the salience of racial features cannot for a moment be denied. [...] Indeed, South Africa is the 'exceptional' (?) case of an industrial capitalist social formation, where race is an articulating principle of the social, political and ideological structures, and where the capitalist mode is sustained by drawing, simultaneously, on what have been defined as both 'free' and 'forced' labour (Stuart Hall, 1980, pp. 308-309).

Bois era, portanto, reconhecer como humanos, agrupamentos de indivíduos cuja liberdade é restringida, tanto no mundo do trabalho quanto no mundo da política, economia e da contribuição cultural para a humanidade.

Sobre o segundo eixo temático, das lutas por autonomia política e autoinscrição cultural de africanos nos pós-II. G.M, em “Nigeria Makes Its Demands” (1947), Du Bois discorre sobre as iniciativas da Delegação Pan-Nigeriana de Dr. Nnamdi Azikiwe (1904-1966)<sup>127</sup>, que compareceu à Londres visando declarar para a Coroa Britânica a liberdade política, o progresso econômico, a igualdade social e a liberdade religiosa, de modo a conquistar e efetivar o exercício do autogoverno e a independência da Nigéria.

Em outro artigo, “Kenya's People on the Move” (1947), comenta a respeito de um evento político, o Kenya African Union Meeting, realizado em 1946, no qual lideranças do Kenya African Union, a União Africana do Quênia,<sup>128</sup> levaram um pedido formal para o secretário britânico de participação política para que membros africanos pudessem ser eleitos e representar politicamente as populações nativas. As exigências feitas pelo Kenya African Union frente ao governo britânico eram de especial importância para Du Bois (1947c), pois o Quênia era, naquele período, o centro do imperialismo britânico na África, uma vez que a Inglaterra procurava se estabelecer política e economicamente na África Oriental para compensar a perda de poder e controle no Egito desde os anos 1920.

Já em “Justice Goes Awry in Africa” (1947), discute o julgamento tendencioso e enviesado de lideranças locais. Ele argumenta que o Direito Penal, da forma que foi concebido a partir do princípio da “justiça”, estava apenas funcionando para “os povos avançados na Europa”, pois havia um entendimento por parte do governo da Coroa Britânica de que julgamentos justos e o exercício pleno do Direito não eram totalmente adequados para os “*povos atrasados em África*” (Du Bois, 1947d). Em “Misrule in East Africa” (1948) e “Tanganyika's Cold War” (1948), argumenta que o princípio de colonos europeus de subjugar e assujeitar nativos africanos tinha em perspectiva a legitimação da exploração das terras por colonos europeus, pois “*sob o mandato britânico [...]*

---

<sup>127</sup> Foi o primeiro presidente da Nigéria independente (1963–66) e foi um prominente líder nacionalista nigeriano.

<sup>128</sup> A União Africana do Quênia (Kenya African Union - KAU) foi uma organização política formada em outubro de 1944, antes da nomeação do primeiro africano para ter assento no Conselho Legislativo. Em 1960 a organização tornou-se a atual União Nacional Africana do Quênia (Kenya African National Union - KANU).



*Desde então surgiu em Tanganica uma 'guerra fria entre os brancos, que querem explorar e controlar o território, e a população nativa' ” (Du Bois, 1948, p. 14, tradução livre)<sup>129</sup>.*

Em “Nigeria Asks for Freedom” (1948), por sua vez, analisa o National Council of Nigeria and the Cameroons (NCN) - um conselho de representação política composta por 183 partidos políticos, sindicatos, associações profissionais de administradores e trabalhadores rurais, uniões tribais (nos termos da época), movimentos estudantis e organizações culturais -, que foi autorizada pelas comunidades locais para representá-las politicamente e demandar ações do governo britânico, iniciativas de autogoverno da população nativa da região à luz de seus próprios princípios de justiça e civilidade.

Du Bois mostra que os representantes da NCN concluíram que a administração da Nigéria e dos Camarões sob um sistema colonial era estática e não progredia, pois não estava consoante com o sistema democrático e os valores para os quais o continente africano, de modo geral, tinha contribuído para a humanidade com mão de obra, matéria-prima e competências ao longo da história. A importância da NCN no contexto é reforçada em outros artigos, como, por exemplo, em “Nigeria Loses a Great Son” (1948), em que Du Bois celebra brevemente a vida Herbert Macaulay (1864-1946), fundador do Nigerian National Democratic Party e presidente da NCN, uma liderança que sempre se empenhou pela devolução das terras no Sudoeste Africano para a população nativa, e que teve um papel central nas mobilizações políticas da região no período anterior à independência.

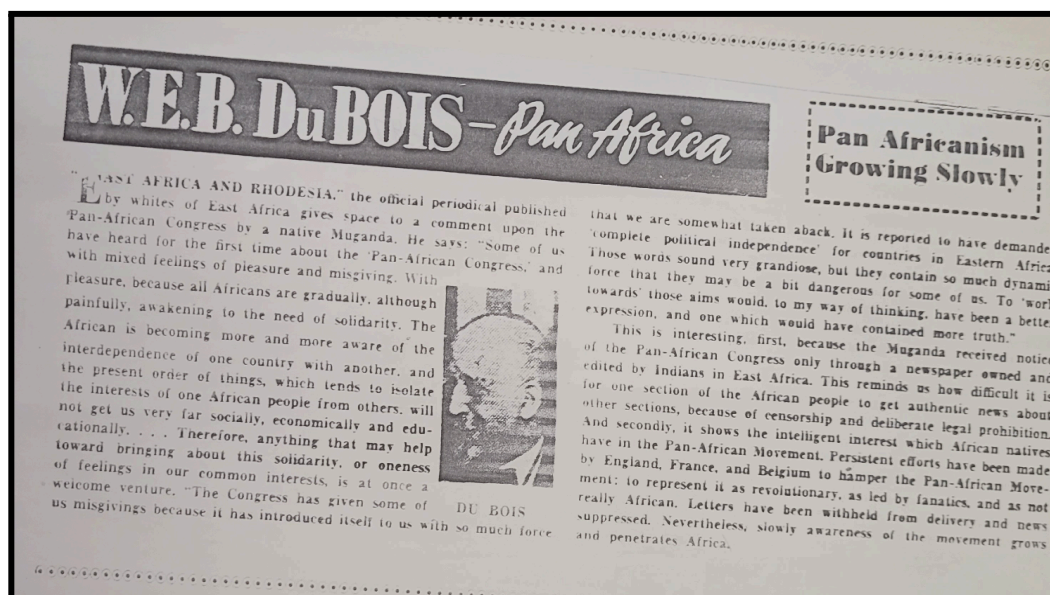
A discussão sobre as demandas por autogoverno e autoinscrição dos povos africanos aparece nos artigos das colunas “Pan Africa” que Du Bois escreveu, entre 4 de outubro de 1947 a 6 de março de 1948, para relatar e informar os acontecimentos políticos que ocorriam no continente africano em um jornal afro-americano, criando um canal de comunicação entre africanos do continente e negros(as) americanos(as) e caribenhos(as). O papel de Du Bois no período posterior ao Congresso Pan-Africano de Manchester foi de relatar os acontecimentos e experiências de vida entre africanos e seus descendentes, criando a narrativa do associativismo entre africanos e suas diásporas. Um dos temas que Du Bois se propôs a informar foi justamente as mobilizações políticas por justiça, liberdade e autogovernança de povos nativos no território africano, contrários

---

<sup>129</sup> “Under the British mandate [...] Since then there has arisen in Tanganyika a 'cold war between whites who want to exploit and control the territory, and the native population” (Du Bois, 1948, p.14).

aos princípios de tutelação, exploração e patrimonialismo europeu das vastas porções de terra que compunham o continente africano naquele período.

O terceiro e quarto eixos, os que versam sobre o associativismo entre africanos, levando em conta os diferentes grupos étnicos, religiosos e culturais presentes no continente; e o outro que descreve a relação entre África e suas diásporas, podem ser analisados em conjunto, pois a chave de leitura e interpretação dos dois temas é a ideia de transnacionalismo negro-africano. Em determinados artigos, como “Pan Africanism Growing Slowly” (1947), aponta para o Pan-Africanismo não como um fato dado, mas como um processo de luta política e como uma tendência que estava crescendo entre diferentes grupos étnicos africanos, que estavam se associando entre si para reivindicar e levar propostas de autogoverno e demandas políticas aos impérios do ocidente, como foi o caso de um evento organizado pelo grupo étnico nativo Muganda (Baganda/Waganda), cujo tema principal era a independência política completa para os países da África Oriental.



**Figura 17** - Pan-Africa Column “Pan-Africanism is Growing Slowly”, Jornal The People’s Voice, 25 de outubro de 1947, p. 14  
W. E. B. Du Bois Papers, Robert S. Cox Special Collections and University Archives Research Center, UMass Amherst Libraries.

Em “Negroes Have an Old Culture” (1947), ele faz uma série de ponderações sobre o papel de África na história mundial e no desenvolvimento da humanidade, um tema que aparece de

forma perene em seu pensamento sociológico. Ele realiza uma articulação entre os signos África e negro, mostrando que a relação entre negros(as) e africanos(as) é decididamente política e tem como pano de fundo outras experiências como a diáspora judaica, por exemplo.

Isso faz ainda mais sentido quando se nota no artigo um diálogo crítico de Du Bois com a escritora Alice A. Baily (1880-1949), reagindo ao comentário da escritora inglesa que disse que negros(as) e judeus eram diferentes, pois judeus tinham uma contribuição para a humanidade diferentemente de negros(as) que não tinham. Du Bois escreve o texto de forma crítica a Baily, mostrando que, assim como o povo judeu, o povo africano experienciou uma diáspora e que havia como identificar padrões culturais, estéticos e políticos entre negros(as) e africanos(as) que os fazem pertencer a uma mesma comunidade transnacional, e, conseqüentemente, haveria como descrever as contribuições que negros(as) e africanos(as) tinham feito para a humanidade por meio dessa identificação.

Em “Colonial Focus Shifts to Africa” (1947), Du Bois faz uma leitura de contexto falando sobre o aumento do poder árabe no continente africano, das revoltas políticas na Indonésia iniciadas em 1945<sup>130</sup> e da libertação da Índia em 1947 como eventos que estavam indicando o declínio da influência dos impérios ocidentais na África e Ásia. Neste texto há uma descrição e identificação das políticas de solidariedade entre grupos culturais, étnicos, religiosos e continentais que tomava uma forma transnacional de lutas por liberdade e autonomia política entre africanos e asiáticos.

De acordo com Du Bois (1947e, p. 14), “*África assumiu uma posição mais importante no mundo devido à Segunda Guerra. O centro do imperialismo europeu está a mudar para África [...]. Será bom, portanto, observar o desenvolvimento na África durante o próximo quarto de século*” (tradução livre)<sup>131</sup>. Já a associação entre africanos e árabes é um assunto que aparece no artigo “Facts on Black Folk in Egypt” (1947), em que se discute as trocas culturais que ocorreram no Egito na construção da herança egípcia e sua contribuição para a humanidade.

---

<sup>130</sup> Indonesian National Revolution (1945-1949). Ver mais em: <https://www.naa.gov.au/help-your-research/fact-sheets/indonesian-independence>

<sup>131</sup> “Africa has moved into a more important position in the world because of the Second War. The center of European imperialism is shifting to Africa [...]. It will be well, therefore, to watch the development in Africa during the next quarter of century” (Du Bois, 1947e, p. 14).

Em outro artigo, intitulado “African Ballet in London” (1947), descreve-se o grupo de Ballet, a Ballett Negres Society do coreógrafo jamaicano Berto Pasuka (1911-1963) e da musicista inglesa Sybil Thorndike (1882-1976). O grupo estava resgatando e divulgando no Ocidente a contribuição cultural africana por meio da música e da dança. Em “Injustice in Br. East Africa” (1948), ele informa seus leitores sobre a relação política entre os 3 principais e majoritários grupos da região do Leste africano onde estão o Quênia, Tanganica e Uganda, os principais grupos eram os africanos, indianos e europeus. Du Bois identifica que uma unidade interracial entre indianos e africanos estava crescendo na região, ao ponto de que uma aliança política estava se constituindo, entre o que hoje chamamos de grupos “subalternos”, para fazer frente ao governo britânico na região.

Em “A Missionary From S. Africa” (1948), ele analisa a visita de um missionário cristão sul-africano, chamado Michael Scott, que se encontrou com Du Bois no período em que estava acontecendo um treinamento de lideranças africanas nos EUA. Já em “African Chief Talks Tough” (1948), relata uma greve de mineradores que ocorreu na cidade de Alexandra, África do Sul. Tanto a viagem de lideranças africanas como Michael Scott e o Dr. Nnamdi Azikiwe (1904-1996) para os EUA quanto as greves e intervenções políticas que ocorriam no continente africano tinham uma correlação com o associativismo entre negros e africanos e o trânsito de lideranças africanas nas Américas, especialmente nos EUA. Para Du Bois (1948b, p. 14), “*Houve um tempo em que a Igreja Metodista Africana trouxe um número considerável de africanos, estudantes como os Dubes, que se tornaram líderes; Charlotte Manye, que se tornou talvez a maior mulher líder da África moderna, e muitos outros*” (tradução livre)<sup>132</sup>.

Com estes artigos da coluna “Pan-Africa”, ele apresentou um panorama global da existência de tensões e disputas pelo controle do continente africano e asiático, assim como das políticas de associação entre africanos(as), asiáticos(as) e negros(as) do Novo Mundo que também constituíram as lutas por libertação de África e Ásia. Du Bois trabalhou nestes artigos uma abordagem jornalística que dialoga com seus pressupostos científicos desenvolvidos em textos teóricos que datam desde o final do século XIX, quando ele escreveu “Conservation of Races” (1898), até o momento posterior ao Congresso Pan Africano de Manchester que coincide com o

---

<sup>132</sup> “There was a time when the African Methodist Church brought in a considerable number of Africans, students like the Dubes, who became leaders; Charlotte Manye, who became perhaps the greatest woman leader of modern Africa, and many others” (Du Bois, 1948b, p. 14).

final da II. G.M, onde ele publicou trabalhos como “Dusk of Dawn” (1940) e “Color and Democracy” (1945), um texto escrito à luz da criação da ONU e da formação de outros blocos políticos transnacionais.

No prefácio de “Color and Democracy” (1945), está claro que as causas e os motivos das duas guerras mundiais tiveram estreita relação com o modelo sociológico que a civilização ocidental se projetou para si mesma e para o mundo de uma forma geral. Em suas palavras:

A guerra atual deixou claro que já não podemos considerar a Europa Ocidental e a América do Norte como o mundo para o qual a civilização existe; **nem podemos considerar a cultura europeia como a norma para todos os povos.** Daqui em diante, a maioria dos habitantes da Terra, que na sua maioria são *de cor*, deve ser considerada como tendo o direito e a capacidade de participar no progresso humano e de se tornar co-parceiros daquela democracia que é a única que pode garantir a paz entre os homens, através do fim da pobreza, da educação das massas, da proteção contra doenças e o tratamento científico do crime. A partir destas premissas escrevi este livro, para examinar os nossos esforços atuais para garantir a paz através da ação unida de homens de boa vontade (Du Bois, 1945, p. 241, tradução livre, grifo nosso)<sup>133</sup>.

Os resultados desastrosos do colonialismo e da projeção forçosa da cultura ocidental pelo mundo desdobraram-se nas duas guerras mundiais que foram, para ele, incentivadas pelos interesses da Europa no resto do mundo. As conferências da Dumbarton Oaks<sup>134</sup>, por exemplo, foram interpretadas por ele como uma reatualização do colonialismo e das políticas imperialistas do início do século XX. Essas conferências ocorreram em 1944, antes do final da II G.M, Du Bois e mais três membros da NAACP fizeram parte de uma delegação que atendeu a uma das reuniões específicas que deu origem à formação da ONU em San Francisco em 1945.

Foi neste momento que Du Bois afirmou que os esforços internacionais para promover paz e união internacional entre os Estados Nacionais, após as duas grandes guerras com a Liga das

---

<sup>133</sup> The present war has made it clear that we can no longer regard Western Europe and North America as the world for which civilization exists; nor can we look upon European culture as the norm for all peoples. Henceforth the majority of the inhabitants of earth, who happen for the most part to be colored, must be regarded as having the right and the capacity to share in human progress and to become copartners in that democracy which alone can ensure peace among men, by the abolition of poverty, the education of the masses, protection from disease, and the scientific treatment of crime. From these premises I have written this book, to examine our current efforts to ensure peace through the united action of men of goodwill (Du Bois, 1945, p. 126). Aqui necessita-se dizer que o termo “men” da citação, traduzido para “homem” em português, é um termo de época que universaliza a humanidade na ideia de um homem. O termo não expressa o pensamento do contexto atual do século XXI.

<sup>134</sup> As Dumbarton Oaks Conventions (ou a Washington Conversations on International Peace and Security Organization) foram encontros que ocorreram em Washington D.C. na qual foram formuladas e negociadas propostas para estabelecer uma organização internacional transnacional que se tornaria na Organização das Nações Unidas.

Nações, Dumbarton Oaks e a ONU, iriam falhar e sucumbir em seus objetivos porque os interesses e motivações por trás destas organizações transnacionais eram a avidez do colonialismo e imperialismo, assim como da permanência do conforto das nações ocidentais em detrimento da exploração do resto do mundo.

Muitas pessoas naturalmente irão discordar de catalogar várias destas guerras como coloniais ou causadas pela luta pelas colônias [...] com a maior redução lógica, temos, no entanto, uma série formidável de guerras que ocorreram numa era dominada em grande parte pelo pacifismo organizado, mas, como o evento provou, o pacifismo foi concebido ‘apenas para os brancos’ (Du Bois, 1945, p. 305 [Peace and Colonies], tradução livre)<sup>135</sup>.

O ponto de crítica de Du Bois ao pacifismo daquele contexto residiu na falta de necessidade que as principais organizações transnacionais, como a ONU, viam de discutir as vantagens e desvantagens do imperialismo ao redor do mundo, ou a tentativa de avaliar o ganho, ou a perda de grupos de indivíduos, decorrente dos processos de subordinação econômica, política e subjetiva às nações ocidentais. Para Du Bois (1945), as vantagens substantivas e permanentes do progresso e avanço de um grupo subordinado pelo colonialismo e imperialismo não poderiam ser reduzidas ou dependentes da filantropia e do desejo de benevolência de homens e mulheres ricos, se o desejo e iniciativa destes não está diretamente relacionado e comprometido com a liberdade dos grupos subalternizados. No interior das discussões, do período entre guerras e posteriormente após a II G.M, sobre o desenvolvimento de um ideal e meta de democracia, houve um conflito entre os valores de igualdade e paz por parte do ocidente e de liberdade e garantia de direitos por parte dos grupos subalternizados.

Du Bois demonstrou neste texto que as colônias eram, naquele momento, áreas de investimento colonial dos impérios e a falsa pretensão das organizações transnacionais de levarem a democracia, com base na igualação universal de todos os seres humanos (igualdade), era problemática e em última análise, mortais. A categoria “humanidade” que ressurgiu nesse contexto é adulterada, pois não haveria possibilidades de pensar na igualação de humanos e nações tendo

---

<sup>135</sup> “Many persons naturally will dissent from cataloguing several of these wars as colonial or caused by the strife for colonies [...] with the greatest logical reduction we nevertheless have a formidable array of wars which took place in an era dominated largely by organized pacifism but, as the event proved, pacifism designed ‘for white people only’” (Du Bois, 1945, p. 305 [Peace and Colonies]).

em vista os processos constituídos pela colonização e o imperialismo que ainda eram vigentes na maior parte do mundo e foram identificados por ele, em termos sociológicos, pela linha de cor.

É justamente nos momentos iniciais da emergência da crítica fanoniana à ideia de *raça* que este conjunto de textos de Du Bois sobre o continente africano foram publicados. O argumento da conexão entre colonialismo e o conceito de *raça*, na perspectiva de um radicalismo humanista, já havia sido feito por Du Bois no início do século XX, entretanto ele só atingiu uma maior audiência com as experiências das duas grandes guerras. O exercício analítico deste capítulo foi descrever Du Bois como um autor que pode ser lido e interpretado como uma das principais referências dos Estudos Pós-Coloniais e Culturais, isso se dá inegavelmente devido aos fundamentos metodológicos e o arcabouço conceitual de sua teoria da ação social.

Do ponto de vista dos Estudos Pós-Coloniais, a articulação com os trabalhos de Du Bois é evidente. O primeiro ponto que favorece esse exercício é a transdisciplinaridade de Du Bois e desta área de estudos. O enfoque analítico do autor no contato e no encontro colonial o desafiou para ele mobilizar tipos distintos de literatura, metodologia e referencial teórico. A partir disso, ele foi um dos primeiros autores nas ciências sociais a mostrar que o colonialismo originou diferentes tipos de práticas culturais, bem como subjetividades políticas e formas de organização econômica. Essa talvez seja uma das principais aproximações de Du Bois com os Estudos Pós-Coloniais.

Outro ponto de encontro é que a discussão de Du Bois sobre a África do Sul nos artigos da coluna “Pan-Africa” se relaciona com o que Fanon chamou de “os condenados da terra”. Os dois autores trazem em diferentes contextos (África do Sul e Argélia) as condições de vida de nativos e os desdobramentos psicossociais, econômicos e urbanos da colonização. Tanto Du Bois na coluna “Pan-Africa” quanto Fanon em “Os Condenados da Terra” (1961) podem ser interpretados como cronistas das lutas por libertação que estavam em curso no continente africano.

A discussão sobre autogoverno também é um tópico que aproxima Du Bois dos princípios pós-coloniais, pois ele propõe em seus textos um reposicionamento radical das hierarquias que favoreciam a dominação do continente africano por governos indiretos. Du Bois examinou nos artigos da coluna “Pan-Africa” os sistemas econômicos, o aparato jurídico e a formação das cidades africanas como sistemas de representação que realizavam a manutenção do interesse europeu no continente africano, e com isso ele demonstrou como africanos(as) do continente e

negros(as) da diáspora estavam associados(as) para garantirem a liberdade e autonomia de negros(as) e africanos(as).

De acordo com Spillers (2006), filósofos e comentadores do Terceiro Mundismo, assim como especialistas na história do continente africano, já argumentaram que as comunidades aprisionadas na “cegueira” do *insight* cultural ocidental experimentam claramente metade da sua aprendizagem histórica e carreira discursiva. Significa que se as ciências sociais produzidas contemporaneamente optarem apenas pela visão cultural ocidental, elas estão acometidas pela cegueira da qual Spillers (2006) nos fala, que é o aprisionamento da produção científica e do humanismo em um único viés, que para a autora é alienador.

Ao trabalhar com o conceito da dupla consciência, Du Bois encaminha um projeto de desalienação da humanidade assim como Fanon propôs em “Pele Negra, Máscaras Brancas” ao sugerir um novo humanismo para equacionar o complexo de personalidade do negro antilhano. Para Du Bois, a dupla consciência era o efeito de se perceber como ser (*self*) a partir das diretrizes de um mundo branco, mas como se procurou demonstrar no segundo capítulo desta tese, a dupla consciência também foi mobilizada pelo autor como uma capacidade criativa de conciliação entre o mundo negro e o mundo branco, ou entre diferentes modos de existência humanos.

A abordagem multimétodo também é um elemento que aproxima Du Bois de Fanon. Ambos os autores fazem uso de uma abordagem não usual nas ciências sociais. O método de Fanon em “Pele Negra, Máscaras Brancas” é uma das questões mais fascinantes na discussão acadêmica sobre o autor. Em um primeiro momento, a abordagem principal do texto de Fanon é existencialista e fenomenológica, haja vista o quinto capítulo do livro intitulado “*l'expérience vécue du noir*” (a experiência vivida do negro).

Lewis Gordon (1995; 2015), por exemplo, defende uma leitura fenomenológica de Fanon. As inegáveis influências de Jean-Paul Sartre e Maurice Merleau-Ponty também reforçam a importância das correntes existencialistas e fenomenológicas em “Pele Negra, Máscaras Brancas”. Já trabalhos como o de Reiland Rabaka, sustentam a importância da psicanálise, de Hegel e do marxismo em Fanon. Por outra perspectiva, há o movimento de inovação de Homi Bhabha como leitor de Fanon, que tem sido mobilizar as dimensões do pós-estruturalismo para discutir determinados temas nos estudos pós-coloniais contemporâneos como o hibridismo, a linguagem e



a produção de subjetividade. Já Anthony Alessandrini (2016) tem uma leitura de Fanon que mobiliza os Estudos Culturais, colocando o pensamento fanoniano em diálogo com Michel Foucault, Edward Said e Paul Gilroy.

Em suma, assim como Du Bois, Fanon é um pensador que combina narrativa pessoal, experiência de vida e estratégia política com uma teoria social que realiza inúmeras reviravoltas filosóficas. O objetivo principal de Du Bois com sua teoria social era de ir além da linha de cor. Já para Fanon, seu objetivo teórico foi mostrar que tanto o negro quanto o branco são produtos de um olhar alienante branco, ou nas próprias palavras do autor “[...] *o negro não é. Nem tampouco o branco*” (Fanon, 2008, p. 191). O resultado disso seria demonstrar a existência de uma série de interações sociais em que a *raça* se torna um denominador fatal, em que processos de identificação ocorrem de forma conjunta com os processos de racialização. Nesse sentido, Fanon descreve em “Pele Negra, Máscaras Brancas” os processos sociais que criam uma relação neurótica em que há uma busca incessante do negro pela humanidade. Aqui também vemos ressonâncias de Du Bois.

Que quer o homem?

Que quer o homem negro?

Mesmo expondo-me ao ressentimento de meus irmãos de cor, direi que o negro não é um homem.

Há uma zona de não-ser, uma região extraordinariamente estéril e árida, uma rampa essencialmente despojada, onde um autêntico ressurgimento pode acontecer. A maioria dos negros não desfruta do benefício de realizar esta descida aos verdadeiros Infernos (Fanon, 2008, p. 26)<sup>136</sup>.

Apesar das semelhanças, as diferenças entre os autores se dão justamente na busca, ou recusa, de uma cultura negra e africana. Se Du Bois é um autor que procurou estabelecer critérios e parâmetros de uma cultura negra e africana, o diálogo crítico de Fanon com os autores do movimento da *négritude*, como Aimé Césaire (1913 - 2008) e Léopold Senghor (1906 - 2001) expressa a sua recusa por critérios e parâmetros descritivos de uma cultura negra e africana *sui generis*.

Fanon expõe sua renúncia ao adjetivo *negro* com tom de sarcasmo e ironia em “Pele Negra, Máscaras Brancas”. “*Quando me amam, dizem que o fazem apesar da minha cor. Quando me detestam, acrescentam que não é pela minha cor... Aqui ou ali, sou prisioneiro do círculo infernal*”

---

<sup>136</sup> Aqui necessita-se dizer que o termo “homem” é um termo de época que universaliza a humanidade na ideia de um homem. O termo não expressa o pensamento do contexto atual do século XXI

(Fanon, 2008, p. 109). Já em relação à crítica de Fanon à ideia de *négritude*, ele nos diz que “Césaire desceu. Ele foi ver o que se passava bem no fundo, e agora ele pode se elevar. Está maduro para a aurora. Mas ele não deixa o negro lá embaixo. Ele o põe nos seus ombros e o eleva até as nuvens” (Fanon, 2008, p. 164-165). Se para os poetas e artistas do movimento de *négritude* a ênfase em uma cultura negra própria poderia ser uma alternativa à cultura francesa e europeia, para Fanon a solução seria a radicalização dos princípios humanistas em conjunto com uma recusa da criação *artificial* de um “povo negro”. “Que história é essa de povo negro, de nacionalidade negra? Sou francês. Interesse-me pela cultura francesa, pela civilização francesa, pelo povo francês. Recusamos considerar-nos como algo ‘à margem’, estamos bem no centro do drama francês” (Fanon, 2008, p. 170).

Nesse sentido, pode-se dizer que uma aproximação entre Du Bois e Fanon é possível, entretanto, as semelhanças entre os autores se encerram ao passo que o primeiro defende a existência de uma cultura negra e africana, tendo em vista a possibilidade de africanos e seus descendentes reabilitarem o humanismo do Ocidente, e o segundo recusa uma ontologia particularmente negra. Fanon realiza em alguns momentos em “Pele Negra, Máscaras Brancas” uma leitura menos pessimista do movimento de *négritude* de Césaire, explorando os limites e possibilidades da poesia *negra* para uma visão de mundo alternativa à tal “cegueira” ocidental que Spillers (2006) nos diz. A *négritude*, para Fanon, pode ser uma estratégia modesta e essencialmente errada no nível ontológico, mas ela sem dúvidas altera a relação afetiva dos(as) negros(as) consigo mesmos(as).

Já sobre a aproximação de Du Bois com os Estudos Culturais, pode-se dizer que ao propor uma nova forma de cooperativismo negro ele antecipou parte do debate feito entre Stuart Hall e Althusser sobre articulação fundamental na compreensão dos Estudos Culturais Britânicos. A articulação entre o mundo do trabalho e o das práticas culturais é feita por Du Bois, e ao propor a particularidade de uma cultura negra da diáspora, ele mostra que ela nasce sob o véu das culturas oficiais historicamente emergentes na modernidade. O exemplo do cooperativismo negro dos artigos de Du Bois no Pittsburgh Courier é importante para esta análise, pois os documentos que foram trabalhados neste capítulo exemplificam como Du Bois mobilizou economia e cultura como categorias sociológicas indissociáveis, se afastando de perspectivas puramente economicistas e/ou culturalistas.

Esse é o exemplo seguido por Stuart Hall ao comentar a criação dos Estudos Culturais, que nasce muito mais como um projeto político do que como um projeto intelectual, na forma de uma resposta ao avanço da cultura capitalista. Não à toa, a emergência dos Estudos Culturais e sua formalização institucional com Richard Hoggart (1918 - 2014) está intimamente ligada ao nascimento do grupo político da New Left. Vale a pena resgatar uma passagem em que Hall nos diz que:

Destino. É a linguagem de uma classe social sem nenhum domínio de história. É a linguagem de uma classe para a qual as coisas acontecem, não uma classe que faz as coisas acontecerem. E dessa forma Hoggart revela as implicações da estrutura de valores implícitos de todo um grupo na sociedade, lendo o seu porte físico, a forma como falam, a forma como se relacionam, a forma como manuseiam objetos, a forma como se organizam em padrões (Hall, 2016, p. 10, tradução livre)<sup>137</sup>.

Portanto, ao descrever e analisar a teoria da ação social de Du Bois, esta tese apostou em um enfoque analítico que não se rende às contingências históricas que desumanizam negros(as) e africanos(as) ao longo da história humana, mas que aposta no papel da agência criativa negra e africana em criar valores e visões de mundo alternativos que possam redimir as populações subalternizadas em termos de reconhecimento cultural, representação política e redistribuição econômica.

É essa agência criativa negra e africana que também é capaz de expandir toda a narrativa que se pretendeu realizar na ciência a respeito da história humana. Assim como Hall fez a partir dos Estudos Culturais, Du Bois propôs, a partir da discussão do cooperativismo negro, a possibilidade de localizarmos formas de agência na luta ideológica, ou seja, de uma cadeia ideológica particular que se torna um local de luta e transformação de significados e de condições de vida.

---

<sup>137</sup> Fate. It's the language of a class without any command on history. It's the language of a class to which things happen, not a class which makes things happen. And in that way Hoggart teases out the implications of the implicit values structure of a whole group in society, reading their physical bearing, the way they talk, the way they relate, the way they handle objects, the way they organise into patterns Hall (2016, p. 10).

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que esta tese procurou demonstrar foram os componentes teóricos, metodológicos, analíticos, estéticos e poéticos da sociologia de Du Bois. A teoria da ação social foi o tema escolhido para trabalhar com as principais dimensões da sociologia Duboisiana, mobilizar um contraste entre duas perspectivas diferentes de teorizar agência na sociologia e relacionar a sociologia de Du Bois com as novas perspectivas de se trabalhar com *raça* e a contribuição de africanos(as) e seus descendentes.

No primeiro capítulo, o debate filosófico sobre a *raça* mostrou como Du Bois trabalhou com uma das principais categorias que ajudaram a organizar o discurso sobre pertencimento e identificação na modernidade. A análise e interpretação da filosofia da *raça* de Du Bois aponta para a conclusão de que ele criou um sistema de ideias sobre a modernidade. Se o discurso da modernidade fez uso da *raça* como uma categoria para distinguir e discriminar indivíduos e grupos sociais, Du Bois trabalhou com a *raça* como um meio de união e solidariedade entre as comunidades negra e africana, rumo à construção de um futuro mais promissor para elas.

[...] é precisamente porque “negro” é o termo que conota os mais desprezados, os despossuídos, os não esclarecidos, os incivilizados, os incultos, os intrigantes, os incompetentes, que pode ser contestado, transformado e investido de um valor ideológico positivo. O conceito “negro” não é propriedade exclusiva de nenhum grupo social específico ou de qualquer discurso único. [...] à medida que os movimentos sociais desenvolvem uma luta em torno de um programa específico, significados que parecem ter sido fixados para sempre começam a perder as suas amarras. Em suma, o significado do conceito mudou como resultado da luta em torno de cadeias de conotações e das práticas sociais que tornaram possível o racismo através da construção negativa de “negros” (Hall, 2016, p. 152-153, tradução livre)<sup>138</sup>.

Du Bois foi o primeiro autor das ciências sociais a desvincular *raça* de seu aspecto biológico, mostrando que existem limites exteriormente impostos no nível das expectativas e das realizações políticas e sociais de indivíduos racializados como negros(as). Mas também existem oportunidades que surgem das práticas culturais que podem unir a população negra com a África.

---

<sup>138</sup> [...] it is precisely because “black” is the term which connotes the most despised, the dispossessed, the unenlightened, the uncivilised, the uncultivated, the scheming, the incompetent, that it can be contested, transformed, and invested with a positive ideological value. The concept “black” is not the exclusive property of any particular social group or any single discourse. [...] As social movements develop a struggle around a particular programme, meanings which appear to have been fixed in place forever begin to lose their moorings. In short, the meaning of the concept has shifted as a result of the struggle around chains of connotations and the social practices which made racism possible through the negative construction of “blacks” (Hall, 2016, pp. 152-153).

Ao reconhecer essa perspectiva, abre-se a possibilidade de reescrever a história e os discursos convencionais que subestimam os(as) negros(as) e o continente africano. Essa concepção foi possível, pois ele trabalhou uma noção de *raça* associada à cultura e etnicidade que criam um senso de pertencimento baseado em uma memória de longa duração compartilhada entre negros(as) e africanos(as).

É nesse sentido que a discussão comentada sobre a filosofia da *raça* e o sistema de ideias de Du Bois qualifica nosso entendimento de como se trabalhar com a *raça* no século XXI, mostrando que já no final do século XIX Du Bois apresentava uma perspectiva não essencializada e não fixa do que o pertencimento e o processo de identificação podem significar. A proposta Duboisiana de “conservar” a *raça* era muito diferente das agendas científicas e políticas dos séculos XIX e XX, como a de João Batista de Lacerda e Gilberto Freyre, por exemplo. Ele fez uso da experiência de rejeição vivida por ele e pela comunidade negra, convertendo-a em uma oportunidade epistêmica para imaginar as possíveis políticas de autoinscrição negra-africana no mundo, sem diluir o elemento negro-africano na totalidade do Estado Nacional, mas expressando-o por meio do orgulho ao pertencimento coletivo Pan-Africano.

A vida e obra de Du Bois, lida a partir do signo da *raça* e seus significados ao longo da experiência negra, nos possibilita questionar a credibilidade da concepção organizada e holística da modernidade, pois o conceito de “dupla consciência” expressa no nível subjetivo os efeitos dos processos sociais experienciados por indivíduos identificados como negros(as) em uma modernidade racializada. A “dupla consciência” Duboisiana também nos possibilita organizar uma argumentação a favor da inversão da relação entre margem e centro e como ela aparece nas discussões sobre *raça*. Du Bois realizou um trabalho intelectual reconstrutivo que, ao olhar para a história cultural de negros(as) e africanos(as) no mundo moderno, redefiniu as ideias do que o Ocidente foi e é hoje a partir da diáspora africana. Significa dizer que se contemporaneamente existem esforços de reconhecer as práticas culturais associadas a negros(as) e africanos(as) como contribuições da construção de nossa humanidade, isso é direta e indiretamente, consciente ou inconscientemente, associado ao trabalho que Du Bois desenvolveu na virada do século XX.

No segundo capítulo, demonstrou-se que a forma que ele decidiu trabalhar com *raça* e com o seu sistema de ideias teve desdobramentos em sua teoria sociológica. A filosofia da *raça* de Du Bois, portanto, se expressa em seus trabalhos teóricos e em suas pesquisas empíricas. Ele

desenvolveu um argumento desde “The Conservation of Races” (1897) de que havia uma mensagem negra-africana que deveria ser endereçada, e a partir disso ele buscou identificar os processos políticos e sociais em que a mensagem emergia na forma de uma contracultura da modernidade. É por isso que o contraste entre a teoria da ação em uma chave das “identidades” e outra dos “interesses” é um recurso analítico que permite compreender a teoria da ação de Du Bois como uma ferramenta teórica que comenta a história de negros(as) e africanos(as) a partir de suas práticas e expressões culturais que criam outro horizonte de possibilidades que expandem os limites do acaso, ou dos acontecimentos históricos que não estavam previstos e esperados por negros(as) e africanos(as).

A teoria da ação social de Du Bois, portanto, permite compreender e articular projetos de transformação social e os significados de liberdade para além do discurso e da estética da libertação, na chave da emancipação, construídos pela modernidade. Du Bois mobilizou os significantes *negro* e *África* como significantes estéticos que operam dos dois lados do Oceano Atlântico na forma de projetos políticos criativos, ou seja, que imaginam a modernidade e a humanidade em uma perspectiva mais benéfica para negros(as) e africanos(as). Nesse sentido, o que Gilroy (1993) chama de “políticas de (des)locamento” (*politics of (dis)placement*) é central para a compreensão disso que a tese procurou desenvolver em torno da teoria da ação social de Du Bois como uma teoria que interpreta e elabora as “políticas de autoinscrição”, pois (des)locar pode significar tanto o deslocamento físico e geográfico quanto o semântico e histórico, gerando outras experiências e significados para o que a modernidade havia pensado em termos de condições de vida para negros(as) e africanos(as).

O contraste entre as teorias da ação social dos “interesses” e a das “identidades” pode ser visto, portanto, como um exercício analítico que permite analisar e descrever as diferenças de ordem metodológica, teórica e empírica em dois projetos distintos de sociologia. Desse modo, compreendemos que a teoria social é constituída por uma base histórica e um método que discute temas e técnicas de como se observar, explicar e descrever fatos e a teoria social Duboisiana, comentada pelo tema de sua teoria da ação social, aponta para outra base histórica e método que se difere das perspectivas mais convencionais da sociologia.

A história, na perspectiva da teoria social de Du Bois, é um elemento que pertence ao devir, e a população negra produz história “ao acaso”, pois produzem formas de ação social para além do

que a história da modernidade previu e presumiu para ela, mostrando que a história em si está sempre sob rasura e existe a possibilidade de agência mesmo em condições e situações que não foram almeçadas por negros(as) e africanos(as), como são os processos de racialização, a segregação racial compulsória e a divisão do mundo em “linhas de cor”. Mais contemporaneamente as relações sociais de representação sobre África e seus descendentes estão sendo reconfiguradas pela ideia de “modernidades negras”, mas mesmo assim permanecem racializadas, mostrando que a leitura e interpretação da *raça* é política e ideológica.

Nesse sentido, a leitura apresentada nesta tese é de que Du Bois demonstra como a própria concepção de modernidade é racializada, desenvolvendo textos teóricos e publicando informações em jornais e revistas que poderiam direcionar negros(as) e africanos(as) a compartilharem uma humanidade para além do “véu” e da “linha de cor” como formas de organização social, política contracultural das prisões criadas pela e na modernidade. A experiência de rejeição e as reconfigurações das formas de ação política negra-africana ao longo da modernidade demonstram como os processos de identificação e racialização podem ser lidos na chave do “acaso” que pode direcionar para novas formas de imaginar o mundo e a humanidade compartilhada para além da ideia de “modernidades racializadas”.

Todas as práticas descritas e analisadas desde o terceiro capítulo, com a proposta de Du Bois de criação de uma revista científica especializada em assuntos sobre a população negra e africana articuladas com a discussão empírica sobre o cooperativismo negro e o associativismo entre negros(as) da diáspora e africanos(as), após o Congresso Pan-Africano de Manchester, mostram-nos que as culturas da diáspora africana, que foram levadas em questão nesta tese, nos convocam a desfazer de nossas condições de alienação. As culturas da diáspora africana, que podem ser descritas e exemplificadas a partir dessas práticas associativas entre negros(as) e africanos(as) após 1945, deslocam nossas noções de pertencimento, identidade e nacionalidade, pois, como vimos com Du Bois, não é incomum a narrativa da tensão entre um indivíduo negro e a sociedade nos relatos do Atlântico Negro.

O conceito de “dupla consciência” expressa justamente essa ideia de que identidades individuais e coletivas se vinculam. A vinculação desses dois níveis do processo de identificação, assim como as performances e formas de expressá-las, conduz a um entendimento dos processos de interação na construção do que se convencionou a chamar de estrutura social, pois as interações

ocorrem entre os indivíduos, mas os indivíduos também possuem a capacidade de se representar em termos sociológicos na forma de comunidades que se diferenciam umas das outras.

Os trabalhos de Du Bois nos jornais dos anos 1930 e 1940 mostram que as notícias sobre as práticas cooperativas da comunidade negra e internacional e os acontecimentos dos processos de descolonização e lutas de independência no continente africano podem ser interpretadas como representações e narrativas que se tornam em elementos constitutivos da realidade, mostrando que o mundo estava em um processo de transformação que era liderado por negros(as) e africanos(as) associados na forma de uma “comunidade de memória”. Nesse sentido, os textos jornalísticos de Du Bois também podem ser lidos como textos de ciências sociais, pois são contribuições textuais que informam leitores(as) sobre processos através dos quais a sociedade pode refletir sobre si e se confrontar consigo mesma.

Du Bois demonstrou desde a virada do século XX que a associação entre o(a) negro(a) e o(a) africano(a) é um fenômeno histórico que se manifesta e unifica em uma série de acontecimentos que podem estar conectados pela experiência compartilhada e pela “dupla consciência”. Nesse sentido, o processo de identificação da diáspora africana é um fenômeno histórico construído por meio das práticas de significação de negros(as) e africanos(as) de se reconhecerem e compartilharem projetos em comum. O associativismo negro-africano é um produto histórico das políticas de autoinscrição, que criam formações sociais e culturais que surgem de processos que ocorrem durante períodos históricos caracterizados pela experiência de rejeição do elemento africano nos Estados Nacionais. A ideia do “acaso”, portanto, possibilita a compreensão dos diferentes períodos históricos em que negros(as) e africanos(as) se associam por meio de práticas políticas que interferem as diferentes reconfigurações do racismo que ocorrem nos diferentes Estados Nacionais, como, por exemplo, as lutas dos direitos civis nos EUA, as lutas de libertação na África e a agenda do antirracismo no Brasil.

Essa leitura de Du Bois permite vê-lo como fundador de uma linhagem de descendência que manifesta conhecimentos científicos e memórias locais e globais que permitem a reconstituição de um saber histórico, a modernidade, a partir do histórico de lutas e práticas políticas em direção à liberdade. A noção de liberdade, nessa perspectiva, não é simplesmente uma metáfora para a teoria política da comunidade negra nas Américas, mas também um constructo que tem ressonância literal em suas experiências vividas. No interior do sistema de ideias de Du Bois



existe uma associação entre o combate às injustiças de viés raciológico e as transformações no padrão de valores morais da sociedade.

Para ele, o problema sociológico da relação entre indivíduo e sociedade nas Américas também era de ordem moral e de juízos de valor, pois o(a) negro(a) foi constituído pela raciologia como objeto de estudo e alvo histórico de políticas de integração e assimilação que visavam o apagamento do elemento africano em diferentes Estados Nacionais. A raciologia que Du Bois combateu, portanto, construiu o(a) negro(a) como um problema social enquanto práticas culturais africanas eram, e ainda são, descritas como discrepâncias da norma e desvios pelas ciências sociais de orientação convencional. Nesse sentido, Du Bois se interrogou sobre como é se sentir um problema, que é uma pergunta que acompanha os trabalhos da crítica pós-colonial, desde Fanon que apontou para a necessidade de uma emergência de um novo humanismo em “Pele Negra, Máscaras Brancas”, e os Estudos Culturais de Stuart Hall com o exemplar estudo “Policing The Crisis” (1978) que mostrou como a juventude negra, africana e caribenha era vista e construída pela gestão pública e a mídia como um “problema moral” nas grandes cidades da Inglaterra do pós-II G.M.

A aposta de Du Bois na ciência até o final da I G.M refletiu em propostas de alteração das narrativas científicas e a necessidade de institucionalização de grupos de estudos, pesquisa e intervenção política, que ao longo prazo mudassem a forma que a sociedade pensava sobre África e seus descendentes e que criasse uma forma de produção discursiva que se localiza na ambiguidade de intrínseca identidade negra como uma prerrogativa que busca deslocar o discurso ocidental naquilo que lhe é mais fundamental: o homem e o ser. Portanto, esse sentido crítico e moral sempre esteve presente no modernismo negro-africano de Du Bois, que mobilizou a educação e a arte inseparadas da política de produção de subjetividade e narrativas ao longo da história.

Se os projetos de integração e assimilação da população negra sempre tiveram uma preocupação de equacionar desvios de norma no interior dos Estados Nacionais, então o(a) negro(a) e sua relação com o continente africano sempre precisou ser significado e representado em formas discursivas. Nessa perspectiva, os modelos usados para representar ideias sobre o continente africano e seus descendentes podem ser lidos como construções simbólicas utilizadas para desenvolver e comunicar uma compreensão que se pode ter sobre um determinado grupo.

Os modelos, são, portanto, construções humanas e um dos modelos mais fundamentais da virada do século XIX para o XX é a teorização das diferenças entre brancos(as) e negros(as). A partir disso, Du Bois desenvolveu outro modelo sociológico para representar a população negra em conflito com os modelos hegemônicos do racismo clássico. Isso fica evidente no momento em que Du Bois e João Batista de Lacerda apresentam seus trabalhos no Congresso Universal das Raças em 1911, onde Du Bois apontou para um problema de ordem política e moral do Jim Crow nos EUA e Lacerda para a solução a partir da experiência brasileira.

A *raça*, como uma categoria analítica importante para a criação de modelos, opera criando estereótipos, normas, etiquetas e rótulos, ganhando vivacidade nas dinâmicas da realidade social. Ela é uma categoria abstrata que enquadra indivíduos no nível da coesão ou do conflito, em uma chave da união ou da ruptura. A alternativa Duboisiana de “conservar a raça” a partir de outro modelo sociológico se mostrou como uma legitimação formal da categoria para viabilizar lutas por liberdade, autonomia e reconhecimento. Essas questões nos fazem relacionar os trabalhos de Du Bois com os Estudos Culturais de Stuart Hall em termos de seus temas de pesquisa e estudo. Os dois teóricos demonstram, cada um à sua maneira e em sua conjuntura histórica, que a identidade *negra* é mobilizada por diferentes práticas que geram significados na realidade, fato que nos leva a pensar na agência e na responsabilidade de indivíduos dentro das relações e das construções da realidade social a partir de políticas de representação, ou de autoinscrição.

Por fim, vale ressaltar que Du Bois foi um teórico que sempre pensou a juventude como um conjunto de atores que levam a mudança social na forma de contraculturas. Isso se apresenta nos momentos em que ele ajudou a organizar e desenvolver a Escola de Atlanta a partir de 1897, o Movimento New Negro na década de 1920 e o Congresso Pan-Africano de Manchester em 1945. Outro momento foi seu trabalho de criação e publicação de uma revista especialmente para crianças e jovens negras(os), a “The Brownies Book” nos anos 1920. A revista foi criada para ser um material de referência para jovens conhecerem sua história a partir de outras fontes de informação que lhes trouxessem orgulho a partir de mensagens positivas sobre a população negra e o continente africano (Silvério, 2021).

Nesse sentido, a educação sempre operou como um local crucial para a luta pela liberdade da comunidade negra, pois ela é uma ferramenta estratégica para a crítica de pressupostos que dificultam o reconhecimento de negros(as) em relação à África de forma benéfica e são

fundamentais para a mobilidade social de indivíduos e da comunidade de forma geral. A luta de longa duração para obter uma educação de qualidade para estudantes negros(as), desde a educação infantil até a educação de pós-graduação, significa que as lutas políticas da juventude negra nas Américas têm sido simultaneamente intelectuais e políticas (Collins, 2009). E é dentro dessa perspectiva que esta tese interpretou a teoria da ação social de Du Bois, como um modelo explicativo de determinadas práticas que formulam e promovem essa mensagem negra-africana que surge do “acaso” e que é, ao mesmo tempo, intelectual e política, ética e estética.

O modelo sociológico desenvolvido por Du Bois desde a virada do século XX mostra que as culturas da diáspora africana exigem de nós a capacidade para criar repertórios e predicados que antes não existiam, evitando que a cegueira do Ocidente não nos permita enxergar essas novas possibilidades. Podemos dizer que o modernismo negro-africano de Du Bois expressa-se como uma imaginação sociológica que cria uma afirmação alternativa, uma contra-afirmação à cultura/civilização americana e ocidental. Du Bois se destaca por suas contribuições com foco nas perspectivas duplas de estética e ativismo na definição da expressão negra moderna. De um modo mais geral, ele nos ensina a identificar o acaso como um espaço de produção de cultura, contradição, acusação, recusa e conciliação que nos possibilita ir para além da linha de cor.

## REFERÊNCIAS

- ALDENHOFF-HUBINGER, R. “Max Weber’s Inaugural Address of 1895 in the Context of the Contemporary Debates in Political Economy.” **Max Weber Studies**, v. 4, no. 2, 2004, p. 143–56. JSTOR, <http://www.jstor.org/stable/24579685>.
- ALESSANDRINI, A. **Frantz Fanon and the Future of Cultural Politics: Finding Something Different**. Lanham, MD: Lexington Books, 2016.
- ALEXANDER, J. C. A Importância dos Clássicos. *In* Giddens A.; Turner, J. (Org.) **Teoria Social Hoje**. São Paulo: UNESP, 1999.
- ALVES, P. C. A teoria sociológica contemporânea: da superdeterminação pela teoria à historicidade. **Sociedade E Estado**, v. 25, n .1, p. 15–31, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922010000100002>. Acesso em: 30 abr. 2024.
- ANDERSSON, A. **Obscuring Capitalism: Vivek Chibber’s Critique of Subaltern Studies**. Los Angeles Review of Books November 6, 2013.
- APPIAH, K. A. The Uncompleted Argument: Du Bois and the Illusion of Race. **Critical Inquiry**, v. 12, n. 1, p. 21-37, 1985. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1343460>. Accessed 13 Dec. 2023.
- APPIAH, K. A. **In my father’s house: Africa in the philosophy of culture**. Oxford: Oxford University Press, 1992.
- APPIAH, K. A. Race, Culture, Identity: Misunderstood Connections. *In*: A. Appiah; A. Gutmann (Eds.), **Color Conscious**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1996, P. 80-81.
- APPIAH, K. A. **Lines of Descent: W. E. B. Du Bois and the Emergence of Identity**. Cambridge, MA and London: Harvard University Press, 2014.
- BERNASCONI, R. W.E.B. Du Bois’s Philosophy of History in Context. **South Atlantic Quarterly**, v. 108, n. 3, p. 519–540, 2009.
- BHABHA. H. The Third Space. *In* Rutherford, J. **Identity: Community, Culture, Difference**. London: Lawrence and Wishart, 1990, 207-221.
- BOAS, Franz. “The Problem of the American Negro.” **Yale Quarterly Review**, 10(2):384–95, 1921.
- BOBO, L. Theory and Racialized Modernity: Du Bois in Ascendance. **Du Bois Review: Social Science Research on Race**, v. 12, n. 2, p. 225-230, 2015. doi:10.1017/S1742058X15000247.

- BOBO, L. Introduction. *In*. Du Bois, W.E.B. **The Philadelphia Negro (1899)**. New York, Oxford University Press, Inc, 2007.
- BOGUES, Anthony. **Black Heretics, Black Prophets: Radical Political Intellectuals**. Routledge, 2003.
- BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J.C.; PASSERON, J.C. **Le métier de sociologue**. Paris-La Haye, Mouton, 1968.
- BOY, J. D. The Axial Age and the Problems of the Twentieth Century: Du Bois, Jaspers, and Universal History. **Am Soc**, v. 46, p. 234–247, 2015. <https://doi.org/10.1007/s12108-015-9254-0>.
- BULMER, M. A singular scholar and writer in a profoundly racist world. *In*: **Ethnic and Racial Studies**, v. 39, n. 8, p. 1385-1390, 2016. DOI: 10.1080/01419870.2016.1153694.
- BURAWOY, M. Decolonizing Sociology: The Significance of W.E.B. Du Bois. **Critical Sociology**, v. 47, n. 4-5, p. 545-554, 2021. <https://doi.org/10.1177/08969205211005180>.
- BUSCHENDORF, C.; WEST, C. A Figure of our Times: An Interview with Cornel West on W. E. B. Du Bois. **Du Bois Review: Social Science Research on Race**, v. 10, n. 01, p. 261-278, 2013. doi:10.1017/S1742058X13000052.
- COLLINS, P. H. Freedom Now! 1968 as a Turning Point for Black American Student Activism. *In*: BHAMBRA, G. K; DEMIR, I (org.). **1968 in Retrospect History, Theory, Alterity**. Londres: Palgrave Macmillan, 2009.
- COLLINS, R. **Quatro tradições sociológicas**. Randall Collins; tradução de Raquel Weiss. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. (Coleção Sociologia).
- CONNELL, R. O Império e a criação de uma Ciência Social. **Contemporânea Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 2 n. 2, p. 309-336, Julho - Dezembro de 2012.
- DAVIES, C, B. **Enciclopédia da Diáspora Africana: Origens, Experiências e Cultura**. ABC-CLIO, 2008.
- DEMARCO, J. P. A Fundamentação e Fundamentos da Teoria da Cooperação Econômica de DuBois. **Phylon**, v. 35, v. 1, p. 5–15, 1974. <https://doi.org/10.2307/274606>.
- DU BOIS, W. E. B. **The Conservation of Races**. The American Negro Academy Occasional Papers, No.2. Washington, D.C.: Published by the Academy, 1897.
- DU BOIS, W. E. B. **The first Universal Races Congress W. E. B. Du Bois Papers (MS 312)**. W. E. B. Du Bois Papers, Robert S. Cox Special Collections and University Archives Research Center, UMass Amherst Libraries, 1911.
- DU BOIS, W. E. B. **Black Folk Then and Now**. New York: Henry Holt & Co, 1939.

DU BOIS, W. E. B. **The Philadelphia Negro: A social study.** New York, Schocken, 1899.

DU BOIS, W. E. B. **The Souls of Black Folk.** New York, NY: Oxford University Press, (2007[1903]).

DU BOIS, W. E. B. The Atlanta Conferences. Voice of the Negro. *In: Du Bois: On Sociology and the Black Community.* Ed. by Daniel Green & Edwin Driver. Chicago: University of Chicago Press (1904 [1978]), p. 53-60.

DU BOIS, W. E. B. **Dusk of Dawn: an essay toward an autobiography of a race concept.** New York, NY: Oxford University Press. (2007 [1940]).

DU BOIS, W. E. B. **Sociology Hesitant.** W. E. B. Du Bois Papers (MS 312). W. E. B. Du Bois Papers, Robert S. Cox Special Collections and University Archives Research Center, UMass Amherst Libraries, 1905.

DU BOIS, W. E. B. **Morals and Manners among Negro Americans.** Atlantic University Publication (AUP) No. 18. Atlanta, GA: Atlanta University Press, 1913.

DU BOIS, W. E. B. Strivings of Negro People. *In: The Atlantic U.S,* August 1897b. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/1897/08/strivings-of-the-negro-people/305446/>.

DU BOIS, W. E. B. **The African roots of war.** W. E. B. Du Bois Papers (MS 312). W. E. B. Du Bois Papers, Robert S. Cox Special Collections and University Archives Research Center, UMass Amherst Libraries, 1915.

DU BOIS, W. E. B. Close Ranks (Editorial). **The Crisis**, v. 16, n. 3, p. 111, July, 1918.

DU BOIS, W. E. B. The Negro Mind Reaches Out. **The New Negro**, ed. Alain Locke. New York: Albert and Charles Boni, 1925, p. 385.

DU BOIS, W.E.B. The Criteria of Negro Art. **The Crisis**, v. 32, p. 290-297, October 1926.

DU BOIS, W. E. B. **Color and Democracy: Colonies and Peace.** Harcourt, Brace & Co, Millwood, Nova York, 1945.

DU BOIS, W. E. B. **Who Are Our Allies?** The Pittsburgh Courier, April 24, 1937a. Disponível em: W. E. B. Du Bois Papers, Robert S. Cox Special Collections and University Archives Research Center, UMass Amherst Libraries.

DU BOIS, W. E. B. **Segregation.** The Pittsburgh Courier, May 1, 1937b, p. 11. Disponível em: W. E. B. Du Bois Papers, Robert S. Cox Special Collections and University Archives Research Center, UMass Amherst Libraries.

DU BOIS, W. E. B. **Paradox**. The Pittsburgh Courier, May 8, 1937c, pp. 11-15. Disponível em: W. E. B. Du Bois Papers, Robert S. Cox Special Collections and University Archives Research Center, UMass Amherst Libraries.

DU BOIS, W. E. B. **“Race”**. The Pittsburgh Courier, May 15, 1937d, p. 11. Disponível em: W. E. B. Du Bois Papers, Robert S. Cox Special Collections and University Archives Research Center, UMass Amherst Libraries.

DU BOIS, W. E. B. **“The Group”**. The Pittsburgh Courier, May 15, 1937e, p. 11. Disponível em: W. E. B. Du Bois Papers, Robert S. Cox Special Collections and University Archives Research Center, UMass Amherst Libraries.

DU BOIS, W. E. B. **“Voluntary Segregation”**. The Pittsburgh Courier, May 29, 1937e, p. 11. Disponível em: W. E. B. Du Bois Papers, Robert S. Cox Special Collections and University Archives Research Center, UMass Amherst Libraries.

DU BOIS, W. E. B. **“Race as Class - Pan Africa”**. The Pittsburgh Courier, June 5, 1937e, p. 11. Disponível em: W. E. B. Du Bois Papers, Robert S. Cox Special Collections and University Archives Research Center, UMass Amherst Libraries.

DU BOIS, W. E. B. **“South Africa's Coming Crisis”**. Pan Africa Columns, People's Voice. October 4, 1947a, p. 14. Disponível em: W. E. B. Du Bois Papers, Robert S. Cox Special Collections and University Archives Research Center, UMass Amherst Libraries.

DU BOIS, W. E. B. **“South Africa's Two Standards”**. Pan Africa Columns, People's Voice. January 10, 1948, p. 14. Disponível em: W. E. B. Du Bois Papers, Robert S. Cox Special Collections and University Archives Research Center, UMass Amherst Libraries.

DU BOIS, W. E. B. **“Kenya's People on the Move”**. Pan Africa Columns, People's Voice. November 29, 1947c, p. 18. Disponível em: W. E. B. Du Bois Papers, Robert S. Cox Special Collections and University Archives Research Center, UMass Amherst Libraries.

DU BOIS, W. E. B. **“Justice Goes Awry in Africa”**. Pan Africa Columns, People's Voice. December 27, 1947d, p. 18. Disponível em: W. E. B. Du Bois Papers, Robert S. Cox Special Collections and University Archives Research Center, UMass Amherst Libraries.

DU BOIS, W. E. B. **“Misrule in East Africa”**. Pan Africa Columns, People's Voice. January 24, 1948b, p. 14. Disponível em: W. E. B. Du Bois Papers, Robert S. Cox Special Collections and University Archives Research Center, UMass Amherst Libraries.

DU BOIS, W. E. B. **“Tanganyika's Cold War”**. Pan Africa Columns, People's Voice. January 17, 1948c, p. 14. Disponível em: W. E. B. Du Bois Papers, Robert S. Cox Special Collections and University Archives Research Center, UMass Amherst Libraries.

DU BOIS, W. E. B. **“Nigeria Asks for Freedom”**. Pan Africa Columns, People’s Voice. January 31, 1948d, p. 14. Disponível em: W. E. B. Du Bois Papers, Robert S. Cox Special Collections and University Archives Research Center, UMass Amherst Libraries.

DU BOIS, W. E. B. **“Nigeria Loses a Great Son”**. Pan Africa Columns, People’s Voice. February 28, 1948e, p. 14. Disponível em: W. E. B. Du Bois Papers, Robert S. Cox Special Collections and University Archives Research Center, UMass Amherst Libraries.

DU BOIS, W. E. B. **“Pan Africanism Growing Slowly”**. Pan Africa Columns, People’s Voice. October 25, 1947e, p. 14. Disponível em: W. E. B. Du Bois Papers, Robert S. Cox Special Collections and University Archives Research Center, UMass Amherst Libraries.

DU BOIS, W. E. B. **“Negroes Have an Old Culture”**. Pan Africa Columns, People’s Voice. November 1, 1947e, p. 14. Disponível em: W. E. B. Du Bois Papers, Robert S. Cox Special Collections and University Archives Research Center, UMass Amherst Libraries.

DU BOIS, W. E. B. **“Colonial Focus Shifts to Africa”**. Pan Africa Columns, People’s Voice. November 15, 1947f, p. 14. Disponível em: W. E. B. Du Bois Papers, Robert S. Cox Special Collections and University Archives Research Center, UMass Amherst Libraries.

DU BOIS, W. E. B. **“Facts on Black Folk in Egypt”**. Pan Africa Columns, People’s Voice. November 22, 1947g, p. 14. Disponível em: W. E. B. Du Bois Papers, Robert S. Cox Special Collections and University Archives Research Center, UMass Amherst Libraries.

DU BOIS, W. E. B. **“African Ballet in London”**. Pan Africa Columns, People’s Voice. December 6, 1947g, p. 14. Disponível em: W. E. B. Du Bois Papers, Robert S. Cox Special Collections and University Archives Research Center, UMass Amherst Libraries.

DU BOIS, W. E. B. **“Injustice in Br. East Africa”**. Pan Africa Columns, People’s Voice. January 3, 1948f, p. 14. Disponível em: W. E. B. Du Bois Papers, Robert S. Cox Special Collections and University Archives Research Center, UMass Amherst Libraries.

DU BOIS, W. E. B. **“A Missionary From S. Africa”**. Pan Africa Columns, People’s Voice. February 7, 1948g, p. 14. Disponível em: W. E. B. Du Bois Papers, Robert S. Cox Special Collections and University Archives Research Center, UMass Amherst Libraries.

DU BOIS, W. E. B. **“African Chief Talks Tough”**. Pan Africa Columns, People’s Voice. February 21, 1948g, p. 14. Disponível em: W. E. B. Du Bois Papers, Robert S. Cox Special Collections and University Archives Research Center, UMass Amherst Libraries.

EPSTEIN, C. F. **Tinker-bells and pinups: the construction and reconstruction of gender boundaries at work**. See Lamont & Fournier 1992, p. 232–56.

EVANS, Stephanie. 2007. **Black Women in the Ivory Tower, 1850–1954: An Intellectual History**. Gainesville: University Press of Florida.



- FANON, F. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FAUSTINO, D. M. **“Por que Fanon, por que agora?”: Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil**. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.
- FAUSTINO, D. M. **A Disputa em torno de Frantz Fanon: A Teoria e a Política dos Fanonismos Contemporâneos**. Intermeios, São Paulo, 2020.
- FAUSTINO, D. M. **Frantz Fanon e as Encruzilhadas: Teoria, política e subjetividade, um guia para compreender Fanon**. Ubu Editora, 1. Ed, 2022.
- FERNANDES, F. **Fundamentos empíricos da explicação sociológica**. São Paulo: Nacional, 1967.
- FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. Vol. 2 - No limiar de uma nova era. São Paulo: Ática, 1978.
- FLOR, C. G. **Diáspora Africana: Por uma crítica transnacional da política negra**. Tese de doutorado - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2020.
- FLOR, C. G.; KAWAKAMI, E. A.; SILVÉRIO, V. R. Tornar-se sujeito afro-diaspórico: working with Du Bois, Frantz Fanon e Stuart Hall/ Becoming an Afro-diasporic subject: working with Du Bois, Frantz Fanon and Stuart Hall. **Contemporânea Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 10 n. 3, p. 1289-1322, Setembro - Dezembro de 2020.
- GATES Jr. H. L. **The Signifying of Monkey: A Theory of African-American Literary Criticism**. New York, NY: Oxford University Press, 1988.
- GATES Jr., H. L. “Critical Fanonism”. **Critical Inquiry**, v. 17, n. 3, p. 457-470, 1991.
- GIDDENS, A. **Capitalism and Modern Social Theory: An Analysis of the Writings of Marx, Durkheim and Max Weber**. Cambridge: Cambridge University Press, 1971. doi:10.1017/CBO9780511803109.
- GIDDENS, A. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- GIKANDI, S. W.E.B Du Bois and the Identity of Africa. **GEFAME Journal of African Studies**, v. 2, n. 1. Ann Arbor, MI: MPublishing, University of Michigan Library, 2005.
- GILROY, P. **There Ain't no Black in the Union Jack: The Cultural Politics of Race and Nation**. Londres, Hutchinson, 1987.
- GILROY, P. **The Black Atlantic: Modernity and Double Consciousness**. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1993.

GO, J. **Postcolonial Thought and Social Theory**. Oxford: Oxford University Press, 2016.

GOMES, Janáina Damasceno. **Os Segredos de Virgínia: Estudos de Atitudes Raciais em São Paulo (1945-1955)**. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

GOODING-WILLIAMS, R. Outlaw, Appiah, and Du Bois's "The conservation of races." B.W. Bell, E.R. Grosholz; J.B. Stewart (Eds.), **W.E.B. Du Bois: On race and culture**. Boston: Routledge Kegan Paul, 1996, p. 39-56.

GOODING-WILLIAMS, R. (2005). Du Bois, Politics, Aesthetics: An Introduction. **Public Culture**, v. 17, n. 2, p. 203–216., 2005. doi: <https://doi.org/10.1215/08992363-17-2-203>.

GOODING-WILLIAMS, R. **In the Shadow of Du Bois: Afro-Modern Political Thought in America**. Harvard University Press, 2009. Doi: <https://doi.org/10.2307/j.ctvjhzqcr>.

GORDON, LEWIS R. **Fanon and the Crisis of European Man: An Essay on Philosophy and the Human Sciences**, Nova York: Routledge, 1995.

GORDON, LEWIS R. **What Fanon said: a philosophical introduction to his life and thought**. Nova York: Fordham University Press, 2015.

HALL, S. "Race, articulation and societies structured in dominance". UNESCO (org.). **Sociological theories: race and colonialism**, 1980.

HALL, S. The West and the Rest: Discourse and Power In: Hall, Stuart, Gieben, Bram. **Formations of Modernity**. Oxford: Polity in association with Open University, 1992.

HALL, S. "The After-life of Frantz Fanon: Why Fanon? Why Now? Why Black Skin, White Masks?" Read, A. (ed). **The Fact of Blackness: Frantz Fanon and Visual Representation**. London: Institute of Contemporary Arts and International Visual Arts, 1996.

HALL, S. Subjects in History: Making Diasporic Identities from 'Selected Writings on Race and Difference' published by Duke University Press, 2021 [1998].

HALL, S. **Cultural Studies 1983 A Theoretical History**. (Ed.) Jennifer Daryl Slack e Lawrence Grossberg. Durham: Duke University Press, 2016.

HALL, S.; HENRY, L. G. **The Fateful Triangle: Race, Ethnicity, Nation**. Edited by Kobena Mercer, Harvard University Press, 2017. *JSTOR*, <https://doi.org/10.2307/j.ctvqht03>. Accessed 13 Dec. 2023.

HARRIS-LACEWELL, M. V. The Heart of the Politics of Race: Centering Black People in the Study of White Racial Attitudes. **Journal of Black Studies**, v. 34, n. 2, p. 222-249, 2003.

HARTMAN, S. Introduction. DU BOIS, W.E.B. **The Suppression of the African Slave-Trade to the United States of America: 1638-1870**. Oxford University Press, 2007, p. xxv-xxx.

HAYNES Jr, C. From Philanthropic Black Capitalism to Socialism: Cooperativism in Du Bois's Economic Thought. **Socialism and Democracy**, v. 32, n. 3, p. 125-145, 2018. DOI: 10.1080/08854300.2018.1562824.

HOFBAUER, A. Cultura Diferença e (des)igualdade. **Contemporânea Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 1 n. 1, p. 69-102, Janeiro - Junho de 2011.

ITZIGSOHN, J.; BROWN, K. **The Sociology of W.E.B. Du Bois: Racialized Modernity and the Global Color Line**. New York: New York University Press, 2020.

JAMES, W. **Psychology: The briefer course**. Notre Dame, IN: University of Notre Dame Press, 1892/1961.

JEFFERS, C. "The Cultural Theory of Race: Yet Another Look at Du Bois's 'The Conservation of Races'," **Ethics**, v. 123, p. 403–426, 2013.

JEFFERS, C. "W.E.B. Du Bois's 'Whither Now and Why'." Eric Schliesser (ed.), **Ten Neglected Classics of Philosophy**, Oxford: Oxford University Press, 2017, p. 222–255.

KIM, S. H. **Max Weber's Politics of Civil Society**, Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

KIRSCHKE, A. H.; SINITIERE, P. L. (eds). "W. E. B. Du Bois's Prophetic Propaganda: Religion and The Crisis, 1910-1934," in **Protest and Propaganda: W. E. B. Du Bois, The Crisis and American History**. University of Missouri Press, 2014, p. 190-207.

LAMONT, M.; MOLNÁR, V. The study of boundaries in the social sciences. **Annual Review of Sociology**, v. 28, p.167–195, 2002. <https://doi.org/10.1146/annurev.soc.28.110601.141107>.

LISS, J. "Diasporic Identities: The Science and Politics of Race in the Work of Franz

Boas and W. E. B. Du Bois 1894-1919". **Cultural Anthropology**, v. 13, n. 2, p. 127-166, 1998.

LEMMERT, C. Du Bois, W.E.B. (1868-1963). In: TURNER, Bryan. **The Cambridge Dictionary of Sociology**. Cambridge University Press, New York, 2006, p. 148-150.

LEWIS, D. L. **W. E. B. DuBois: Biography of a race. 1868-1919**. New York: John Macrae Book, Henry Holt and Company, Inc, 1993.

LEWIS, D. L. **W. E. B. Du Bois: The fight for equality and the American century**. New York: Henry Holt, 2000.

LEWIS, D.L. **W.E.B. Du Bois: A Biography**. New York: Henry Holt, 2009.

MANNING, P. Africa and the African Diaspora: New Directions of Study. **Journal of African History**, v. 44, p. 487–506, 2003. Cambridge University Press. DOI: 10.1017/S0021853703008569. Disponível em: <https://manning.pitt.edu/pdf/2003.Diaspora.JAH.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2024.

MATORY, J. Lorand. O navio de volta para casa: tropos analíticos como mapas da e para a história cultural da diáspora africana. **Contemporânea** v. 10, n. 3 p. 969-993 Set.–Dez. 2020.

MCAULEY, C. A. **The Spirit vs. the Souls: Max Weber, W. E. B. Du Bois, and the Politics of Scholarship**. University of Notre Dame Press, 2019.

MILES, K. T. “One Far Off Divine Event’: ‘Race’ and a Future History in Du Bois.” In **Race and Racism in Continental Philosophy**, edited by Robert Bernasconi with Sybol Cook, 19– 31. Bloomington: Indiana University Press, 2003.

MOREY, Maribel. **White Philanthropy: Carnegie Corporation’s An American Dilemma and the Making of a White World Order**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2021.

MORRIS, A. **The scholar denied: W. E. B. Du Bois and the Birth of Modern Sociology**. Los Angeles: University of California Press, 2015.

OMI, M.; WINANT, H. **Racial formation in the United States: From the 1960s to the 1990s** (2nd ed.). Routledge, 1994.

OUTLAW, L. Conserve’ Races?. *In*: Bernard W. Bell, Emily R. Grosholz, and James B. Stewart (ed.), **W.E.B. Du Bois on Race and Culture**, New York: Routledge, 1996, p. 15–37.

OUTLAW, L. W.E.B. Du Bois on the Study of Social Problems. **Annals of the American Academy of Political and Social Science**, v. 568, “The Study of African American Problems: W. E. B. Du Bois’s Agenda, Then and Now,” 568 March, 2000, p. 281–297.

PAN-AFRICAN ASSOCIATION. **To the nations of the world. W. E. B. Du Bois Papers** (MS 312). Special Collections and University Archives, University of Massachusetts Amherst Libraries - Copy of address signed by Du Bois, Alexander Walters, Henry B. Brown, and H. Sylvester Williams, 1900.

PINKER, S. **How the Mind Works**. New York, Norton, 1997.

POPE, W. Emile Durkheim. *In*: Rob Stones (ed.). **Key Sociological Thinkers**, London: Macmillan Press, 1998, p. 46-58.

PRASCH, R. W. E. B. Du Bois's Contributions to U.S. Economics (1893–1910). **Du Bois Review: Social Science Research on Race**, v. 5, n. 2, p. 309-324, 2008. doi:10.1017/S1742058X08080144.

RABAKA, R. **Forms of Fanonism: Frantz Fanon's Critical Theory and the Dialectic Decolonization**. Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 2010.

RABAKA, R. **Against Epistemic Apartheid: W.E.B. Du Bois and the Disciplinary Decadence of Sociology**. Washington DC: Lexington Books, 2010a.

RECKWITZ, A. Moderne. Der Kampf um die Öffnung und Schließung von Kontingenzen. *In: Moebius, Stephan; Reckwitz, Andreas (Orgs.). Poststrukturalistische Sozialwissenschaften*. Frankfurt: Suhrkamp, 2008, p. 226-244.

SANTOS, H. E. **Faculdade Zumbi dos Palmares: uma proposta de Black College no Brasil do século XXI?** Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Sociologia - Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). São Carlos, 2020. p 1-118.

SCAFF, L. A. Max Weber, pp. 34-45. *In: Rob Stones (ed.). Key Sociological Thinkers*. London: Macmillan Press, 1998.

SCAFF, L. A. Max Weber in America. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2011.

SCOTT, D. The Re-enchantment of Humanism: An interview with Sylvia Wynter. *In: Small Axe* 8, September, 2000, 119-207, 2000

SILVA, N. P.; SANTOS, H. E.; CALDAS, A. Duas Escolas, uma lição: a Sociologia como instrumento de desracialização da Escola de Atlanta (1897-1910) e do Teatro Experimental do Negro (1948-1955). **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 111, 2023. <https://doi.org/10.1590/3811036/2023>

SILVÉRIO, V. R. the brownies' book: du bois e a construção de uma referência literária para identidade negra infanto-juvenil. **Childhood & Philosophy**, 17, 01-27, 2021. <https://doi.org/10.12957/childphilo.2021.58430>

SILVÉRIO, V. R. Verbete “Racialização” *In: Dicionário das Relações Étnico-Raciais Contemporâneas*. Flávia Rios, Márcio André Dos Santos, Alex Ratts (orgs.), São Paulo, Perspectiva, 2022, p. 336.

SILVÉRIO, V. R. **Transnacionalismo Negro, Diáspora Africana: Uma nova imaginação sociológica**. São Paulo: Intermeios, 2022, p. 136.

SILVÉRIO, V. R.; SANTOS, H. E.; COSTA, F. O. “Racismo acadêmico e formação das ciências sociais na América: W.E.B. Du Bois e a interseccionalidade entre ciência e política”. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as**, v. 12, n. 32, p. 333-366, 2020. DOI: 10.31418/2177-2770.2020.v12.n.32.p333-366. Disponível em: <https://doi.org/10.31418/2177-2770.2020.v12.n.32.p333-366>. Acesso em: 30 abr. 2024.

SILVÉRIO, V.R.; SANTOS, H.E. Cosmopolitismo Panafricano en un contexto de Nacionalismos: diáspora, pertenencia e identidad. *In: Sociología Crítica Cosmopolita: trayectorias, diálogos, figuraciones*, José Vicente Tavares dos Santos (ed.), Buenos Aires, IN: CLACSO, capítulo do livro no prelo.

SMITH, S. M. **Photography on the Color Line: W. E. B. Du Bois, Race, and Visual Culture**. Duke University Press, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/j.ctv11hpr39>. Acesso em: 30 abr. 2024.

SPILLERS, H. The Idea of Black Culture. **CR: The New Centennial Review**. v, 6, p. 7-28, 2007. 10.1353/ncr.2007.0022.

SUNDSTROM, R. R. Douglass & Du Bois's *Der Schwarze Volksgeist*. *In: Race and Racism in Continental Philosophy*, Robert Bernasconi (ed.), Indianapolis, IN: Indiana University Press, 2003, p. 32–53.

STONES, R. **Key Sociological Thinkers**. London: Macmillan Press, 1998.

TAYLOR, P. C. What's the Use of Calling Du Bois a Pragmatist?. **Metaphilosophy**, v. 35, n. 1/2, 2004, p. 99–114.

TAYLOR, P. C. “Appiah's Uncompleted Argument: W.E.B. Du Bois and the Reality of Race. **Social Theory and Practice**, v. 26, n. 1, p. 103–128, 2000.

TAYLOR, P. C. **Black is Beautiful: A Philosophy of Black Aesthetics**, Malden: Wiley-Blackwell, 2016.

TROUILLOT, M-R. **Silencing the Past: Power and the Production of History**. Boston: Beacon Press. 1995, p. 191.

TURNER, B. **The Cambridge Dictionary of Sociology**. Cambridge University Press, New York, 2006.

VIRGÍNIA ENCYCLOPEDIA. **The Lost Cause**. Disponível em: <https://encyclopediavirginia.org/entries/lost-cause-the/>. Acesso em: 30 abr. 2024.

WALD, P. **Constituting Americans: Cultural Anxiety and Narrative Form**. Duke University Press. 1995. Doi: <https://doi.org/10.2307/j.ctv11g9878>.

WEBER, M. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. Edição de Antônio Flávio Pierucci e tradução de José Marcos Mariani de Macedo, Companhia das Letras, 2004.

WILLIAMS, C. L. **The wounded world: W.E.B. Du Bois and the First World War**, New York: Farrar, Straus and Giroux, 2023.

WILLIAMS, D. E. **Rethinking the African Diaspora: A comparative look at race and identity in a transatlantic community**; In: **Crossing boundaries**. Bloomington: Indiana University Press, 1999.

WILLIAMS, R. W. The Early Social Science of W. E. B. Du Bois. **Du Bois Review: Social Science Research on Race**, v. 3, n. 2, p. 365-394, 2006, Doi:10.1017/S1742058X06060243.

WILLIAMS, R. W. Embracing Philosophy: On Du Bois' 'The Individual and Social Conscience', **Phylon**, v. 51, n. 1, p. 42-56, 2014.

WYNTER, S. “Towards the Sociogenic Principle: Fanon, The Puzzle of Conscious Experience, of “Identity” and What it’s Like to be “Black”. In: **Collection of Essays National Identity and Sociopolitical Change: Latin America Between Marginalization and Integration**. University of Minnesota Press: 1999.

WOLF, E. R. **Europe and the People without History**. Berkeley: University of California Press, 1982.

YOUNG, R. **Postcolonialism: An Historical Introduction**. Malden: Blackwell Publishing, 2001.

ZAMIR, S. **Dark voices: W. E. B. Du Bois and American thought, 1888–1903**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

ZUBERI, T.; ELIOTÉRIO S. H. O Professor: Um Ensaio. **Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)**, v. 12, n. 33, p. 564–585, 2020. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1017>. Acesso em: 30 abr. 2024.

ZUCKERMAN, P. **The Social Theory of W. E. B. Du Bois**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2004.

## ANEXOS

1. Lista com as principais referências de textos escritos por W.E.B. Du Bois de 1896 a 1963.  
 Fonte primária: MORRIS, Aldon. **The scholar denied: W. E. B. Du Bois and the Birth of Modern Sociology**. Los Angeles: University of California Press, 2015.  
 Fonte secundária: SILVÉRIO, V. R.; SANTOS, H. E.; COSTA, F. O. “Racismo acadêmico e formação das ciências sociais na américa: W.E.B. Du Bois e a interseccionalidade entre ciência e política”. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as**, v. 12, n. 32, p. 333–366, 2020. DOI: 10.31418/2177-2770.2020.v12.n.32.p333-366.

TRABALHOS	PUBLICAÇÃO	ANO
The Suppression of the African Slave-Trade to the United States of America, 1638–1870	Livro	1896
The Conservation of Races	Artigo	1897
Review of Race Traits and Tendencies of the American Negro by Frederick L. Hoffman	Resenha	1897
“Strivings of the Negro People”	Artigo	1897
“The Negroes of Farmville, Virginia: A Social Study”	Artigo	1898
“The Study of the Negro Problems”	Artigo	1898
“The Negro in the Black Belt: Some Social Sketches”	Artigo	1899
The Philadelphia Negro	Livro	1899
“The American Negro at Paris”	Artigo	1900
The Black North in 1901: A Social Study	Ensaio	1901
“The Relation of the Negroes to the Whites in the South”	Ensaio	1901
The Negro Artisan: Report of a Social Study Made under the Direction of Atlanta University	Artigo	1902
The Negro Church: Report of a Social Study Made under the Direction of Atlanta University	Artigo	1903
The Souls of Black Folk	Livro	1903
“The Talented Tenth.” In The Negro Problem: A Series of Articles by Representative American Negroes of Today	Artigo/Capítulo de Livro	1903
“The Development of a People”	Ensaio	1904
“Heredity in Public Schools”	Artigo	1904
Some Notes on Negro Crime Particularly in Georgia. Report of a Social Study Made under the Direction of Atlanta University	Artigo	1904
Sociology Hesitant	Artigo	1905
The Health and Physique of the Negro American: Report of a Social Study Made under the Direction of Atlanta University	Artigo	1906
“A Litany of Atlanta”	Poema	1906



“Die Negerfrage in den Vereinigten Staaten”/“The Negro Question in the United States”	Ensaio	1906
“Religion in the South” In The Negro in the South: His Economic Progress in Relation to His Moral and Religious Development, by Booker T. Washington and W. E. Burghardt Du Bois	Capítulo de Livro	1907
The Negro American Family: Report of a Social Study Made Principally by the College Classes of 1909 and 1910 of Atlanta University	Artigo	1908
Efforts for Social Betterment among Negro Americans	Livro	1909
“The Evolution of the Race Problem”	Artigo	1909
John Brown	Biografia	1909
“Reconstruction and Its Benefits.”	Ensaio	1910
The College-Bred Negro: Report of a Social Study Made by Atlanta University	Livro	1910
The Common School and the Negro American: Report of a Social Study Made by Atlanta University	Livro	1911
The Negro American Artisan: Report of a Social Study Made by Atlanta University	Livro	1912
“The Negro in Literature and Art”	Artigo	1913
Morals and Manners among Negro Americans: Report of a Social Study Made by Atlanta University	Livro	1914
“African Roots of War”	Ensaio	1915
The Negro	Livro	1915
“Woman Suffrage”	Editorial	1915
“Negro Education”	Artigo	1918
Darkwater: Voices from within the Veil	Livro	1920
“Manifesto of the Second Pan-African Congress”	Manifesto	1921
The Gift of Black Folk	Livro	1924
Black Reconstruction in America, 1860–1880: An Essay toward a History of the Part Which Black Folk Played in the Attempt to Reconstruct Democracy in America	Livro	1935
Black Folk Then and Now: An Essay in the History and Sociology of the Negro Race	Livro	1939
Dusk of Dawn: An Essay towards an Autobiography of a Race Concept	Autobiografia	1940
“Social Development of the American Negro.”	Resenha	1940
“Prospect of a World without Race Conflict”	Artigo	1944
Encyclopedia of the Negro: Preparatory Volume with Reference Lists and Reports	Enciclopédia	1945

The Autobiography of W. E. B. Du Bois: A Soliloquy on Viewing My Life from the Last Decade of Its First Century	Autobiografia	1968
The Correspondence of W. E. B. Du Bois. Vol. 1. Selections, 1877–1934	Cartas	1877–1934
Du Bois, W. E. B. Papers. Department of Special Collections and University Archives, University of Massachusetts Amherst Libraries	Documentos gerais	1877-1963
Atlanta University Studies of the Negro Problem. Annual Conferences	Relatório de pesquisas	1897-1914
The Correspondence of W. E. B. Du Bois. Vol. 3. Selections, 1944–1963	Cartas	1944–1963

2. Cronologia da participação de W.E.B. Du Bois na Conferência e Congressos Pan-Africanos do século XX.

Fontes: BBC News. **“The Pan-African Vision”. The Story of Africa: Between World Wars (1914–1945).**

<http://www.bbc.co.uk/worldservice/africa/features/storyofafrica/13chapter5.shtml>

DU BOIS, W. E. B. "Manifesto to The League of Nations", **The Crisis**, Vol. 23, no. 1, November 1921.

SILVÉRIO, V. R.; SANTOS, H. E.; COSTA, F. O. “Racismo acadêmico e formação das ciências sociais na América: W.E.B. Du Bois e a interseccionalidade entre ciência e política”. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as**, v. 12, n. 32, p. 333–366, 2020. DOI: 10.31418/2177-2770.2020.v12.n.32.p333-366.

**First Pan-African Conference:** realizada em Londres entre 23 e 25 de julho de 1900, foi organizada por Henry Sylvester Williams e contou com a participação de importantes lideranças do continente africano, caribe, dos EUA e Reino Unido, incluindo Du Bois.

**First Pan-African Congress:** realizado em Paris entre 19 e 22 de fevereiro de 1919, foi organizado por Du Bois e Ida Gibbs Hunt. O evento foi realizado em forte oposição às decisões e encaminhamentos da Convenção da Paz de 1919, no pós-Primeira Guerra, especificamente descritos no documento do Tratado de Versalhes que determinava a perda de territórios coloniais da Alemanha.

**Second Pan-African Congress:** realizado em várias sessões em Londres, Bruxelas e Paris, entre os dias 28 e 31 de agosto e entre 2 a 6 de setembro de 1921. O evento contou com a participação de Du Bois que reportou, em um editorial do *The Crisis Magazine* de novembro de 1921, a participação de 26 grupos diferentes de descendência africana, tratava-se de participantes da Nigéria, Serra Leoa, Sudão, Senegal, Madagascar, Angola, São Tomé e Príncipe, Moçambique, Libéria, Congo “francês”, Congo “belga”, Haiti, Martinica, Guadalupe, Guiana francesa e inglesa,

dentre outros grupos. Um dos encaminhamentos deste congresso foi o estabelecimento de perspectiva crítica em relação à postura pró-colonialista da Liga das Nações.

**Third Pan-African Congress:** realizado em Londres e Lisboa em 1923, também tratou da relação do continente africano e das populações de descendência africana ao redor do mundo na perspectiva da relação imperialista do Ocidente com o resto do mundo (*west/rest*). O congresso contou com a participação de inúmeras lideranças da diáspora como Ida Gibbs Hunt, Rayford Logan e Du Bois.

**Fourth Pan-African Congress:** realizado em Nova York em 1927. Uma das características desse congresso foi o apoio de organizações de mulheres negras dos EUA na realização do evento e a participação de lideranças do Caribe, Europa, Ásia e de África, como o Rei Nana Amoah III de Gold Coast que se correspondia por cartas com Du Bois.

**Fifth Pan-African Congress:** realizado em Manchester, Inglaterra em 1945, contou com a participação de importantes lideranças políticas da diáspora e do continente africano, tais como Hastings Banda, Kwame Nkrumah, Obafemi Awolowo, Jomo Kenyatta, Amy Garvey, George Padmore e Du Bois em idade já avançada, com 77 anos sendo reconhecido dentre essas lideranças como um importante dirigente do Pan-Africanismo.